



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Ludmilla Furtado da Silva

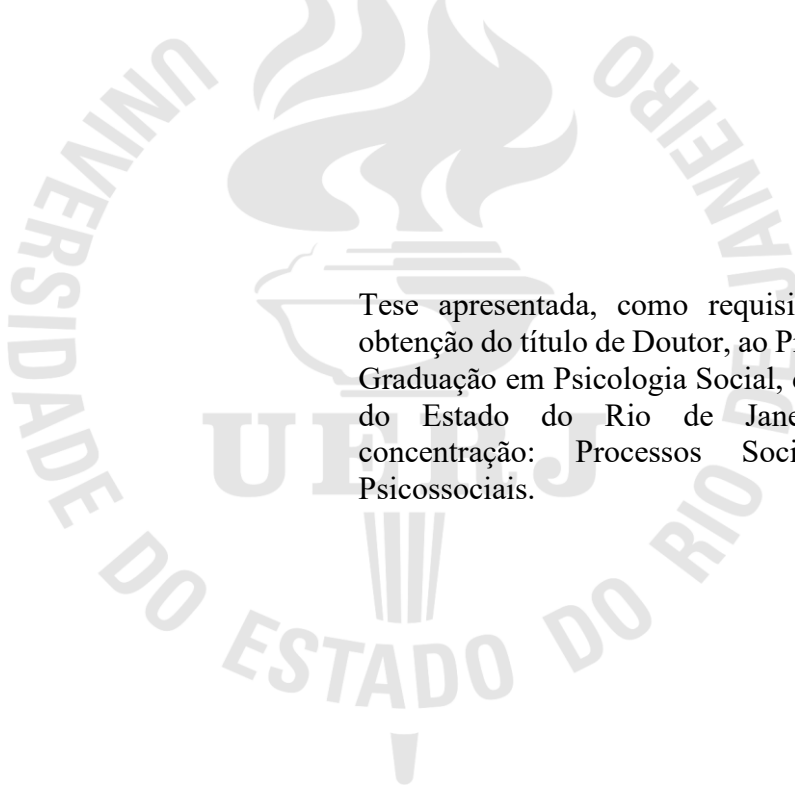
Experiências de famílias recasadas: resposta ao estresse e a busca por bem-estar

Rio de Janeiro

2022

Ludmilla Furtado da Silva

Experiências de famílias recasadas: resposta ao estresse e a busca por bem-estar



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Sociocognitivos e Psicossociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Edna Lúcia Tinoco Ponciano

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Ludmilla Furtado da.
Experiências de famílias recasadas: resposta ao estresse e a busca por bem-estar/ Ludmilla Furtado da Silva. – 2022.
178 f.

Orientadora: Edna Lúcia Tinoco Ponciano.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia social – Teses. 2. Família – Teses. 3. Bem estar – Teses. I. Ponciano, Edna Lúcia Tinoco. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

br

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ludmilla Furtado da Silva

Experiências de famílias recasadas: resposta ao estresse e a busca por bem-estar

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Sociocognitivos e Psicossociais.

Aprovada em 10 de maio de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Edna Lúcia Tinoco Ponciano (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ana Paula Relvas
Universidade de Coimbra

Prof.^a Dr.^a. Andrea Seixas Magalhães
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Carolina Campos Borges
Universidade Federal de Grande Dourados

Prof.^a Dra. Isabela Machado da Silva
Universidade de Brasília

Rio de Janeiro

2022

Dedico este trabalho a todos e todas que contribuíram para o meu desenvolvimento e nunca duvidaram que eu conseguiria iniciar e finalizar.

AGRADECIMENTOS

Eu jamais poderia deixar de agradecer a Deus por ter me guiado até aqui e à minha mãe, Nossa Senhora Aparecida, por sempre ter me carregado no colo e intercedido por mim em cada momento que eu quis desistir.

À minha mãe, Maria Amélia, por ser a mulher mais corajosa, destemida e valente que eu conheço.

À minha irmã, Lili, por ser minha amiga, comadre e, principalmente, ser minha maior admiradora. Sua admiração me fez não desanimar e seguir em frente.

Aos meus amados sobrinho, Juninho e João, vocês são o meu Norte e minha bússola. Amo vocês!

Ao Josué que esteve ao meu lado em boa parte do tempo, me apoiando, acreditando, me trazendo café, comida e me fazendo massagem. Obrigada por isso, foi essencial!

Aos meus amigos e amigas que suportaram e entenderam a minha ausência em muitos momentos.

À minha orientadora, Edna, que carinhosamente me aceitou, me acolheu, me ensinou e me inspirou. Obrigada por ter sido tão presente e por acreditar que eu conseguiria. Essa pesquisa é nossa!

À equipe do DERA que dividiu comigo momentos alegres, tensos, difíceis e prazerosos. Obrigada, especialmente a Renata, Júlia, Ana Luísa e Raquel.

Aos amigos que fiz no DERA, Xênia, Rafa, Fabio e Luciana, nosso grupo é lindo e vocês são especiais para mim.

Aos meus alunos e alunas, por me tornarem professora, função que amo exercer.

À Mayara, minha professora de português, que leu minha pesquisa inúmeras vezes, corrigiu meus erros e colaborou de maneira generosa.

À UERJ, por resistir ao desmonte da educação pública, não só por formar pessoas e profissionais, mas também por acolher a cada um que chega sem distinção.

Às professoras, Ana Paula Relvas, Andrea Seixas Magalhães, Carolina Campos Borges e Isabela Machado da Silva por carinhosamente terem aceitado contribuir com esta pesquisa. Muito obrigada!

Por fim, às famílias que participaram desta pesquisa. Vocês foram incríveis, acolhedoras e disponíveis, serei sempre grata!

É preciso que a leitura seja um ato de amor.

(Paulo Freire)

RESUMO

SILVA, Ludmilla Furtado da. *Experiências de famílias recasadas*: resposta ao estresse e a busca por bem-estar. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O termo família, além de abarcar um conjunto de pessoas, representa uma construção social, instituída por normas, valores e representações, transmitidas, culturalmente, dos pais aos filhos. Como uma construção, no caso das famílias recasadas, há um redimensionamento de limites e o surgimento de uma nova dinâmica a partir dos vínculos estabelecidos entre seus membros. A dinâmica conjugal e a parental são diferenciadas no recasamento, sendo, comumente, associadas ao aumento de estresse, já que seus membros possuem histórias de outras relações. Além disso, consideramos as formas como as famílias respondem ao estresse em estratos socioeconômicos distintos, tendo consequência para o bem-estar. O modo como as famílias recasadas respondem ao estresse nos subsistemas conjugal e parental é outro aspecto a destacar em nossa proposta de estudo e de pesquisa. A nós, interessou pesquisar famílias recasadas, realizando um estudo exploratório com vistas a discutir as diferentes significações das experiências dessas famílias, com o intuito de responder o objetivo principal: compreender, a partir de narrativas que retratam as experiências singulares, as variadas estratégias utilizadas para lidar com o estresse e o modo como as famílias recasadas criam bem-estar. Utilizamos a metodologia qualitativa, pois é mais apropriada para quem busca flexibilidade na construção dos dados da pesquisa, procurando descrever a fundo as questões da vida social e valorizando a exploração indutiva do campo de pesquisa, destacando a experiência das famílias. Ademais, a metodologia qualitativa ocupa-se de objetos complexos, respeitando as diversidades, suas distintas dimensões sem perder de vista a totalidade. Para a realização desta pesquisa, entrevistamos 12 famílias recasadas em que pelo menos um dos membros do casal possui filhos(as) adolescentes do casamento anterior. Utilizamos a Linha do Tempo e um roteiro semiestruturado de entrevista, além de uma ficha para coletar dados sociodemográficos. Trabalhamos com a Análise de Conteúdo, estabelecendo Eixos temáticos e suas respectivas categorias, que são: ‘o que me estressa no casamento’, ‘divórcio e recasamento’, ‘o que me estressa na relação com filhos adolescentes’, ‘falta de autonomia no cuidado com o(a) enteado(a)’, ‘isolamento na pandemia do COVID-19’ e ‘medo de perder o emprego’, ‘gravidez e nascimento dos filhos’, ‘diálogo na relação parental’, ‘suporte Social e Afetivo’, ‘vida socioeconômica em equilíbrio’, ‘diálogo na relação conjugal’, ‘viajar’, ‘felicidade no casamento’, ‘convivência entre os membros da família’, ‘respeitar as individualidades’, ‘suporte emocional aos filhos’. Como principais resultados, destacamos que a resposta que as famílias dão ao estresse as mantém em equilíbrio, alargando seus sentimentos, sensações e percepções a respeito de situações estressoras. Concluimos que valorizar as estratégias que as famílias recasadas possuem para lidar com o estresse e promover o bem-estar pode auxiliar na redução de um olhar estigmatizado em relação à dinâmica desse modelo de família.

Palavras-chaves: recasamento; conjugalidade; parentalidade; adolescência; estresse; bem-estar.

ABSTRACT

SILVA, Ludmilla Furtado da. *Experiences of remarried families: stress response and the search for well-being*. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The term family, besides including a group of people, represents a social construction, instituted by norms, values and representations, transmitted culturally from parents to children. As a construction, in the case of remarried families, there is a resizing of limits and the emergence of a new dynamic from the bonds established between its members. Marital and parental dynamics are differentiated in remarriage, and are commonly associated with increased stress, since its members have histories of other relationships. In addition, we consider the ways in which families respond to stress in different socioeconomic strata, resulting in well-being. The way remarried families respond to stress in the marital and parental subsystems is another aspect to highlight in our study and research proposal. We were interested in researching remarried families, conducting an exploratory study with a view to discussing the different meanings of the experiences of these families, in order to answer the main objective: to understand, from narratives that portray the singular experiences, the varied strategies used to deal with stress and the way remarried families create well-being. We use the qualitative methodology, because it is more appropriate for those who seek flexibility in the construction of research data, trying to describe in depth the issues of social life and valuing the inductive exploration of the research field, highlighting the experience of families. Moreover, the qualitative methodology deals with complex objects, respecting the diversities, their distinct dimensions without losing sight of the whole. To carry out this research, we interviewed 12 remarried families in which at least one of the members of the couple has adolescent children from the previous marriage. We used the Timeline and a semi-structured interview script, as well as a form to collect sociodemographic data. We work with Content Analysis, establishing thematic axes and their respective categories, which are: 'what stresses me in marriage', 'divorce and remarriage', 'what stresses me in the relationship with adolescent children', 'lack of autonomy in the care of the stepson', 'isolation in the COVID-19 pandemic' and 'fear of losing my job', 'pregnancy and birth of children', 'dialogue in the parental relationship', 'Social and Affective support', 'socioeconomic life in balance', 'dialogue in the conjugal relationship', 'travel', 'happiness in marriage', 'coexistence among family members', 'respecting individualities', 'emotional support to children'. As main results, we highlight that the response that families give to stress keeps them in balance, extending their feelings, sensations and perceptions about stressful situations. We conclude that valuing the strategies that remarried families have to deal with stress and promote well-being can help reduce a stigmatized look in relation to the dynamics of this family model.

Keywords: remarriage; conjugality; parenting; adolescence; stress; well-being.

RESUMEN

SILVA, Ludmilla Furtado da. *Experiencias de familias que se han vuelto a casar: respuesta al estrés y búsqueda de bienestar*. 2022. 178 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

El término familia, además de incluir a un grupo de personas, representa una construcción social, instituida por normas, valores y representaciones, transmitida culturalmente de padres a hijos. Como construcción, en el caso de las familias vueltas a casar, hay un redimensionamiento de los límites y el surgimiento de una nueva dinámica a partir de los lazos establecidos entre sus miembros. La dinámica matrimonial y parental se diferencia en el nuevo matrimonio, y se asocia comúnmente con un aumento del estrés, ya que sus miembros tienen historias de otras relaciones. Además, consideramos las formas en que las familias responden al estrés en diferentes estratos socioeconómicos, lo que resulta en bienestar. La forma en que las familias que se han vuelto a casar responden al estrés en los subsistemas matrimonial y parental es otro aspecto a destacar en nuestra propuesta de estudio e investigación. Nos interesaba investigar a las familias vueltas a casar, realizando un estudio exploratorio con el fin de discutir los diferentes significados de las experiencias de estas familias, con el fin de responder al objetivo principal: comprender, a partir de narrativas que retratan las experiencias singulares, las variadas estrategias utilizadas para lidiar con el estrés y la forma en que las familias vueltas a casar crean bienestar. Utilizamos la metodología cualitativa, porque es más apropiada para quienes buscan flexibilidad en la construcción de datos de investigación, tratando de describir en profundidad los temas de la vida social y valorando la exploración inductiva del campo de investigación, destacando la experiencia de las familias. Además, la metodología cualitativa se ocupa de objetos complejos, respetando las diversidades, sus dimensiones distintivas sin perder de vista el conjunto. Para llevar a cabo esta investigación, entrevistamos a 12 familias vueltas a casar en las que al menos uno de los miembros de la pareja tiene hijos adolescentes del matrimonio anterior. Utilizamos el Timeline y un guión de entrevista semiestructurado, así como un formulario para recopilar datos sociodemográficos. Trabajamos con Análisis de Contenidos, estableciendo ejes temáticos y sus respectivas categorías, que son: 'lo que me estresa en el matrimonio', 'divorcio y nuevo matrimonio', 'lo que me estresa en la relación con los hijos adolescentes', 'falta de autonomía en el cuidado del hijastro', 'aislamiento en la pandemia de COVID-19' y 'miedo a perder mi trabajo', 'embarazo y nacimiento de hijos', 'diálogo en la relación parental', 'Apoyo social y afectivo', 'Vida socioeconómica en equilibrio', 'Diálogo en la relación conyugal', 'Viaje', 'Felicidad en el matrimonio', 'Convivencia entre los miembros de la familia', 'Respeto de las individualidades', 'Apoyo emocional a los hijos'. Como principales resultados, destacamos que la respuesta que las familias dan al estrés las mantiene en equilibrio, extendiendo sus sentimientos, sensaciones y percepciones sobre situaciones estresantes. Concluimos que valorar las estrategias que tienen las familias vueltas a casar para hacer frente al estrés y promover el bienestar puede ayudar a reducir una mirada estigmatizada en relación con la dinámica de este modelo familiar.

Palabras-chaves: nuevo matrimonio; conyugalidad; paternidad; adolescencia; estrés; bienestar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha do tempo do casal da F.A.....	96
Figura 2 – Linha do tempo do casal da F.B.....	96
Figura 3 – Linha do tempo do casal da F.C.....	97
Figura 4 – Linha do tempo do casal da F.D.....	102
Figura 5 – Linha do tempo do casal da F.H.....	103
Figura 6 – Linha do tempo do filho da F.C.	106
Figura 7 – Linha do tempo do casal da F.E.	107
Figura 8 – Linha do tempo do filho da F.E.	107
Figura 9 - Linha do tempo do casal da F.I.....	110
Figura 10 – Linha do tempo do casal da F.F.	113
Figura 11 – Linha do tempo do casal da F.K.....	119
Figura 12 – Linha do tempo da filha da F.I.	123
Figura 13 – Linha do tempo do casal da F.L.....	127
Figura 14 – Linha do tempo do casal F.F.	128
Figura 15 – Linha do tempo da filha da F.A.	131
Figura 16 – Linha do tempo do filho da F.F.....	131
Figura 17 – Linha do tempo do filho da F.L.....	131
Gráfico 1 – Situação por região da OMS	70
Gráfico 2 – Contagem de famílias abordadas por: Como você classifica sua situação econômica comparada com a média no seu país	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Contexto das famílias	84
Tabela 2 – Configuração das famílias	86
Tabela 3 – Atividades dos filhos antes e durante a pandemia	87
Tabela 4 – Situação econômica e a pandemia	88
Tabela 5 – Eixos temáticos e categorias	90
Tabela 6 – Recorrências	91
Tabela 7 – Percentual de saturação	92
Tabela 8 – Eixo I – Estresse: “O que me estressa no casamento”	95
Tabela 9 – Eixo I – Estresse: “Divórcio e Recasamento”	98
Tabela 10 – Eixo I – Estresse: “O que me estressa na relação familiar com filhos adolescentes”	104
Tabela 11 – Eixo I – Estresse: “Falta de autonomia no cuidado com enteados(as)”	108
Tabela 12 – Eixo I – Estresse: “Isolamento na pandemia da Covid-19 e medo de perder o emprego”	111
Tabela 13 – Eixo I – Estresse: “Gravidez e nascimento do filho (a)”	114
Tabela 14 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Diálogo na relação parental”	116
Tabela 15 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Suporte Social e afetivo”	118
Tabela 16 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Vida socioeconômica em equilíbrio”	120
Tabela 17 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Diálogo na relação conjugal”	121
Tabela 18 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Viajar”	122
Tabela 19 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Mudar de casa/trabalho”	124
Tabela 20 – Eixo III – Bem-estar: “Felicidade no casamento”	126
Tabela 21 – Eixo III – Bem-estar: “Convivência entre os membros da família”	128
Tabela 22 – Eixo III – Bem-estar: “Respeitar as individualidades”	129
Tabela 23 – Eixo III – Bem-estar: “Suporte emocional aos filhos”	130

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Conanda	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FSM	Family Stress Model
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
SGA	Síndrome Geral de Adaptação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 DIVÓRCIO E RECASAMENTO	20
1.1 Ciclo de vida familiar: o casal.....	25
1.2 A família de origem e sua influência na formação da conjugalidade.....	27
1.2.1 <u>Dimensão da conjugalidade</u>	30
1.3 Ciclo de vida familiar: relações parentais	36
1.3.1 <u>Como se forma a parentalidade?.....</u>	36
1.3.2 <u>Filhos adolescentes: perspectiva relacional</u>	40
1.3.3 <u>Família recasada com filhos adolescentes</u>	43
2 ESTRESSE E BEM-ESTAR.....	49
2.1 Desmistificando o conceito de estresse	49
2.1.1 <u>Eustresse ou distresse?.....</u>	53
2.2 O estresse e o ciclo da vida das famílias.....	54
2.3 Níveis de estresse na conjugalidade e na parentalidade.....	57
2.4 Estresse nas famílias com adolescentes	58
2.5 Resposta ao estresse	59
2.5.1 <u>Resposta ao estresse nas relações familiares</u>	61
2.6 Bem-estar: as famílias podem viver bem apesar dos conflitos e do estresse	63
2.6.1 <u>Família de diferentes classes sociais.....</u>	67
2.7 Estresse na pandemia	70
3 METODOLOGIA.....	73
3.1 Reflexividade e subjetividade da pesquisadora	74
3.2 Questão norteadora	76
3.3 Objetivos.....	76
3.3.1 Objetivo geral.....	76
3.3.2 <u>Objetivos específicos</u>	76
3.4 Método.....	77
3.4.1 <u>Instrumentos.. ..</u>	77
3.4.2 <u>Roteiro de entrevista</u>	79
3.4.3 <u>Procedimentos.....</u>	80
3.5 Análise de dados.....	81

3.5.1	<u>Participantes</u>	82
3.5.2	<u>Apresentação das categorias e saturação</u>	90
3.5.3	<u>Sobre a saturação</u>	91
3.6	Resultados	94
3.6.1	<u>Eixo I – Estresse: eventos estressores na família</u>	94
3.6.2	<u>Eixo II – Resposta ao estresse: como as famílias respondem aos eventos estressore</u>	116
3.6.3	<u>Eixo III – Bem-estar: como as famílias encontram bem-estar</u>	125
3.7	DISCUSSÃO	132
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	156
	ANEXO A – TCLE DO CASAL	173
	ANEXO B – TCLE DOS FILHOS MENORES DE 18 ANOS	175
	ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO	177

INTRODUÇÃO

O termo família, além de abarcar um conjunto de pessoas, representa também uma construção social, instituída por normas, valores e representações, transmitidas, culturalmente, dos pais aos filhos. Por ser um dos primeiros ambientes de socialização, atuando como mediadora principal dos padrões, dos modelos e das influências culturais, é também considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar não só a continuidade, como também o bem-estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem-estar dos filhos (MORATTO et al., 2015). Como instituição social, tem, portanto, a função de imprimir em seus componentes determinadas orientações para a vida social, inclusive quando se trata do plano afetivo, como, por exemplo, no que diz respeito à doação, ao afeto e à confiança. A família funciona, desse modo, como um espaço de reprodução tanto biológica, que se refere à ideia de multiplicação, ou seja, procriação, quanto ao que se refere à ideia social, relacionada diretamente à socialização dos filhos e à construção de normas e de regras sociais. Desse modo, a instituição família se adequa a padrões, assim como adequa o comportamento dos filhos a uma ordem coletiva mais geral, que extravasa a unidade familiar (NAIFF; SILVA, 2017).

Os acontecimentos históricos e as experiências familiares incitam um novo modelo de ser família, e essas novas vivências integram a experiência tanto coletiva, como individual que organiza, interfere e a torna uma unidade familiar dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e de interação social. Por meio dessas interações familiares, podem se concretizar transformações nas sociedades que influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais. Com isso, os membros de famílias contemporâneas têm se deparado e se adaptado às novas formas de coexistência oriundas das mudanças nas sociedades, isto é, do conflito entre os valores antigos e o estabelecimento de novas relações (CAMPOS et al., 2017).

Como parte de um sistema social, englobando vários subsistemas, os papéis dos seus membros são estabelecidos em função dos estágios de desenvolvimento individual e da família, vista enquanto grupo. Nesse sentido, a família tem um importante papel de socialização primária, que, ao longo do ciclo de vida, oferece uma base moral, emocional e identitária aos seus membros (MORATTO et al., 2015). No caso do adolescente, que é a idade dos filhos que escolhemos destacar, crescer em uma família ‘nuclear tradicional’, com irmãos biológicos, é diferente de estar em uma família recasada, coabitando com padrasto e irmãos não biológicos.

As novas configurações familiares se constituem uma realidade, em um contexto de desenvolvimento em transformação. No caso das famílias recasadas, apontam para um redimensionamento de seus limites e para o surgimento de uma nova dinâmica nos vínculos estabelecidos entre seus membros, ao juntar um número maior de membros (BERNARDI et al., 2016; THORSEN; SAWYER, 2021). Diante disso, devemos considerar que o divórcio e o recasamento, de fato, são elementos que alteram diretamente a estrutura e a dinâmica familiar, podendo modificar alguns padrões sociais e propiciar o surgimento de novos modelos familiares. O surgimento desses novos modelos carrega em si fatores que causam estresse, mas que também podem auxiliar o enfrentamento das adversidades em busca do bem-estar.

O conceito de família tem evoluído para retratar as relações que se estabelecem na sociedade atual. Podemos considerar que não existe uma configuração familiar ideal, porque são inúmeras as combinações e formas de interação entre os indivíduos que constituem os diferentes tipos de famílias contemporâneas, inclusive a recasada (CAMPOS et al., 2017).

Percebemos que, na sociedade contemporânea, os divórcios aumentaram, isso não significa aversão ao casamento, mas, ao contrário, sua valorização. Há que se considerar que o casamento ainda é uma instituição fundamental para a maioria das pessoas, pois, quando o matrimônio não corresponde às expectativas do casal, ocorre o divórcio. Nesses termos, as pessoas se divorciam porque esperam mais de seus casamentos. Cabe ressaltar que, apesar da prevalência do divórcio, os membros da família, em geral, não estão preparados para o impacto emocional, social e econômico que ele acarreta. Com isso, a transição da separação conjugal afeta a família em várias gerações, aumentando a complexidade das tarefas desenvolvimentais vivenciadas (NAIFF; SILVA, 2017; VIEIRA et al., 2019). Ao considerar que o divórcio foi incluído no ciclo de vida familiar, interessou a nós desenvolver mais aprofundadamente como acontece a ruptura nas famílias e o processo de transição de um casamento para o outro, destacando a resposta ao estresse e a busca pelo bem-estar.

Entendendo que as famílias se estruturam a partir de relações de autoridade e de poder, permeadas por afetos, em que as pessoas ocupam posições hierárquicas, com direitos e deveres específicos, é possível conceber o papel de cada membro do sistema familiar, homens-maridos-padrastos, mulheres-esposas-madrastas e crianças-filhos-enteados, bem como as representações que se têm dos mesmos em cada grupo, em função da classe social de origem. Ainda, em uma boa medida, é fundamental olhar para como as pessoas se agrupam e se reconhecem a partir das teorias e percepções que possuem sobre a família, pois elas se engajam em um processo ativo e afetivo para sua construção social enquanto família, que pode moldar

a família aos sistemas de poder de cada momento histórico, que assume funções sociais diferentes no decorrer do tempo (ALARCÃO; RELVAS, 2002).

A família é, portanto, um circuito de relações, um sistema, no qual processos que atingem um dos membros atingem todos de uma maneira ou de outra. As mudanças nos relacionamentos familiares, como a separação conjugal e o recasamento, exigem um reajuste de todo o sistema familiar, podendo ser dolorido não apenas para os parceiros, mas também para os filhos. A partir da análise da importância dada à liberdade de se casar e de recasar na sociedade contemporânea, torna-se relevante pensar como estão sendo negociadas as transições na família, como no casamento, no cuidado com os filhos, no processo de separação e no recasamento. Dessa forma, é preciso compreender que as transições no ciclo de vida familiar geram estresse no ambiente, e que há diversas maneiras de se lidar com estas mudanças (WALSH, 2016).

Sabe-se que a família possui uma dimensão intergeracional e é mais que a soma dos membros; assim, abordamos o sistema familiar com seus eventos previsíveis e imprevisíveis. Na família recasada, cada membro é convocado a praticar, no dia a dia, a redefinição dos papéis, bem como lidar com fluidez em relação às fronteiras, para que se reduza o distanciamento e para que se crie alternativas não só de enfrentar, mas também de responder as demandas surgidas cotidianamente (KOPROWSKI et al., 2020).

Essa configuração exige que todos os membros do sistema achem uma nova forma de funcionamento, procurando uma adaptação que favoreça fronteiras semipermeáveis e uma maior flexibilidade no relacionamento. Desse modo, a mudança estrutural provocada pela separação e pela entrada de novos membros no sistema familiar, a partir do recasamento, demanda que todos encontrem suas funções e seus lugares, sem que se sintam excluídos de sua participação (THORSEN; SAWYER, 2021).

A partir disso, nossa questão norteadora ressalta que a ligação entre a dinâmica conjugal e a parental são diferenciadas no recasamento, sendo comumente associadas a dificuldades na convivência, principalmente devido às histórias anteriores de relações conjugais e parentais. Ao considerar o estresse da transição para o recasamento, somado ao estresse da presença de filhos, principalmente adolescentes, a análise das experiências dessas famílias, que não se limita a uma leitura negativa, é fundamental para considerar o que há de positivo na construção desse projeto de família. Nesse sentido, é preciso validar igualmente as diferenças econômicas e sociais, identificando e analisando famílias de estratos distintos (SILVA; PONCIANO, no prelo).

Buscamos desenvolver uma pesquisa qualitativa com intuito de explorar o espectro de opiniões, as diferentes significações sobre o assunto em questão (BAUER; GASKELL, 2002). Desenvolvemos uma escrita e uma reflexão acerca da realidade do recasamento, que considera a dinâmica das relações conjugais e parentais, bem como a resposta ao estresse, os efeitos e a construção do bem-estar, reconhecendo as experiências singulares. Nosso intuito é o de contribuir para o fomento das pesquisas sobre o recasamento, destacando as diferenças econômicas e sociais e uma leitura positiva a respeito das características dessas famílias.

Segundo a literatura clássica de Carter e McGoldrick (1995), a família recasada está se tornando uma família típica, pois um terço das famílias norte-americanas são recasadas. Além disso, há uma grande probabilidade dessas famílias experimentarem novamente o divórcio que, neste contexto, acontece mais rapidamente e com taxas mais altas do que no primeiro casamento. Isso cria mais estresse nas famílias, visto que já foram impactadas por transições conjugais anteriores (DANTAS et al., 2019). O número crescente de famílias recasadas e a instabilidades desses casamentos levaram os pesquisadores a se concentrarem nos efeitos negativos associados ao divórcio e ao novo casamento. Consequentemente, há um vasto número de pesquisas revelando que, nessas famílias, há um percentual significativo de doenças e de vários problemas relacionados à saúde e a um caráter disfuncional (ROLIN; WENDLING, 2013; NAIFF; SILVA, 2016; RAMÍREZ et al., 2020; RALEY; SWEENEY, 2020).

Construir novas relações, em um contexto de recasamento, implica repensar positivamente a dinâmica familiar dessa nova configuração. Os parceiros necessitam conciliar uma série de possibilidades, potencialmente conflituosas: filhos de uniões distintas, a nova relação conjugal e o contato com a(o) ex-parceira(o) em função dos filhos da união anterior. O homem e a mulher devem estar conscientes de todas as adversidades que irão encarar e devem ter possibilidades para promover a coesão e o entendimento grupal, retirando, assim, a família recasada de uma posição adoecida e enfraquecida (ROLHAS, 2016), para reconhecer a experiência de bem-estar nessas famílias.

Diante do contexto de pandemia da COVID-19, que atravessou o mundo e, consequentemente, essa pesquisa, propusemos também discutir o quão estressante foi para as famílias vivenciar o isolamento social, a privação de contato com as pessoas e as consequências sociais, psicológicas e financeiras que as famílias recasadas tiveram que enfrentar (BATISTA et al., 2020). Tal demanda surgiu, para além de questões contextuais, a partir dos dados gerados em várias entrevistas que realizamos.

O objetivo geral dessa pesquisa é, portanto, compreender, a partir de narrativas que retratam as experiências singulares, as variadas estratégias utilizadas para lidar com o estresse

e o modo como as famílias recasadas criam bem-estar (ALVES; ARPINI, 2017). Isso, pois, A forma pela qual as pessoas lidam com situações estressoras está relacionada aos mecanismos de *respostas ao estresse* que estão disponíveis para o indivíduo e para a família. Os membros da família têm recursos próprios, tais como saúde física e mental, crenças positivas, habilidades sociais, capacidade de resolução de problemas, rede de suporte; com isso, os recursos utilizados poderão propiciar (ou não) bem-estar conjugal e parental. Considerando que a busca por bem-estar pode ser um motor do desenvolvimento humano, é almejando estar bem que o ser humano procura atingir seus ideais. Entendemos que o desenvolvimento dessa capacidade está diretamente ligado às experiências mais precoces do sujeito em sua família (ROLHAS, 2016).

Dividimos a tese em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos a dinâmica conjugal, aprofundando o entendimento conceitual amparado em diversos enfoques teóricos e conceituais, e a dinâmica parental, com o objetivo de entender o modo como pais e filhos se relacionam, especificando a dinâmica apresentada no recasamento com filhos adolescentes. Nessa leitura, os relacionamentos são fundamentais para o desenvolvimento mútuo da família, em especial do adolescente, o qual se encontra em pleno processo de aquisição de muitas habilidades e de transformações biológicas, psicológicas e comportamentais significativas (SILVA; PONCIANO, no prelo). Nossa proposta foi a de abordar os subsistemas que incluem o casal da família recasada, que são a conjugalidade e a parentalidade, especificando a adolescência, uma vez que no decorrer dessa fase de desenvolvimento, há uma previsão de aumento do estresse para toda a família (PONCIANO, 2016).

No segundo capítulo, realizamos uma discussão sobre estresse. Debatemos e apresentamos o estresse como uma necessidade para a vida, como forma de aperfeiçoar e manter a capacidade de funcionamento do organismo, conhecendo, assim, seus próprios limites e se auto- protegendo (HAMMETT et al., 2018). Para se chegar ao bem-estar, as famílias necessitam amenizar ou enfrentar o que gera o estresse e, com base nisso, apresentamos e discutimos as respostas ao estresse.

No terceiro capítulo, abordamos a metodologia desenvolvida para realizarmos um estudo exploratório. O delineamento que utilizamos é o da pesquisa qualitativa, pois o estudo tem o objetivo de explorar o espectro de opiniões, as diferentes significações sobre a questão abordada (BAUER; GASKELL, 2002). Para a realização desta pesquisa, entrevistamos 12 famílias recasadas com filhos adolescentes (12–17 anos) do casamento anterior, para que pudéssemos, assim, investigar também a parentalidade em um momento de aumento de estresse para a relação pais e filhos, caracterizado pela crescente autonomia dos filhos com implicações

para mudanças na dinâmica familiar (MARQUES; MOURA, 2016). Realizamos, nesse processo, uma entrevista piloto que nos permitiu averiguar e aperfeiçoar o instrumento.

A pesquisa qualitativa, nesse estudo, norteia o entendimento da dinâmica conjugal e parental em famílias recasadas com filhos adolescentes, considerando níveis sociais e econômicos diferentes. Um estudo qualitativo acerca das famílias recasadas pode apontar não só sua estrutura, suas tensões internas e conflitos, que caracterizam o seu estresse, mas também sua sobrevivência, capacidade de negociação, capacidade de elaborar estratégias e de responder ao estresse para sua reinvenção como unidades familiares complexas e em constante transformação, buscando bem-estar.

1 DIVÓRCIO E RECASAMENTO

Nos anos de 1980, passa-se a vigorar a ideia de que uma solução para um casamento infeliz seria o divórcio. A independência não só econômica, mas também social e pessoal, juntamente com os movimentos sociais de valorização da mulher, ajudou a fortalecer a decisão das mulheres pela ruptura do casamento. Desde então, é notório que o número de divórcios cresceu vertiginosamente, configurando-se, ano após ano, como uma etapa da vida que causa desorganização familiar e gera conflitos entre os membros envolvidos, principalmente em contextos em que haja filhos (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2017).

No Brasil, os últimos números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019 apontam que os brasileiros têm se separado mais e se casado menos. De acordo com os dados, os indivíduos estão se casando menos e, quando casados, ficam unidos civilmente por menos tempo. A pesquisa apontou que foram registrados cerca de 1,02 milhão de casamentos no Brasil em 2019; cerca de 28,8 mil a menos do que em 2018, o que representa uma queda de 2,7%. Segundo o instituto, foi a quarta vez seguida que o número de casamentos caiu, mas o recuo foi menos intenso que no ano anterior: entre 2017 e 2018, a queda foi de 1,6%.

Um outro dado apresentado pelo IBGE mostra que, a cada ano, os casamentos duram menos. Em 2018, a média de duração da união era de 17,6 anos. Já em 2019, essa média caiu para 13,8 anos. Nesse ano, 48,2% dos divórcios registrados tiveram menos de dez anos de duração; já dez anos antes, em 2009, esse percentual foi de 30,4%. Em contrapartida, 9,6% dos divórcios formalizados em 2019 ocorreram entre 20 e 25 anos de união, enquanto 18,3%, após 26 anos ou mais de casamento. Uma década antes, esses percentuais eram, respectivamente, de 16,4% e 24,5%. A pesquisa mostra que, em 2018, foram registrados, no país, quase 42 mil matrimônios a menos que em 2015. De acordo com o IBGE, as separações totalizaram 344.526, em 2016, e 328.060, em 2015. Isso significa que, no geral, os divórcios aumentaram em 4,7% de um ano para o outro.

Trata-se, assim, de um processo que pode ser definido como o ato de dissolução do casamento que permite aos cônjuges a possibilidade de união com novos pares, caracterizando-se de diversas maneiras por diversos fatores. Além disso, a separação pode levar anos, articulando-se em diferentes etapas que vão desde a desestruturação do casamento, passando pelo luto da separação, até a chegar à nova estrutura da vida pós-rupturas (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2017).

O impacto causado pelo divórcio dependerá, por exemplo, do momento em que a família se encontra no ciclo de vida familiar, ou seja, em que momento de transição da família.

Por ser um rompimento no processo familiar, ele potencializa as dificuldades que a família esteja passando naquela fase, deixa resíduos nas fases seguintes e atravessa os membros da família, afetando-os em diferentes níveis geracionais o, muitas vezes, causa crises múltiplas em vários membros (VIEIRA et al., 2019).

A dissolução da conjugalidade tem sido cada vez mais comum e acarreta grandes transformações que são associadas a perdas, tanto para o casal quanto para todo o grupo familiar (ROLIN; WENDLING, 2013). O processo de divórcio é um evento que envolve todo o sistema familiar, passando a vivenciar diferentes emoções, sentimentos e eventos que ocorrem antes, durante e depois dele (RAMÍREZ et al., 2020; RALEY; SWEENEY, 2020). O divórcio é um processo doloroso, sendo um dos mais intensos que se pode experimentar, só perdendo para a morte; por isso, pesquisar sobre a dissolução da conjugalidade pode ser considerado como estudar um tipo de morte em vida. Mesmo que, em um dado momento, a separação represente um alívio, essa sensação vem intercalada com sentimentos de desespero e de desamparo (NAIFF; SILVA, 2016).

Pode-se dizer que o processo de divórcio não é apenas um evento de quebra legal e separação dos corpos, mas também consiste em outras etapas, como o pré-divórcio e o pós-divórcio (RAMÍREZ et al., 2020). Ambos os processos são tão importantes quanto o momento em que é tomada a decisão da separação definitiva, acarretando maiores dificuldades na fase pós-divórcio; pois, se comparado ao processo de luto, caso não seja abordado corretamente, poderá trazer uma maior dificuldade de superação do divórcio.

Greenne et al. (2016) apontam que alguns dos motivos que cooperam para a dissolução conjugal são a incompatibilidade entre o pacto consciente e o pacto secreto, ou seja, as esperanças criadas em conjunto (consciente) e as esperanças não reveladas, mas existem em cada cônjuge, bem como o nascimento ou adoção de filhos e a falta de sintonia e/ou reciprocidade. Assim, o divórcio faz aumentar o grau de complexidade das tarefas desenvolvimentais que vão aparecendo em cada fase de modo que pode gerar uma sensação de instabilidade, apontando para ganhos e perdas nos vínculos familiares (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016).

A família divorciada terá mudanças significativas no modo de se relacionar e novos papéis a serem desempenhados para que haja uma adaptação em outras fases do ciclo de vida. McGoldrick e Shibusawa (2016) descrevem que famílias divorciadas passam por uma ou duas fases adicionais no desenvolvimento do ciclo de vida familiar. No divórcio, como, aliás, em todo relacionamento, envolve-se uma grande transformação, ocorrem circunstâncias modificáveis de separação e reunião, de mal-entendidos e de entendimentos.

O divórcio causa mudanças estressantes, e o estresse acomete as relações de âmbito social, afeta o físico e o emocional tanto dos adultos quanto dos filhos envolvidos. Tais mudanças irão afetar diretamente as relações que se estabelecem na família e na adaptação individual de cada membro. Em toda fase de transição, acontecem, ainda, alterações nas regras, nos rituais sociais, no modo de se relacionar e de se comportar (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2017).

O modo com o qual os indivíduos suportam o estresse vai depender dos fatores de proteção e de vulnerabilidade da família. Os fatores de proteção vão agenciar na resiliência e no enfrentamento dos desafios do divórcio; já os fatores de vulnerabilidade irão enredar-se na adaptação, podendo aumentar a probabilidade de consequências adversas (GREENE et al., 2016).

A revisão de literatura realizada por Ramírez et al. (2020) aponta que as pessoas se divorciam não porque deixaram de acreditar no amor e no casamento, mas valorizam tanto que não aceitam que a relação à dois seja fracassada e não atenda suas expectativas. Podemos concluir, então, que o divórcio se baseia nas demandas dos cônjuges e na não falta de crença no casamento. Por isso, muitas pessoas que se divorciam acabam recasando (NAIFF; SILVA, 2016). Cabe salientar que a entrada da mulher no mercado de trabalho, atrelada à possibilidade de que a mulher se autossustente e conquiste a sua independência financeira, possibilitou maior autonomia nas escolhas amorosas femininas. As mudanças nos papéis de homens e de mulheres e a possibilidade da independência financeira feminina, evidencia que é mais remota a chance de que elas permaneçam casadas por questões econômicas e optem pelo divórcio mais vezes (BARCELLOS et al., 2020).

A pesquisa realizada Raley e Sweeney (2020) discutiu se o emprego das mulheres aumenta o risco de divórcio. No nível individual ou de casal, o emprego das mulheres, às vezes, é indício de divórcio, mas essa associação é sensível ao contexto. O estudo assinala que o emprego das mulheres está associado a uma maior probabilidade de as esposas deixarem seus maridos, mas apenas para esposas que relatam baixa satisfação conjugal. Outra pesquisa sugere que a associação entre o emprego das esposas e o divórcio se limita aos casamentos iniciados antes dos anos de 1975 (KILLEWALD, 2016). Da mesma forma, as esposas que ganhavam mais do que seus maridos tinham um risco elevado de divórcio nas décadas de 1960 e 1970, mas não tanto após o ano de 1990 (SCHWARTZ; GANALONS-PONS, 2016).

No Brasil, uma pesquisa do IBGE realizada em 2019 indicou que o homem demora mais tempo para se divorciar quando comparado a mulher; além disso, o tempo médio entre casamento e divórcio está em torno de 15 anos. Um debate proposto por Giddens no ano de

1993 destaca que as mulheres, a partir do movimento feminista, separavam-se mais. Elas buscam relacionamentos mais democráticos e não aceitam mais se sentirem diminuídas. Já é sabido que essas mudanças aconteceram na década de 1960, período em que a mulher passou a lutar por igualdade de direitos tanto na sociedade, quanto na família; e isso corrobora para os resultados encontrados nas pesquisas que citamos acima.

Na década de 1960, também surge a chamada família recasada, ou seja, famílias formadas por pessoas que estavam em busca de felicidade e de uma relação mais equilibrada. As relações que prezam pela valorização da intimidade não são exclusividade de laços biológicos, mas também envolvem laços afetivos e de convivência que devem ser valorizados e considerados quando se trata de famílias recasadas (GANONG et al., 2019). O compromisso precisa ser negociado entre as pessoas, considerando o que elas acham adequado fazer. O formato que essas relações vão desenvolvendo e o grau de compromisso depende da qualidade dos relacionamentos estabelecidos e não somente de uma ligação sanguínea.

A escolha pelo recasamento revela o desejo de recomeçar, podendo indicar para algumas pessoas a necessidade de retomar e de reviver as expectativas que foram frustradas no casamento anterior. O casal que está considerando recasar deve fazer uma avaliação de seus papéis sem, contudo, negar a sua história. Isso porque é importante levar em consideração a fase do ciclo vital em que se encontram, percebendo as dificuldades no processo de transição que engloba a decisão de se separar, o momento do divórcio, o período pós-divórcio e a expectativa na nova união. Torna-se primordial, então, não pensar o recasamento como uma nova organização da família nuclear (PASLEY; GARNEAU, 2016).

Essas mudanças que fragilizaram os laços familiares, no entanto, empoderaram as pessoas a buscar um bem-estar na relação conjugal. Para isso, aqueles que se divorciam tendem a se casar novamente. Esse processo, o recasamento, despertou o interesse dos pesquisadores na década de 1970, quando aumentou consideravelmente o número de pessoas se divorciando e recasando. Nesse contexto, os primeiros estudos sobre recasamento voltaram sua atenção para os conflitos que a família recasada enfrenta quando comparadas às famílias casadas. Por esse motivo, o recasamento se apresenta, em muitas pesquisas, com um caráter negativo quanto a sua função. Em pesquisas sobre recasamento, devemos considerar a complexidade estrutural e a diversidade de configurações possíveis da família recasada; além disso, é preciso tentar compreender as especificidades da conjugalidade, bem como da parentalidade (SCHOLZ; BOTTOLI, 2019; RALEY; SWEENEY, 2020).

No recasamento, há o envolvimento de três ou mais famílias, agregando-se novas figuras, tais como irmãos socioafetivos, madrastas e padrastos. Essas pessoas coexistem e se

relacionam justamente com figuras parentais que já existiam. Pasley e Garneau (2016) afirmam que, para recasar, é preciso, primeiramente, desconstruir a instituição do casamento em si, pois o casamento pode não estar atendendo as diferentes condições da vida atual. Por isso, na transição para o casamento, é necessário haver um realinhamento daquilo que os parceiros consideram como relação conjugal e como família.

Em relação a isso, McGoldrick e Shibusawa (2016) sinalizam que as experiências emocionais não resolvidas de relacionamentos passados sempre são levadas para os relacionamentos atuais. Para o casamento, levamos a bagagem da família de origem, nossos sentimentos e conflitos não resolvidos ou mal resolvidos em relação aos nossos pais e, até mesmo, nossos irmãos. No recasamento, levamos tudo isso com o acréscimo da bagagem da relação anterior, como o processo de separação e o período entre ambos os casamentos. Desse modo, quem já foi casado tem experiências anteriores que englobam dividir a casa com outra pessoa, dividir o espaço e encarar as diferentes necessidades, como, por exemplo, desejos e modos de viver. Quando decidem buscar um novo relacionamento, desejam encontros amorosos mais satisfatórios. Com isso, tendem a comparar os atuais parceiros com os anteriores, pois reveem criteriosamente seus relacionamentos (PASLEY; GARNEAU, 2016; RIBEIRO, 2016).

Compreender a família recasada como um sistema nos remete ao entendimento das partes e do todo na premissa de relações dinâmicas e interacionais, ou seja, um todo coeso, organizado hierarquicamente, composto por partes que se movem em direções diferentes, interdependentes, circulares e dinâmicas para que consigam manter o equilíbrio no sistema familiar. Assim, faz-se necessário reconhecer a família recasada como uma unidade dinâmica, articulada que interage com seus subsistemas (PASLEY; GARNEAU, 2016; SCHOLZ; BOTTOLI, 2019; RALEY; SWEENEY, 2020).

Tentar criar um modelo da família nuclear intacta numa família recasada pode trazer consequências danosas para seus membros, como, por exemplo: correr o risco de se estabelecer uma barreira rígida que produz rivalidades entre os membros da nova família que não estão mais num modelo de família intacta (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016). Um novo casamento leva os membros do casal a repensarem em como se deve construir um ambiente familiar que favoreça a interação entre os membros da nova família. Uma nova união convida a repensar a dinâmica familiar, pois está em jogo uma gama de relações potencialmente conflituosas, como: filhos de uniões distintas, o contato com a(o) ex-parceira(o) em função dos filhos em comum e a construção de uma nova conjugalidade. A família recasada tem muitos desafios que englobam os sistemas familiares tais como: quem faz parte da família, quem exerce autoridade frente aos filhos e qual é o espaço de cada uma no sistema. Nessa nova configuração

familiar, há uma alteração na percepção de tempo, ou seja, na escolha sobre a quem dedicar o tempo, se aos filhos ou ao novo(a) parceiro(a), e, ainda mais, sobre como organizar, bem como administrar a relações com a família extensa (MICHAELS, 2006, VIEIRA et al., 2019).

De acordo com a pesquisa desenvolvida por Michaels (2006), as famílias recasadas não estão isentas de problemas. Nela, apontou-se que há problemas com ex-cônjuges, como falta de apoio familiar e tensão nas relações; mas, o estudo considerou que, apesar de todos esses pontos negativos, as famílias recasadas podem ser bem-sucedidas. As famílias entrevistadas nas pesquisas desmontaram comprometimento com a relação conjugal e um senso de família que os faziam adotar os filhos dos companheiros como seus filhos também, sem deixar de reconhecer a fragilidade desses laços e a necessidade de cooperação para criar boas relações. O recasamento, muitas vezes, representa não somente uma oportunidade para a conjugalidade no intuito de resgatar a vida amorosa, mas também uma oportunidade para os filhos de encontrarem suporte emocional significativo e estabelecer novos vínculos socioafetivos por meio da nova relação (PASLEY; GARNEAU, 2016).

1.1 Ciclo de vida familiar: o casal

Nas organizações familiares, é possível perceber e reconhecer diferentes padrões na forma de se relacionar e conviver, mas, apesar dessa diversidade, há características que são semelhantes. Naquilo que se assemelham, podemos identificar o que consideramos como sendo as fases do ciclo vital da família. Conhecer essas fases pode nos possibilitar uma melhor compreensão no modo como essas famílias enfrentam e superam cada fase. Devemos ressaltar aqui que os estudos sobre o ciclo vital tiveram início na década de 1950; contudo, foi só na década de 1980 que Carter e McGoldrick escreveram sobre os estágios do ciclo de vida da família, com um enfoque sobre gerações, considerando até três gerações. As autoras discutiram sobre o desenvolvimento de cada estágio e sobre a dificuldade de transição de um estágio para o outro.

No ciclo de vida familiar, acontece o ciclo de vida individual, seus encontros e desencontros vão constituindo a trama da vida da família. Desse modo, não podemos afirmar que há um ponto de partida para o ciclo de vida familiar, mas temos que considerar que a família é um sistema que vai se movimentando no tempo como se fosse uma espiral, pois não há linearidade. Nessa perspectiva, deve-se levar em conta os fenômenos previsíveis e os imprevisíveis que ocorrem ao longo da vida, ou seja, o processo de expansão e realinhamento do sistema para lidar com os diversos acontecimentos, como, por exemplo, a entrada e saída

dos membros, o desenvolvimento de cada pessoa e assimilação dos acontecimentos cotidianos (MUSSUMECI; PONCIANO, 2016).

Segundo as fases do ciclo vital familiar, a família inicia com a formação do casal e sofre uma transformação com a chegada dos filhos, que vão crescendo, tornando-se adolescentes e adultos; e, com isso, a família vai passando outras mudanças. Ao olhar para a formação do casal como uma etapa do ciclo vital, Martins (2018) é pontual ao analisar que, antes que um novo casal se forme, devemos considerar a família de origem da qual o sujeito traz uma bagagem. Isso, pois, atualmente, com as mudanças ocorridas na sociedade, as pessoas não estão mais tão presas às tradições familiares; por isso, elas podem vivenciar relações diferentes da que foram experienciadas nas famílias de origem. Tal vivência pressupõe uma liberdade em escolher o parceiro, porque, no ciclo de vida familiar, essa é a única escolha que o sujeito pode fazer. No entanto, essa liberdade tem que ser relativizada, pois tal escolha está pautada nas expectativas sociais e pessoais, sendo fortemente influenciada pela família de origem (ROLIN; WENDLING, 2013).

Se considerarmos os relacionamentos conjugais que duram muito tempo, com mais de 20 anos, por exemplo, deve-se ter em mente que eles passaram por diversas transformações na relação conjugal e familiar. Entendemos que, quanto ao ciclo de vida familiar, o casal pode já ter passado pela fase da chegada dos filhos, eles podem já ser adolescentes ou ter passado dessa faixa etária, bem como estar na vida adulta, estando os cônjuges na meia idade. Esse é um período de expansão da vida e de novas oportunidades, além de ser um momento de avaliar o que foi construído e perdido, de projetar, bem como de redirecionar o futuro. Nessa fase do ciclo vital que envolve casais de mais idade, o cuidado dos filhos deixa de ser tarefa central, a vida profissional perde destaque e os problemas de saúde podem aparecer. O casal tem mais tempo para ficar junto, mas a conjugalidade pode estar enfraquecida (MOSMANN et al., 2017).

A partir da compreensão das etapas do ciclo de vida, podemos entender melhor o ciclo vital da família, visto que nossas discussões nessa pesquisa remeterão sempre à questão da formação familiar. Carter e McGoldrick (1995) descrevem que as mudanças nos padrões, tais como o adiamento da saída da casa dos pais, a escolha pelo casamento mais tardiamente e o maior investimento na carreira profissional, podem aumentar de forma significativa a expectativa de vida, fazendo com que as pessoas vivam mais e resolvam construir uma família mais tarde ou até mesmo optem por não terem uma família. Nesse contexto, o lugar do casamento no ciclo de vida tem se modificado drasticamente: homens e mulheres estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo e casando-se cada vez mais tarde; as pessoas estão preferindo viver juntas a propriamente se casar. O casamento costumava ser o principal ritual

de passagem para a vida adulta, pois, com ele, vinham os filhos. No entanto, a chegada dos filhos está sendo cada vez mais adiada ou os casais optam por não ter filhos.

As autoras relatam também que a mudança do papel da mulher como vetor de um índice alto de divórcios e da possibilidade de recasamento, trazendo uma maior complexidade para as famílias. Anteriormente, o cuidado com os filhos ocupava todo o tempo da vida ativa dos adultos; já com as mudanças ocorridas na família, tem ocupado menos da metade do tempo que antecede a velhice. Por isso, as autoras sinalizam quem a mudança do papel feminino nas famílias é relevante para discutirmos os padrões de vida familiar. As mulheres tinham suas fases do ciclo de vida ligadas quase que, exclusivamente, ao cuidado dos filhos. Atualmente, dedicam-se à carreira profissional; além disso, não querem se sentir presa aos afazeres domésticos e não aceitam mais a ausência dos maridos. Com isso, os conflitos aparecem, e as mulheres se vêem com grandes dilemas (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; KANUDSON-MARTIN, 2016).

Tudo isso causa mudanças graduais no *status* do casamento. Em algumas sociedades, falar sobre a decisão de se casar ou a escolha do parceiro seria algo tão importante quanto falar sobre crescer ou não crescer. Casar podia ser considerado um progresso natural na vida e era inevitável passar por ele. Com as mudanças ocorridas na sociedade, as normas a respeito disso se transformaram à medida que uma grande parte da população já não se ajustava aos padrões tradicionais e questionava se era viável ou não uma conjugalidade nesse modelo. Para McGoldrick e Shibusawa (2016), o conceito de ciclo de vida familiar passou por alterações e enriqueceu o processo sistêmico da família, fazendo com que os psicoterapeutas abandonem as normas que já estão ultrapassadas e, desse modo, podem aplicar uma estrutura conceitual positiva em torno da dimensão fluida de um ciclo vital que sofre constantes transformações. Por esse motivo, a psicoterapia de família sistêmica deve considerar de suma importância estudar e reformular constantemente o modelo de ciclo de vida familiar.

1.2 A família de origem e sua influência na formação da conjugalidade

No casamento, estão subentendidas muitas provocações: as projeções feitas com o parceiro antes do casamento, a bagagem das experiências da família de origem, comportamentos, princípios, valores familiares, frustrações não resolvidas, conflitos na infância e muitas outras vivências. Tudo isso, entre outras coisas, podem reverberar na vida a dois, levando ao estresse, ao sofrimento psicológico-emocional, e, por conseguinte, podendo cooperar no desgaste e, até mesmo, ao rompimento da relação.

A teoria sistêmica de Bowen (1979) aponta para a necessidade que a pessoa tem de buscar a fusão quando relacionadas à incompleta diferenciação em relação a sua família de origem. Os cônjuges buscam se completar na medida em que não conseguiram resolver seus problemas com os pais, o que os teriam deixado livres para construir relações conjugais mais saudáveis, permitindo que os parceiros pudessem ser eles mesmos e apreciar o outro como ele é.

Para Bowen (1979), quanto maior o padrão de funcionamento de rompimento emocional, mais os cônjuges representam seus pais, irmãos etc. Esse modo de funcionar sobrecarrega a dinâmica conjugal, fragilizando a relação. Assim, qualquer sinal de rejeição poderá gerar conflitos excessivos. Quanto mais o parceiro se distancia de sua família de origem, mais o processo emocional se intensifica no casamento (FÉRES-CARNEIRO, 1994; RELVAS et al., 2017). A situação ideal, nesses casos, é aquela na qual os parceiros tornam-se independentes de suas famílias de origem antes mesmo de se casar, mas conseguem manter relações amigáveis e carinhosas. Nessa situação, o novo casal servirá de inspiração para que toda família celebre e perceba a mudança no *status* do casamento. A falta de resolução de conflito é a maior dificuldade enfrentada pelo casal na fase do ciclo vital denominada construção do novo casal (QUISSINI; COELHO, 2014).

Bowen (1979) aponta que a transição da família de origem para a família adquirida propicia a cada membro do casal a possibilidade de amadurecer, de se individualizar e de pertencer. Isso não se trata de uma completa separação, pois cada parceiro deve conseguir se integrar à nova família sem se desvincular da família de origem. Não se pode compreender um casal sem olhar para seu histórico familiar; por isso, essas questões são importantes para a construção da identidade conjugal. Cabe ressaltar que estabelecer limites claros entre o espaço conjugal e espaço da família de origem possibilita a construção dessa identidade.

Construir uma identidade conjugal não começa no casamento necessariamente. Para que uma pessoa se una a outra, podendo, com isso, estabelecer uma relação conjugal íntima, torna-se necessário que sua identidade esteja formada, e, com o casamento, ela possa conciliá-la com a identidade de outra pessoa (ERICKSON, 1998). Conforme já discurremos, para a teoria boweniana, uma personalidade saudável é aquela que resolveu suas questões emocionais com a família de origem, conseguindo diferenciar-se. Significa dizer que as pessoas que conseguem se diferenciar são capazes de ter posições mais definidas, estabelecendo um contato mais íntimo com os outros sem se deixar moldar por estes. O processo de construção da identidade passa, portanto, pela formação da identidade adulta que começa no final da

adolescência. Nesse mesmo período, já é possível observar como o sujeito lida com as fronteiras nas relações e como ele governa a própria vida (MOSMANN et al., 2017).

É importante também ter espaços para a individualidade, que precisam ser dedicados ao lazer, aos amigos, ao trabalho. Mata et al. (2020) afirmam que um dos momentos mais importantes na formação e na estruturação de uma família é a construção da dinâmica conjugal. Esse processo tem início na escolha do parceiro, pois está relacionado com valores pessoais, familiares e sociais. Na formação do novo casal, estão em jogo as seguintes questões: as famílias de origem de cada um, que determinam suas crenças, valores e expectativa; bem como, as influências que dão e recebem do próprio subsistema conjugal. Além disso, o desenvolvimento individual deve implicar uma redefinição de papéis, regras, funções e poder. Quando as regras são totalmente rígidas, quando um dos membros do casal modificam as regras sem consultar o outro, o casamento fica disfuncional (SCORSOLINI-COMIN et al., 2018).

Carter e McGoldrick (1995) sinalizam que uma das grandes confusões na união é a falta de distinção que se faz entre intimidade e fusão, pois muitas pessoas se casam buscando complementação. A busca por complementação é levada ao extremo, produzindo a fusão. Os parceiros desafiam a condição natural de incompletude e fundem-se um ao outro como se pudessem se tornar completos. Existe uma imensa diferença entre estabelecer uma intimidade na relação e utilizá-la para completar ou melhorar a autoestima. Há um desejo natural de compartilhar experiências, e esse desejo, quando não bem diferenciado, pode tornar a relação fusionada (FIORINI et al., 2018).

Carter e McGoldrick (1995) defendem que, quando se busca aumentar a autoestima no casamento, é porque faltou a qualidade de ser diferente, mas o sujeito não consegue notar; por isso, nega. O sujeito que não consegue se diferenciar de sua família de origem demonstra pouca autonomia, tendendo a ficar fusionado com a própria família ou com outras pessoas. Com isso, quanto menor a diferenciação do *self* antes do casamento, maior será a fusão no casamento. Cada membro do casal deve se diferenciar de sua família de origem para aquisição da individuação para, com isso, construir uma relação conjugal a partir de um processo dialético de individuação-fusão. Quanto mais separados, mais possibilitarão a construção da intimidade conjugal juntos (BUENO et al., 2013).

Por outro lado, para muitas pessoas, a busca pela independência por meio do casamento prematuro é um processo de desenvolvimento. Algumas pessoas julgam que, pelo casamento, conseguirão se separar de sua família de origem, criando uma ideia de independência. Muitas vezes a busca pela união conjugal representa um corte emocional que consiste numa ruptura afetiva com a família de origem, mas é uma interrupção apenas aparente

da relação com os pais, pois o sujeito continua projetando essa dependência no parceiro, gerando relações conflitantes e dramáticas (ALVES-SILVA et al., 2016).

Manter um casamento saudável e funcional não é tarefa fácil, pois são poucos casais que conseguem distribuir as funções de modo igualitário e negociar as regras de forma coerente e amigável. A união com outra pessoa requer ajustes até que os cônjuges consigam construir um mundo comum, compartilhando suas ideias, situações, negociando tarefas, redefinindo papéis e assumindo novas funções (ERICKSON, 1998; WILLI, 1995). Esses ajustes permeiam a relação e o modo de conceber o casamento. A partir disto, os casais vão desenvolvendo uma realidade compartilhada, e a reciprocidade vai se reforçando ao longo do tempo. Desse modo, constroem a identidade conjugal por meio de uma dinâmica mais fluida.

Quando há impossibilidade de os parceiros negociarem as regras na forma de se relacionar, sentem, com isso, que a conjugalidade está fracassada, podendo surgir o divórcio. Para Féres-Carneiro (2003b), a dissolução da conjugalidade, na perspectiva sistêmica, é discutida como um nó na qual os padrões que mantem o casal são modificados a ponto da relação não conseguir mais ser definida pelos cônjuges como conjugal. Segundo a autora, essa ruptura pode ser catastrófica, pois passar de um casal conjugal para um possível divórcio é abrupto e descontínuo. Essa mudança envolve um processo longo e doloroso. Como já mencionamos, a vida conjugal evolve responsabilidades, compromissos, tarefas, negociação, que precisam ser debatidos entre o casal. Quando não há um diálogo que facilite a interação conjugal, conflitos surgem e podem ser difíceis de serem contornados. Nesse sentido, se o casamento envolve a construção de uma nova identidade para os parceiros, o processo de separação e divórcio implica a desconstrução dessa identidade (FÉRES-CARNEIRO et al., 2018).

1.2.1 Dimensão da conjugalidade

A conjugalidade, entendida e estudada como uma relação de casamento ou coabitação, é um fenômeno complexo. Trata-se de uma das áreas que tem sido alvo de muitos interesses e pesquisas científicas nas últimas décadas. Isso resultou em um aprofundado estudo dessa temática de modo a produzir uma literatura significativa e vasta para o entendimento da dinâmica conjugal, amparando os diversos enfoques, bem como oferecendo contribuições às teorias, às abordagens e aos modelos terapêuticos. Tal investigação tem permitido reunir um vasto conhecimento para o sucesso ou insucesso no casamento, tais como os processos de comunicação e de resolução de conflitos, além das características do casal, das vulnerabilidades

pessoais, do estresse no casamento e de suas potencialidades (WALSH, 2016; FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010; FALCETO; WALDEMAR, 2013).

Para entender a construção das relações conjugais, é importante discutir, inicialmente, vínculos como socialização primária. Essa vinculação afetiva estaria diretamente correlacionada com a base de formação das pessoas, ou seja, tem extrema relevância para desenvolvimento humano no seu aspecto psicológico que inicia na infância e segue por todo o ciclo de vida. Embora os pesquisadores abordem a relevância dos vínculos nas relações humanas, alguns divergem sobre como esses vínculos se estabelecem (DRIVER et al., 2016). A maneira de se relacionar, o amor e o casamento são vivenciados de acordo com a representação de cada indivíduo. Isso vai se transformando de acordo com o processo histórico, político, social e religioso em que se está inserido. Nesse sentido, a noção de vinculação afetiva assumida aqui é pensada como um fenômeno que se constrói juntamente com o sentimento amoroso, as crenças e os julgamentos que, relacionados, formam a conjugalidade (SILVA et al., 2015; DRIVER et al., 2016).

Nesse contexto, a formação da conjugalidade, em uma abordagem sistêmica, é um processo complexo, envolvendo múltiplos níveis do relacionamento e contextos que resultam na definição psicossocial de uma relação afetiva estável. Os sistêmicos abordam tal questão como um processo de construção de uma realidade comum. Cada parceiro, ao se engajar na relação a dois, experimenta uma possibilidade de reconstrução de sua realidade individual, cunhando referências comuns e uma identidade conjugal. Essa relação é construída a partir de trocas verbais e não verbais entre os parceiros que dispõem suas ações recíprocas no universo social de significado, comprometendo-se com a constituição de uma história comum na qual as mudanças na linha de ação de um dos cônjuges afetam o outro. No imaginário social, evoca-se a ideia do casal como um par associado por vínculos afetivos e sexuais de base estável, com um intenso compromisso de apoio mútuo, cujo objetivo é formar uma nova família, incluindo filhos (ROLIN; WENDLING, 2013).

A conjugalidade acontece em um contexto sócio-histórico e familiar no qual a pessoa socializa, bem como internaliza ações psicossociais complexas. Assim, ela tem início com a criação de um espaço comum, no qual começam a partilhar experiências que produzem interação social expressiva para o casal, atravessada pela experiência de construção psicossocial de cada indivíduo. Conforme Rolin e Wendling (2013) sinalizam, a pessoa se forma por meio das relações e da interação com outras pessoas ou com objetos e símbolos com os quais se identificam. As autoras salientam, também, a necessidade das relações para estruturação de vínculos duradouros; além disso, apontam que a ausência de vivências relacionais, tais como

“as relações internalizadas, o pacto conjugal, as relações familiares, as relações de amizade e as relações sociais”, impede o desenvolvimento de afetos que visam a busca da felicidade e bem-estar, podendo, até mesmo, inviabilizar a sobrevivência (ROLIN; WENDLING, 2013, p. 169).

A complexidade da formação da conjugalidade envolve diversos níveis de relacionamento e contextos diferentes. A partir dessa complexidade, uma relação afetiva será construída, pois é na busca de uma realidade em comum que se cria uma identidade conjugal, estabelecendo interesses e referências que são compartilhadas pelos membros do casal (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010; MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016). Segundo Driver et al. (2016), o entrelaçamento de dois sujeitos com suas individualidades e com histórias de vida diferentes pode ser considerado conjugalidade, sendo um espaço que passa por constantes transformações e ajustes.

A formação da conjugalidade não deve ser enxergada apenas como envolvendo fases iniciais do engajamento amoroso, mas como um processo contínuo que precisa de ajustes frequentes. Isso se deve ao fato de que os padrões de relacionamento mudam ao longo do tempo e a qualidade da conjugalidade passa pelo aspecto dinâmico que o casal desenvolve, permitindo, assim, lidar com as fases previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida. A adaptação dos membros do casal é a tarefa mais árdua e fundamental na construção do engajamento amoroso (BARBIEIRO; BAUMKARTEN, 2015). É o momento que o casal negocia a forma de se relacionar, considerando a família de origem e os amigos, criando, com isso, uma estrutura a dois. Quando duas pessoas decidem que vão formar um casal, isto é, compartilhar a vida, ambas necessitam de ajustamento, que precisa começar na fase de namoro, antes de transitarem para o casamento propriamente dito (DRIVER et al., 2016).

Numa pesquisa realizada por Mussumeci e Ponciano (2019), na categoria "formação do novo casal", os participantes que tinham menos de dois anos de casados relataram que o começo foi bem difícil. Os casais apontaram como dificuldades as diferenças de gênero, de personalidade e de padrão da família de origem, o que, segundo as autoras, gerou muita discussão e problemas para os cônjuges. As autoras também sinalizaram que o que se espera do casamento e o como se apresenta no dia a dia podem causar as primeiras frustrações e conflitos na relação.

Segundo Barbieiro e Baumgarten (2015), o período que compreende os meses antes do casamento e o primeiro ano do casamento em si tem bastante relevância, pois acontece uma mudança no *status* social e surge a necessidade de adaptação na conjugalidade sem que renunciem à individualidade. O casal necessita, assim, fazer ajustes com a família de origem

para que se adaptem a uma nova realidade. As autoras apontam ainda que poucas pessoas estão preparadas para a conjugalidade, pois a sociedade faz acreditar que o casamento acontece por mágica, mas as habilidades necessárias para sustentar uma relação conjugal não são ensinadas. Muitos casais descobrem que morar juntos não tem a mesma dinâmica de um namoro e que, após o casamento, o casal necessita estabelecer novas regras, como, por exemplo, a visita à família de origem e a manutenção da relação com os amigos (FALCETO; WALDEMAR, 2013; KOPROWSKI et al., 2020).

Para Féres-Carneiro e Diniz Neto (2010), a formação da conjugalidade não é fácil de ser conquistada. Eles enfatizam que há uma complexidade em se tornar um casal, pois cada parceiro experimenta uma reconstrução de sua realidade individual e, com isso, criam uma identidade conjugal. Segundo os autores, a convivência, o desejo de construir projetos juntos e o interesse são aspectos essenciais para a formação da identidade conjugal. Assim, os padrões de relacionamento mantêm a conjugalidade e sua qualidade, possibilitando que o casal resista às diversas circunstâncias que aparecem no ciclo de vida (MORATTO et al., 2015).

Há uma necessidade de compreensão das complexidades do casal, quando há tensão entre a individualidade e a conjugalidade. Satir (1995), ressalta que o casal é formado por duas pessoas em uma relação que comporta o “eu - você - nós”; por isso, a conjugalidade demanda tanto investimento afetivo, quanto tempo para que possam construir uma realidade à dois. No entanto, faz-se necessário a presença das características individuais. O foco na individualidade reflete nas expectativas e na idealização extremada que provocam não só tensões, como também conflitos. Para que se compreenda a vivência da conjugalidade, há que se distanciar do modelo institucional de casamento, considerando sempre a transformação e o caráter mutável da relação (ROLIN; WENDLING, 2013).

Num estudo que buscou compreender os significados da permanência na relação conjugal de quatro casais brasileiros, os dados analisados indicaram a maneira tanto dinâmica, quanto complexa, e, assim, processual da relação conjugal, especialmente quando os casais descreveram que a constituição e a permanência na relação conjugal, como projeto comum, advinham em “meio aos confrontos e conflitos de desejos, projetos, intenções e expectativas de caráter individualizado” (PORRECA, 2019, p. 6). Então, a dinâmica conjugal se trata de uma concepção paradoxal, com abertura de inúmeras possibilidades que incluem ajustes e negociações para um casamento mais saudável e podendo apontar para possibilidades de dissolução, de divórcio e de recasamento.

Walsh (2016) enfatiza que, independentemente da cultura, os casais fazem uma espécie de pacto, um contrato no início da relação, discutindo se haverá ou não o casamento, mas não

estabelecem as regras da relação. A construção das regras é de suma importância para que não se reproduza as crenças da família de origem, tomando essas crenças como verdades absolutas e engessadas de modo a causar frustrações e decepções. Tal paradoxo ocorre, pois, conjugalidade é a união de duas individualidades que carregam consigo desejos, sonhos e projetos diferentes. Esse projeto, que é individual, une duas pessoas que deverão contemplar a autonomia e a satisfação conjugal ao mesmo tempo.

No subsistema conjugal, temos vivências distintas que são oriundas da família de origem, e, nessa junção, o casal constrói sua maneira de se relacionar, estabelecendo suas regras a partir das regras da família de origem. Isso pode gerar conflitos se não forem bem elaborados pelo casal, podendo acarretar separação. Nesse sentido, a separação não significa a falta de crença no amor, mas, sim, busca pela felicidade (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2017; MILLER et al., 2014).

Por isso, o pacto da conjugalidade é fundamental para o vínculo que se estabelece entre o compromisso e a presença de uma dimensão ainda desconhecida pelo casal. Pode-se dizer que há um pacto expreso socialmente e um pacto secreto na conjugalidade. Durante muito tempo, a família de origem e as relações de poder influenciaram o pacto da relação conjugal, mas, atualmente, há um pluralismo, marcado por diversos modelos de relação. Com isso, uma maior harmonização entre pacto conjugal expreso e o pacto secreto do casal, que propiciam uma satisfação conjugal (WALSH, 2016; KOPROWSKI et al., 2020).

Mesmo a relação conjugal tendo uma busca pelo bem-estar, deve-se considerar que há expectativa em satisfazer necessidades provenientes de relações oriundas da família de origem, mantidas ao longo da vida. A própria escolha do parceiro, por exemplo, é ancorada na história da família de origem. A escolha amorosa não acontece ao acaso, ela acaba sendo feita para satisfazer as demandas pessoais do sujeito oferecer, ou não, uma possibilidade de resolução do conflito (MOSMANN et al., 2017; DRIVER et al., 2016). Na formação da conjugalidade, quando essa expectativa vem à tona, o cônjuge fica submetido a satisfazer essa demanda (SILVA et al., 2015). O que traz uma complexidade ainda maior para o casamento é, muitas vezes, justamente o fato dos membros do casal atribuírem um ao outro e à própria relação a condição de solucionar suas necessidades que são contraditórias (ALVES-SILVA et al., 2016; DRIVER et al., 2016).

Nesse sentido, as expectativas dos parceiros e a busca por satisfação pautam os vínculos conjugais. Assim, a escolha pelo casamento é motivada por atravessamentos subjetivos, predominando a busca por qualidade conjugal. Esses mesmos fatores podem levar à dissolução da conjugalidade, conforme algumas pesquisas mostram (ZORDAN et al., 2009; FÉRES-

CANEIRO, 2003b; GOULART et al., 2019). Os estudos de revisão de literatura acerca da satisfação conjugal (KOPROWSKI et al., 2020; HAMEISTER; BARBOSA; WAGNER, 2015; DRIVER et al., 2016) debatem que, até os anos de 1960, as pesquisas sinalizavam e prediziam a viabilidade das relações, considerando características prognósticas. Com isso, propuseram a construção de novos modelos que pudessem avaliar isso de forma mais ampla, dando uma maior compreensão dos processos envolvidos nas relações.

De um modo geral, as pesquisas apontam que a complexidade da conjugalidade possui diversas variáveis, tais como: gênero; etapas do ciclo vital, cultura, presença de filhos, nível socioeconômico e escolaridade entre outros. Além disso, Koprowski et al. (2020) pontuam que é impossível pensar em um único modelo de família, corroborando com que já elucidamos anteriormente, como também não é possível prever ou dimensionar a durabilidade do casamento, uma vez que a vinculação conjugal está cada dia mais efêmera, ocasionando em dificuldades de uma conjugalidade duradoura e saudável.

É importante observar, ainda, que a manutenção de um casamento não significa necessariamente um bom relacionamento, pois satisfação conjugal e estabilidade conjugal são coisas diferentes, mas muitas vezes confundidas. Segundo Barbieiro e Baumgarten (2015), podem existir casamentos que se mantêm estáveis e não consideram o divórcio por questões religiosas, pressão social, medo da solidão, não sabem lidar com a liberdade e autossuficiência, além do receio de perder a família. Com isso, permanecem casados a despeito da satisfação conjugal, pois estar casado pode parecer menos sofrido que estar descasado, já que a dissolução do laço conjugal afeta diretamente as crenças que o sujeito tem no que acredita ser família (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010).

Dessa forma, em relação à estabilidade e à satisfação conjugal, discutidas a partir da perspectiva sistêmica, os estudos sobre padrões de formação e de dissolução da conjugalidade como processos interacionais apontam algumas implicações para a construção de satisfação/insatisfação, de estabilidade/instabilidade e de como isso se repercute na prática clínica. Essa abordagem epistemológica indica uma compreensão dos processos psicossociais, como o conjugal, em uma visão pautada pelo olhar da complexidade, pois se sabe que estes estarão sempre referidos ao conhecimento local, situado em um certo momento (MORIN, 1996; VASCONCELOS, 2007). Dessa forma, adota-se aqui o caminho possível da construção de diversos pontos de vista, responsável por diferenciar o pensamento simples, que acredita em verdades como realidades independentes do observador, do conhecimento complexo, no qual o observador é introduzido por sua própria conceituação (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010).

Ao se tratar propriamente da satisfação conjugal, não há dúvidas que esse é um conceito subjetivo, pois implica em ter as necessidades realizadas, ou seja, em corresponder à demanda do outro, abarcando a ideia de dar e receber de forma livre e espontânea. A satisfação conjugal torna-se subjetiva, pois é comumente correlacionada ao bom relacionamento com os filhos, às condições socioeconômicas, à saúde física e mental, às respostas fisiológicas dos parceiros, aos aspectos da personalidade, à história de vida de cada um dos membros e a relação entre todas essas questões com vistas à busca de uma sensação de bem-estar (ROLIN; WENDLING, 2013; MOSMANN et al., 2017).

1.3 Ciclo de vida familiar: relações parentais

O conceito de parentalidade foi descrito por Féres-Carneiro e Magalhães (2011), tomando como base alguns elementos: o vínculo biológico, a relação de parentesco e sua pertença a um grupo familiar, a filiação, bem como o exercício da parentalidade. Devemos mencionar que o termo parentalidade foi utilizado pela primeira vez nos anos 1960, mas caiu em desuso por longos 20 anos. Contudo, foi retomado nos anos 1980 e, desde então, vem sempre empregado em diversas áreas do conhecimento, com divergências quanto a sua definição no meio científico (FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2011).

Como já foi abordado anteriormente, formar um casal não é tarefa fácil, tampouco formar uma família. São processos diferentes e muito complexos, assim como complementares. A renegociação deve ser constante para a formação da conjugalidade e, na formação da parentalidade, não é diferente. Propormo-nos a escrever agora sobre o subsistema parental no que tange tanto às suas especificidades, quanto às suas complexidades.

1.3.1 Como se forma a parentalidade?

O nascimento do primeiro filho sinaliza a mudança do subsistema conjugal para o parental (MINUCHIN, 1982). Essa transição acarreta transformações significativas para a família nuclear. Ou seja, ocorre uma mudança no ciclo vital da família quando os membros do casal se tornam pais, isso altera a rotina de todos (MACARINI et al., 2016). Salientamos que a parentalidade começa com o desejo de ter filhos ou com chegada de um filho de forma inesperada, surgindo, assim, a família.

Nessa fase do ciclo de vida, o casal precisa se apoiar mutuamente ao mesmo tempo em que socializa a criança, sendo importante estabelecer uma fronteira que possibilite ambos

os pais a terem acesso à criança (MINUCHIN, 1982). A chegada do filho será experimentada de acordo com o momento vivido pelo casal dentro do contexto em que família está inserida na ocasião da chegada do bebê. Com isso, se considerarmos as condições em que o casal se encontra, o desenvolvimento da criança, assim como a família ampliada poderão ser afetados, desde o momento do nascimento ou, até mesmo, durante o período da gravidez (MACARINI et al., 2016).

Barbieiro e Baumkarten (2015) desenvolveram uma pesquisa que buscou elucidar a construção da identidade conjugal e como ela se redefine com a chegada dos filhos, além de observar qual é o espaço destinado para o casal em meio a tantas mudanças. As autoras discutiram em seu estudo que chegada do filho na vida do casal inaugura a parentalidade. Isso envolve uma série de questões que engloba mudanças biológicas, psicológicas e sociais; tudo isso será aceito e compreendido se a relação conjugal estiver ajustada e o casal satisfeito (BARBIEIRO; BAUMKARTEN, 2015). A parentalidade é muito estudada dentro do ciclo vital familiar, pois é considerada uma fase muito importante na vida da família por ser acompanhada de uma diminuição da satisfação conjugal, de mudanças nos papéis familiares, ou seja, a mulher tem sua autoestima reduzida e o desempenho sexual é modificado. Nesse sentido, educar uma criança altera significativamente o casamento (MUSSUMECI; PONCIANO, 2016).

Matos e Magalhães (2014) descrevem que, mesmo sendo um momento de muita felicidade para o casal, a chegada do filho representa um grande desafio para a relação conjugal. Nessa fase, a conjugalidade será testada em sua solidez e nas relações de cumplicidade. O casal, que era apenas marido e mulher, torna-se pai e mãe; com isso, suas atenções serão voltadas para o cuidado do filho. Esse casal deverá priorizar as necessidades da criança e irão renunciar, muitas vezes, as suas necessidades (BARBIEIRO; BAUMKARTEN, 2015). Falceto e Waldemar (2013) apontam que a chegada do filho representa novas identidades para o casal, pois o marido se transforma em pai, a mulher, em mãe, e os pais dos cônjuges, em avós.

Devido a tais alterações em cada membro do casal, eles terão que reconstruir e renegociar os papéis da conjugalidade ao mesmo tempo em que aprendem os papéis da parentalidade. Muitas mudanças acontecem nesse período, dentre elas, podemos citar os novos sentimentos que são descobertos na gestação e no nascimento da criança, tais como: insegurança entre cuidar do filho e dar seguimento na carreira profissional, tensão nos cuidados da criança, adaptação à nova rotina, entre outros.

Em conformidade a isso, uma pesquisa desenvolvida por Barbieiro e Baumkarten (2015) apresenta que os sentimentos na primeira semana após o nascimento do bebê são de responsabilidade, de espanto, de alegria, de cansaço, de encantamento, de felicidade, de orgulho

e de realização. As autoras descrevem que as dificuldades enfrentadas pelo casal após o nascimento da criança são: falta de informação, dor ao amamentar, dificuldade na adaptação do filho à casa, palpites vindos de pessoas sem vínculo com a criança, bem como de pessoas com vínculos, perda do apetite sexual e esgotamento. Elas debatem sobre os estressores da parentalidade e indicam que as fontes de estresse estão relacionadas com o fato de terem de se ajustar ao ritmo da criança, passando por privação de sono e choro muito prolongado.

Além disso, é importante que o casal possa dedicar tempo para as decisões cotidianas, por exemplo: em como irão utilizar o espaço comum, como vão lidar com questões financeiras e como farão para incorporar os membros da nova família na de origem (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Quando a parentalidade, como subsistema, entra em jogo o casal que se vê transformado e vai precisar reorganizar a vida para o novo membro que está sendo incorporado (MACARINI et al., 2016). Assim, o subsistema parental requer uma gama de estratégias de enfrentamento para que o casal possa lidar com sentimentos que são ambivalentes após a chegada do filho, tais como reconhecer o choro da criança, perceber suas necessidades, incluir os pais nos cuidados com o recém-nascido, estimular motoramente o bebê, criar momentos que favoreçam a sexualidade do casal, criar uma proteção da intromissão da família e fortalecer a rede de apoio social e afetivo (SOARES; COLOSSI, 2016).

Mussumeci e Ponciano (2016) discutem que a relação conjugal influencia o comportamento dos filhos. A felicidade na vida conjugal auxilia na transformação de pais mais afetuosos, responsivos e sensíveis. Com isso, as autoras sinalizam que uma boa parentalidade pode estar relacionada, dentre outros aspectos, à qualidade na relação conjugal. Podemos considerar que os casais que se apoiam, se ajudam e se consideram felizes encaram a chegada do filho de forma mais positiva, conseguindo ser mais carinhosos na relação pais-filhos (AMATO; KING; THORSEN, 2016). A relação entre os pais e a criança ganha mais qualidade quando o casal está ajustado com maior possibilidade de diálogos e com estratégias para resolução de conflitos.

Mussumeci e Ponciano (2018) discorrem sobre as estratégias de resolução de problemas no subsistema parental e dissertam que estratégias de comunicação construtivas de resolução de problemas costumam contribuir para a conservação da satisfação conjugal. As autoras, em sua pesquisa, apontam, também, que casais que não apresentam nenhuma habilidade de resolução de problemas eficazes no período de gravidez tendem a ter menor satisfação conjugal antes do nascimento da criança, e as emoções são mais negativas; isso faz a satisfação conjugal diminuir na transição para a parentalidade.

Cabe explicitar que discussões menos agressivas, com demonstrações de suporte e atitudes facilitadoras para a resolução do conflito não causam reações negativas nos filhos. Exposição a conflitos de menor intensidade mesmo que seja frequente não é prejudicial. As estratégias de conflitos que abarca na tentativa de resolução, em pedido de desculpa, no apoio afetivo e em esclarecimentos aos filhos sobre o motivo do conflito podem funcionar como estratégias de enfrentamento para desenvolvimento de habilidades (MUSSUMECI; PONCIANO, 2018).

É importante que os pais negociem entre si o espaço de cada um, além de redefinir a relação e de criar oportunidades que favoreçam a individualidade. Essa negociação precisa ser não só entre o casal, mas também com o filho, com a família extensa e com a rede de amigos. O casal que estabelece espaço para a individualidade, para a conjugalidade, para a família extensa e para os amigos consegue desenvolver melhores habilidades para a construção da parentalidade (LEITE, 2018).

A herança de sua família de origem, os aprendizados da infância que poderão ser transmitidos aos filhos e como essas transmissões têm o papel de manutenção da tradição da família de origem devem ser considerados pelo casal. Porém, a geração atual irá negociar em que medida a continuidade dessa tradição é apropriada ou não. O processo construção da parentalidade para o casal é um fator estressante, conforme já mencionamos. Entretanto, o sistema familiar ampliado pode facilitar esse processo (LEITE, 2018).

A chegada do filho é um momento de aproximação entre o casal e a família de origem. Nesse sentido, a família constitui uma fonte de apoio para o casal. A experiência com filhos pequenos é um grande desafio em que o suporte afetivo da família poderá ser enxergado como facilitador de ajuste emocional e conjugal, além de ser uma boa estratégia para lidar com situações conflituosas. A chegada de uma criança traz não só uma sensação de felicidade para família, mas também traz muito estresse. O novo membro propiciará uma mudança na dinâmica do casal e em outras realidades serão vivenciadas, preparando-os para as novas fases do ciclo vital da família. A Parentalidade deve ser vivenciada de forma positiva e cooperante para o casal; pois, é na dinâmica da família que se vai encontrando manejo e estratégias para lidar com o desenvolvimento do filho (MACARINI et al., 2016; ZARTLER; HEIRZER, 2015).

Apresentamos um estudo que objetivava conhecer o impacto do nascimento do primeiro filho na satisfação conjugal. Duarte e Zordan (2016) discutiram na segunda categoria de seus estudos que a chegada do primeiro filho faz com que os casais necessitem realizar ajustes, e isso afastou os cônjuges, mas uniu enquanto pais, o que possibilitou inaugurar a satisfação parental, mas diminuiu a satisfação conjugal e, conseqüentemente, o bem-estar no

casamento. Esses achados corroboram para a pesquisa realizada por Groisman (2013) que sinaliza a exigência de uma nova organização e acomodação do casal no nascimento de um filho (DUARTE; ZORDAN, 2016).

1.3.2 Filhos adolescentes: perspectiva relacional

É difícil criar um espaço para a chegada dos filhos, principalmente para casais contemporâneos, pois o equilíbrio nas relações entre homens e mulheres provocou um adiamento na concepção de filhos. O papel de cuidar do filho, que ficava restrito às mulheres, enquanto os homens saíam para o trabalhar, foi se modificando, conforme discorremos anteriormente, o que transformou e adiou a transição conjugal para a parental. Pode-se dizer que houve uma desvalorização da tarefa de criar os filhos. No entanto, quando há um suporte da família de origem, o casal se sente mais amparado e mais encorajado a ter filhos (GORIN et al., 2015). Muitas famílias, conforme mencionam Jacob-Alby & Vives (2015), entendem que as crianças da família são responsabilidades de todos, propiciando um apoio coletivo. O grau de relacionamento cresce entre a família com a perspectiva de que todos os familiares podem auxiliar nos cuidados com criança. A transformação considerada mais importante da família ampliada é de constituir recursos que favoreçam a nova família. Esta se torna uma unidade que protege os filhos de modo que eles possam se desenvolver da infância à adolescência quando começa uma nova fase do ciclo de vida da família (MACARINI et al., 2016).

As adaptações na estrutura familiar para a chegada da adolescência não é tarefa simples, há uma certa preparação para a entrada dos adolescentes no mundo das responsabilidades e dos compromissos adultos. Essa mudança familiar envolve profundas alterações dos padrões de relacionamento entre as gerações, que, embora marcada pela mudança da maturidade física, coincide com a mudança dos pais que estão entrando na meia idade e dos avós, na velhice, sendo mais uma fase do ciclo de vida familiar que pressupõe conflitos e estresse (MUNHOZ, 2017).

A adolescência, como etapa do ciclo vital da pessoa, é caracterizada por nível biopsicossocial que começa com a puberdade. Alterações biológicas ou físicas dos adolescentes estão muito presentes: desenvolvimento das características sexuais secundárias, várias alterações hormonais e mudanças na fisiologia do crescimento, como aumento altura, ganho de gordura corporal e massa muscular (GARCÍA, 2019). No entanto, as mudanças que ocorrem na adolescência vão além das mudanças meramente fisiológica; as psicossociais também são muito características desse estágio. Garcia (2019), descreve-os em quatro aspectos: a luta pela

independência, a preocupação com a aparência corporal, o relacionamento com seus pares e o desenvolvimento de sua identidade.

Com a chegada dos filhos na adolescência, a família irá passar por mudanças estruturais e renegociações de papéis familiares. Essas mudanças irão envolver pelo menos três gerações da família, pois demandas que englobem uma maior autonomia para os adolescentes tendem a acelerar as transformações nos relacionamentos entre as gerações. As demandas de filhos adolescentes são tão intensas que muitas vezes servem como catalizadoras para trazer à tona questões de cunho afetivo e emocional (MARTINS, 2018).

No passado, mais precisamente nos últimos 40 anos, as famílias precisavam oferecer suporte para que os filhos se desenvolvessem para o mundo do trabalho, elas, agora, também têm a função de dar capacidade psicológica que os auxiliarão a se diferenciar em um mundo de constantes e velozes mudanças (CAMPOS et al., 2017). Com isso, a família também passa de uma função para a outra, transitando da função de unidade econômica para um sistema de apoio afetivo e emocional (SILVA et al., 2020).

As autoras Faria e Ponciano (2018) desenvolveram um estudo que teve como objetivo investigar e discutir a relevância do apoio parental nas experiências emocionais de conquistas e de fracassos durante a adolescência; sua principal conclusão é a de que os(as) adolescentes avaliam como algo importante o suporte recebido pelos pais como um apoio seguro para a regulação das experiências emocionais negativas e de que as relações parentais podem reforçar as experiências emocionais positivas. Segundo as autoras, “este suporte configura um ambiente familiar facilitador para o processo do desenvolvimento emocional” (FARIA; PONCIANO, 2018 p. 87).

As famílias passam por confusões e por perturbações, mas ela é capaz de mudar as regras, normas e de reorganizar os limites para propiciar aos adolescentes uma certa autonomia e independência. A família precisa ser um sistema fluido para que todos os membros estejam na disponibilidade de gerar mudanças significativas e saudáveis (FARIA; PONCIANO, 2018). É sabido que a passagem da infância para a adolescência gera mudanças potencialmente conflituosas e, muitas vezes, problemáticas. As alterações sofridas nesta fase, tais como mudanças biológicas, físicas, sociais e psicológicas, podem resultar em uma disfunção no desenvolvimento da família, do adolescente e, até mesmo, afetar outros membros da família, mas podem ter um desfecho positivo, apesar do estresse (GARCÍA, 2019).

A família com filhos adolescentes precisa se reorganizar estruturalmente e renegociar seus papéis. Como mencionado acima, tal reorganização e estruturação envolvem pelo menos três gerações da família. A necessidade de maior autonomia e independência por parte dos

adolescentes pode causar mudanças nas relações familiares, e, por serem intensas, essas demandas servem como estímulo para reavivar questões emocionais e afetivas nas diferentes gerações da família (FARIA; PONCIANO, 2016). A família costuma querer resolver essas questões, e essa luta pode aflorar conflitos mal resolvidos entre as gerações. Os pais podem sentir medo ou receio em dar mais autonomia aos filhos, tendendo a se sentirem rejeitados quando a adolescência chega. Thorsen e King (2016) indicam que a adolescência aciona o triângulo familiar que envolve: o adolescente, os pais e, pelo menos, um dos avós; ou o adolescente, um dos pais e os amigos do adolescente.

Para uma relação entre pais e filhos mais saudável na adolescência, tem que se considerar a flexibilização entre as fronteiras familiares, bem como modular a autoridade paterna e materna. Essas ações possibilitam uma maior independência para os filhos e auxiliam no desenvolvimento afetivo. Entretanto, muitas famílias recorrem a estratégias que utilizavam na fase anterior do ciclo de vida familiar. Os pais podem vir a ser mais severos e rígidos, pois acham que é uma fase em que precisam impor mais limites e fazem isso pela via da autoridade. Os adolescentes, por sua vez, recorrem aos ataques de raiva, retraem-se emocionalmente e buscam suporte nos amigos que têm idades próximas. Esses conflitos trazem à tona desafios normais e medos típicos que tanto os pais como os adolescentes experimentam durante essa fase de transição (ZARTLER; HEIRZER, 2015).

Ponciano (2016) sinaliza que as famílias enxergam a adolescência como uma fase de preparação para a vida adulta, marcando uma continuidade na família. A autora discute que, numa sociedade industrializada, ocorre um prolongamento desse preparo, e a reprodução é adiada, ficando em segundo plano. O aumento do período de preparação leva os adolescentes a se aproximarem mais dos pais, gerando uma vinculação diferente, menos hierarquizada. Nesse período, acontece, também, um afastamento físico entre pais e filhos, resultando em uma tendência do adolescente de se aproximar mais dos amigos e do mundo exterior à família. O contato físico fica reduzido, mas, devido à proximidade pessoal, a intensidade emocional se mantém (PONCIANO, 2016).

Thorsen e King (2016) discutem sobre essa fase e apontam que a compreensão da adolescência deve ser considerada a partir da realidade vivida pelo adolescente, pois se encontra baseada numa estrutura conceitual. Ao buscar uma visão mais positiva, os adolescentes são vistos como protagonistas do seu desenvolvimento e podem, com isso, influenciar as atitudes dos adultos. A chegada da adolescência traz inúmeras transformações, e a puberdade é uma delas que não pode ser vista apenas pelas mudanças observáveis, mas também por seus efeitos psicológicos (MUNHOZ, 2017). Essa é uma fase do ciclo vital familiar, vivido com muita

ansiedade, pois as mudanças acontecem rápido demais em termos de aparência. Isso significa que a atenção do adolescente é voltada para suas características físicas, o que pode influenciar e afetar sua autoestima (PONCIANO, 2016).

Nesse processo da adolescência, no qual há uma maior ansiedade, os pais e os adultos próximos apresentam dificuldade de aceitar as transformações ocorridas nessa fase. Ponciano (2016) nos adverte que o contexto precisa ser considerado na relação pais-filhos, que, geralmente, é enxergada como uma relação atravessada por diversos conflitos. A Autora sinaliza, ainda, que esses conflitos tendem a ser menores do que se supunha, conforme demonstra algumas pesquisas, estando os mais frequentes relacionados com a expectativa dos acontecimentos cotidianos que refletem em ambas as partes.

A adolescência deve ser observada e estudada considerando suas diversas possibilidades e seus múltiplos aspectos; por isso, é importante que ela seja entendida em seu contexto. Cabe ressaltar que a adolescência é uma fase de aquisição em que as informações são reunidas e se aprende a lidar com problemas, desenvolvendo técnicas de solução. Na adolescência, desenvolvem-se novas habilidades, e o sujeito está em transformação nas mais diversas áreas da vida. Essas mudanças acontecem no corpo, na sexualidade e na preocupação pela escolha profissional. Segundo Marques & Moura (2016), esse é um momento crucial de explorar e de experimentar o novo copo para testar os limites.

Marques e Moura (2016) mostram que o gênero pode influenciar o modo como os adolescentes encaram e vivenciam os desafios dessa fase. Os temas que os adolescentes consideram interessantes, a forma como desenvolvem suas habilidades, as escolhas por amizades e o como constroem sua autonomia são influenciados pelo gênero. A construção de autonomia dos adolescentes está ligada à família, sendo vivenciada na rede dessas relações. Os novos modelos de família apresentam transformações sociais, mas, mesmo com elas, a função de formar um indivíduo continua sendo associada à família. Assim, os adolescentes desenvolvem suas habilidades e sua autonomia a partir de sua família, que está inserida em um certo contexto social e histórico.

1.3.3 Família recasada com filhos adolescentes

Durante o processo de divórcio e o novo casamento, os filhos adolescentes podem perceber um declínio no grau de apoio emocional que recebem dos pais e uma redução na quantidade de tempo que passam com eles. Os comportamentos dos pais em relação aos filhos podem ser alterados durante o processo de divórcio, com os pais engajados em controle e

monitoramento menos eficazes, agindo menos afetuosamente e rejeitando mais os filhos com táticas disciplinares mais severas (THORSEN; SAWYER, 2021).

Os pais podem ficar preocupados com suas próprias respostas emocionais, aumentar seu envolvimento em comportamentos negativos de enfrentamento (como o uso de álcool e drogas) e desviar sua atenção do envolvimento parental. Os divórcios que ocorrem durante a adolescência dos filhos podem ter consequências especiais para a qualidade das díades pais-filhos do sexo oposto, com relacionamentos filha-pai particularmente vulneráveis (THORSEN; SAWYER, 2021).

O divórcio parece ser especialmente perturbador para a qualidade da educação oferecida pelos pais, que geralmente ocorre enquanto estes vivem afastados dos filhos após a separação. O envolvimento do pai tende a ser mais contingente do que o envolvimento da mãe, com níveis maiores de envolvimento que são mais benéficos para os jovens quando o pai vive com o adolescente (THORSEN; SAWYER, 2021). A redução no contato com um pai não-residente (geralmente pais) durante esse período pode afetar negativamente a qualidade do relacionamento pai-filho. A deterioração na qualidade das relações pais-filhos pode aumentar o risco de uma série de consequências emocionais, comportamentais, acadêmicas e sociais negativas nos adolescentes.

A transição para uma família recasada com o advento de um novo casamento dos pais envolve mudanças na relação entre o pai biológico e o filho, bem como o estabelecimento de uma relação pai-padrasto-filho. Uma pesquisa realizada por Thorsen e King (2016) sugere que o sistema familiar mais amplo desempenha um papel importante na transição para uma vida familiar recasada. Por exemplo, a qualidade das relações entre pais biológicos e seus filhos adolescentes está associada ao fato de os adolescentes rotularem seu padrasto de figura de "pai", de forma que a proximidade com a mãe biológica aumenta a probabilidade, enquanto a proximidade com o pai biológico não residente diminui as chances de que o jovem rotule seu padrasto de "pai" (THORSEN; KING, 2016). Portanto, a qualidade das relações pais-filhos é uma fonte importante de estresse ou apoio que afeta o ajuste e adaptação dos adolescentes durante o processo de divórcio e de recasamento.

A pesquisa realizada por Thorsen & King (2016) teve o intuito de examinar os fatores que podem estar associados à forma como os adolescentes descrevem seu padrasto e as mudanças nessa rotulagem ao longo de um ano. Os resultados sugerem que a proximidade com pais não residentes aumenta a probabilidade dos adolescentes evitarem o rótulo de "padrasto", enquanto a proximidade com as mães aumenta a probabilidade de eles adotarem o rótulo.

Uma outra pesquisa desenvolvida em 2018 que objetivou investigar se as dinâmicas interpessoais de proximidade são diferentes nas relações padrasto-enteada versus pai-filha durante a adolescência. Tal pesquisa trouxe como resultado que o envolvimento e a comunicação foram preditores de proximidade em ambos os tipos de relacionamento; no entanto, a comunicação foi um preditor mais forte de proximidade entre padrastos e enteadas. Para meninas adolescentes que vivem com um padrasto, um maior envolvimento com seus padrastos foi associado a uma maior proximidade com seus pais biológicos não residentes (CAMPBELL; WINN, 2018). As autoras da referida pesquisa concluíram que, em geral, esses achados sugerem que as relações padrasto-enteada refletem dinâmicas interpessoais semelhantes às relações pai-filha, mas que estabelecer e manter essas relações por meio de comunicação significativa pode ser particularmente importante para padrastos e enteadas (CAMPBELL; WINN, 2018).

Conforme vimos anteriormente, o recasamento inaugura uma nova etapa no ciclo de vida da família, ocasionando mudanças nos padrões sociais e nas relações entre seus membros, ou seja, essa nova etapa permite estabelecimento de novos vínculos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; DANTAS et al., 2019). A família recasada tem a necessidade de redefinir seus papéis, pois, a inclusão de novos membros muda a dinâmica familiar.

Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que, na família recasada, os sujeitos passam a desempenhar múltiplos papéis. Tal acontecimento ocorre repentinamente sem que os sujeitos envolvidos tenham tido qualquer preparo para se adaptarem a eles. Em muitos casos, homens e mulheres se deparam com a necessidade de se tornarem padrastos e madrastas ao mesmo tempo em que estão construindo a conjugalidade. Nessa perspectiva, a conjugalidade é atravessada diretamente pelas relações parentais. Naiff e Silva (2016) apontam que, muitas vezes, a parentalidade é construída antes da conjugalidade quando se trata de famílias recasadas.

A família recasada encontra alguns desafios, entre eles: o sentimento de inclusão e exclusão experienciados pelos padrastos e madrastas, os conflitos dos filhos em relação à lealdade, a construção da conjugalidade em meio às tarefas parentais, a construção de uma identidade familiar e a construção de uma relação com o ex-cônjuge para tratar de questões pertinentes aos filhos do casamento anterior (DANTAS et al., 2019). Os sentimentos vivenciados por homens e mulheres que se tornam padrastos e madrastas são ambíguos quando se trata de desempenhar esses papéis (THORSEN; SAWYER, 2021). A construção da conjugalidade no recasamento, além de ser atravessada pela parentalidade, convida-nos a refletir como homens e mulheres vivenciam seus papéis, bem como o impacto que tem nos

filhos. O casal está na construção de uma identidade conjugal ao passo que, também, estão construindo relações parentais.

A família recasada desempenha diferentes papéis; além disso, as relações não acontecem de forma progressiva: do namoro ao casamento para, então, chegarem os filhos. Muitos relacionamentos acontecem concomitantemente no ciclo de vida da família recasada. Os cônjuges constroem a relação no mesmo tempo em que cuidam dos filhos de um dos membros do casal do casamento anterior. Sobretudo, devem lidar com demandas advindas dessas relações, tais como: ciúme, frustração, nomeação dos afetos, adaptação às mudanças, estabelecimentos de espaços e de uma casa nova, entre outros. Tudo isso torna a família recasada complexa e conflituosa.

Segundo Michaels (2006), a família recasada está se tornando uma família típica, pois um terço das famílias são recasadas, havendo uma grande probabilidade dessas famílias experimentarem novamente o divórcio. De acordo a autora, o divórcio no recasamento acontece mais rapidamente e com taxas mais altas do que no primeiro casamento. Isso cria mais estresse nas famílias, pois já foram impactadas por transições conjugais anteriores. O número crescente de famílias recasadas e de instabilidades desses casamentos levou os pesquisadores a se concentrarem nos efeitos negativos associados ao divórcio e ao novo casamento. Consequentemente, há um vasto número de pesquisas revelando que, nessas famílias, há um percentual grande de doenças, bem como vários problemas relacionados à saúde e a um caráter disfuncional (ROLHAS, 2016).

No caso de uma família recasada com filhos adolescentes, devemos nos atentar para o estabelecimento das relações entre seus membros. Também devemos sinalizar aqui que discutir o ponto de vista relacional significa apontarmos para os eventos que atravessam cada membro da família, pois estar “em relação não significa apenas interagir com os outros, com ações no aqui e agora, mas também, fazer referência a um vínculo que precede a própria interação” (SCARBINI; RANIERI, 2011, p. 173).

Embora o divórcio dos pais e o novo casamento sejam experiências comuns, consideradas normativas no ciclo da família, essa mudança costuma ser motivo de preocupação para os pais. Uma pesquisa realizada em 2021 examinou a associação entre o divórcio dos pais, o recasamento e o bem-estar do adolescente, em grande parte descobrindo que os adolescentes que vivenciaram um divórcio dos pais e aqueles que vivem em famílias recasadas têm resultados piores nos domínios comportamental, psicológico, acadêmico e social, em relação àqueles que vivem com pais biológicos casados continuamente. Para alguns adolescentes, o divórcio ou o recasamento dos pais representa uma ruptura em sua vida à qual eles se ajustarão

em alguns anos. Para outros jovens, as transições conjugais dos pais, como divórcio e novos casamentos estão associados a tensões persistentes, como dificuldades econômicas, que não vão embora. Essas famílias devem lidar no dia a dia com a redefinição dos papéis e com possíveis conflitos advindos da convivência (THORSEN; SAWYER, 2021).

As relações familiares possuem uma dimensão intergeracional e são mais que a soma dos membros. A formação de um novo sistema lidará com eventos, muitas vezes, imprevisíveis. Na família recasada, pais, filhos, padrastos, madrastas, irmãos e meios irmãos são chamados a colocar em prática no dia a dia a redefinição dos papéis e a fluidez nas fronteiras para que se diminua a distância entre os membros, além de criar tanto recursos, quanto novas formas para não só enfrentar, como também responder às demandas internas e externas (KOPROWSKI et al., 2020).

Nesse sentido, a família recasada com filhos adolescentes lidará com o processo de redefinição das relações. À medida que essa é uma fase do ciclo de vida da família, busca-se criar autonomia e equilíbrio enquanto estabelecem novas conexões. Na adolescência, todo sistema familiar é convocado a redefinir seus limites e suas fronteiras, permitindo que os filhos “cresçam” e possam fazer suas escolhas. Tal redefinição gerará eventos imprevisíveis no ciclo de vida familiar, causando estresse e conflito (SCARBINI; RANIERI, 2011).

A complexidade e os conflitos da família recasada não são necessariamente negativos, pois podem gerar uma maior flexibilidade. Isso faz com que os membros da família vivam experiências únicas, perpassadas por vínculos afetivos, gerando sensação de pertencimento (DANTAS et al., 2019). A forma como a família recasada vai manejar as funções parentais deve ser negociada entre o novo casal, estes precisam flexibilizar as fronteiras das relações de modo a construir as relações parentais, além de atentar para a dinâmica conjugal (BERNARDI et al., 2016; THORSEN; SAWYER, 2021). É importante destacar que o casal recasado, que terá que estabelecer um cuidado ético e responsável com os filhos adolescentes, carrega algumas bagagens emocionais, como: tempo de recasamento, guarda dos filhos, momento do ciclo de vida da família e tempo de divórcio. Tudo isso contribui para o tipo de dinâmica familiar que será construída, pensando na forma como a nova família irá se organizar para que essas relações entre seus membros sejam mais saudáveis sem deixar de considerar a individualidade de cada sujeito e a emancipação dos adolescentes.

Os membros da família recasada devem se debruçar na árdua tarefa de tornar o adolescente emancipado para que ele adquira responsabilidades afetivas, sociais e ideacionais que antecederá e o preparará para a vida adulta. Os adolescentes que encontram no contexto familiar apoio afetivo, suporte, diálogo e abertura para mudança têm maiores chances de

enfrentar a transição para vida adulta e os desafios gerados por isso, sendo assim, poderão se emancipar da família graças a ela (KOPROWSKI et al., 2020; SCARBINI; RANIERI, 2011).

A literatura sobre recasamento reforça que as fontes de conflitos da família recasada estão diretamente ligadas à ambiguidade da fronteira, à lealdade conflitante e às novas relações padrasto/madrasta-enteado(a). As pesquisas deixam evidente que há um percentual enorme de famílias recasadas com padrões interativos destrutivos. Isso deixa esse modelo de família em risco, mas existem muitas famílias recasadas que negociam com sucesso o processo de formação familiar, conseguindo produzir sensação de bem-estar e de felicidade. Muitas delas permanecem intactas e funcionando bem. No entanto, as pesquisas com famílias recasadas não apontam com muita clareza como essas conseguem ser saudáveis, felizes e bem-sucedidas em suas relações (ROLHAS, 2016).

As pesquisas com famílias têm demonstrado de forma consistente que o conflito conjugal é prejudicial para as práticas parentais, bem como a qualidade da relação entre os membros da família. Em se tratando do suporte emocional parental, qualquer tipo de comportamento parental que transmita anuência e aprovação aos filhos causa nestes um sentimento de conforto na presença de qualquer um dos progenitores. Algumas pesquisas têm comprovado o impacto negativo do conflito conjugal no suporte emocional que os pais oferecem aos seus filhos (MUNHOZ, 2017).

Uma das principais explicações para o impacto do conflito conjugal na parentalidade está na hipótese que se refere à transferência direta de afeto, humor e comportamentos de um subsistema para outro. De uma maneira mais concreta, essa hipótese aponta que a negatividade conjugal poderá ser transferida para a relação entre pais e filhos, ao diminuir a disponibilidade dos progenitores para os seus filhos (AMATO et al., 2016). Em se tratando do recasamento, essa negatividade conjugal pode ser transmitida para a relação madrasta - enteado(a) - padrasto. As famílias recasadas podem lançar mão de estratégias para enfrentar as adversidades geradoras de estresse que podem surgir no processo de redefinição dos papéis, sendo esse tema abordado no segundo capítulo.

2 ESTRESSE E BEM-ESTAR

Nos dias atuais, há muitas discussões acerca do estresse, sendo um tema abordado indiscriminadamente como parte do discurso do senso comum. Temos observado que a mídia tem veiculado esse conceito maciçamente, criando um cenário que não favorece a compreensão do significado do termo. De um modo geral, o estresse passou a ser o grande mal na vida cotidiana. Em função disso, muitos buscam auxílio terapêutico em decorrência de situações estressantes por considerarem isso um fator extremamente negativo. Por esse e outros motivos, tal conceito despertou muito interesse na comunidade acadêmica. Dessa forma, muitas pesquisas científicas vêm se desenvolvendo para que os profissionais possam ter acesso a trabalhos sérios em relação ao estresse (REPETTI et al., 2013).

Nesse contexto, a palavra estresse, ao longo do tempo, foi se modificando tanto em seus usos, quanto em seu significado. Para evidenciar isso, podemos recorrer às suas várias origens etimológicas, por exemplo: no Inglês antigo, *stress* tem o sentido de dureza, desconforto; no Francês antigo, tem seu significado atrelado a estreiteza; e, no Latim, seu sentido passa a se restringir e comprimir. A partir do século XVIII, o termo estresse fica relacionado à adversidade e à aflição (REPETTI et al., 2013). No final daquele século, seu uso assumiu a denotação de força, de tensão e de esforço, como um mecanismo biológico e fisiológico para a sobrevivência do homem. Nesse sentido, o estado de estresse é necessário para a preservação do organismo. Contudo, foi apenas no século XIX que o estresse ficou definido como uma razão que ocasiona uma força advinda de uma ação e reação. Notamos que o estresse assumiu um lugar de uma força ligada à exposição de um dado elemento e à capacidade de resistir à sua ação (HAMMETT et al., 2018).

2.1 Desmistificando o conceito de estresse

O estresse foi pesquisado pela fisiologia, e, segundo Claude Bernard, em 1878, os estudos sobre a adaptação dos seres vivos afirmavam que somente com um ambiente constante e estável o organismo encontra meios para manter a sobrevivência. Com isso, considerou-se que mudanças nos ambientes externos poderiam produzir condições instáveis e a desintegração no organismo, afetando o funcionamento fisiológico. Tempos depois, Hans Selye publicou o primeiro trabalho sobre estresse no qual demonstrou a existência de respostas ao estresse, indicando que elas são endocrinológicas e são ativadas frente à ação de estímulos danosos que alteram o estado de homeostase. A partir dessa definição, inicialmente elaborada como uma

síndrome biológica, Selye estimulou o meio científico sobre urgência de se estudar as respostas adaptativas, sendo que o interesse residia em descobrir o limite existente entre a capacidade de sobrevivência e a decadência da vida mediante aos desafios que lhes são impostos (GRAHAM; BARNOW, 2013).

Nas ciências sociais, o interesse pelo conceito de estresse surgiu a partir da defesa de que o ambiente, o social e o contexto histórico ateiam níveis de exposição e de competência adaptativa variados. O estresse é concebido por meio do conjunto de fatores sociais que alteram a adaptação do sujeito, e a impossibilidade de adaptação ao meio pode resultar em efeitos danosos sobre a saúde, e não apenas em uma resposta automática aos estímulos estressógenos (HAMMETT et al., 2018).

Os estudos sobre estresse que vêm sendo desenvolvidos na Psicologia ratificam o impacto sobre o funcionamento biológico, mas o enfoque parte da relação do sujeito para o meio. Assim, uma conceituação basal para a Psicologia é o estresse como essa relação privada, fazendo-se necessário compreender todo e qualquer recurso psicológico e social que intermedeie esse contato (GRAHAM; BARNOW, 2013).

Dito isso, faz-se necessário a formulação do conceito de estresse a partir dos estudos propostos por Selye. De acordo com Selye (2017), o estresse é um elemento inerente a toda doença e altera a estrutura, bem como a composição química do corpo; dessa forma, essas modificações podem ser observadas e verificadas. O estresse é o estado que aparece por meio da Síndrome Geral de Adaptação (SGA). Nessa síndrome, o organismo tem respostas internas para demandas extremas a fim de se manter em homeostase. Em seus estudos, Selye (2017, p. 34) apontou que o estresse pode ser definido como “o resultado não específico de qualquer demanda sobre o corpo, seja de efeito mental ou somático”. Podemos dizer, então, que é uma conexão de reações que o organismo desenvolve quando está submetido a uma situação que exige adaptação e esforço. Com isso, o estresse aparece como uma necessidade para a vida para que se possa aperfeiçoar e manter a capacidade de funcionamento do organismo, conhecendo, assim, seus próprios limites e se auto protegendo.

Devemos ressaltar que Selye foi o primeiro estudioso a definir estresse e a se atentar também para sua característica biológica. A partir dos pressupostos de Selye, o estresse não é uma tensão nervosa ou um desequilíbrio da homeostase funcionando como um alarme, isso seria o estressor ou agente do estresse. O estresse é manifesto por uma síndrome específica, conforme já mencionamos, constituída por qualquer alteração não especificada produzida no sistema biológico. Nesse contexto, o termo só tem significado quando aplicado a um sistema biológico específico e definido. A Síndrome Geral de Adaptação (SGA) compreende à dilatação

do córtex da suprarrenal, atrofiando os órgãos linfáticos e as úlceras gastrointestinais de modo a contribuir para a perda de peso, entre outras alterações. A SGA se desenvolve em fases: 1- fase de alarme, em que as manifestações são agudas; 2- fase de resistência, em que as manifestações agudas desaparecem; e, 3- fase de exaustão, quando voltam as manifestações agudas, podendo acontecer do organismo entrar em colapso. O estresse pode ser encontrado em qualquer uma dessas fases. Contudo, devemos nos atentar que suas manifestações são diferentes no decorrer do tempo e que também não é necessária a ocorrência das três fases para que haja o indicativo da síndrome. Isso se deve ao fato de que somente o estresse grave pode levar a exaustão e, até mesmo, a morte (SELYE, 2017).

O estresse acontece quando o organismo está em desequilíbrio. Selye (2017) sugere o termo estresse para nomear o processo psicofisiológico em que o organismo se encontra; reação de estresse para identificar a manifestação do organismo decorrente do processo desenvolvido; e de estressor para nomear as causas que desencadeiam excitações no organismo, ou seja, o fator gerador de extrema tensão.

Conforme já mencionado, muitos pesquisadores têm dedicado suas pesquisas para abordar o estresse. Com isso, diferentes linhas teóricas foram elaboradas com o objetivo de analisar o estresse, sendo controversas por diferentes ênfases (MCEWEN; AKIL, 2020). Há na literatura dois grandes modelos teóricos que abordam essa temática: o Mecanicista, com ênfase nas respostas e estímulos; e o Transicional, com ênfase na interação entre o interno e o externo do organismo. As abordagens que tratam o estresse e a resposta ao estresse como estímulo são definidas como mecanicistas ao considerar os artifícios fisiológicos ou artifícios do ambiente externo como fonte do estresse (RIVERS; SANFORD, 2018).

Quando falamos de estresse como resposta, devemos enfatizar as respostas físicas, as respostas psicológicas e as respostas acompanhadas de alterações biológicas. Já no caso do estresse abordado como estímulo, a ênfase é sempre no físico, no emocional e no sensorial. Essas características são capazes de estimular o desequilíbrio da homeostase. Rivers e Sanford (2018) advertem que essas linhas de análise apresentam limitações, pois o estresse como resposta não permite identificar as fontes que causam estresse e, como estímulo, não explica o fato de um mesmo estressor ser gerador de diversas repostas em uma mesma pessoa, variando de situação.

Em se tratando do modelo transacional do estresse, no sentido psicológico, há uma interação entre o sujeito e seu meio ambiente que possibilita a percepção, a interação e a interpretação das situações vividas. Lazarus (2007) descreve que o estresse é uma afinidade particular entre a pessoa e o ambiente, percebida como algo que causa ameaça e que extrapola

seus recursos pessoais para lidar com tal situação. O autor relata ainda que o estresse envolve o fator psicológico que define a percepção da pessoa sobre uma determinada situação de estresse. A dimensão psicológica envolve a percepção que analisa o perigo, as ameaças e os desafios, aguçando a possibilidade de manejar ou não a situação (BRITO; FARO, 2016).

O estresse psicológico acontece em três etapas: avaliação primária, avaliação secundária e reavaliação. A avaliação primária acontece quando o sujeito dá sentido às demandas considerando se são ou não estressoras. Caso as demandas sejam classificadas como estressoras, podem ser divididas em três categorias: ameaça, perda ou desafio. Ameaça é quando uma determinada situação é avaliada como a causa de algum prejuízo. A perda refere-se ao que aconteceu, quando já houve prejuízos. O desafio é referente a avaliação das ameaças ou a forma como o sujeito vai lidar com essa situação, buscando recursos para enfrentá-la. A avaliação secundária trata-se dos recursos comportamentais e cognitivos que o sujeito utiliza para gerir situações estressoras, sendo chamadas de avaliação de enfrentamento. O sujeito reavalia suas estratégias a partir dos recursos comportamentais e cognitivos para verificar se o controle do estressor foi positivo ou negativo, configurando a terceira etapa de reavaliação.

A forma como o sujeito incorpora o estímulo estressante psicológico com fator relacional determina se a situação será estressante ou não. É possível que uma situação seja estressante para determinado sujeito e não ser para outro. O impacto causado por um estressor deve passar pela avaliação do sujeito que fará toda diferença, pois a resposta depende, em grande medida, da forma como serão filtradas e processadas as informações sobre os estímulos recebidos. De acordo com a situação, as respostas podem ser específicas ou não estarem disponíveis no momento do evento estressor, com isso o sujeito passa a suportar passivamente a situação estressora. Os recursos a serem mobilizados dependem da escolha do sujeito (LAZARUS, 2007).

Como nos sinaliza Lipp (2004), no Brasil, o estresse não era uma nomenclatura que fazia parte do vocabulário, sendo um conceito pouco conhecido e com significado difuso. Na década de 1980, passou a se tornar mais comumente utilizado e correlacionado com a vida profissional, visto que atividades que requeriam um maior esforço por parte dos sujeitos, possivelmente por produzir tensão e estresse.

Sobre isso Lipp e Malagris (2004), sinalizam que:

Uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, causada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um modo ou de outro, a irrita, amedronta, excita ou confunde, ou mesmo que a faça imensamente feliz. (P. 477)

Nesse caso, portanto, o estresse envolve o processo de adaptação às ações internas e externas. As ações internas referem-se ao modo como as ações externas serão interpretadas. Logo, essas ações estão ligadas aos acontecimentos do cotidiano. As ações internas são processos individuais, e a interpretação que o sujeito fará desses processos é que trará diferentes resultados em díspares níveis de susceptibilidade para o desenvolvimento das condições (BRITO; FARO, 2016).

2.1.1 Eustresse ou distresse?

Conforme dito anteriormente, o estresse se trata de um mecanismo de defesa do organismo, que precisa se adaptar às diferentes situações e emoções. Cabe salientar aqui que as emoções causam reações diversas com implicações nas estratégias de regulação emocional. As emoções são expressões que vêm acompanhadas de reações rápidas e breves, são respostas a episódios súbitos (BRITO; PONCIANO, 2021). O que vamos discutir agora é que estresse pode ser negativo (distresse) ou positivo (eustresse) e que o corpo produz ambos diariamente, respondendo às emoções e às situações vividas. É a forma como cada sujeito administra suas próprias emoções que define qual o tipo de estresse será atribuído a cada experiência (BIENERTOVA-VASKU et al., 2020).

Selye, muitas vezes, propenso a criar novos nomes e conceitos, embora nem sempre muito consistente em usá-los, introduziu os termos distresse e eustresse no início dos anos 1970 para distinguir se a resposta ao estresse foi iniciada por estressores negativos e desagradáveis, ou fatores estimulantes positivos. Naquela época, ele chegou à conclusão de que a divisão do estresse em eustresse e distresse fornecia uma grande distinção e descoberta relevante não apenas para a comunidade de pesquisa relativamente pequena, mas também para o público em geral, e publicou suas descobertas em um livro especificamente focado sobre esse conceito teórico. Neste livro, *Stress without Distress*, passou a enfatizar que o estresse não é o que acontece com o sujeito, mas como ele reage a isso (BIENERTOVA-VASKU et al., 2020).

A ideia básica de Hans Selye, em 1974, era que o estresse negativo, isto é, distresse, sugere que o sujeito experimentaria emoções negativas e efeitos adversos fisiologicamente mensuráveis nos níveis físicos, como a maioria dos fenômenos psicossomáticos, enquanto o estresse positivo ou eustresse o estimularia para se sentir feliz ou motivado (BIENERTOVA-VASKU et al., 2020). Em se tratando do distresse, no que diz respeito ao estado de desgaste do sistema adaptativo, marcado por sintomas de depressão, ansiedade e aparições somáticas, em que as saídas de ajustamento mobilizados pelo sujeito para lidar com o elemento estressor não

foram capazes de fornecer a adaptação, fracassando em restaurar o estado de homeostase física e mental (FARO, 2015). Como decorrência, o distresse faz alusão à condição de vulnerabilidade do sujeito ao adoecimento procedida do excesso de sobrecarga adaptativa, sendo, também, percebido como sofrimento psicológico provocado pelo estresse e facilitador para o aparecimento de doenças (FARO, 2015).

No que diz respeito ao eustresse, este reflete até em que uma situação ou evento é avaliado cognitivamente como podendo favorecer o sujeito ou melhorar o seu bem-estar (resposta positiva), sendo esperado que a maioria das situações de tarefas evoque um conjunto misto de respostas positivas e negativas. No entanto, essas respostas são autônomas, distintas, multivariadas e, na sua essência, potencialmente interativas (FONSECA; JORDÃO, 2014). Assim, não é compreensível que seja assumida a apresentação de eustresse através da simples advertência de ausência de distresse.

Por conseguinte, a avaliação independente do *eustress* torna-se basilar para uma melhor compreensão do conceito, o que permitirá compreender as estratégias que potenciam experiências de estados psicológicos positivos decorrentes de situações e eventos estressores, promovendo, assim, o bem-estar nas relações familiares. Isso posto, discorreremos adiante sobre o estresse nas relações familiares e discutimos também se famílias de diferentes classes sociais são afetadas de modo diferente por eventos estressores (FONSECA; JORDÃO, 2014).

2.2 O estresse e o ciclo da vida das famílias

Mussumeci e Ponciano (2016) apontam que devemos estudar e pesquisar o estresse numa relação biológica, psicológica e sociológica. Para as autoras, essas perspectivas são recíprocas e estão associadas entre si. Nesse sentido, torna-se primordial analisar o estresse em um processo integrativo que abranja esses três pilares. Isso se deve ao fato de que o foco principal de estudo se encontra na observação do organismo, da personalidade e do contexto em que ele está inserido. A dimensão biológica é responsável pelo funcionamento do corpo, pois se constitui de sistemas glandular, cardiovascular, gastrointestinal e outros. A dimensão psicológica corresponde aos afetos, emoções, intelecto e tudo que está relacionado à personalidade do sujeito. No que se refere à dimensão social, trata-se das crenças, dos valores, das expectativas e dos relacionamentos cotidianos (MUSSUMECI; PONCIANO, 2016; 2018; 2019; ORIGA, 2019; MCEWEN; AKIL, 2020).

Selye discutiu estresse biológico na Síndrome Geral de Adaptação, mas sua equipe estudou o estresse psicológico e social. Desse modo, faz-se necessário olhar para essa

perspectiva interdisciplinar do estresse, enfatizando as particularidades da interação entre funcionamento do sujeito socialmente, psicologicamente e biologicamente. Com isso, priorizamos a capacidade de adaptação individual e relacional (LAZARUS, 2007; MUSSUMECI; PONCIANO, 2016) para, assim, entender a relação entre o estresse e a dinâmica familiar.

Quando pensamos família, tendemos a enxergar um território conflituoso, pois, apesar de ser um local onde experimentamos nossas primeiras relações, também pode ser um lugar de muitos conflitos e estresse. Isso porque a família de origem orienta a formação do padrão comportamental que o sujeito irá seguir ao longo de sua vida, podendo contribuir até na forma como ele irá desenvolver seus relacionamentos amorosos (MUSSUMECI; PONCIANO, 2016). Assim, fica difícil não associar a relação conjugal com a família de origem, porque os padrões familiares e o contexto em que a família está inserida são fatores importantes para a construção da identidade do casal.

McGoldrick e Shibusawa (2016) indicam que, na família, o estresse acontece de duas formas: vertical e horizontal. Na forma vertical, o modo de se relacionar e funcionar tem a ver com o que foi repassado para a geração futura, especialmente se houver triangulação emocional, contexto em que três sujeitos estão envolvidos: os membros do casal e mais uma pessoa. Nessa perspectiva, a família pode ser vista como um triângulo completo ora rígido e fixo fiel, ora flexível e cheio de nuances (BOWEN, 1978). Assim, a forma vertical abrange as heranças, os rótulos, os interditos, bem como as expectativas familiares.

No que se refere a forma horizontal, o estresse é causado pela ansiedade advinda da família de origem, incluindo as mudanças no ciclo de vida e os eventos previsíveis e imprevisíveis (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; SOARES; COLOSSI, 2016). O nível de estresse gerado na verticalidade e na horizontalidade é o que motiva como a família dirige as transições no decorrer do ciclo de vida. Mussumeci e Ponciano (2016) nos advertem que toda mudança normativa é passível de ser estressora, mas, quando o estresse horizontalizado faz intercessão com estresse verticalizado, acontece um aumento expressivo de ansiedade no sistema familiar. As autoras alertam que, quanto maior a ansiedade na família, mais complexa e desadaptada é a fase de transição de uma fase do ciclo vital para outra.

Podemos compreender que o modo que a família vai funcionar, os estresses e a herança da família de origem têm influência significativa no sistema familiar, visto que cada família que se forma é uma síntese de duas famílias diferentes. Quando pensamos isso no contexto do recasamento, essa compreensão acerca da família de origem se mostra extremamente relevante, considerando a complexidade da origem de uma família recasada.

No recasamento, uma nova família é formada, porém não acontece de forma gradual. O casal recasado não dispõe de privacidade, e o tempo não favorece uma adaptação da vida comum, pois os filhos da relação anterior, de um ou ambos os parceiros, que já estão ali convivendo, bem como demandando atenção e cuidados, ao mesmo tempo em que a díade conjugal está se formando. Os desafios e as dificuldades que o casal enfrenta no ciclo de vida conjugal acontece ao mesmo tempo que constroem a relação parental; isso é um gerador de estresse na família recasada. Dessa forma, a maneira como os membros da família lidam com o estresse causado por essas transformações pode ou não proporcionar bem-estar e qualidade nas relações familiares, sejam conjugais ou parentais (ZELL et al., 2018).

Em uma pesquisa que objetivou compreender a percepção sobre o divórcio e o recasamento dos seus pais, apontou-se que é de suma importância considerar a coparentalidade após a separação conjugal para que haja um suporte social e emocional na relação que os filhos irão estabelecer com seus padrastos e madrastas. Além disso, o estudo também trouxe como resultado que a participação da família ampliada tem grande relevância (VIEIRA et al., 2019).

Temos percebido que, na última década, alguns trabalhos apontam para a importância entre suporte social dos membros familiares e qualidade conjugal, revelando que a boa relação na família de origem pressupõe uma boa construção na qualidade conjugal e parental de família recasadas (ALVES; ARPINI, 2017). Os fatores de maior estresse no recasamento encontram-se na família de origem, no divórcio e na construção de relações da nova família. Alves e Arpini desenvolveram um estudo que foi publicado em 2017, que teve como objetivo investigar o estabelecimento da nova relação conjugal e os conflitos vivenciados a partir do recasamento. Nesse sentido, apresentaram como resultado um debate que corrobora para nossa argumentação de que o apoio social ofertado pelos membros das famílias de origem pode colaborar para estabelecer relações menos conflituosas na família recasada. As autoras discorrem, ainda, sobre o fato de uma família recasada ter conflitos não está necessariamente ligado ao fato de ser uma família disfuncional, mas ao fato de ser uma família que necessita de maior flexibilidade para que haja satisfação entre seus membros (ALVES; ARPINI, 2017).

As pesquisas descritas acima nos advertem que a dificuldade em estabelecer limites conjugais a parentais na família recasada gera diversos momentos estressantes, podendo desencadear sérios problemas e prejuízos para os membros família (CAVALHIERI et al., 2017).

2.3 Níveis de estresse na conjugalidade e na parentalidade

Numa revisão de literatura desenvolvida por Silva e Ponciano (2021), as autoras sinalizam que alguns fatores podem ajudar a aumentar os níveis de estresse numa relação conjugal e parental. Inicialmente, as autoras citam que os casamentos nos quais ocorrem algum tipo de agressão tende a ter um aumento significativo de estresse, relações que não há diálogo tendem a ser mais tensas e provocam um estresse elevado. Quando há diálogo, além de oportunizar que os casais possam conter seu estresse e reduzir as agressões pode auxiliar na melhoria da convivência.

Nesse sentido, os casais que adotam comportamentos predominantemente negativos experimentam maior nível de estresse e tendem a avaliar o casamento de forma negativa. Os casais felizes evitam se envolver em situações que sejam mais estressoras, buscando uma regulação emocional para o positivo (HAMMETT et al., 2018; OGOLSKY et al., 2019).

Silva e Ponciano (2021), indicam que, em se tratando da parentalidade, devemos nos atentar para toda mudança geradora de estresse na família. Podemos apontar o nascimento de um filho e a entrada do filho na adolescência como fases que podem causar um nível bem alto de situações estressantes (FEINBERG et al., 2010; ROY et al., 2019). Os pais podem encontrar dificuldades de vivenciar boas sensações nas relações, conjugal e familiar, quando os filhos são pequenos, e para lidar com o estresse surgido nos comportamentos mais problemáticos das crianças (ROY et al., 2019). Silva e Ponciano (2021) discutem que as mulheres tendem a buscar apoio afetivo não só em outras mulheres, mas também na família para se sentirem menos estressadas e mais acolhidas em suas angústias. Elas sinalizam que o apoio familiar reforça fatores de resiliência culturalmente relevantes, tais como a espiritualidade.

Um dado importante que pode ser um causador de estresse na dinâmica familiar é o fator financeiro, pois, segundo alguns artigos, a escassez de recursos financeiros pode aumentar o estresse na família. Os pais casados que possuem uma maior estabilidade financeira relatam ter menos dificuldades em arcar com as despesas da casa e dos filhos; por isso, vivem com menos sofrimento, sentindo um maior nível de segurança e de coesão na relação familiar (ROY et al., 2019).

Outro destaque a ser feito na relação parental é a forma como os homens lidam com o estresse quando nasce um filho. Segundo Rusu et al. (2015), os homens que buscam apoio social e familiar conseguem aprimorar melhor a forma como enfrentam o estresse. Um estudo desenvolvido em 2016 descreve que os pais tendem a fazer uso de algumas estratégias para eliminar ou suprimir certos comportamentos dos filhos que são considerados inadequados ou

indesejáveis; enquanto, os comportamentos considerados apropriados, são incentivados e favorecidos, sendo beneficiados de alguma forma (COWAN; COWAN, 2016). Entendemos, a partir desses apontamentos, que a forma como os pais socializam e criam seus filhos pode se tornar uma fonte de estresse parental e, por conseguinte, pode causar danos ao desenvolvimento dos filhos. Em consequência, o estresse surgido na relação parental afeta a relação conjugal (SILVA; PONCIANO, 2021).

O estresse parental se apresenta como uma reação psicológica aversiva às demandas dos papéis de pai e de mãe (BRITO; FARO, 2016). No entanto, muito pouco se sabe sobre os fatores que levam os pais a responderem positiva ou negativamente aos filhos. Contudo, já tem sido observado que pais que respondem negativamente têm um alto nível de estresse ou de fadiga. As pesquisas sinalizam que existe um conjunto de fatores que podem causar estresse na família, como: insatisfação conjugal, sintomas depressivos de um membro familiar, insatisfação na vida profissional e uma distribuição de papéis que não propicia a interação (BUCK; NEFF, 2012; CAVALHIERI et al., 2017). Em relação à insatisfação conjugal, esta pode ser uma fonte de estresse, afetando interações diárias e o relacionamento. Outra fonte de estresse ou tensão para os pais é o nível de insatisfação nas relações de trabalho; há evidências de que as relações de trabalho estressoras afetam a dinâmica familiar e, com isso, emoções negativas podem ser transmitidas aos filhos (BUCK; NEFF, 2012; OGOLSKY et al., 2019). Por último, quando os papéis familiares estão confusos ou não são bem estabelecidos, gera-se uma fonte de estresse e de tensão para a relação pais e filhos (WALSH, 2016).

2.4 Estresse nas famílias com adolescentes

Já discurremos que a nossa sociedade se transforma e que a chegada das tecnologias transforma quase que constantemente o comportamento e as relações entre pais e filhos. Muitas vezes essas relações podem ser caóticas, pois as mudanças ocorrem num curto espaço de tempo e as famílias nem sempre conseguem dar conta de acompanhar tal avanço. Dessa forma, questionamos até que ponto as transformações sociais e na família podem causar estresse. A família é a base para formação do sujeito em muitos aspectos. Na família, o filho aprende o idioma, aprende as regras da moral e cívica, aprende como lidar com os problemas socioculturais, bem como com as formas de ser e de estar em sociedade. A função da instituição familiar é de educar, de norteá-los sabendo que os filhos em fase de desenvolvimento físico e psíquico ainda não definiram o que desejam e almejam para o futuro (DANTAS et al., 2019).

Discorremos que, na família recasada, os conflitos e as transformações não devem ser encarados de forma rígida e estática. Na literatura sobre família, temos visto que fica designado, principalmente aos pais, a função de transmitir não só regras, mas também valores aos filhos e que na família se encontra um “lugar” em que há tanto as grandes sensações de felicidade, quanto muitas frustrações, muitas tristezas, brigas e desencontros, sendo evidente que tudo isso pode gerar estresse (TIMBANE; FERREIRA, 2019).

Na família recasada com filhos adolescentes, podemos compreender que o modo de se relacionar gera uma fonte de conflitos ocorridos na adolescência e que isso influencia o sistema familiar. Nesse contexto, a família experiencia uma fase de adaptação entre duas gerações, muitas vezes os valores e regras estabelecidos pelos pais na infância passam a ser contestados pelos filhos. Para que haja a continuidade no desenvolvimento dos adolescentes em famílias recasadas, é preciso que os pais-mães-padrastos-madrastas tenham mais flexibilidade nas suas fronteiras, não impondo sua autoridade completa, contribuindo para a gradativa autonomia dos filhos (TIMBANE; FERREIRA, 2019).

Os relacionamentos progenitor(a)-filho(a) devem se modificar para que o filho(a) adolescente possa se movimentar de dentro para fora do sistema, estabelecendo relações mais harmônicas e menos estressantes. Por isso, a família recasada com filhos adolescentes precisa se adaptar considerando todas as modificações desenvolvimentais e sua nova estrutura familiar (DANTAS et al., 2019).

Os pais de famílias recasadas têm muitas expectativas em seu recasamento, vendo isso como uma nova oportunidade de ser feliz, como uma nova chance; por isso, desejam que os seus filhos enxerguem da mesma forma. Mas, devemos considerar que a vivência e os parentes do sistema familiar anterior fizeram e ainda fazem parte da construção de identidade do adolescente, sendo assim, para os filhos, é difícil e confuso ter que se desvincular dos genitores e das outros de sua família para se vincular ao padrasto-madrasta. Os membros como pais, avós, tios e primos continuam tendo sua relevância na vida familiar do adolescente, independentemente de sua configuração (THORSEN; KING, 2016).

2.5 Resposta ao estresse

No processo evolutivo, seres vivos passaram por momentos de difícil adaptação e de estresse, que exigiam o acionamento de respostas que poderiam enfrentar tal demanda, bem como selecionar respostas adaptativas. Essas respostas adaptativas se relacionam ao ambiente, cooperando para a sobrevivência e para a reprodução (SOUSA et al., 2015).

Já discutimos anteriormente que conceito de estresse abarca uma apreensão dos mecanismos fisiológicos que geram uma resposta integrada de enfrentamento a situações infaustas que remetemos ao conceito de homeostase. O conceito de homeostase é um conceito clássico desenvolvido por Walter Cannon, pesquisador americano que estudava o aparelho digestório e o sistema nervoso autônomo. Para Walter Cannon, o nosso organismo tem a capacidade de regular o seu equilíbrio dinâmico mantendo estáveis as condições internas por meio de ajustes dos mecanismos de regulação positiva e negativa (SOUSA et al., 2015).

Podemos dizer que o ser vivo é *altamente* desenvolvido e é um sistema aberto que tem muitas relações com o meio, alterando-o, que excitam reações nesse sistema, ou o afetam diretamente, gerando desequilíbrio. Tais alterações são normalmente mantidas dentro de limites restritos, pois ajustes automáticos no sistema entram em ação; portanto, grandes oscilações são contidas, e as condições internas são mantidas praticamente constantes (BRITO; HADDAD JR., 2017). Isso gera um equilíbrio que pode ser usado para indicar essas condições constantes. Esse termo, no entanto, passou a ter a seguinte significação exata: “conforme aplicado a estados físico-químicos relativamente simples em sistemas fechados, onde forças conhecidas são balanceadas” (BRITO; HADDAD JR., 2017, p. 104).

Desse modo, a homeostase pode ser caracterizada como a capacidade de manter a regulação do corpo, e a alostase caracteriza os mecanismos que garantem a homeostase. Alostase é acionada quando a homeostase, de alguma forma, é interrompida. O termo foi cunhado por Peter Sterling em 1988, sendo definida como uma regulação que ocorre quando o corpo é exposto a situações artificiais ou fisiopatológicas. Essas situações criam uma carga alostática, que representa a energia metabólica gerada para regular determinado desequilíbrio. Diferentemente dos sistemas homeostáticos que priorizam a regulação por meio de retroalimentação negativa, os sistemas alostáticos também estacam aos mecanismos de regulação por retroalimentação positiva (SOUSA et al., 2015).

O conceito de alostase expande o conceito de homeostase, conduzindo a uma nova visão sobre a resposta ao estresse. A teoria da alostase baliza que os organismos podem funcionar em distintas condições de ajustes, desde que essas novas condições proporcionem uma melhor adaptação dos organismos ao meio. A demanda para que se estabeleça um novo ajuste pode ser desencadeada por agentes internos (mecanismos genéticos, neurais ou hormonais) ou externos (ambiente físico e social), previsíveis ou não (MCEWEN, 1998). A expansão do conceito de homeostase, a partir da Teoria da alostase de Sterling, indica que o acionamento dos sistemas alostáticos gera uma despesa energética ao organismo, chamada de

carga alostática que, em excesso, pode desencadear doenças físicas e transtornos mentais; esta situação é conhecida como sobrecarga alostática (BRITO; HADDAD JR., 2017).

2.5.1 Resposta ao estresse nas relações familiares

Numa relação conjugal, os conflitos não significam, necessariamente, algo ruim. Isso se deve ao fato de ser um fenômeno inerente aos relacionamentos humanos, podendo ser considerado um evento característico da vida que gera possíveis consequências como, por exemplo, novas oportunidades para o casal. O dia a dia de uma relação conjugal pode propiciar muitos conflitos; um dos desafios da vida a dois é oferecer suporte quando os conflitos surgem. Segundo Mussumeci e Ponciano (2018), a relação conjugal tem potencial para ser vivida como um local seguro para os cônjuges auxiliando com estressores internos e externos, servindo de modelo para novas relações.

É esperado que, mesmo em uma relação considerada boa e feliz, os parceiros enfrentem conflitos conjugais e conflitos parentais. O conflito é inerente à vida e está presente em todos os relacionamentos humanos, uma vez que as relações de interdependência podem favorecer o surgimento e a manutenção de conflitos. Parece paradoxal, mas o conflito é uma condição fundamental para o funcionamento das relações, especialmente a familiar, e tentar negar ou suprimir pode comprometer a continuidade da relação, tanto aumentando a hostilidade entre os membros, quanto prejudicando sua capacidade de adaptação em novas situações (DELATORRE et al., 2017).

O conflito conjugal está remetido a episódios de interação entre os parceiros em certa situação e pode ser definido de inúmeras maneiras; portanto, não há consenso entre os pesquisadores quanto a essa definição. É uma construção de muitas dimensões e interrelações que tem a ver com a ocorrência de interações conflitivas entre os cônjuges. Nessa perspectiva, deve ser observada a intensidade das interações, o conteúdo ou a questão que está acarretando conflito e, por fim, a forma como as interações conflitivas são resolvidas (GOULART et al., 2015). Um conflito pode ser expresso de forma explícita ou implícita no cotidiano familiar, mudando no decorrer do tempo, à medida que as famílias passam por diferentes fases do seu desenvolvimento no ciclo de vida familiar (BOLZE et al., 2017).

Do ponto de vista desenvolvimental, o conflito pode ser considerado uma saída natural para o sistema familiar, uma vez que, nas relações, os conflitos irão aparecer, e a família poderá se deparar com seus limites, fraquezas e fragilidades. Assim, os membros da família podem discordar, conflitar e encontrar maneiras de lidar com suas diferenças e dificuldades. Uma

relação conjugal saudável não é aquela com ausência de conflitos, principalmente nas perspectivas de culturas ocidentais (ALVES-SILVA et al., 2016; BERNARDI et al., 2016., GOULART et al., 2019; KOPROWSKI et al., 2020), mas é aquela em que o compartilhamento é privilegiado, por exemplo as tarefas são divididas, e a educação dos filhos é partilhada, podendo promover o desenvolvimento de relações saudáveis e favorecer o sentimento tanto de segurança quanto de pertencimento dos filhos. Já a ocorrência de constantes conflitos conjugais como um meio de relacionamento familiar, por outro lado, pode ser um fator determinante de estresse. Em tais conjunturas, os filhos podem responder de modo emocionalmente intenso, por meio de atos agressivos e/ou desenvolvendo uma depressão (GOULART et al., 2015).

O estresse pode afetar a relação conjugal de duas maneiras: uma, alargando a percepção negativa da vida conjugal, e outra, limitando a capacidade de percepção em uma situação de estresse. Os cônjuges podem sentir uma redução nas habilidades cognitivas para lidar com conflitos. Com isso, o estresse potencialmente aumenta a percepção de problemas, negativando a relação e limitando o reconhecimento de estratégias para melhorar a relação (RUSU et al., 2015).

Segundo Bodenmann (2005), a degradação conjugal, relacionada ao estresse, acontece por três principais motivos: a redução da comunicação acarretando uma diminuição da interação positiva e aumentando a interação negativa; a redução do tempo em que os parceiros passam juntos, causando um distanciamento dos sentimentos e diminuindo a intimidade; o surgimento de problemas de saúde e, conseqüentemente, de um desgaste na relação devido à doença. O autor aponta que existem casais que têm uma maior capacidade para lidar com situações estressantes, reduzindo os efeitos do estresse e fortalecendo a relação; dessa forma, embrenham-se mais numa parceria e compromisso. Os parceiros que, em conjunto, conseguem utilizar estratégias para lidar com estresse aumentam as chances de estabelecerem uma confiança mútua, melhoram o compromisso e mudam a percepção de si na relação a dois (MUSSUMECI; PONCIANO, 2018).

No ciclo de vida, diversos momentos podem ser encarados como estressores, e os acontecimentos críticos de estresse afetam a família como um todo (WALSH, 2016). A forma como o casal responde ao estresse pode potencializar ou fragilizar a díade, repercutindo na conjugalidade. Uma conjugalidade satisfeita representa uma satisfação na vida e no bem-estar emocional (BODENMANN, 2005). O estresse afeta a relação; conforme a literatura aponta, quando há apoio mútuo, a relação conjugal torna-se mais saudável e eleva o nível de satisfação (WALSH, 2016; BODENMANN, 2005, MUSSUMECI; PONCIANO, 2018). Com isso, os parceiros que lidam com o estresse juntos, têm uma probabilidade maior de aumentar a

percepção enquanto equipe e estabelecer uma relação de confiança mútua (BODENMANN, 2005).

Mas, como é possível lidar com conflitos que geram estresse nas relações conjugais e parentais produzindo bem-estar? Quando os membros do casal sentem bem-estar na relação, consideram-se prontos para enfrentar as adversidades. Isso, porque, o bem-estar de um dos parceiros depende do bem-estar do outro, pois ambos exercem influência mútua, devendo estar motivados para se auxiliarem na resolução de conflitos, utilizando algumas estratégias (COELHO, 2017).

As estratégias de resolução de conflitos podem ser destrutivas e construtivas. As destrutivas dizem respeito a um processo interpessoal que se caracteriza pelas ameaças, negligências, desconfianças, rivalidade, hostilidade e competição. As construtivas dizem respeito a um empenho de ambos os cônjuges para resolver os conflitos de modo que consigam entrar em um acordo. Desse modo, os parceiros buscam ouvir um ao outro em um diálogo (FREITAS, 2017).

Resolver conflitos é uma forma de lidar com estresse causado pela tensão das situações conflitivas. Mesmo associando o estresse a consequências negativas, a resposta ao estresse é de suma importância, pois é adaptativa e torna-se responsável pela existência dos sujeitos. A resposta ao estresse pode ser nos seus aspectos biológicos, sociais e psicológicos (COELHO, 2017). No que se refere ao biológico, pode ser considerada uma resposta fisiológica e comportamental, também é conhecida como enfrentamento. Na perspectiva social, a resposta ao estresse pode atuar como promotora de bem-estar, caso o sujeito encontre o suporte social necessário para sair da crise. O suporte social aciona emoções positivas. Na perspectiva psicológica, a resposta ao estresse pode proporcionar maior compreensão, aceitação e resiliência (COELHO et al., 2015).

2.6 Bem-estar: as famílias podem viver bem apesar dos conflitos e do estresse

Antes de dissertar propriamente acerca do bem-estar, é importante esclarecer algumas questões sobre a Psicologia Positiva, pois esse conceito que abordamos agora tem sua fonte nessa corrente da Psicologia. Trata-se de uma busca de compreender interna e externamente a vida dos sujeitos, bem como de analisar como as emoções consideradas positivas afetam o equilíbrio mental, influenciando o desenvolvimento do potencial humano (CAVALHIERI et al., 2017). Seligman (2004) aponta que a Psicologia se voltou demasiadamente para as doenças, deixando de lado a sua missão que, segundo o autor, é facilitar a vida e torná-la mais eficaz e

feliz. Devemos destacar que a Psicologia Positiva não nega a existência do sofrimento e, tão pouco, o fato de que esses sofrimentos devem ser encarados com profunda seriedade e tratados de forma adequada. Esta abordagem da Psicologia visa a apontar para um equilíbrio entre os problemas enfrentados pelos sujeitos e o reconhecimento de suas potencialidades e virtudes, por meio de estudos científicos que investiguem os aspectos positivos do seu desenvolvimento (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2011).

A Psicologia Positiva dedica-se ao conhecimento, à análise e à facilitação dos aspectos positivos da vida e do prazer, bem como, do arrefecimento daquilo que é considerado negativo. Essa abordagem da Psicologia reconhece, como um dos seus principais pontos, a pesquisa das experiências singulares, englobando o bem-estar (LEDERMANN et al., 2010). Uma das perspectivas, a do Seligman (2004), afirma que o bem-estar pode ser entendido de duas formas: uma que inclui sentimentos positivos como êxtase e conforto; bem como outra que inclui atividades positivas, tais como, dedicação e absorção. O autor discute, ainda, que a busca pela felicidade e pelo bem-estar deve ser um exercício diário, feito de forma dedicada, gentil, original, com humor, otimismo e generosidade.

O valor conceitual do bem-estar para Psicologia Positiva pode influenciar a maneira como nos enxergamos os outros que pode resultar em maior satisfação para nossas vivências, assim como para o relacionamento com nossos pares (DIENER; BISWAS-DENIER, 2002). Torna-se importante, cada vez mais, conhecer os aspectos relacionados a esse tema, pois a busca do bem-estar é a do desenvolvimento psicológico. É a partir disso que os sujeitos lutam por seus ideais, visando a atingir seus objetivos. As experiências que cada um tem na sua família estão ligadas à forma e à capacidade de gerar o bem-estar, mas isso nem sempre acontece de modo satisfatório. Para que possamos nos manter saudáveis, é de suma importância que haja equilíbrio entre o planejado e o possível de ser conquistado (PASSARELI; SILVA, 2007).

Diener (1984) afirmou que as pessoas que desenvolvem bem-estar são propensas a ter mais amigos, tanto casuais, quanto íntimos. O autor relatou também que essas pessoas permanecem casadas por um maior período e participam de atividades de grupo com mais frequência. Todos esses fatores indicam uma facilitação de contatos sociais. A procura pelo bem-estar é uma mola propulsora para o desenvolvimento humano, e o sujeito busca atingir seus objetivos para o seu alcance. Segundo Shimoguri e Serralvo (2017), o aprimoramento da capacidade de estabelecer bem-estar está diretamente ligado às vivências precoces na família. Apesar de ter uma complexidade e de passar por mudanças contínuas em sua composição, a família também tem potenciais para lidar com os fatores estressores e obter bem-estar. Essas mudanças são significativas, podendo ser observadas na transição do núcleo familiar intacto

para diferentes arranjos familiares ou até no mesmo núcleo familiar. Algumas pesquisas apontam que essa transição de um modelo de família para outro modelo requer dos seus membros uma acomodação às mudanças de relacionamento, de papéis e de estrutura. Esse processo de passagem se caracteriza, na maioria das vezes, como um momento de crise, marcado por grandes conflitos (COSTA; DIAS, 2012).

A Psicologia e outras áreas das Ciências Humanas vêm discutindo e pesquisando as mudanças que estão ocorrendo na família, principalmente, nas últimas décadas. Atualmente, a visão do casamento aponta para um movimento paradoxal que consiste no fato dos sujeitos continuarem se casando a despeito das separações (COSTA; DIAS, 2012). No sistema familiar, um bom diálogo entre seus membros, associado a bons níveis de bem-estar dos seus integrantes, pode propiciar melhores formas de se relacionar. Entretanto, a falta de suporte da família para as necessidades dos seus membros, principalmente os filhos, será tão ou mais prejudicial para o bem-estar destes quanto a presença do conflito conjugal (ARSEGO; MORALES, 2018). Ao considerar o bem-estar psicológico nas famílias, a qualidade conjugal é mais pobre quando se tem filhos, pois é adicionada uma maior complexidade na relação familiar (ROLHAS, 2016).

A capacidade que a família tem para lidar com fatores estressantes está intimamente ligada com suas experiências mais precoces que acontecem no seio da família, conforme mencionamos anteriormente. Essa capacidade é fundamental na elaboração de estrutura familiar mais saudável e na construção da saúde emocional dos seus membros. Desse modo, quanto mais a família consegue lidar com o estresse, mais estabilidade emocional seus membros podem adquirir. No entanto, devemos ressaltar que a família como promotora de saúde emocional e facilitadora de uma boa convivência não é aquela em que não há conflitos. O potencial para o bem-estar encontra-se na possibilidade que o sistema familiar tem de desenvolver alternativas para resolução de conflitos e conseguir amenizar ou controlar os efeitos destrutivos (ARSEGO; MORALES, 2018).

Aspectos relacionados ao bem-estar psicológico dos membros da família padecem, constantemente e principalmente, de influências das mais diversas situações experimentadas. Os bons níveis de saúde de uma família, na maioria das vezes, encontram-se relacionados a núcleos que propiciam a expressão de fatores considerados negativos tanto quanto os de fatores positivos (PONCIANO, 2016). Com a possibilidade de novos arranjos familiares, gradativamente, o conceito de família tem-se modificado, provocando, como isso, um processo de assimilação e construção de novos valores. Essas mudanças podem ser observadas, por exemplo, na família recasada. As pesquisas apontam que essa transição de família casada para recasada exige das pessoas um tempo de adaptação aos novos papéis, à estrutura e, também, às

demandas oriundas de fora da família. Essa transição pode ser encarada como uma fonte de conflitos (NAIFF; SILVA, 2017).

Quando pensamos essas mudanças em uma família recasada que possui filhos, esse processo chega a ser mais conflituoso ainda, devido à situação de rivalidade e oposição frente a chegada do novo membro. Isso se deve ao fato de que várias adaptações são necessárias para o estabelecimento dessa nova estrutura familiar. Contudo, apesar dessa alta complexidade nas relações, o processo de construção afetiva da família recasada não precisa necessariamente ser conflituoso a ponto de categorizar essa família como disfuncional. Afinal, a plasticidade das relações pode gerar recursos saudáveis que auxiliem as famílias a lidarem com os conflitos e gerar bem-estar. Com isso, é notável que as dificuldades no funcionamento familiar de uma família recasada não estão, necessariamente, relacionadas somente a sua composição, mas também à qualidade das relações que são estabelecidas entre os membros. No entanto, papéis bem definidos com fronteiras flexíveis são essenciais para o funcionamento familiar saudável (COSTA; DIAS, 2012).

Minuchin (1974) disserta sobre a importância do diálogo nas relações familiares. Segundo o autor, o bem-estar na família com filhos, principalmente adolescentes, fica, muitas vezes, ruim devido à falta de entendimento dos problemas e da comunicação. Isso, pois, pesquisas indicam que os filhos adolescentes percebem as relações mais conflituosas e, nesses casos, reconhecem um pior nível de bem-estar (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016). Dessa forma, no recasamento, a boa comunicação entre os membros da família tem sido associada aos níveis de bem-estar entre madrastas, padrastos e enteados adolescentes (DANTAS et al., 2019; PIOVANOTTI; DUQUE, 2018).

Se os conflitos, então, forem elaborados de forma a se construir um ambiente familiar que favoreça a confiança, o afeto e cuidado, isso pode facilitar o desenvolvimento de relações solidárias que favoreçam os recursos para estabelecer uma convivência harmoniosa. Na situação do recasamento, é importante estabelecer vínculos afetivos e sentimentos de pertencimento de todos os envolvidos na família. Os membros da família devem cooperar para que as adaptações necessárias sejam feitas, gerando aspectos positivos nas novas relações (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016).

Devemos salientar que o bem-estar familiar está associado ao manejo que os genitores e os demais membros da família farão para a efetivação de uma maior flexibilidade e uma maior disponibilidade para dialogar. Os pais devem favorecer o acesso dos filhos aos seus novos parceiros para que eles se sintam acolhidos e pertencentes ao novo núcleo familiar. Apesar do recasamento ocasionar alterações significativas na estrutura física, na rotina e na dinâmica da

casa, os membros da família podem encontrar aspectos positivos (WARNER; KELLEY-MOORE, 2012).

O recasamento, portanto, pode ser uma fonte de bem-estar se houver uma interação que favoreça a relações dos componentes da família. É necessário que haja uma adoção parental e uma tessitura que abarque os filhos, assim como uma coparticipação por parte dos padrastos/madrastas que estejam dispostos a criar um novo sistema. A literatura sinaliza que é possível estabelecer relações satisfatórias na família recasada. O grande desafio está em desmistificar que o processo de recasamento é predominantemente de sofrimento, trazendo consequências negativas para seus membros (PASLEY; GARNEAU, 2016).

Percebemos que as relações familiares apresentam sofrimento e alguns desajustes; no entanto, faz-se necessário entender a família a partir de seus laços culturais e de seus organizadores sociais que influenciam a dinâmica familiar, pois a sua constituição não acontece de forma unidimensional, ou seja, somente por suas características internas. Estudando a família, nos diferentes contextos, devemos considerar suas múltiplas facetas e modos diversos de organização, além da dinâmica entre seus membros. Com isso, é possível notar que cada membro da família tem uma forma de se organizar enquanto subsistema, e o sistema como um todo é capaz de lidar com seus dilemas e estresse. Assim, é possível que as famílias tragam inovações em suas interações cotidianas, buscando apoio em sua rede social e gerando bem-estar no dia a dia (SILVA; PONCIANO, 2021).

2.6.1 Família de diferentes classes sociais

Nas últimas décadas, o conhecimento acerca das desigualdades na vida familiar tem crescido vertiginosamente. A sociologia vem se debruçando em estudar e pesquisar sobre as desigualdades na vida das famílias; mas, mesmo assim, o debate persiste, especialmente no que diz respeito à transmissão das vantagens e desvantagens de classe para a formação de famílias e criação dos filhos (HJALMARSSON, 2018). Sobre tal questão, é preciso questionar se aspectos disparez da vida familiar podem apresentar significativos padrões que marquem uma diferença na construção da família recasada de acordo com sua classe social. Com base nisso, temos, a partir de Lareau (2007), que, com “pequenas evidências”, a classe social não difere de forma evidente quanto aos estilos parentais, nem quanto ao envolvimento dos pais com os filhos, no que se refere a aspectos comportamentais.

Apesar de fazer essa afirmação a autora propõe em sua pesquisa questionar se a classe social não causa diferenças no comportamento dos pais e na rotina diária dos filhos. Além disso,

discute de forma empírica que a classe social cria, sim, estilos parentais distintos. Demonstra também que os pais de diferentes classes veem seus papéis na vida dos filhos de forma diferente, assim como percebem distintamente o desenvolvimento dos filhos. Segundo Lareau (2007), as famílias de classe média, tanto brancos como negros, tendem a se organizar para dar um futuro aos filhos. As famílias matriculam seus filhos em diversas atividades, respeitando a faixa etária, as quais dominam a rotina familiar e demandam um grande esforço, especialmente para as mães. Elas acreditam que essas atividades são uma forma de transmitir aos filhos habilidades importantes para a vida.

Já as famílias negras e brancas das classes trabalhadoras e pobres ressaltam a importância do desenvolvimento natural dos filhos. Essas famílias acreditam que, desde que ofereçam suporte emocional, alimentação e segurança, seus filhos irão se desenvolver e ser bem-sucedidos. Comparados aos filhos da classe média, os filhos das classes trabalhadoras e pobres participam de poucas atividades direcionadas, têm mais tempo livre e ligações mais enriquecidas e aprofundadas com seus familiares. Essa pesquisa aponta para as contestações de classes sociais nos valores dos pais, mostrando que há diferenciação no que se refere ao comportamento dos filhos e a forma de criação (LAREAU, 2007). Em uma pesquisa realizada em 2015, pode-se observar que, com a elevação da renda, é possível minimizar o impacto do estresse na vida dos sujeitos e, especialmente, na vida das famílias, indo além do *status* social, pois isso robustece a compreensão de que o progresso nas condições socioeconômicas de uma população age como peça fundamental para atingir melhores níveis de saúde em geral (FARO, 2015).

Devemos compreender as relações familiares e o desenvolvimento dos filhos, considerando suas condições socioeconômicas. Há que se considerar a influência das condições socioeconômicas na forma como os adolescentes e os jovens na adultez emergente irão se desenvolver, pois suas escolhas passarão por provações econômicas, sociais e familiares e esses fatores irão ser perceptíveis no desenvolvimento. A independência e a busca por autonomia estão atravessadas em como se estabelece a relação familiar, bem como as socioeconômicas. Nesse sentido, filhos que têm pais que possuem nível superior, desempenham funções e posições de maior prestígio possuem maior probabilidade de ocuparem posições parecidas a dos seus pais e terem melhores salários (PONCIANO, 2021).

A condição socioeconômica é um dos fatores que devem ser considerados para explicar o impacto social dos piores níveis de saúde mental, inclusive o estresse elevado, nas camadas mais pobres da população. Embora a renda não reflita completamente o impacto do *status*

socioeconômico sobre o estresse, ela representa uma variável significativa na quantificação da exposição e na ativação dos recursos psicossociais de adaptação.

Uma das explicações para tamanha importância se encontra na noção de privação relativa (DRAPEAU et al., 2012). Trata-se de um processo pelo qual a pessoa compara sua vida com a de outros a quem considera como pares em um dado contexto social; uma identificação de posição socioeconômica que ocorre por conta de sua percepção de posição social subjetiva (DRAPEAU et al., 2012; BEATTY; LAMBERT, 2013). Nessa lógica, a renda poderia funcionar como um moderador do impacto da posição social, de acordo com percepção do sujeito, a partir disso gerar estresse ou não. Nesse sentido, o *status* socioeconômico pode ser um parâmetro para avaliação de privação, acarretando estresse (FARO, 2015).

Em um estudo realizado em 2021, foi constatado que crianças cuja família enfrenta dificuldades financeiras, durante a adolescência, apresentam uma menor autoestima, maiores níveis de angústia, mais problemas tanto sociais quanto emocionais, são mais sensíveis e tem pensamentos mais negativos em relação aos outros (BAI et al., 2021). Como resultado, os pesquisadores observaram que além do ambiente familiar afetar a autoestima, os níveis de estresse percebidos também variam amplamente entre as famílias, ou seja, as famílias pesquisadas percebiam esses efeitos de forma diferente. Foi utilizada a escala “*Family Stress Model*” (FSM) e foi verificado que o fator econômico gera um estresse que vai afetando o desenvolvimento do adolescente, influenciado pelas emoções negativas dos pais. Adolescentes pertencentes às famílias com dificuldades financeiras estão mais predispostos a serem expostos a relacionamentos familiares negativos e conflituosos, bem como mais propensos a futuros relacionamentos estressores, colocando-se em maior risco de emoções negativas e desenvolvendo não só uma maior hostilidade, mas também um maior desajuste emocional e social (ZELL et al., 2018; BAI et al., 2021).

Em alguns estudos, percebemos a descrição de que toda mudança na família gera estresse. Sinaliza-se que a vida conjugal é dinâmica e está em constante mudança, indicando que os cônjuges precisam aprender a lidar com as tensões do seu cotidiano (BUCK; NEFF, 2012; OGOLSKY et al., 2019). Nesses estudos, podemos perceber que há um interesse de investigar o impacto do estresse no relacionamento conjugal e como o casal faz o gerenciamento do estresse que pode se tornar presente em qualquer casamento. Afinal, esse fenômeno é inerente ao ser humano, visto que a vida é marcada por tensões em diferentes fases. O nascimento dos filhos, por exemplo, deflagra os conflitos e leva a reações agressivas, conforme mencionamos anteriormente (HAMMETT et al., 2018).

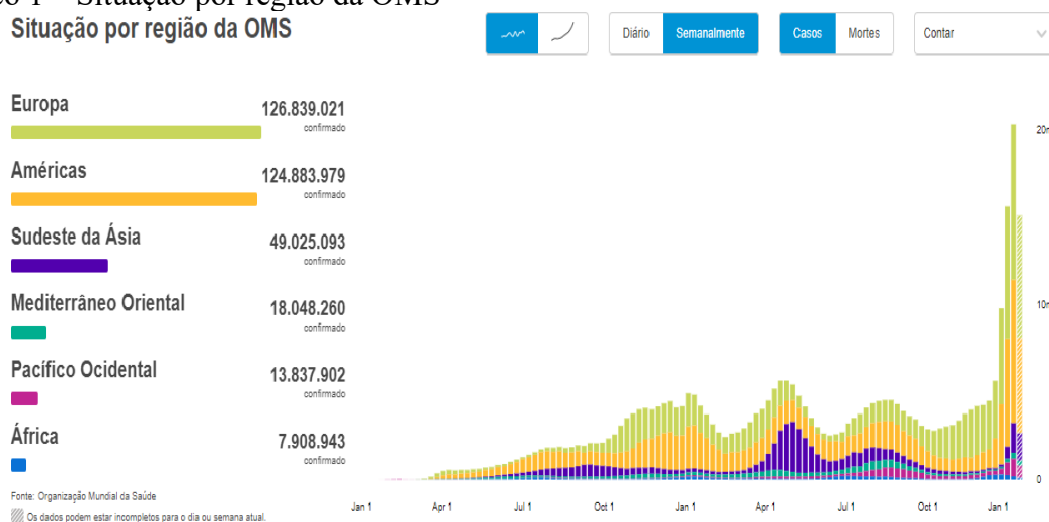
Conforme nos adverte Arsego e Morales (2018), o estresse pode ser considerado por um dos membros da família como a incapacidade de “ser feliz”; além disso, tal percepção faz parte do contexto em que vivem. No seio familiar, as causas mais comuns do estresse são as mudanças de vida, pressão, estresse crônico, aborrecimentos, frustrações, conflitos, fatores econômicos, dentre outros (PONCIANO, 2017; MUSSUMECI; PONCIANO, 2019). Cabe pensar em como as famílias podem lidar com tantos fatores causadores ou potencializadores do estresse vivido em experiências familiares anteriores.

2.7 Estresse na pandemia

A pandemia do COVID-19 foi notificada em 2019 pelo governo da China e causou um abalo mundial afetando toda a população em proporções desastrosas. Trata-se de uma situação potencialmente estressante, considerando a contenção da doença, a disseminação do vírus, as medidas de prevenção, assim como os fortes impactos políticos, sociais e principalmente econômicos (ENUMO et al., 2020; LIANG, 2020).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022), até o dia 21 de janeiro de 2022, havia 340.543.962 casos confirmados de COVID-19, incluindo 5.570.163 mortes, relatadas à OMS. Em 19 de janeiro de 2022, um total de 9.571.502.663 doses de vacina foram administradas (ver **Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Enquanto no Brasil, até o dia 21 de janeiro de 2022, houve 23.416.748 casos confirmados de COVID-19 com 621.855 óbitos, relatadas à OMS. Em 14 de janeiro de 2022, um total de 322.600.000 doses de vacina foram administradas.

Gráfico 1 – Situação por região da OMS
Situação por região da OMS



Fonte: Gráfico retirado do site da OMS no dia 22/01/2022.

Como ficam as famílias na pandemia? As famílias brasileiras tiveram suas relações balizadas por encontros e desencontros de informações na pandemia em diferentes esferas governamentais, nacionais e internacionais. Muitas notícias falsas foram veiculadas (*Fake News*) pelas redes sociais e causou, em muitos momentos, rompimentos e afastamentos entre os membros da família. Ao mesmo tempo em que muitas famílias seguiram as medidas de distanciamento social ampliado, aderindo o trabalho remoto, outras não aderiram a essas medidas por não acreditarem no nível de mortalidade do vírus ou por não poderem parar de trabalhar por motivos econômico-laborais (PIZZINATO et al., 2020).

Desde o surgimento a pandemia, alguns estudos têm sugerido que o desenvolvimento da COVID-19 se diferencia de acordo com a raça/cor, a etnicidade e os níveis de escolaridade e a classe social (BATISTA et al., 2020). No estudo proposto por Batista et al. (2020), o índice de mortalidade entre pessoas pardas e pretas foi de 54,8%, em maio de 2020. Por outro lado, esse índice foi de 37,9%, entre as pessoas brancas. Os índices de mortalidade também foram maiores em pessoas com menor nível de escolaridade e de poder socioeconômico, sendo de 71% entre pessoas sem escolaridade e sem renda fixa e de 22,5% entre pessoas com nível superior e com renda fixa (BATISTA et al., 2020). Desse modo, uma pessoa parda ou preta sem escolaridade pertencente a uma família com baixo poder aquisitivo teria quatro vezes mais chance de morrer em decorrência da COVID-19 em comparação a uma pessoa branca com nível superior e pertencente a uma família com maior poder aquisitivo (FERRANTE; FEARNside, 2020). Nessa perspectiva, a pandemia evidenciou a histórica desigualdade socioeconômica de nosso país (SILVA et al., 2020).

Em uma outra pesquisa elaborada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2020) com 44.062 brasileiros de diversas regiões do país, no período entre abril e maio de 2020, 55,0% dos participantes mencionaram uma redução na renda familiar. 11,1 milhões de brasileiros (16,0%) perderam o emprego, sendo que as mulheres foram as mais prejudicadas, juntamente com pessoas de baixa escolaridade (HECKSHER, 2020). Prevê-se que o impacto econômico chega a ser duas vezes maior em pessoas de baixa renda e baixa escolaridade (MOREIRA, 2020).

Percebemos que a pandemia pode ter causado mudanças no funcionamento das famílias e são mudanças que repercutem macro estruturalmente em se tratando de relações, de trabalho e de economia. A dinâmica familiar pode ter sido alterada e sua rotina também, a rede de apoio ficou fragilizada devido ao distanciamento e ao número elevado de óbitos de pessoas queridas (SILVA et al., 2020). Silva et al. (2020) descrevem que esses fatores afetam a saúde

mental da população bem como sua qualidade de vida e casou um alto índice de estresse. Na família recasada, os pais tiveram que se reorganizar para terem o direito de vista aos filhos e ao mesmo tempo se manterem em isolamento.

As repercussões do distanciamento social podem ser ainda mais desafiadoras para as famílias em que a guarda dos filhos é compartilhada, o que consiste em um estressor que se sobrepõe a outros já experienciados nos arranjos de divórcio e recasamento. (SILVA et al., 2020, p. 18)

Os pais que possuem guarda compartilhada precisaram se reorganizar na distribuição dos dias e horários em que ficariam com os filhos. Inclusive, pensando na demanda dessas famílias, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) recomendou que filhos de casais com guarda compartilhada ou unilateral não tenham a saúde submetida a risco em decorrência do cumprimento de visitas ou período de convivência. Algumas evidências empíricas sugerem que, apesar do divórcio não representar fundamentalmente um risco para o desenvolvimento dos membros da família, a soma de outros estressores, como a pandemia, tende a potencializar as implicações negativos sobre os sujeitos e em suas relações familiares (LEBOW, 2020a; 2020b).

Diante do exposto nos dois primeiros capítulos, apresentamos a questão de nossa pesquisa. A dinâmica conjugal e a parental são diferenciadas no recasamento, sendo comumente associadas a dificuldades na convivência, principalmente devido às histórias anteriores de relações conjugais e parentais. Considerando o estresse da transição para o recasamento, somado ao estresse da presença de filhos, principalmente adolescentes, a análise das experiências dessas famílias, que não se limita a uma leitura negativa, é fundamental para considerar o que há de positivo na construção desse projeto de família. Nesse sentido, é preciso validar igualmente as diferenças econômicas e sociais, identificando e analisando famílias de estratos distintos. A partir dessa questão, no próximo capítulo apresentamos nossas escolhas metodológicas e os resultados de nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, abordamos a construção metodológica da pesquisa; dessa forma, procuramos apontar o percurso percorrido e os passos para alcançar os objetivos da tese. Devemos apontar que a metodologia é entendida como um caminho para a construção do processo científico, questionando os limites e as possibilidades para o conhecimento crítico, sendo uma concepção de como se faz ciência e não somente de uma discussão sobre técnicas de pesquisa. Dessa forma, diante de um instrumento a serviço da pesquisa, deve-se considerar a técnica aliada ao debate teórico (MINAYO, 2011).

Nessa perspectiva, o delineamento que utilizamos é o da pesquisa qualitativa, pois o estudo tem o objetivo de explorar o espectro de opiniões, as diferentes significações sobre o assunto em questão (BAUER; GASKELL, 2002). Procuramos fazer uma leitura compreensiva da realidade do recasamento, que considera a dinâmica das relações conjugais e parentais bem como a resposta ao estresse, os efeitos e a construção do bem-estar, reconhecendo as experiências singulares. Nosso intuito é o de contribuir para o fomento das pesquisas sobre o recasamento, destacando as diferenças econômicas e sociais.

Bardin (2008) relata que a pesquisa qualitativa é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas. Desse modo, entendemos que a abordagem qualitativa se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os seres humanos fazem de como vivem, de como constroem seus artefatos e a si mesmos, de como se sentem e pensam (TURATO, 2011). Esse tipo de abordagem, além de permitir a descoberta de processos sociais ainda pouco conhecidos e referentes a grupos particulares, ainda é capaz de propiciar a criação de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e de novas categorias durante o processo de investigação. Dessa forma, esse tipo de estudo propicia um modelo de entendimento complexo de ligações entre elementos, direcionando a compreensão da manifestação de um objeto pelo seu contexto (MINAYO, 2013). Segundo Turato (2011), esse mecanismo é caracterizado pela empiria e pela sistematização progressiva do conhecimento até a compreensão lógica interna do grupo ou do processo estudado.

A pesquisa qualitativa engloba uma abordagem que interpreta o mundo, o que significa que as pesquisas giram em torno de cenários naturais, buscando entender os fenômenos em seus significados, bem como os sujeitos envolvidos. Os atores envolvidos na pesquisa têm uma

importância relevante e acentuada, pois enfatiza os depoimentos, os discursos e os significados transmitidos (DENZIN; LINCOLN, 2006). Podemos dizer, com isso, que valoriza a descrição minuciosa dos fenômenos e dos elementos envolvidos.

Ao discutir as características desse tipo de pesquisa, devemos considerar o ambiente natural como fonte de dados para o pesquisador e a preocupação com o processo, que devem ser maiores ou equivalentes à preocupação com o produto final da pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006). A pesquisa qualitativa tem seu valor, justamente, por verificar aspectos psicológicos, cujos dados não podem ser coletados por outros modos, devido à alta complexidade que pressupõe. Desse modo, ao escolher o método, devemos nos deter em uma conjectura e um posicionamento epistemológico que valorizem a aproximação com a existência humana, ou seja, que cada participante da pesquisa possa construir seu conhecimento de forma subjetiva na relação de pesquisa. Assim, o fenômeno obtido acontecerá pela evocação da reflexão quando o método é aplicado com o objeto e não sobre o objeto, considerando a fala e a contribuição de cada participante (REY, 2005).

Rey (2005) aponta a relevância de se compreender a ligação do método qualitativo com a visão mais ampliada que abarca uma epistemologia qualitativa. Isso significa dizer que o pesquisador deve ter consciência do modo como constrói o saber e não apenas dominar o conjunto de técnicas e procedimentos. A pesquisa qualitativa aponta para a produção de sentido, para a relação interativa entre sujeitos da pesquisa e pesquisador, no interior de um cultivo contextualizado que abrace a uma atitude científica reflexiva para a produção do conhecimento, em um determinado contexto sócio-histórico. Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa é vista com uma opção para expandir e enriquecer a pesquisa psicológica (GOUGH; MADILL, 2012).

3.1 Reflexividade e subjetividade da pesquisadora

Incluir participantes da pesquisa e pesquisadora, em um encontro de múltiplas subjetividades para construção de conhecimento, é o maior desafio da epistemologia qualitativa. Nesse sentido, o manejo da intersubjetividade e o pacto do diálogo explícito ou implícito na relação concernem à importância das alternativas teóricas, metodológicas e éticas que norteiam a pesquisa. A epistemologia qualitativa pondera que o pesquisador pode interferir no objeto pesquisado, sendo relevante compreender as implicações subjetivas dessa intervenção em todo processo da pesquisa. A subjetividade, nesse caso, deve ser entendida como uma construção complexa que vai se costurando nas interações e na história de vida do pesquisador-pesquisado. Com isso, devemos considerar que, desde a escolha do tema de pesquisa até o fechamento da

mesma, a subjetividade do pesquisador se faz presente e em constante atuação (GOUGH; MADILL, 2012).

Em meu percurso como pesquisadora, não é diferente! Bem antes da realização deste projeto, eu estive em um namoro que durou quase dez anos com um homem que havia saído de um casamento e tinha uma filha dessa união. Quando o namoro começou, eu tinha vinte e dois anos e sonhava com um casamento de conto de fadas: véu, grinalda e festa; mas, naquele momento, isso não seria possível, pois meu namorado ainda não havia se divorciado e, mesmo que se divorciasse, eu não teria o meu tão sonhado casamento na igreja. A crença religiosa que eu tinha e a religião que eu frequentava não permitiam mais de um casamento na igreja, e meu atual namorado já havia vivenciado isso. No decorrer do namoro, passamos por muitas crises e conflitos, inclusive familiares. Tanto a família dele quanto a minha não aceitavam que fosse possível uma moça jovem, livre e sem filhos casar-se com um homem 11 anos mais velho e com uma filha ainda bem pequena. A relação durou dez anos, mas foram anos conturbados e difíceis, que causaram muito sofrimento. Saí daquele namoro considerando a relação péssima e me fazendo uma promessa: nunca mais namorar homens que foram casados e menos ainda que tivessem filhos. Naquele contexto, a experiência foi bem desastrosa, com muito estresse e muito conflito.

Um certo tempo depois, comecei a estudar dinâmica familiar e questionar quais possibilidades uma família recasada tem de suportar o mal-estar, lidar com o estresse e viver de forma equilibrada, buscando o bem-estar. Esse foi um questionamento que levei para o mestrado e por diversas questões institucionais não consegui desenvolver. No entanto, ao pensar no doutorado e me candidatar a uma das vagas, decidi retomar essa minha indagação e submeter o projeto. Até cursar uma disciplina, proposta pela minha orientadora, eu não havia me dado conta de quanto a minha subjetividade como pesquisadora atravessava e atravessa o meu objeto de pesquisa. Fui percebendo que minha busca pelo bem-estar no recasamento não havia cessado ali e nem cessaria no desenrolar da minha pesquisa, pois, em 2014, eu me casei, da forma como sonhei, com um homem recasado que tem uma filha de seu primeiro casamento.

Isso me norteou na pesquisa e me deu condições para pensar a maneira como as famílias recasadas lidam com o estresse e buscam o bem-estar. A reflexividade está no próprio modo de pensar do pesquisador e na busca por entender em que circunstâncias ele pode influenciar seu objeto de pesquisa. É uma maneira de pensar crítica que articula os contextos que modulam a forma de fazer pesquisa e, por conseguinte, o conhecimento produzido. O alvo é encontrar as alusões, as probabilidades e os entraves que possam existir na pesquisa e acionar a subjetividade do pesquisador, a partir de um processo reflexivo no decorrer da investigação

(MORIN, 1996), considerando a definição das escolhas metodológicas quanto a uma proposta de compreender as experiências das famílias recasadas, suas respostas ao estresse e busca pelo bem-estar de todos os envolvidos.

3.2 Questão norteadora

A dinâmica conjugal e a parental são diferenciadas no recasamento, sendo comumente associadas a dificuldades na convivência, principalmente devido às histórias anteriores de relações conjugais e parentais. Considerando o estresse da transição para o recasamento, somado ao estresse da presença de filhos, principalmente adolescentes, a análise das experiências dessas famílias, que não se limita a uma leitura negativa, é fundamental para considerar o que há de positivo na construção desse projeto de família. Nesse sentido, é preciso validar igualmente as diferenças econômicas e sociais, identificando e analisando famílias de estratos distintos.

3.3 Objetivos

3.3.1 Objetivo geral

- Compreender, a partir de narrativas que retratam as experiências singulares, as variadas estratégias utilizadas para lidar com o estresse e o modo como as famílias recasadas criam bem-estar.

3.3.2 Objetivos específicos

- Compreender como as famílias recasadas com filhos adolescentes buscam o bem-estar;
- Analisar as variadas estratégias utilizadas pelas famílias recasadas para lidar com o estresse, considerando a conjugalidade e a parentalidade;
- Identificar as variadas respostas ao estresse, considerando diferenças socioeconômicas.

3.4 Método

Nossa pesquisa tem um caráter exploratório a fim de fornecer informações e ampliar a familiaridade com o tema proposto. Uma pesquisa exploratória pressupõe que o comportamento e as relações humanas são mais bem compreendidos no contexto social em que ocorrem. O uso desse desenho de pesquisa visa a permitir o conhecimento do fenômeno em sua espontaneidade e identifica o pesquisador como peça importante na coleta do material e na análise dos resultados (TONETTO et al., 2014). O pesquisador precisa ser cuidadoso em relação à elaboração do instrumento e à amostragem. Deve ser capaz de elaborar um instrumento o mais adequado e coerente com a questão norteadora. Com um bom instrumento, será capaz de suscitar boas perguntas e coletar respostas satisfatórias (YIN, 2016). O estudo exploratório visa a fomentar informações, entender simbolismos e significados; dessa maneira, podemos analisar o resultado de modo a contribuir com a compreensão do fenômeno (GIL, 2008).

Trabalhamos com uma perspectiva construtivista, exploratória, e, por isso, não serão levantadas hipóteses de investigação. No construtivismo, o sujeito é entendido como um ser histórico e social que é responsável por transformar ou manter sua realidade, busca a adaptação atuando na interação entre o racional e o intuitivo; tal interação possibilita a relação do pesquisador com a experiência das pessoas pesquisadas. O pesquisador, mesmo sendo responsável pelo que está sendo investigado e por seu resultado, consegue produzir um estudo participativo mediante uma cooperação coletiva (THOFEHRN et al., 2008). No construtivismo, o rigor e a qualidade da pesquisa dependem da confiança estabelecida e da autenticidade, de modo que todos sejam beneficiados na relação pesquisador-pesquisados. O arranjo construtivista incide em analisar o conhecimento como algo ligado a uma ação que modifica o que está sendo pesquisado e que o alcança por meio das mudanças introduzidas por essa ação. O conhecimento não é visto como algo concebido pelo pesquisador à medida que seu percurso é trilhado, mas como um processo relacional que se estabelece na interação com sua pesquisa e com os temas pesquisados (THOFEHRN et al., 2008; PATIAS; HOHENDORFF, 2019).

3.4.1 Instrumentos

As famílias participantes foram entrevistadas, por meio de um modelo de entrevista semiestruturada, utilizando a técnica da Linha da Tempo e responderam a um questionário sociodemográfico.

3.4.1.1 Ficha de dados sociodemográficos

Coletamos os dados das participantes por meio da ficha de dados sociodemográficos e, a partir desse instrumento, foram elaboradas as tabelas a seguir, que apresentam a região que residem, tempos de separação, tempo de recasamento, escolaridade, quantidade de filhos e situação econômica. Esses dados foram importantes para o acesso ao contexto social e familiar das participantes, trazendo informações relevantes para a análise dos dados da pesquisa.

Um questionário de dados sociodemográficos ajuda a determinar se a pesquisa está atingindo seu público-alvo e se está coletando as informações necessárias de forma eficaz para criar as estratégias de análise de acordo com os objetivos propostos. Essa ferramenta permite apresentar e analisar o grupo entrevistado, o que possibilita conhecer as características demográficas dos participantes e apresentar dados para a discussão dos resultados.

3.4.1.2 A Linha do tempo

A escolha desse instrumento para coleta dos dados ocorre mediante à necessidade de haver um contato mais próximo com os participantes e permitir que eles se sintam dispostos a falar sobre qualquer assunto, sem ressalvas ou sem controle das respostas (BONG et al., 2008). A preocupação com a facilitação da espontaneidade das falas dos entrevistados ocorre pelo fato do tema ser bastante delicado e por envolver tanto emoções como histórias familiares em geral.

A técnica da Linha do Tempo emerge da Teoria da Família Transicional, cujo princípio básico é a crença na competência da família em contextos biopsicossociais, culturais e espirituais, ao longo do tempo. A Terapia Familiar de Transição é projetada para ajudar a família a compreender seus problemas atuais em termos de interações relacionais presentes e passadas, na família estendida, seu sistema de suporte natural e seu ambiente. Essa técnica pode ser particularmente útil como parte de uma abordagem abrangente quando ocorreu estresse prolongado e severo, trauma, abuso ou doença mental. Também é útil após perdas múltiplas ou prematuras, bem como em eventos catastróficos. Além disso, é uma técnica visual e afetiva que permite as pessoas a reconstruírem o passado, vendo tanto o negativo quanto o positivo (PONCIANO; SILVA, no prelo).

Esse processo os encoraja a imaginar a possibilidade de um futuro positivo, quando a memória de um passado negativo fez isso parecer impossível. A técnica pode ser usada em muitos contextos e culturas, porque nossa visão atual de nós mesmos é construída a partir de

histórias de nosso passado. É uma forma de facilitar as narrativas e partilhar os eventos vivenciados, reconhecendo a desenvoltura para lidar com a própria vida. Ver esse fluxo e descobrir que os padrões de problemas atuais começaram como soluções adaptativas e eficazes para problemas passados, mas não são mais relevantes no presente, possibilita à família sentir esperança de que ela pode encontrar soluções mais adaptativas no futuro. Também permite que os membros da família desenvolvam um senso de competência que amplia sua confiança e eficácia para lidar com os problemas atuais (ARSEGO; MORALES, 2018; MCEWEN; AKIL, 2020).

Metodologicamente, a atividade Linha do Tempo ocorre a partir de um desafio: buscar, reunir, organizar e apresentar/narrar as experiências. Os participantes da pesquisa são convocados a mergulharem em suas trajetórias de vida, para resgatarem as vivências mais significativas, gerando representatividade de modo a tornar inteligíveis memórias, lembranças, sensações, momentos, atividades e traumas. Junto com os pesquisadores, podem realizar uma análise crítica, a partir de um texto escrito em que refletem sobre os conteúdos apresentados, tendo a possibilidade de lançar um olhar crítico sobre as vivências compartilhadas no intuito de organizar as informações e perceber as familiaridades entre as atividades, os traumas, os pontos positivos, as questões culturais, os preconceitos, dentre outros (GOLDBERG; BEZERRA, 2012).

O relato de experiência, a partir da linha do tempo, desenvolve a história da família em uma estrutura para a construção de significado. As histórias contadas ao longo do tempo são internalizadas como esquemas familiares para membros individuais da família. Além disso, as histórias de família nos permitem ir além de nossa experiência imediata e interpretar os eventos com um olhar voltado para o futuro. A história é como o fio que tece o passado de uma família dando forma e formando um futuro previsto (TONETTO et al., 2014; POLETTTO et al., 2015).

3.4.2 Roteiro de entrevista

Para os cônjuges:

- Vamos construir uma linha do tempo com os principais acontecimentos na história da família (de dois a cinco). Vocês podem começar pelo evento que acharem o mais importante e, conforme formos construindo a linha do tempo, poderemos avançar ou retroceder no tempo.

- Definido os acontecimentos, descrevam a experiência vivida em torno de cada evento (estresse, estratégias de enfrentamento e resposta ao estresse e resolução das situações).
- Como se sentiram durante e depois dessas situações?
- Separando os eventos que são só do casal dos que envolvem os filhos, como cada membro da família respondeu à situação vivida?

Para os filhos:

- Vamos construir uma linha do tempo com os principais acontecimentos na história da família (de dois a cinco). Vocês podem começar pelo evento que acharem o mais importante e, conforme formos construindo a linha do tempo, poderemos avançar ou retroceder no tempo.
- Definido os acontecimentos, descrevam a experiência vivida em torno de cada evento (estresse, estratégias de enfrentamento e resposta ao estresse e resolução das situações).
- Como se sentiram durante e depois dessas situações?
- Separando os eventos que são só de seus pais dos que são seus, como cada membro da família respondeu à situação vivida?

Para todos:

- Vamos conversar sobre a construção das duas linhas do tempo, que apresentam a história da família.

3.4.3 Procedimentos

Conforme apontado anteriormente, na presente pesquisa, utilizamos entrevista semiestruturada com instruções norteadoras, utilizando a técnica da Linha do Tempo. Gravamos em áudio e vídeo, posteriormente transcrevemos o material coletado. A Linha do tempo também foi analisada em sua forma escrita.

Fizemos as entrevistas em três etapas e dividimos da seguinte forma: a primeira com os cônjuges, a segunda com os filhos e a terceira com a família toda para que pudessem conversar sobre a linha do tempo de cada subsistema familiar. Essa ordem foi escolhida, pois o subsistema parental, considerando o momento de aumento de estresse na relação pais e filhos durante a adolescência, caracteriza-se pela crescente autonomia dos filhos com implicações de mudanças na dinâmica da família (MARQUES; MOURA, 2016); e o subsistema conjugal está

sendo constituído ao passo que está atravessado pela parentalidade já existente (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016).

3.5 Análise de dados

Quanto à análise de dados, optamos por trabalhar com a Análise de Conteúdo, que é comumente definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, que está em constante aperfeiçoamento e que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdo (verbais ou não-verbais). Em relação à interpretação, a Análise de Conteúdo transita entre dois eixos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica astuciosa, que exige do pesquisador disciplina, dedicação, paciência e, principalmente, tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo quando for definir as categorias de análise, jamais esquecendo ou deixando de lado o rigor e a ética, que são fatores essenciais (BARDIN, 2008).

Iniciamos a análise de dados após a realização de 36 entrevistas, conforme a ordem apresentada acima, abrangendo 12 famílias. Após a realização das entrevistas, fizemos a transcrição integral do material coletado por meio de gravação. Realizamos a primeira leitura, de forma fluida (leitura flutuante), e foi feita uma síntese das impressões gerais sobre cada entrevista a partir das propostas metodológicas de Bardin (2008).

Em um outro momento, lemos novamente, de forma mais cuidadosa, com o objetivo de destacar as falas relevantes para a pesquisa e as falas compreendidas como importantes para a pesquisadora. Nesse processo, também foram anotadas, junto às falas, palavras-chave que representavam possíveis categorias para análises seguintes. Desse modo, as palavras-chave representam pré-categorias (BARDIN, 2008).

Cabe destacar que os temas e as categorias foram escolhidos conforme a presença no discurso dos entrevistados, sendo associados à vivência e à exposição de suas experiências, além de considerar o referencial teórico anteriormente discutido. Assim, essa escolha foi demarcada por um critério: o da compreensão a partir da narrativa, dando enfoque ao elemento com maior força narrativa, a partir da leitura da pesquisadora, estando de acordo com uma das possibilidades técnicas de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2008).

3.5.1 Participantes

Em nossa pesquisa, escolhemos trabalhar com casais heterossexuais, sem faixa etária definida, com filhos adolescentes de diferentes estratos socioeconômicos. Devemos assinalar que, nos estudos em Ciências Sociais, é comum afirmar que as famílias diferem de acordo com suas classes sociais constituídas nas relações de produção. Essas questões vêm sendo discutidas desde Engels que afirma que, nas sociedades capitalistas, a família burguesa existe em função da transmissão de herança, já na classe operária a família se constituiu pela necessidade de reprodução e força de trabalho (BILAC, 1981).

Discutimos sobre os conceitos de família, bem como as diferenças econômicas e sociais nos capítulos anteriores, mas devemos ressaltar, aqui, que nosso intuito não é estabelecer uma diferenciação de classe social e, sim, atermo-nos às narrativas trazidas pelas famílias enfatizando como elas se percebem e se identificam. Esclarecemos que o termo classe social vem sendo utilizado de modo genérico, tal como arraigado no senso comum com conotações valorativas, ideológicas e políticas. Cabe-nos salientar que as classes sociais não constituem unidades prontas e já pré-definidas, mas em processo e em constituição histórica. Portanto, são totalidades que fazem, refazem e se desfazem da forma contínua em formações históricas e sociais, sendo determinadas pelo modo com o capitalismo agrupa o modo de produção a outras relações. Desse modo, entendemos que a reprodução social não é mera repetição, mas pode ser considerada como transformação e produção de novas relações (BILAC, 1981). Com base no que foi exposto, em nossa pesquisa, o fator econômico não será um critério para identificação da classe social, pois não é nosso intuito, mas para a discussão acerca do estilo de vida das famílias e da forma como elas se reconhecem e se narram em um contexto socioeconômico.

A organização familiar está repassada por sua inserção social e histórica; além disso, a classe social é considerada um marco para essa organização. Os modos de produção influenciam não só a constituição, mas também o jeito de se relacionar da família no advento capitalista, que supervaloriza as classes mais favorecidas em detrimento das menos favorecidas (ARAÚJO, 2011). No entanto, nas classes menos favorecidas, tem-se um coletivismo maior, uma vez que a cooperação se torna mais presente nas relações. O grupo no qual a pessoa está inserida “tem mais valor do que a própria pessoa, principalmente o grupo familiar” (SILVEIRA, 2006, p. 189).

Nos grupos mais favorecidos, o que predomina é a cultura individualista, o que fica mais evidente é a valorização da autonomia da pessoa e de sua independência, que pode evidenciar uma menor participação na coletividade. Com isso, podemos pontuar que as famílias

de classes populares se constituem pela “lógica de reciprocidade” (SILVEIRA, 2006, p. 189) e as famílias de classe média, pela “lógica do individualismo” (SILVEIRA, 2006, p.189). O estilo de vida de um grupo familiar está ligado à forma das relações estabelecidas.

Entendendo que uma classe social só existe em relação a outra e que devemos estudá-la em seu caráter relacional, escolhemos analisar a expressão das famílias, quanto ao seu entendimento da própria condição socioeconômica. Realizamos entrevistas com 12 famílias, sendo esse número definido pela percepção da pesquisadora e pela verificação de que a saturação teórica ocorreu a partir da sétima família, conforme explicamos mais adiante. Buscamos por famílias recasadas que tenham filhos adolescentes com idades entre 12 e 17 anos, designando uma fase específica do ciclo de vida familiar. Os adolescentes iniciam sua transição para os papéis e responsabilidades da vida adulta, e os pais necessitam corresponder às demandas advindas dessa fase que incluem necessidades cognitivas, afetivas, emocionais, físicas e sociais (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016). Segundo Faria e Ponciano (2016), a adolescência é uma fase de mudanças, principalmente físicas e psicológicas, mas as experiências dela não devem ser encaradas como negativas apesar das dificuldades que advém.

Com isso, realizamos uma entrevista piloto, com o objetivo de descobrir pontos fracos e problemas em potencial da metodologia proposta, para que fossem sanados antes da implementação da pesquisa propriamente dita. Ressaltamos que o estudo piloto contribuiu para que pudéssemos testar, avaliar, revisar e aprimorar tanto os instrumentos como os procedimentos de pesquisa. Reforçamos que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil e recebeu o parecer de aprovado, com número CAAE 36307120.8.0000.5282.

Os participantes foram informados do caráter voluntário da participação e da possibilidade de desistência em qualquer momento. Informamos sobre o sigilo dos dados e apresentamos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), juntamente com uma ficha para a coleta de dados sociodemográficos (Anexo).

Devido à pandemia da COVID-19, realizamos toda a pesquisa por meio remoto (*online*). Inicialmente, propomos utilizar a plataforma *Skype*, mas a maioria das entrevistas foram realizadas pela plataforma *Meet*. Informamos que a entrevista não apresentava riscos para a saúde de nenhum membro da família, mas que podia ser vivenciado um desconforto ou constrangimento e, caso fosse intensa a sensação, era possível desistir ou remarcar uma nova data para darmos continuidade.

Devido ao fato de que a pandemia da Covid-19 registrou 22,35 milhões de casos e 619,5 mil óbitos até janeiro de 2022, não foi possível realizar nenhuma entrevista pessoalmente.

Para captar as famílias participantes, realizamos divulgação em redes sociais (*Instagram* e *Facebook*), pedimos indicação para conhecidos e para as famílias entrevistadas (uma família indicava outra). Enviamos os TCLEs e a ficha sociodemográfica por e-mail e agendamos as entrevistas por contato telefônico ou por via *WhatsApp*. No dia da entrevista, enviamos o *link* por *WhatsApp* ou por *e-mail*. Realizamos as entrevistas com o casal e depois com os filhos(a); por fim, com a família toda. Algumas famílias tiveram muita dificuldade em imprimir, assinar os TCLEs e devolver escaneado. Por isso, solicitamos que cada família respondesse ao *e-mail* autorizando as entrevistas, e assim foi feito. Guardamos cópia das autorizações respondidas por *e-mail*. A seguir, os participantes são apresentados em tabelas. Utilizamos letras para nomear cada família, por exemplo, F.A. (Família A). Aos membros da família, referimo-nos por letra também, por exemplo, homem da F.A, mulher da F.A e filho da F.A.

Tabela 1 – Contexto das famílias

Famílias	Cidade, UF	Região que reside	Religião	Escolaridade
F.A.	Rio de Janeiro, RJ	Zona Norte	Evangélica	Graduação incompleta
F.B.	Mesquita, RJ	Baixada	Não declarada	Ensino Médio completo
F.C.	Rio de Janeiro, RJ	Zona Oeste	Não declarada	Ensino Médio completo
F.D.	Rio de Janeiro, RJ	Zona Oeste	Não declarada	Graduação completa
F.E.	Belford Roxo, RJ	Baixada	Evangélica	Ensino Médio completo
F.F.	Queimados, RJ	Baixada	Evangélica	Pós-graduação Latu-senso
F.G.	Nova Iguaçu, RJ	Baixada	Evangélica	Graduação incompleta
F.H.	Rio de Janeiro, RJ	Zona Oeste	Umbandista	Pós-graduação Latu-senso
F.I.	Nova Iguaçu, RJ	Baixada	Umbandista	Graduação completa
F.J.	Nova Iguaçu, RJ	Baixada	Evangélica	Ensino Médio completo
F.K.	Belford Roxo, RJ	Baixada	Não declarada	Ensino Médio completo

Famílias	Cidade, UF	Região que reside	Religião	Escolaridade
F.L.	Niterói. RJ	Região Oceânica	Evangélica	Pós-graduação Latu-senso

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

A nossa pesquisa teve como foco investigar as famílias residentes no Estado do Rio de Janeiro, conforme demonstrado na **Erro! Fonte de referência não encontrada..** Para tal, nossa amostra contou com sete famílias da baixada fluminense, quatro famílias da cidade do Rio de Janeiro e uma família da região oceânica em Niterói. A baixada fluminense é composta por treze municípios e, em nossa pesquisa, quatro desses municípios apareceram: Mesquita, Belford Roxo, Queimados e Nova Iguaçu. A Baixada Fluminense é uma região vizinha à capital do estado que vem se consolidando ao longo de décadas com problemas sociais, habitacionais, educacionais e de segurança pública.

Quatro das famílias entrevistadas residem na cidade do Rio de Janeiro, sendo três na Zona Oeste (Campo Grande, Jacarepaguá). Entre os dez bairros mais populosos do município do Rio de Janeiro, sete são dessa região, Campo Grande, por exemplo, com 328,3 mil moradores. Essa é uma informação cuja base é o Censo 2010 (IBGE, 2010), que são as últimas informações divulgadas no *site* da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Uma família reside na região oceânica de Niterói. De acordo com dados do IBGE, somente entre 2000 e 2010, a população da região saltou de 55.790 para 68.987 pessoas, um acréscimo de 23,65% e é considerada uma região em que os moradores possuem uma maior qualidade de vida e de bem-estar.

Em relação à religião, seis famílias se declararam evangélicas, duas umbandistas e quatro não declararam a religião. Em nossa amostra, podemos perceber que a configuração da religião vai ao encontro do que se apresenta no Estado do Rio de Janeiro, onde a maioria da população é da religião cristã.

Na tabela acima, vimos também que o nível de escolaridade das famílias entrevistadas está distribuído da seguinte forma: cinco famílias com ensino médio completo, três famílias com pós-graduação *latu sensu*, duas famílias com graduação incompleta e duas famílias com graduação completa. Apesar do acesso ao ensino superior no Brasil ter sido ampliado, ainda estamos longe da sua universalização. De acordo com as informações do Observatório do Plano Nacional de Educação, a meta 12 do documento estipula que a taxa bruta das matrículas na Educação Superior seja elevada até 2024 para 50% no mínimo. No entanto, os dados revelam

que, a partir de 2004, houve um crescimento continuado na taxa bruta de matrículas na Educação Superior. De 2009 a 2015, ocorreu um aumento de 6,5 pontos percentuais, atingindo 34,6% de matrículas na Educação Superior, o que pode ser considerado um ritmo insuficiente para o cumprimento da meta em 2024 (PNE, 2015). Essas famílias apresentam, portanto, uma situação próxima a uma tendência de crescimento no nível de formação.

Tabela 2 – Configuração das famílias

Famílias	Separação (Tempo)	Estado civil	Recasamento (Tempo)	Idade			Filhos
				M	H	F	
F.A.	10 anos	Casado	4 anos	38	40	12	Dele
F.B.	10 anos	Coabitação	5 anos	33	28	17, 10	Dela
F.C.	6 anos	Casado	4 anos	32	32	12	Dela
F.D.	6 anos	Casado	3 anos	43	44	15	Dele
F.E.	7 anos	Coabitação	4 anos	38	54	17	Dela
F.F.	10 anos	Coabitação	6 anos	47	48	15	Dela
F.G.	5 anos	Casado	2 anos	56	58	15	Dele
F.H.	4 anos	Casado	2 anos	38	40	13	Dela
F.I.	8 anos	Coabitação	4 anos	34	27	12, 12	Ambos
F.J.	7 anos	Casado	4 anos	42	46	17	Dela
F.K.	5 anos	Coabitação	2 anos	30	33	16, 13	Dela
F.L.	12 anos	Casado	10 anos	32	40	15, 17	Ambos

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Nota: M = Mulher; H = Homem; F = Filho (a/s).

Na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, que aborda a configuração familiar, podemos perceber que o tempo de separação varia entre cinco e doze anos, e o tempo de recasamento, entre dois e dez anos. Duas mulheres estão em seu primeiro casamento e dez mulheres estavam recasadas. A idade dessas mulheres varia entre 30 e 56 anos. Quanto aos homens, quatro estavam em seu primeiro casamento e oito estavam recasados; averiguamos na tabela acima que, das doze famílias participantes, sete eram mães com filhos do primeiro casamento, três homens eram pais com filhos do primeiro casamento e dois casais ambos tinham filhos do primeiro casamento. Quatro casais têm filhos juntos.

Em relação ao modelo de casamento, sete casais se declaram casados de forma legal ou religiosa, e cinco casais se declararam coabitando sem terem realizado algum ritual de

passagem, seja casando no civil ou realizando algum tipo de cerimônia. É importante ressaltar que os filhos do primeiro casamento da maioria dos participantes ficaram com suas respectivas mães, após a separação. Apenas um homem tem a guarda compartilhada da filha.

Tabela 3 – Atividades dos filhos antes e durante a pandemia

Famílias	Atividades presenciais dos filhos antes da pandemia	Atividades foram mantidas online
F.A.	Escola, Inglês, Balé	Sim
F.B.	Escola, inglês, futebol	Menos o Futebol
F.C.	Escola e Natação	Menos a natação
F.D.	Escola, Inglês, natação	Menos a natação
F.E.	Escola e Futebol	Menos o futebol
F.F.	Aulas na faculdade e aula no técnico	Sim
F.G.	Escola	Sim
F.H.	Escola, Inglês e Ginástica olímpica	Menos a Ginástica olímpica
F.I.	Escola e Psicoterapia	Sim
F.J.	Escola	Sim
F.K.	Escola	Sim
F.L.	Escola. Inglês, aula de música	Sim

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Nossa pesquisa foi atravessada pela pandemia do COVID-19 e, com isso, consideramos importante verificar como as famílias foram afetadas no período de isolamento. Investigamos, junto às famílias, quais atividades dos filhos foram mantidas ou canceladas e, conforme mostrado na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, notamos que todas as atividades foram afetadas e quase todas foram mantidas, mas de forma remota. Percebemos que apenas os esportes de equipe, como o futebol e a ginástica olímpica, foram completamente suspensas. Segundo o relato das famílias, a mudança das atividades presenciais para o remoto causou uma queda no rendimento dos filhos, mas que, com o passar do tempo, foram se adaptando e conseguindo se adequar no que chamaram de “novo normal”. Importante comentar que nove famílias descreveram mais de uma atividade para seus filhos, e apenas três famílias informaram que seus filhos frequentavam a escola e que não tinham nenhuma outra atividade além desta.

Tabela 4 – Situação econômica e a pandemia

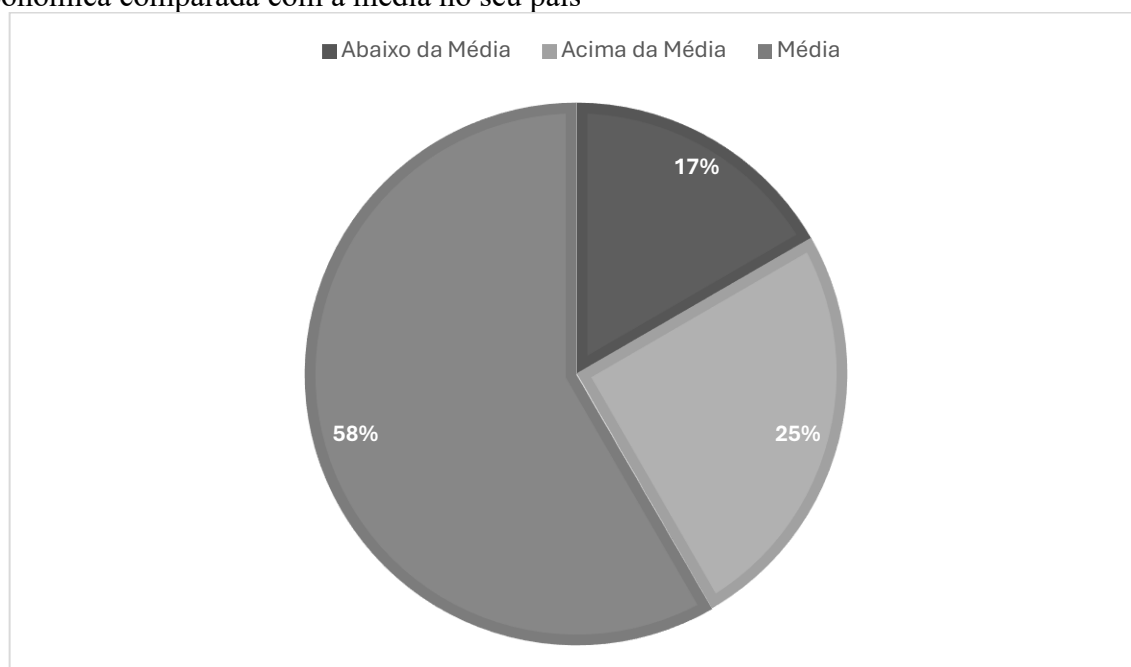
Famílias	Como você classifica sua situação econômica comparada com a média no seu país?	O rendimento mensal foi afetado pela pandemia Covid-19?
F.A.	Acima da Média	Sim
F.B.	Abaixo da Média	Não
F.C.	Abaixo da Média	Sim
F.D.	Média	Não
F.E.	Média	Não
F.F.	Média	Não
F.G.	Média	Sim
F.H.	Acima da Média	Sim
F.I.	Média	Não
F.J.	Média	Não
F.K.	Média	Sim
F.L.	Acima da Média	Não

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

A proposta da **Erro! Fonte de referência não encontrada.** é apresentar como as famílias se declaram quanto a sua condição socioeconômica. Percebemos que três famílias se consideram com condição socioeconômica acima da média. Sete famílias se consideram na média e duas famílias abaixo da média. Devemos salientar que cinco famílias disseram que sua renda foi afetada com a pandemia do COVID- 19.

Assim, além da crise sanitária, uma das consequências da pandemia foi o crescimento do desemprego. Com isso, houve a elevação do trabalho informal, do trabalho terceirizados, dos subcontratos de trabalho, da flexibilização sem pagar os direitos trabalhistas, acarretando a diminuição da renda a, até mesmo, a perda de autonomia financeira, tendo que depender de auxílios governamentais.

Gráfico 2 – Contagem de famílias abordadas por: Como você classifica sua situação econômica comparada com a média no seu país



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Discutir a condição socioeconômica das famílias que entrevistamos em nossa pesquisa passa por apresentar o impacto causado pela pandemia. A pandemia do COVID-19 tem se mostrado como um desafio perante as nações e os chefes de estados, tal acontecimento repercutiu diretamente na vida das populações, especialmente daqueles grupos que já se encontravam em situação de vulnerabilidade ou eram considerados a classe popular, no que se refere à distribuição de renda. Desses grupos, devemos destacar as famílias que foram afetadas em muitas esferas com a chegada da pandemia (CORREIA et al., 2020).

Conforme mostrado no **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, as famílias que entrevistamos, em sua maioria, declaram ter condições socioeconômicas na média; e, das doze famílias, apenas cinco informaram que suas rendas foram afetadas com a pandemia. O sistema familiar em situação de vulnerabilidade social foi o mais afetado com a pandemia. No entanto, segundo as narrativas das famílias que entrevistamos, nenhuma delas encontrava-se em situação de vulnerabilidade e consideramos que, por isso, não tivemos a maioria relatando que sofreu alteração com a pandemia. Apesar de cinco famílias terem informado que suas rendas foram alteradas, isso não significa metade de nossa amostra, mas há que se considerar que duas famílias que se consideram acima da média também descrevem terem sofrido redução em sua renda. Isso nos faz ponderar que a pandemia expôs as famílias a diversos fatores como risco de adoecimento e morte, mas também risco social e econômico.

A partir dessa conjectura, percebemos que a pandemia do COVID-19 gerou uma situação de inseguranças e de estresse, principalmente para as famílias que possuem uma situação mais precarizada de vida. Assim, tal realidade interfere no cotidiano de todos que compõem o sistema, inclusive o dos filhos (AMARAL et al., 2020).

3.5.2 Apresentação das categorias e saturação

Dividimos as categorias em conceituais e descritivas. As categorias conceituais são definidas a partir das fundamentações teóricas, em amarração com a literatura utilizada. As categorias descritivas são as que não foram definidas teoricamente, mas se mostraram relevantes nos discursos dos(as) participantes (FONTANELLA et al., 2008).

A partir da definição das categorias, elaboramos tabelas, divididas em três eixos temáticos: Estresse, Resposta ao Estresse e Bem-Estar. Os três eixos emergiram diretamente das temáticas presentes no roteiro de entrevista, da proposta da pesquisa, das narrativas dos(as) entrevistados(as) e do referencial epistemológico teórico apresentado como norteador do campo (MORIN, 1994; BARDIN, 2008). A seguir, estão listados em uma tabela os três eixos temáticos e suas respectivas categorias (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Tabela 5 – Eixos temáticos e categorias

Eixo temático	Categoria
I - Estresse	Categoria conceitual
	O que me estressa no casamento
	Divórcio e recasamento
	O que me estressa na relação com filhos adolescentes
	Falta de autonomia no cuidado com o(a) enteado(a)
	Isolamento na pandemia do COVID-19 e medo de perder o emprego
	Gravidez e nascimento dos filhos
II – Resposta ao estresse	Categoria descritiva
	Diálogo na relação parental
	Suporte Social e Afetivo
	Vida socioeconômica em equilíbrio
	Diálogo na relação conjugal

Eixo temático	Categoria
	Categoria descritiva
	Viajar
	Mudar de casa/trabalho
III – Bem-estar	Categoria conceitual
	Felicidade no casamento
	Convivência entre os membros da família
	Categoria descritiva
	Respeitar as individualidades
	Suporte emocional aos filhos

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

3.5.3 Sobre a saturação

Após definir os eixos e as categorias, o próximo passo foi verificar a saturação teórica. Realizamos 3 entrevistas com cada família, totalizando 36 entrevistas. Precisávamos averiguar se as 36 entrevistas seriam suficientes para obter as informações necessárias para o estudo. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, cuja amostra é menor do que em pesquisa quantitativa, a saturação teórica é um instrumento importante para apurar saturação, ou seja, a verificação de que as entrevistas realizadas fornecem elementos suficientes, relacionados aos objetivos propostos para investigação do estudo (FONTANELLA et al., 2008; FONTANELLA et al., 2011). A saturação e a recorrência das categorias serão mostradas por meio das **Erro! Fonte de referência não encontrada.** e **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, apresentadas a seguir. As linhas horizontais representam os eixos e as categorias e no topo da tabela estão as representações totais das famílias entrevistadas.

A seguir, mostraremos as tabelas de recorrência (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) e de percentual de saturação (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**):

Tabela 6 – Recorrências

Eixo temático	Categoria	Recorrência
I - Estresse	Categoria conceitual	
	O que me estressa no casamento	33
	Divórcio e recasamento	32

Eixo temático	Categoria	Recorrência
	O que me estressa na relação com filhos adolescentes	21
	Falta de autonomia no cuidado com o(a) enteado(a)	24
	Isolamento na pandemia do COVID-19 e medo de perder o emprego	26
	Gravidez e nascimento dos filhos	10
II – Resposta ao estresse	Categoria conceitual	
	Diálogo na relação parental	31
	Suporte Social e Afetivo	40
	Vida socioeconômica em equilíbrio	53
	Diálogo na relação conjugal	24
	Categoria descritiva	
	Viajar	29
	Mudar de casa/trabalho	19
III – Bem-estar	Categoria conceitual	
	Felicidade no casamento	39
	Convivência entre os membros da família	32
	Categoria descritiva	
	Respeitar as individualidades	
	Suporte emocional aos filhos	

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Tabela 7 – Percentual de saturação

Eixo temático	Categoria	% de Saturação
I - Estresse	Categoria conceitual	
	O que me estressa no casamento	94%
	Divórcio e recasamento	94%
	O que me estressa na relação com filhos adolescentes	88%
	Falta de autonomia no cuidado com o(a) enteado(a)	86%
	Isolamento na pandemia do COVID-19 e medo de perder o emprego	87%
	Gravidez e nascimento dos filhos	59%

Eixo temático	Categoria	% de Saturação
II – Resposta ao estresse	Categorial conceitual	
	Diálogo na relação parental	97%
	Suporte Social e Afetivo	98%
	Vida socioeconômica em equilíbrio	96%
	Diálogo na relação conjugal	89%
	Categoria descritiva	
	Viajar	94%
	Mudar de casa/trabalho	90%
III – Bem-estar	Categoria conceitual	
	Felicidade no casamento	93%
	Convivência entre os membros da família	91%
	Categoria descritiva	
	Respeitar as individualidades	
	Suporte emocional aos filhos	

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

A definição das categorias relevantes não exige um percentual ou número exato que represente a saturação (FONTANELLA et al., 2011). Portanto, escolhemos o percentual de 60%, como referencial para constatar saturação das categorias mediante o número de recorrência nas entrevistas. Nessa pesquisa, foi constatada a saturação na 21ª entrevista, o que aconteceu em torno da sétima família entrevistada. Portanto, por saturação, foi interrompido o recrutamento para novas entrevistas, tendo em vista que já havíamos encontrado dados significativos para nossa pesquisa, sendo a presente amostra suficiente para a investigação. É importante sinalizar que as categorias foram construídas pensando na amplitude das respostas recebidas e considerando que as respostas se entrelaçam com outras categorias.

Assim, a saturação da categoria foi encontrada quando estava presente em 21 entrevistas ou mais entrevistas, conforme mencionamos anteriormente. Dessa forma, obtivemos a saturação das seguintes categorias, distribuídas nos eixos temáticos. O eixo I, denominado de Estresse, apresenta as seguintes categorias: o que me estressa no casamento; divórcio e recasamento; que me estressa na relação com filhos adolescentes; falta de autonomia cuidado com o (a) enteado (a); isolamento na pandemia da Covid-19 e medo de perder o emprego;

gravidez e nascimento dos filhos. No eixo II, chamado de Resposta ao Estresse, há as categorias: diálogo na relação parental; suporte social e afetivo; vida financeira em equilíbrio; diálogo na relação conjugal; viajar; mudar de casa/trabalho. O eixo III, por fim, cujo título é Bem-estar, abarca as seguintes categorias: felicidade no casamento; convivência entre os membros da família; respeito às individualidades; suporte emocional aos filhos.

3.6 Resultados

Optamos por apresentar os eixos e as respectivas categorias, ambos definidos por meio das análises das entrevistas, com base no objetivo geral – compreender as variadas estratégias utilizadas para lidar com o estresse e o modo como as famílias recasadas criam bem-estar – e nos objetivos específicos – compreender como as famílias recasadas com filhos adolescentes buscam o bem-estar; analisar as variadas estratégias utilizadas pelas famílias recasadas para lidar com o estresse, considerando a conjugalidade e a parentalidade; e comparar a partir das narrativas das famílias as variadas respostas ao estresse, considerando diferenças socioeconômicas.

Juntamente aos objetivos, foram considerados os seguintes conceitos, com base nos estudos teóricos sobre famílias: recasamento, conjugalidade, parentalidade, estresse, resposta ao estresse, bem-estar e adolescência. Após a exposição conceitual/descritiva de cada categoria, apresentamos as principais falas dos entrevistados, bem como suas linhas do tempo, que as exemplificam, aproximando os dados coletados com a discussão da literatura sobre os temas investigados, sucedendo à discussão dos resultados. Notem que a linha do tempo só aparece na primeira vez que as falas do casal ou do filho(a) são mencionadas, nas outras vezes não repetimos a linha do tempo.

3.6.1 Eixo I – Estresse: eventos estressores na família

3.6.1.1 O que me estressa no casamento

O casal vivencia situações estressantes no ciclo de vida. Nesse trajeto, os cônjuges passam por vivências que podem ser estressoras, relativas às mudanças cotidianas e às transformações que envolvem a vida a dois. O manejo do casal para lidar com essas mudanças e transformações pode facilitar ou dificultar a relação, trazendo consequências para o casamento

(COWAN; COWAN, 2016; HAMMETT et al., 2018; MUSSUMECI; PONCIANO, 2019; ROY et al., 2019).

Tabela 8 – Eixo I – Estresse: “O que me estressa no casamento”

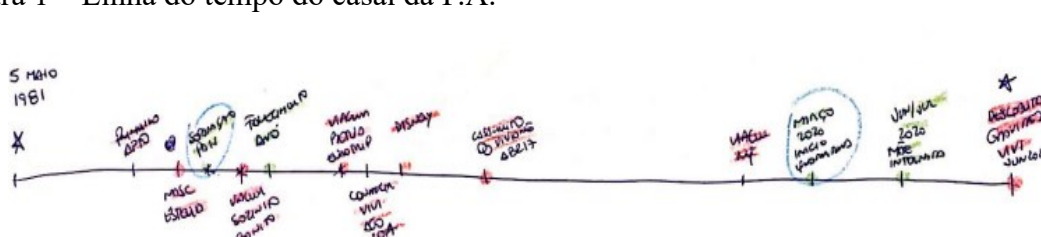
Participantes	Relato
Homem da F.A.	<i>“Tem coisas que acho estressante e ela não acha e tem coisas que ela acha estressante eu não acho. Ela se estressou muito para tirar habilitação e não acho nada tão estressante assim”.</i>
Mulher da F.B.	<i>“Olha, eu aceito que ele fale, mas ele sempre me critica. Sempre faz parecer que eu tô sempre errada. Como se eu não fosse uma boa mãe. Eu criei meus filhos sozinha e não vou aceitar que ele se meta para criticar e não para ajudar. Isso me estressa muito...isso estressa a relação”.</i>
Mulher da F.C.	<i>“Sobre o casamento. É a gente demorou, a gente planejou, a gente começou a planejar em 2016 isso, não, final de 2015 na verdade. E... E... durou todo ano de 2016 os preparativos e festa em cartório e é muito estressante, muito estressante para tudo se resumir em um dia. Para casar, é necessário pensar em tudo que está envolvido, né? Eu tenho um filho e isso tinha que ser pensando, mas eu não perguntei pra ele o que ele achava”.</i>
	<i>“Ele também trabalha como autônomo, é motorista de aplicativo, então, assim, para a gente foi um momento de incerteza, de estresse muito grande sem saber o que realmente ia acontecer, sem saber o que a gente ia fazer da vida, então, mas foi exatamente isso o que ele falou as coisas foram acontecendo e a gente, a princípio, a gente não conseguiu o auxílio emergencial, a gente só foi conseguir o auxílio emergencial em junho, de março a junho a gente é, foram meses bem desafiadores”.</i>

Na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, apresentamos as falas dos e entrevistados no intuito de elucidar fatores que são estressores. Ao analisarmos as entrevistas, encontramos uma diversidade nas respostas, o que nos fez refletir sobre quais apresentá-las. Após repetidas leituras começamos a perceber algumas semelhanças que pareceram relevantes. Notamos que não foi difícil para os casais identificarem situação de conflitos e de estresse, mas percebemos que as mulheres conseguiram relatar mais sobre isso. Optamos, assim, em relação

à categoria “*O que me estressa no casamento*”, por apresentar as falas literais de três entrevistados, sendo um homem e duas mulheres.

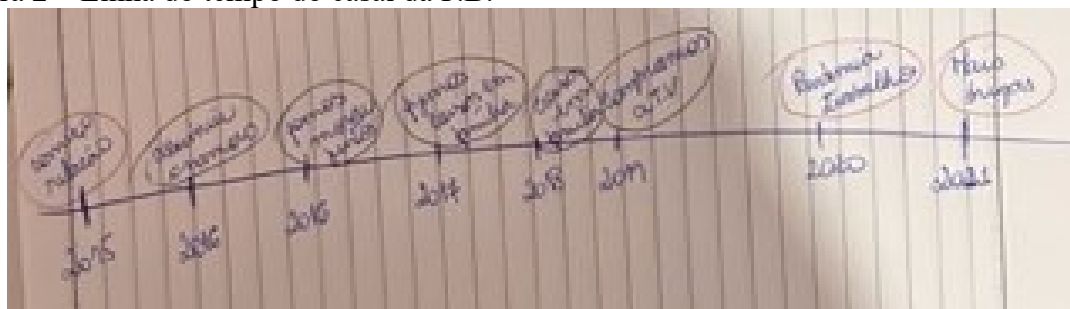
Evidencia-se, pelas respostas dos entrevistados, uma facilidade de mencionar fatores estressores, mas percebemos que o entendimento do que pode ou não causar estresse se diferencia entre os participantes. Na resposta do homem da F.A, podemos perceber que, para ele, a noção de estresse é bem diferente da companheira. Já na Mulher da F.B, esta enfatiza o estresse quando se trata de estabelecer relações do padrasto com seus filhos, pois ela entende as pontuações que ele faz como críticas e não permite que ele se envolva nessa relação. Para a mulher da F.C, o momento estressante passa por oficializar a relação e pelo período de pandemia, em que o trabalho do seu companheiro ficou incerto e instável.

Figura 1 – Linha do tempo do casal da F.A.



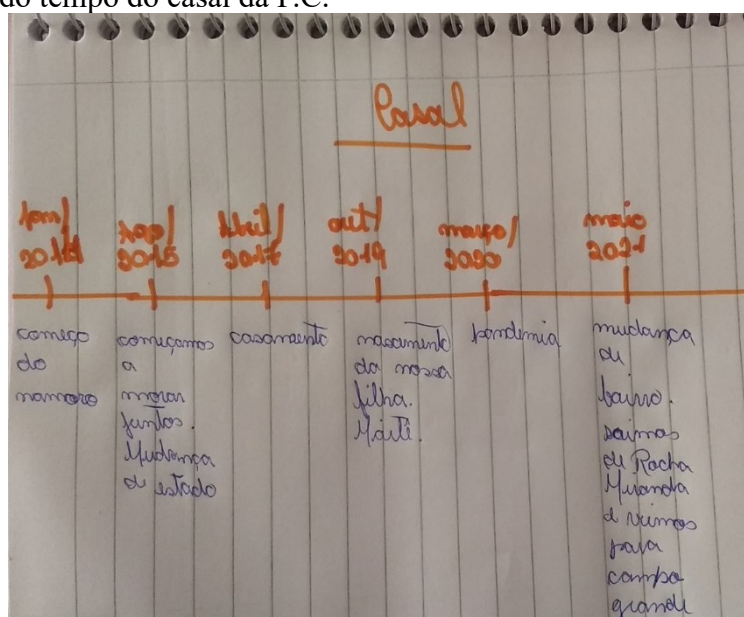
Fonte: Elaborado pelo casal da F.A. durante as entrevistas.

Figura 2 – Linha do tempo do casal da F.B.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.B. durante as entrevistas.

Figura 3 – Linha do tempo do casal da F.C.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.C. durante as entrevistas.

As figuras 1 e 2, que apresentam as Linhas do Tempo das famílias F.A. e F.B, não apresentam uma sinalização direta com as falas que destacamos, mas as narrativas surgem na conversa que os casais travaram enquanto iam construindo suas Linhas do Tempo. O casal da F.A não indicou nada a respeito de autoescola na Linha do tempo, mas mencionaram como um exemplo para ilustrar suas percepções diferentes de como enxergam o estresse. Já o casal da F.B também não indicou na Linha do tempo como lidam com a criação dos filhos, mas ao conversarem sobre o que haviam construído, essa situação apareceu e eles queriam dar ênfase, pois é uma demanda que os dois possuem e dizem ser muito estressante na vida conjugal. O casal da F.C, por sua vez, inseriu o casamento e a pandemia na Linha do Tempo e indicaram esses eventos como aqueles que mais afetaram o casamento nos últimos anos, conforme pode ser visto na **Erro! Fonte de referência não encontrada..**

3.6.1.2 Divórcio e recasamento

Após a legalização do divórcio, possibilitando uma dissolução definitiva do casamento, o recasamento se tornou um fenômeno cada vez mais frequente. O processo de divórcio apresenta questões complexas para as quais não existem soluções simples. O conflito vivenciado pelo casal responde a questões enraizadas na história de cada indivíduo e que não são compensadas apenas pela separação física. O recasamento envolve mais de um sistema

familiar de modo que a bagagem emocional para o casal que recasa torna-se mais complexa. Nele, existe a necessidade de ajustes decorrentes da união entre as famílias envolvidas, além de haver outros fatores que aparecem nesse novo relacionamento, tais como a família de origem, o primeiro casamento, o processo de separação/divórcio e o período entre os casamentos (CARTER; MCGOLDRICK 1980/1995; FÉRES-CARNEIRO, 2003; GREENE et al., 2016; PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2017; VIEIRA et al., 2019; RAMÍREZ et al., 2020; RALEY; SWEENEY, 2020).

Tabela 9 – Eixo I – Estresse: “Divórcio e Recasamento”

Participantes	Relato
Mulher da F.B.	<i>“Pra mim foi estranho me relacionar com alguém que ainda morava com a ex-mulher, mas eu aceitei pra ver até onde isso iria e se ele sairia de casa.”</i>
Homem da F.B.	<i>“Ela não era minha amante, pois eu já não tinha nada com minha ex-mulher, mas eu ainda precisava morar lá...eu não tinha como sair de casa por causa de grana e não queria voltar para a casa da minha mãe. Um outro momento que marquei aqui como sendo bom foi quando eu fui morar com ela. Eu estava feliz por conseguir resolver minha vida com ela e sair da casa da minha ex”.</i>
Homem da F.C.	<i>“Não, comigo também, tive muito problema com ele, na verdade tenho até hoje que ele não aceita muito e...no começo ele, molequinho de 3 ,4 anos ele...às vezes ele queria me bater, às vezes ele chorava, às vezes ele queria dormir onde eu tava dormindo, com a criança é difícil né?!, uma pessoa diferente da rotina dele e... no geral a gente ainda tem assim uns conflitos de ideias, de conversas, exatamente porque ele viu que o pai dele é totalmente diferente de mim, eles vivem num mundo totalmente diferente do nosso, então quando ele vem para cá ainda existe muito conflito de ideias, de organização, mas a gente vai levando, para você ver, um dos problemas que a gente tem, que eu tenho, o cara veio falando com você então a gente tinha que pelo menos no mínimo desligar o telefone, coisa que ele não fez, então, eu como padrasto falei só desliga, mas eu não tenho muita autoridade para falar, para, acabou, desliga, vamos prestar atenção”.</i>

Participantes	Relato
	<i>“...como eu disse, tenho meus pensamentos e a minha criação foi totalmente diferente da ... e do que ela entende como criação, onde eu vivo tem muito mais regras então quando eu vim para cá eu tentei expor essas regras de começo tinha muito conflito e eu fui adaptando, eu tive que me adaptar na verdade porque eu era o intruso na família né?! Então eu tive ponto que eu me envolvia, teve ponto que eu saí, não me envolvia, teve ponto que eu me envolvia de vez em quando é... até o ponto que a gente tem hoje, hoje eu não me envolvo, eu falo o que penso quando chega no meu limite. Então hoje tá assim, tá acontecendo eu falo uma vez, fico na minha e eu saio de perto, hoje na minha cabeça evito o máximo de conflito porque não é problema meu, vamos dizer assim”.</i>
Mulher da F.C.	<i>“... relação com o pai do meu filho tenho uma relação muito conflituosa desde o início porque nós tivemos uma separação bem conflituosa é... com boletim policial e tudo mais assim, o menino não participou muito eu deixei ele muito de fora, então assim, boa parte, acho que 80% ele não sabe da história, por...através de mim, sabe através do pai, através do pai ele sabe algumas coisas, mas é...”.</i>
Mulher da F.D.	<i>“Não, tem aqui pera aí, tem aqui, aí a gente começou a namorar em março de 2018, né, até porque a gente já se conhecia de muitos anos, É, já até rolou uma coisa, é, antes teve, teve, a gente se encontrou, e realmente teve uma...alguma relação que aí em 2017 a gente. É, para mim foi muito difícil, tá, porque não era uma situação que era o que eu sempre, que assim, que eu concorde, mas acabou acontecendo, né, então em 2016 acabou que a gente se separou né, e pra mim esse tempo que eu fiquei separada dele foi horrível, sabe? Foi muito ruim porque eu fiquei completamente perdida... mas ele era casado e não tinha o que fazer”.</i> <i>“Mas eu tinha que dar, mas eu tinha que seguir minha vida, né. E aí, assim, mas foi ruim, porque a minha cabeça era completamente pirada, né, e aí quando ele se separou em, aí em 2017 a gente se encontrou de novo, mas é... às vezes a gente se via ou não e em 2018 quando ele se separou, no dia em que ele se separou ele me procurou né, e... e aí a gente foi, foi em</i>

Participantes	Relato
	<i>março, a gente começou a namorar, mas teve alguns conflitos né, nesse período, e depois a gente conseguiu estabilizar e tudo direitinho, em março de 2018. Aí em, quando foi em dois mil e, quando saiu o divórcio dele em 2018, novembro é... a gente tinha um problema, porque ela não deixava eu ver a menina, eu não podia chegar perto dela, chegou até a ameaçar ele então.... eu só passei a ter um contato legal com ela quando o divórcio saiu que ele falou para mim 'olha, o divórcio saindo a gente, você vai poder ver a...', né, e aí no dia que saiu a gente levou ela no parque, levou ela para passear".</i>
Homem da F.D.	<i>"Eu confesso que quando eu me separei uma das principais preocupações era esse tipo de coisas, como que eu ia ficar longe da minha filha, como ela ia acostumar com o convívio que ela tinha comigo diário, não ia ter mais, entendeu, mas ela superou super bem, super de boa. Eu supere esse medo também e hoje está muito fluindo bem...conviemos bem. Assim, no início pra mim foi muito mais difícil do que parece que foi pra ela, entendeu, agora, é... foi surpreendente assim eu quase... Pra mim foi mais difícil aceitar do que pra ela, na verdade ela levou super bem".</i>
Mulher da F.H.	<i>"É, é, isso. Então, não... não foi, não foi nada fácil, né, foram processos bem trabalhados assim, né, é... da minha separação, né, assim, o que me deu uma, é horrível isso, mas tipo assim, uma carta de alforria para eu me separar mesmo, né, do tipo, de aceitar, foi o fato dela ter virado para mim e ter falado "Mãe, é... eu prefiro que vocês se separem porque vocês daqui a pouco não são nem mais amigos", né, é... e aí eu falei "é isso", então assim, parece que ela me, me empoderou, né, porque assim eu já queria me separar há bastante tempo, mas ficava muito naquela dependência emocional por ela, por essa referência dele, e tal, essa coisa toda. Quando ela falou isso, eu me senti, eu falei "cara, é isso" e aí a gente teve uma conversa definitiva, onde ele também veio né, falou "cara, não quero, quero me separar", eu falei "então é isso, tá tudo certo, então vamos seguir assim", tá. E aí, ela virou pra mim, nesse momento, é... no decorrer disso, né, e aí ela falou "mãe, você só promete para mim que você nunca mais vai arrumar um namorado?" e aí eu falei não, "não, isso eu não</i>

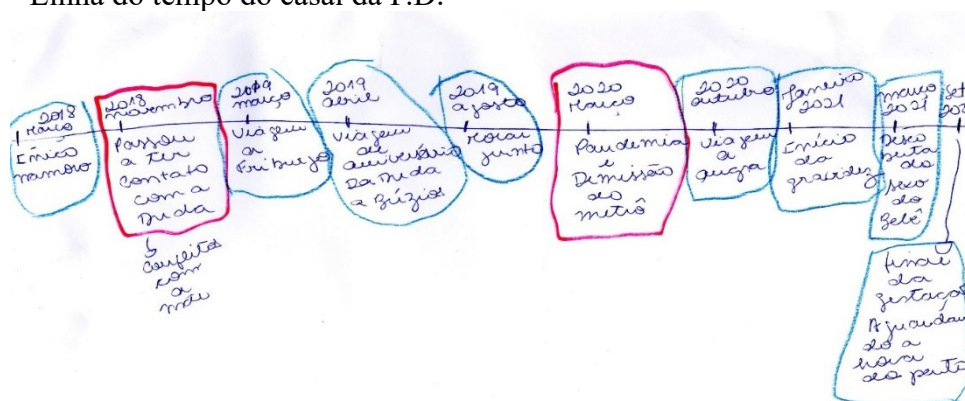
Participantes	Relato
	<i>posso te prometer, né, porque eu sou mulher; você é mulher também, você vai crescer; você vai ver que não é assim que as coisas funcionam, né, não é por que eu não dei certo para pessoa que eu não posso mais estar com alguém, eu não posso mais amar alguém, eu não vou, eu não posso prometer isso jamais”, né, e... aí fui conversando com ela sobre isso e tal”.</i> <i>“Eu falei assim, falei “cara, se minha filha, se não funcionar o negócio, eu acho que... vai ser muito difícil a gente conseguir, entendeu”, mas... é... então eu na minha ansiedade, né, de querer, de querer que a coisa acontecesse rápido, que essa acomodação fosse rápida, né, acho que em algum momento eu meti os pés pelas mãos, e aí, ela teve uma conversa séria comigo, partiu dela, ela me chamou para conversar e ela falou assim “mãe, é... você... calma, a gente vai se dar bem, mas você tá querendo botar o tio.. goela abaixo, entendeu, então assim, eu preciso de um tempo, eu preciso é... a minha cabeça era você e eu e aí agora tem o tio... na história, então, assim, eu vou me adaptar, mas não é assim do jeito que você quer”, é, aquilo me matou, né, falei “cara, eu sou uma idiota, eu sou uma péssima mãe” e não sei o que, aquela coisa toda, e entendi que, de verdade, que é isso, ela precisava do tempo dela, né, ela precisava... é, é... do processo dela, do time dela, né, diferente do meu obviamente, né, e fora que o jeito, a personalidade dela já é, já é assim mesmo, para ela conhecer e confiar em alguém é muito difícil, é demorado, né?”.</i>

Na categoria “divórcio e recasamento”, os entrevistados apresentaram relatos que nos remetem a avaliar o processo de divórcio e do recasamento passando por constituir uma relação de confiança, mais ainda quando houve uma relação entres os parceiros enquanto eles ainda estavam casados. A mulher da F.B menciona que fez uma aposta na relação mesmo sabendo que ele ainda estava se relacionando com a ex-esposa; e ele faz questão de reforçar que não tinha envolvimento amoroso com ela, mas que residiam na mesma casa. Para esse casal, esse início de relacionamento foi o que mais incomodou no processo de construir um novo casamento, pois necessitaram estabelecer uma confiança. A mulher da F.D também apresenta um relato de insatisfação com o início da relação, pois ela se via como amante dele e, ao ouvir

o relato do homem da F.D, podemos notar que, para ele, o afastamento da filha era o que o deixava inseguro e em dúvidas de se separar e assumir a nova relação. Na mulher da F.H, percebemos que o desejo de se separar já existia, mas que ela tinha uma preocupação em como a filha iria reagir e só conseguiu tomar essa decisão quando a filha a tranquilizou sobre isso, dizendo que preferia que eles fossem amigos, ao invés de ficarem brigando tanto.

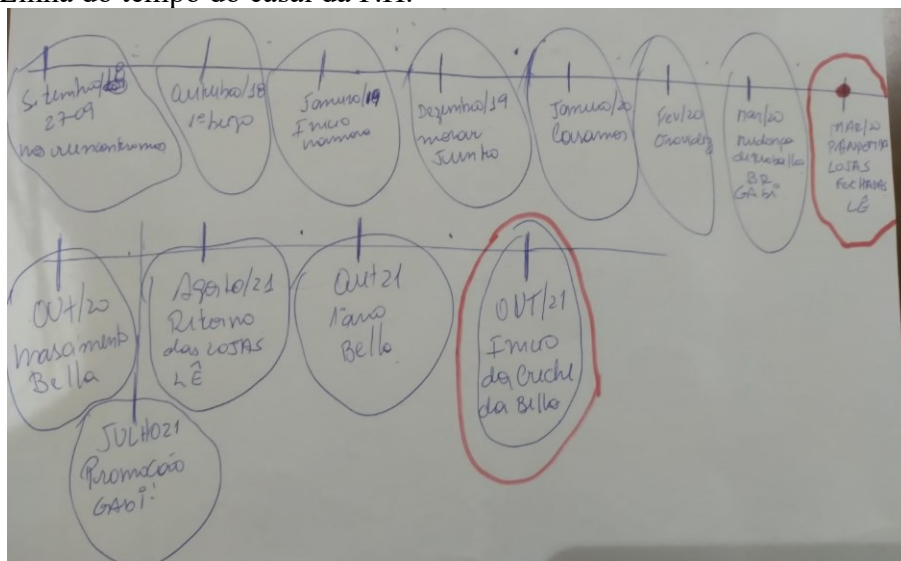
Também percebemos nas falas selecionadas na **Erro! Fonte de referência não encontrada.** que, no recasamento, faz-se necessário constituir a parentalidade concomitantemente com a conjugalidade. Vemos isso se apresentar no relato do home da F.C, pois, em sua fala, demonstrou uma grande dificuldade de estabelecer uma relação com seu enteado. O homem, no papel de padrasto, sinaliza que, em sua infância, a sua relação com seu pai era diferente, fazendo uma comparação com seu enteado. A mulher da F.C nos conta que sua relação com ex-marido foi bem difícil e ainda é, mas que nem sempre ela expõe isso para muitas pessoas.

Figura 4 – Linha do tempo do casal da F.D.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.D. durante as entrevistas.

Figura 5 – Linha do tempo do casal da F.H.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.H. durante as entrevistas.

Podemos notar nas figuras 4 e 5 que, em nenhuma das duas Linhas do tempo, os casais mencionam o divórcio, mas, quando foram conversar sobre a construção da linha do tempo, o tema apareceu. Isso demonstra que foi difícil para eles desassociarem recasamento do momento do divórcio.

3.6.1.3 O que me estressa na relação familiar com filhos adolescentes

A família é um sistema formado por relações que constitui uma rede participativa no desenvolvimento de adolescentes (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016). A forma que família irá se relacionar com os filhos na fase da adolescência pode apresentar fatores de proteção, diminuindo a possibilidade de problemas emocionais, comportamentais e psicológicos. No entanto, se as relações forem com excesso de conflitos e baixa afetividade, pode aumentar o risco para a saúde dos membros da família e funcionar como fator de vulnerabilidade (TIMBANE; FERREIRA, 2019; DANTAS et al, 2019). Muitas evidências já foram produzidas no decorrer de tempo que indicam que, na família com filhos adolescentes, existe uma grande possibilidade de tensão emocional e problemas comportamentais. No entanto, quando a família tem coesão, abertura para o diálogo e respeita as individualidades torna-se possível um sistema mais equilibrado e harmônico (CONCEIÇÃO; MARQUES, 2012; DE MATOS et al., 2015).

Tabela 10 – Eixo I – Estresse: “O que me estressa na relação familiar com filhos adolescentes”

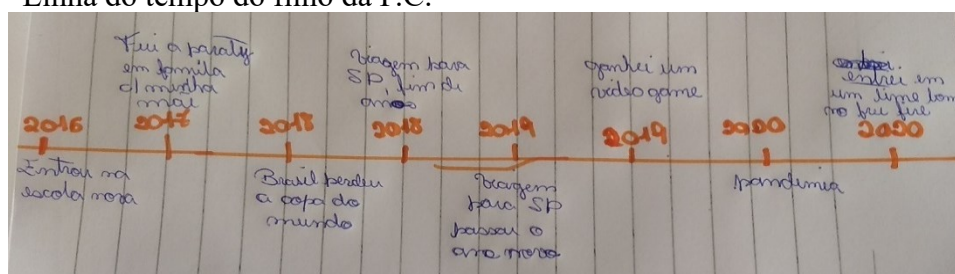
Participantes	Relato
Homem da F.C.	<i>“No caso dele, mudou muita coisa também porque ele ficava com o pai né?!, mas era meio que bagunçado ele só ia lá para casa quando ele queria, pegava toda hora, assim, até que via bastante, estava próximo, mas na verdade estava longe, aqui, quando a gente veio para cá, acabou de...de a.... fazer um processo judicial e aí a gente conseguiu manipular os dias específicos com ele, sinceramente a gente tá ficando mais tempo com ele do que tava lá que tava do lado, isso eu vejo assim, pela minha parte, eu estou tendo muito mais contato com ele agora do que eu tinha antes. O contato mais intenso faz ter muitas brigas...a gente brinca, joga bola, mas tem muita briga. Por ele ter sido criado pelo pai...ele tem uma formação diferente daquela que eu acho que seria boa...ai já viu, né? Tem dias que é insuportável, mas eu tento”.</i> <i>“...tive muito problema com ele, nas verdade tenho até hoje que ele não aceita muito e...no começo ele, molequinho de 3,4 anos ele...às vezes ele queria me bater, às vezes ele chorava, às vezes ele queria dormir onde eu tava dormindo, com a criança é difícil né?!, uma pessoa diferente da rotina dele e... no geral a gente ainda tem assim uns conflitos de ideias, de conversas, exatamente porque ele viu que o pai dele é totalmente diferente de mim, eles vivem num mundo totalmente diferente do nosso, então quando ele vem para cá ainda existe muito conflito de ideias, de organização, mas a gente vai levando, para você ver, um dos problemas que a gente tem, que eu tenho, o cara veio falando com você então a gente tinha que pelo menos no mínimo desligar o telefone, coisa que ele não fez, então, eu como padrasto falei só desliga, mas eu não tenho muita autoridade para falar, para, acabou, desliga, vamos prestar atenção”.</i>
Mulher da F.C.	<i>“... então ele não sabe muita coisa, mas com relação a nós aqui, é bem difícil, assim, porque é... como o pai é bem presente, assim, na verdade hoje o que que está acontecendo, hoje a gente briga para estar com ele, tanto eu quanto o pai, e assim, na verdade o que a gente, a gente tá brigando justamente o avesso do que geralmente uma sociedade briga, que é</i>

Participantes	Relato
	<i>justamente para se ter o pai perto, a gente na verdade, o que a gente tá brigando é porque os dois querem ser muito presentes e com relação, assim, antes da pandemia eu era muito presente, eu colocava ele na escola todos os dias e tal, então, eu estava diariamente com ele, quando veio a pandemia... a gente conversou, eu conversei com o pai, eles tem uma casa de praia então não fazia sentido ficar isolado, todo mundo já sabia que a gente ia ficar isolado por meses, então eles optaram por estar isolado na casa de praia que é um pouco mais afastada, é depois de Niterói, é no município de Maricá, então assim, é 4 adultos, 2 adultos e duas crianças já adolescente em 45 metros quadrados ou numa casa com piscina, com área gourmet, com três quartos, com sala grande, então assim, era de qualidade... um pouco mais de qualidade de vida e tentar reduzir um pouco o estresse das crianças que estariam confinadas, então assim, eu conversei com o pai dele e ele me pediu “não, mãe, eu prefiro ficar lá” e aí eu cedi. Então assim, acabou que a gente teve um afastamento por conta disso e... hoje eu estou buscando justamente esse, essa, esse... restabelecer esse convívio mais forte com ele”.</i>
Filho da F.C.	<i>“A viagem foi mais ou menos... Mas foi com minha mãe e por esse lado foi boa, mas como eu tava na casa dele, mas como eu tava na casa dos pais dele eu tinha que fingir que gosto, que tava gostando...preferia que fosse só com a minha mãe... não gosto dele”.</i>
Homem da F.E.	<i>“É tranquilo, ele é muito educado. Sem... problema nenhum não. Garoto respeitador e gente boa. Ótimo menino, relação tranquila”.</i>
Mulher da F.E.	<i>“Ele é do tipo... é do tipo que ele não se mete em nada, nada em relação ao meu filho, nada, ele pode tá vendo assim erro, pode tá vendo que tá muito certo e eu tô errada, mas ele não se mete, entendeu? ...É, eu acho que se tudo que houvesse ele desse palpite ou interferisse, eu acho que já ia gerar um problema entre eu e ele, entendeu?” “Só que como ele é na dele, é... eu acho que assim é bem melhor”.</i>
Filho da F.E.	<i>“Pra mim mudou bastante, né, porque praticamente trocou de pai, né, então, porque agora meu padrasto que tá mais presente que meu pai e mudou bastante a relação. Eu preferia minha mãe meu pai juntos... era melhor</i>

Participantes	Relato
	<i>pra mim... (silêncio)... mas já me acostumei. Em relação ao meu padraсто eu acho tranquilo ele fica na dele e eu na minha. Não somos próximos, mas somos de boa”.</i>
Homem da F.H.	<i>“Com a... é aquilo, ela é um pouquinho mais velha, aí eu fui esperar o tempo dela, como a ... mesmo falou, assim, eu fui tratando normalmente ela e... ela mesma fala que no início, ela fala “tio .., no início, eu não ia muito com a sua cara não” (risos) aí eu brinco, falo “também não ia muito com a sua não”, aí depois a gente foi assim, nessas brincadeiras bobas, eu brincando com ela, quando eu tô com ela parece duas crianças, entendeu, é mais ou menos isso, e realmente eu nunca tentei comprar ela, é claro que alguma coisinha ou outra a gente trazia para ela, para ela brincar. No início, tinha um, assim, eu não conseguia chegar para ela, eu mesmo falava com a... A... me deu uma liberdade de chegar e falar com ela, e chamar a chamar atenção dela, nunca me, assim, nunca dei um esporro na ..., hoje eu chamo atenção, entendeu, aí... mas sempre fui assim, no início que eu era mais travado, hoje, eu tô mais tranquilo em relação a isso”.</i>

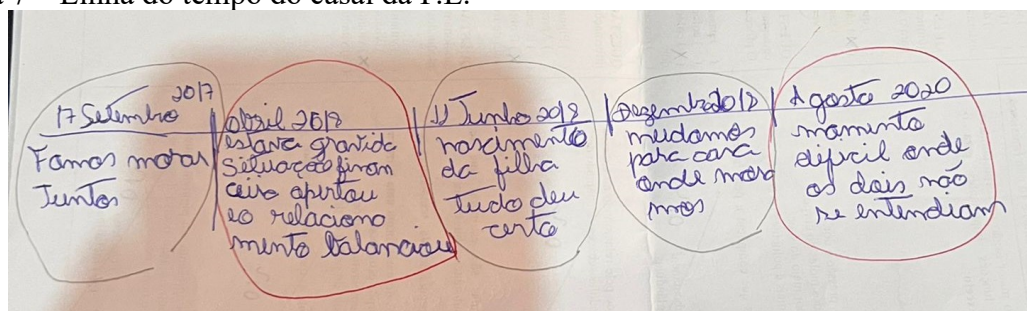
As famílias entrevistadas expressaram sobre suas impressões e percepções de estresse na relação com filhos (as) adolescentes. Os padrastos com os enteados (as) relatam que, de um modo geral, a relação é tranquila e sem grandes conflitos. Percebemos que apenas o homem da F.C diz ter uma relação mais conturbada com seu enteado, os demais conseguem perceber os conflitos existentes, mas conseguem também estabelecer relações que sejam saudáveis e que tendem a amenizar, quando os conflitos aparecem.

Figura 6 – Linha do tempo do filho da F.C.



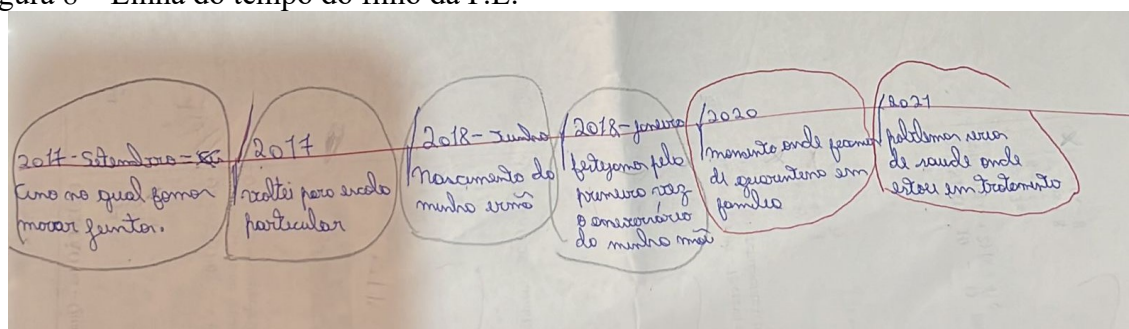
Fonte: Elaborado pelo filho da F.C. durante as entrevistas.

Figura 7 – Linha do tempo do casal da F.E.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.E. durante as entrevistas.

Figura 8 – Linha do tempo do filho da F.E.



Fonte: Elaborado pelo filho da F.E. durante as entrevistas.

Nas Linhas do tempo que apresentamos acima (figura 7 e figura 8), enfatizamos a o casal da F.F e do Filho da F.F, pois tanto o casal quanto o filho iniciam relatando sobre o momento que passam a morar juntos e esse marco na vida da família estabelece uma maior proximidade entre padrasto e enteado e ambos relatam ter relações boas, à medida que convivem.

3.6.1.4 Falta de autonomia no cuidado com enteados (as)

Na família recasada, os membros devem incluir mais funções e papeis, a saber, madrasta e padrasto. A ideia de padrasto e de madrasta foi muito difundida como pessoas que substituiriam o pai e a mãe. Contudo, nas famílias recasadas pós-divórcio, a ideia de substituição da figura paterna ou materna já não faz tanto sentido, uma vez que o pai e a mãe ainda estão potencialmente presente na vida dos filhos (PIOVANOTTI; DUQUE, 2018). Criar relações afetivas com enteados não é tarefa fácil, pois o novo relacionamento dos pais pode indicar que a separação dos pais tende a ser definitiva e isso pode gerar conflitos na relação entre padrastos/madrastas e enteados. Para o padrasto e para a madrasta ocupar esses lugares

também tende a ser estressante, pois recai sobre eles o mito social que inevitavelmente irá maltratar os enteados. Prevalece a ideia de que somente os pais, sob a égide do vínculo biológico, seriam capazes de cuidar adequadamente das crianças e que também não estão autorizados a ajudar ou intervir na criança dos filhos de seus cônjuges (PASLEY; GARNEAU, 2016; PIOVANOTTI; DUQUE, 2018).

Tabela 11 – Eixo I – Estresse: “Falta de autonomia no cuidado com enteados(as)”

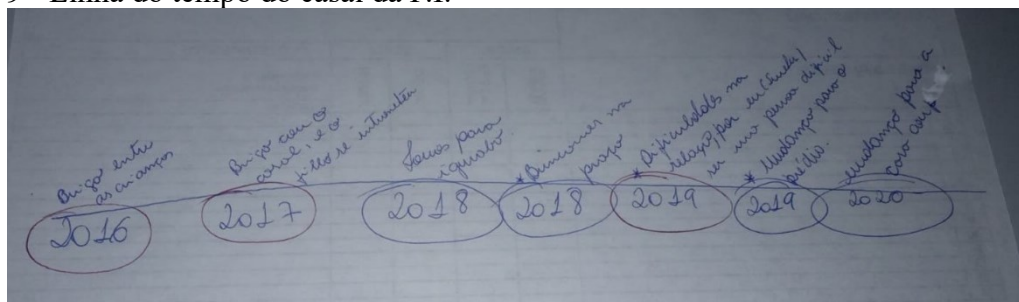
Participantes	Relato
Homem da F.H.	<i>“É, cara, assim, quatro anos que eu posso passar para você que eu tô com a ..., se teve um, briga praticamente não teve nenhuma, desentendimento, assim, eu penso de uma forma, ela pensa de outra, aí pode, mas aí cara, num resumo, pra mim está excelente. Ela me deixa ter autonomia com a filha dela... eu posso me aproximar e chamar a atenção se precisar, mas quase nunca precisa...eu converso com a ela e fica tudo bem... estamos levando bem essa família”.</i>
Mulher da F.H.	<i>“Eu sempre falo isso assim, é porque a gente quer fazer dar certo, sabe, então assim, é, motivos para dar errado todo dia vai existir, né, vai, alguma coisa... é... e a gente tá feliz, então, cara, é isso, releva daqui, releva de lá, flexibiliza isso ou aquilo, daqui, de lá, e tá tudo certo, entendeu, então é... eu acho que a gente, nós somos grandes parceiros assim, sabe, então é...isso. Minha filha tá na adolescência e ela é uma menina ótima, sabe? Nós não temos do que reclamar, só umas coisinhas do dia a dia...Acho que que o ...tem autonomia pra falar com ela e ela sabe escutar o que ele diz...tudo certo”.</i>
Mulher da F.I.	<i>“Porque também uma grande parte das brigas com o... é, é... porque ele se intromete na... nas nossas brigas enquanto casal, e isso é desde sempre, agora um pouco menos, mas às vezes ainda tem alguns episódios. O filho dele grita...fica gritando comigo, tipo, em nenhum momento uma criança gritou comigo daquela forma, minha filha não grita comigo daquela forma, e, e naquele momento o sentimento foi esse, pera aí, é... mesmo que as coisas tenham saído do, do, do extremo, e não poderia porque tem uma criança do lado, mas saiu, e, e, e... não é que tudo bem, mas e aí? Saiu e a gente tinha que contornar aquilo ali, mas, mas aquela condição dele ter entrado, aí ficado como se fosse os dois contra mim, ficou muito</i>

Participantes	Relato
	<i>ruim, é... eu fiquei com um bloqueio muito grande dessa relação com ao filho dele. Isso me afasta dele e eu não quero me meter em nada, mas acabo me metendo... enfim a gente não, não entra num acordo e a conversa sempre vai para um outro rumo, sempre. Eu falo que o filho dele e minha filha são irmãos, mas no fundo não são. A gente não trata igual. Eu faço de um jeito com a... e ele faz de outro com o ...”.</i>
Homem da F.I.	<i>“A dificuldade é que a personalidade da ... é muito difícil, o gênio dela é muito difícil, então ela não consegue admitir que tá errada, ela não consegue recuar, pedir desculpa, e se ela ver que tá errada ela vai contornar, é algo que o meu filho tá fazendo também, que eu briguei com ele cedo por isso, porque ele tá com a mania muito feia de, quando ele tá errado, ele tenta contornar para não dizer que tá errado, mas de certa forma sair pela tangente, mesma coisa que a Suelen faz, parece até que são filho biológico, ela faz a mesma coisa, quando ela vê que tá errada, que não tem mais saída, aí ela vai contorna para poder virar a favor dela...ela sempre acha que so meu filho tá errado...não quero ela só brigando com ele. Cada um resolve as coisas com seus filhos e pronto”.</i>

As famílias entrevistadas apresentam o manejo com seus enteados (as) e, em algumas falas, podemos perceber que as relações são mais fluidas e, em outras, conseguimos notar uma rigidez maior. Para umas, percebemos que o diálogo se faz mais presente e que conseguem se entender de um modo mais harmônico; em outras, o diálogo é mais truncado e se apresenta um certo nível de agressividade, principalmente na fala da mulher da F.I. Notamos que as famílias compreendem os geradores de estresse e conseguem identificá-las, e que sempre buscam mobilizar recursos para lidar com essa fonte de tensão.

Nem sempre é possível para as famílias entrevistadas encontrarem recursos que consideram os mais adequados para os conflitos e, por vezes, pode reverberar em falas e atos agressivos, mas em suas narrativas é possível notar que vivem constantemente se esforçando para viverem com maior qualidade de vida e evitarem o estresse.

Figura 9 - Linha do tempo do casal da F.I.



Nota. Elaborado pelo casal da F.I. durante as entrevistas.

Apresentamos na **Erro! Fonte de referência não encontrada.** a Linha do tempo do casal da F.I e vemos que, na sua construção, aparece um evento conflituoso envolvendo os filhos, o que corrobora para os recortes das falas que trouxemos na tabela acima.

3.6.1.5 Isolamento na pandemia da Covid-19 e medo de perder o emprego

Após a chegada da COVID-19 no Brasil, foram tomadas medidas pelas autoridades sanitárias locais em diferentes esferas administrativas (governo federal, governos estaduais e municipais). Elas se diferenciaram de uma região para outra do país; entretanto, a mais difundida pelas autoridades foi a do distanciamento social, entendida de forma geral pela população e pela mídia, como isolamento social. O isolamento social, no início da pandemia, causou muitas polêmicas no país, uma vez que algumas autoridades mostram-se céticas quanto à sua eficácia, principalmente o presente da república. O fato é que, em 2020, a maior parte dos governadores e prefeitos de decisão optaram por incentivar essa medida, adotando estratégias de controle da mobilidade da população, como o fechamento de escolas e universidades, do comércio não essencial, e de áreas públicas de lazer etc. Grande parte da população brasileira apoiou e aderiu ao movimento do isolamento social com o intuito de se prevenir da COVID-19 e de colaborar com a atenuação da curva de contágio no país. Todavia, o processo de isolamento social tem causado alguns impactos na vida das pessoas, principalmente na das famílias (BEZERRA et al., 2020).

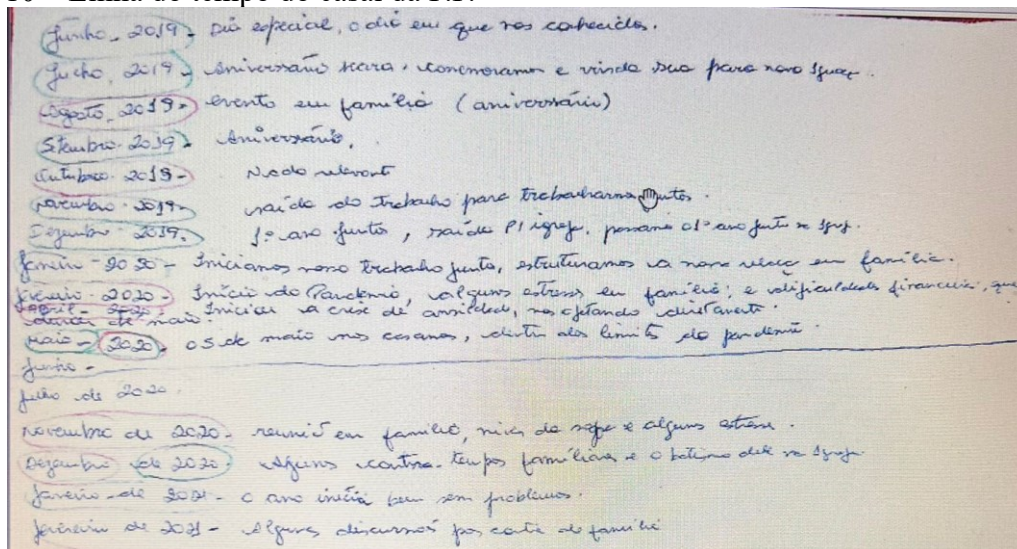
Tabela 12 – Eixo I – Estresse: “Isolamento na pandemia da Covid-19 e medo de perder o emprego”

Participantes	Relato
Homem da F.C.	<i>“... o começo da pandemia que daí a gente teve que ficar junto 24 horas, é... ela não me matou nem eu matei ela, então continuou, a gente tá bem aqui. Difícil a convivência nessa fase. Olha não sei como é a palavra lidar, mas é muito difícil. ainda mais com negócio de pandemia, tem que evitar o máximo de contato, vamos dizer assim. É... vamo dizer assim, eu finjo que tá tudo bem, mas não tá nada bem. O tempo todo. Não tinha trabalho e ainda tinha medo de perder alguém próxima”.</i>
Mulher da F.D.	<i>“É, março, aí impactou... bota aí o impacto que teve foi... no relacionamento da gente foi... não impactou, melhorou o que mais impactou foi a parte da, a minha parte lá no metrô que eu trabalhava... financeiramente né? 2020 a convivência, porque assim, muitos casais se separaram né com esse negócio de pandemia de tá muito tempo juntos isso não influenciou nada gente, isso foi até bom. O que impactou foi financeiramente porque eu fui demitida...perde o emprego me deixou muito tensa. Também tive medo de perder meus pais que já são idosos”.</i>
Mulher da F.F.	<i>“Ai, ai... esse momento muito difícil, essa questão também da superação da Covid, ele ficou muito ruim e a gente pensou que ele..., pensou até que ele fosse bater as caçuletas dele, foi um momento muito difícil de também superar. ... a gente, foi nossa, só de pensar já fico meio, meio, meio emocionada ai, foi um momento muito difícil. E aí, e pai de amigos nossos morrendo, foi... eu falei ‘cara, nós estamos numa... numa guerra’, parecia uma guerra civil que tava morrendo, sendo que a gente não conhecesse o inimigo e a gente tava perdendo a guerra. E quando chegou isso na minha casa, né, que eu acabei adquirindo, né, ele primeiro, depois eu fiquei, mas eu até que meus sintomas foram é... teve um sintoma forte, mas depois, parece que meu organismo reagiu bem e ele não conseguia reagir da mesma, no mesmo tempo que eu consegui levantar. Então, mas Deus sabe de todas as coisas, né, [inaudível] no controle. Foi um momento realmente assim, eu fiz uma reflexão... Ai eu acordava e ficava assim ‘Mô, como você tá?’ ‘Eu com medo de não, dele não responder</i>

Participantes	Relato
	<i>mais. Foi um negócio nesse nível, sabe? Tinha medo de acordar ele ter morrido e como ficariam nossos filhos”.</i>
Mulher da F.G.	<i>“Porque veio Pandemia também, né, não fizemos nada, né, dentro disso, não fizemos nada. É, já casamos dentro da pandemia e senti muito medo com esse vírus. Fiquei muito abalada emocionalmente e afetou o processo do casamento”.</i>
Homem da F.H.	<i>“É, então, é só, assim, a fonte de renda foi praticamente da ..., é claro que teve ajuda do, dos meus pais e tal, ajudando em certas coisas, mas o pesado mesmo, foi essa mudança do trabalho dela, aí o que segurou bastante na pandemia. Tive que fechar minhas lojas e nossa renda caiu bastante ei quis vender o carro e até a casa como medo de não ter mais condições de manter as coisas”.</i>
Filha da F.I.	<i>“Não, no parque foi bom, mas foi ruim porque... a gente não sabia de nada também e depois disso, minha mãe a ficar muito nervosa por conta disso, da pandemia, 2020 foi um dos piores anos e 2021 também tá sendo, mais ou menos”.</i>
Mulher da F.J.	<i>“Ai, ai nós, pera aí, foi janeiro a gente descobriu, aí tal, aí daqui a pouco chegou março, a pandemia, aí parou tudo, aí a gente ficou, eu acho que todo mundo ficou sabendo, não sabendo o que fazer, aí para escola, aí nosso fuso horário mudou, né, porque a gente já não tinha mais o horário, ia dormir muito tarde e acordava tarde também...a família mudou a rotina e isso foi ruim para nós”.</i>

Em nossa pesquisa, ficou claro que os impactos econômicos e sociais da pandemia afetaram e afetam as famílias de maneira muito incisiva. Nem todas as famílias mencionaram no desenho da linha tempo sobre a pandemia, mas, em seus relatos, todas, de certo modo, se sentiram afetadas e, umas mais que outras, abaladas em sua saúde mental. Nos recortes de falas que fizemos, notamos que o momento em que foi anunciada a pandemia houve muito medo em relação à saúde, mas o que as famílias mais enfatizaram foi o medo de perder o emprego e não ter como manter suas condições econômicas. Os entrevistados relatam medo de adoecer, medo de não ter como se sustentarem e medo em relação a seus familiares mais idosos. A palavra medo ficou evidente e percebemos que foi um fator de estresse que as famílias tiveram que lidar.

Figura 10 – Linha do tempo do casal da F.F.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.F. durante as entrevistas.

O homem da F.F, conforme ilustrado na figura 10, teve Covid e ficou muito doente, o casal relata que tiveram muito medo de que algo pior pudesse acontecer. Mas o que mais preocupava era o fato de não saber como os filhos ficariam caso um deles viesse a morrer e falaram muito sobre se apoiarem nesse momento de incertezas.

3.6.1.6 Gravidez e nascimento do filho(a)

A chegada de um filho amplia o ciclo de vida da família, pois é um período em que se faz necessária uma reorganização nos papéis familiares para incluir o novo membro da família (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016). Na família recasada, essa organização demanda um investimento maior por parte dos pais para que os filhos da relação anterior se sintam incluídos nesse processo de mudança da família. Lidar com os filhos adolescentes, ao passo que nasce uma criança pode se tornar uma dura tarefa para o casal, gera um aumento de estresse, pois o momento de tensão nas relações pode ser potencialmente ameaçador para o desenvolvimento do bebê, para a relação conjugal e para a construção das fratrias. Cabe, então, ressaltar a importância do casal manter um relacionamento equilibrado, propiciando um ambiente saudável para o desenvolvimento da criança e fortalecendo os vínculos com os filhos adolescentes, de modo a favorecer o sistema familiar para ter condições de uma maior negociação na divisão das tarefas domésticas em consequência ao aumento de compromissos e responsabilidades por parte de todos os membros da família (VIEIRA et al., 2018).

Tabela 13 – Eixo I – Estresse: “Gravidez e nascimento do filho (a)”

Participantes	Relato
Mulher da F.A.	<i>“Tipo, no início da gravidez eu senti que ele se afastou. Eu chamei para conversar e as coisas melhoraram... Sempre parte de mim. Quando tem que resolver coisas da filha dele também parte de mim, como se eu fosse a responsável por tudo que ela faz... Eu não sou a mãe, mas eu a amo muito. Agora com a chegada o irmão ela está muito feliz e participa bastante. Quando nascer vou tentar sempre incluí-la nos cuidados com o bebê”.</i>
Filha da F.A.	<i>“As boas eu fiquei feliz, por exemplo as viagens e a gravidez da. Isso me deixou feliz...vou ter um irmão. Eu já quis chamar a ...de mãe e me explicou que eu já tenho uma mãe. Eu acho que ela é minha mãe sim e vai até me dar um irmão. Eu estou muito feliz com isso”.</i>
Homem da F.A.	<i>“Somos uma família. A Chegada do...só vai fortalecer isso ainda mais. Eu não queria ser pai novamente, mas aceitei por ela que não era mãe pela minha filha que sempre quis um irmão...elas estão felizes eu fico feliz também”.</i>
Mulher da F.D.	<i>“Eu fiquei grávida, né, em janeiro e foi uma felicidade muito grande, porque era um sonho pra mim e a Eduarda ficou mais feliz, ela ficou radiante, entendeu? Ela ficou muito feliz porque ela queria um irmão, né, e o... foi muito engraçado porque, como eu já tinha tido um alarme falso, eu... tava com medo de fazer o teste e ela. Eu descobri em janeiro, eu engravidei, mas eu só descobri no carnaval, né, na verdade, é... eu... eles me acordaram para fazer o teste porque eu tava com medo de fazer e ela ficou toda feliz né e aí eu comprei uma blusinha para ela, já tinha guardado, que ela foi promovida à irmã mais velha. Ai, e ela queria que fosse uma menina, né, que ela queria uma irmã, e eu fui fazer a sexagem fetal e dei para ela abrir, ela falou que ia organizar um chá de revelação só para a gente, mas ela ficou tão emocionada que ela não aguentou, aí ela contou. Eu sempre procuro incluir a... em tudo que seja relacionado ao bebê e ela adora”.</i>

Participantes	Relato
Homem da F.D.	<i>“Então, a princípio eu realmente não tava querendo não, entendeu? Porque eu já tinha uma filha e tal, falei ‘Olha, já tenho uma filha, não quero ter mais filho’, mas aí fui pensando, né, ela nunca teve filhos ia ser um pouco de egoísmo da minha parte, aí a gente acabou chegando no consenso e vamos tentar, vamos, então, vamos tentar. Minha filha doida pra ter um irmão, queria um irmão, tava naquela ficção de com quem eu vou brincar, vou ter que ter uma pessoa pra brincar e eu acabei cedendo, a gente vai, a gente vai pensando, a gente vai amolecendo e aí acaba decidindo de enfrentar junto. A ...sempre chama a ...para participar de tudo, até na escolha da cor do quarto e dos móveis. Tá sendo um momento muito bom para nós”.</i>
Mulher da F.H.	<i>“A gente sabia dos risco que, que corria, né, porque eu tava, eu tinha, tava fazendo uma investigação médica, então eu parei de tomar o remédio, tava, ia completar três meses sem tomar o remédio, é... então assim, então acabava transando sem camisinha uma vez ou outra e tal, aliás, sempre, né... No início, a gente pensou, assim, que minha filha a sentir muito ciúme, né, da... tava naquela, aquela expectativa, né, aquela ansiedade para a bela nascer. Todo dia ela perguntava. Todo dia “que dia vai nascer?”, “vai nascer hoje?”, “vai nascer amanhã?”.</i>
Homem da F.H.	<i>“Hoje em dia, também uma peça essencial assim, em relação ao convívio da ..., assim, de ajudar, entendeu, ela ajuda bastante a ..., a única coisa que ela não tem assim, intimidade é trocar fralda quando ela faz coco, ela “ah não gosto”, daquele jeito dela, mas, cara, super ajuda, ela... ciúme para mim, eu acho que num... só quando a ... tá com a ... brincando, beijando, aí tu vê que rola um ciúme, que ela vai pra cima, a...vai para cima da ...também, ficar abraçada, é mais esse momento de ciúme mesmo, mas fora isso elas se gostam muito”.</i>

Nas falas da **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, podemos notar que com a chegada dos filhos as madrastas buscaram incluir suas enteadas nas tomadas de decisões em situações que envolviam o bebê. As mulheres foram mais enfáticas ao falar sobre a chegada dos filhos e os homens comentaram pouco e nem comentaram, mas percebemos que apesar de ser um momento em que elas estavam felizes por serem mães, demonstravam um certo nível de

estresse em ter que lidar com a maternidade, o casamento e com tudo que envolve a família. Algumas falaram sobre o que sentiram ao saber que iam ser mães e em como conseguiram se aproximar de suas enteadas com a chegada de um irmão(ã). Uma participante que já era mãe relatou como foi para sua filha mais velha receber a notícia de que a família receberia mais um membro e que, por vezes, percebe um certo ciúme da filha, mas que não é nada que afete ou abale a relação entre elas.

3.6.2 Eixo II – Resposta ao estresse: como as famílias respondem aos eventos estressores

A forma como as famílias lidam com o estresse pode alargar ou comprimir os sentimentos, sensações e percepções a respeito de situações atribuladas. As respostas dadas para enfrentar o estresse podem interferir na intensidade de sofrimento emocional e afetar a capacidade de lidar com os acontecimentos. Essas respostas adaptativas irão ajudar os sujeitos a se adaptarem ao meio, colaborando para sua sobrevivência e para sua manutenção (SOUSA et al, 2015; BRITO; HADDAD JR., 2017).

3.6.2.1 Diálogo na relação parental

O relacionamento pais-filhos(as) costuma ser visto como conflituoso, principalmente na família recasada. No entanto, a literatura vem nos mostrando que ela pode ser menos conflituosa do que se supunha, pois os conflitos tendem a se referir às vivências do dia a dia e muitas vezes refletem as expectativas criadas frente às relações (PONCIANO, 2016). Esse é um período de aquisição, no qual as informações são agrupadas e os filhos já estão conseguindo desenvolver habilidades para lidar com o estresse e as decepções (MARQUES; MOURA, 2016).

Tabela 14 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Diálogo na relação parental”

Participantes	Relato
Mulher da F.D.	<i>“Eu tento envolvê-la em tudo aqui. Sempre que vamos tomar uma decisão, a mais simples que for eu converso com ela para saber a opinião. Até na escolha do quarto do bebê, na cor das paredes...tudo. Nos damos bem e conversamos muito”</i>
Homem da F.H.	<i>“Eu me dou bem com ela. Muito bem! Conversamos muito e não chamo atenção não. Só conversa mesmo. Eu cozinho pra ela, ela adora. Eu</i>

brinco com ela o tempo todo e sempre assuntos em comum. Relação muito boa e a conversa rola solta”.

Homem da F.J. *“Só que, tipo assim, eu não tinha aquela liberdade de chegar e tentar conversar com ele, não porque não me entendia, para não tentar, para não... do jeito que tava as coisas, para não querer vir falar ‘ah tu não é nada meu, tu não manda em mim’ poderia ouvir isso e não ficaria legal. Então preferi ficar de plateia, assistindo, mas pelos bastidores dando uma assessoria para ela, porque assim, ‘oh vamos tentar dessa forma, vamos ver até onde vai chegar, vamos tentar resolver.’ Graças a Deus, consegui resolver. Fui me soltando e fui aprendendo a conversar com a filha dela sem me sentir mal... a conversa ajuda a resolver um monte de coisa, sabe?”.*

Nessa categoria, conforme observado na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, as falas dos entrevistados são interessantes em muitos sentidos, sendo separadas as que trouxeram elementos mais significativos em relação à resposta ao estresse na relação parental, o que nos permite perceber uma aproximação entre os membros da família. Nas falas da mulher da F.D e nos homens da F.H e F.J, fica evidente que todos tentam criar atividades que possam aproximar na tentativa de se vincularem aos seus enteados(as). É um processo de aproximação que fazem todos se sentirem pertencentes sem necessariamente tentar ocupar o lugar do pai ou da mãe, mas, sim, estabelecer relações de afeto que gera bem-estar e acolhimento.

3.6.2.2 Suporte Social e afetivo

No ciclo de vida da família, enfrentam-se desafios em diferentes fases, e os membros necessitam realizar alterações para lidar com o surgimento de demandas. Nesse momento, os estudos indicam que a rede de apoio pode ser uma forma de enfrentar o estresse causado por essas transformações e ajudar na readaptação da família (SEIBEL et al., 2017). As redes de apoio social e afetivo relacionadas à idade dos membros da família são equivalentes com as transformações provocadas por eventos de vida, especialmente os normativos. Acontecimentos normativos e não normativos podem gerar respostas diferentes na rede de apoio. Nos eventos normativos, a rede pode expandir as relações, e, nos eventos, não normativos podem provocar a diminuição. Nas famílias com menor poder aquisitivo, portanto, menos estáveis, mostram ser

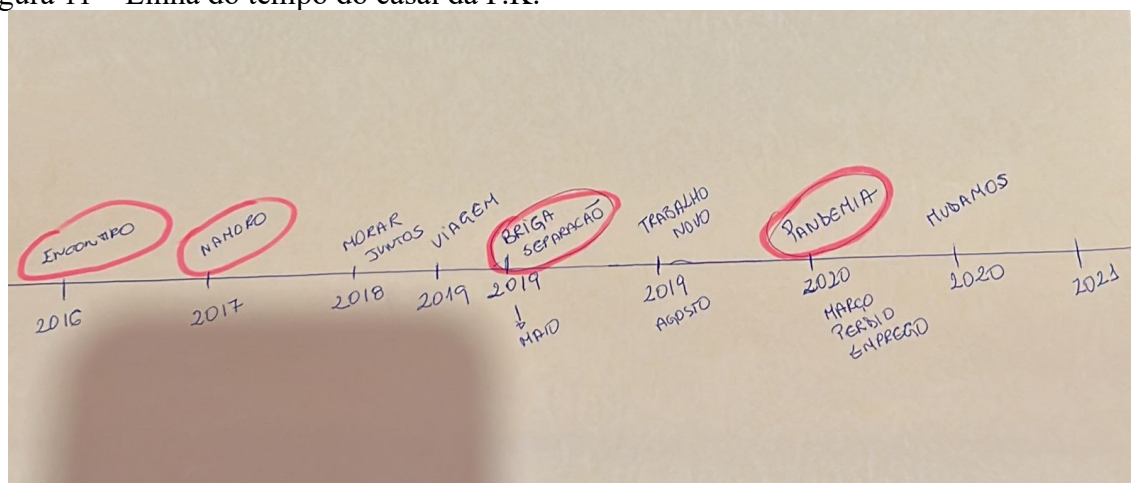
os primeiros a serem desenvolvidos, enquanto o núcleo familiar com maior poder aquisitivo apresenta um distanciamento maior da rede de apoio, principalmente em relação ao cuidado com os filhos. O apoio recebido por parte dos familiares e amigos é uma forma de enfrentamento ao estresse e uma possibilidade de se sentirem felizes (SEIBEL et al., 2017). As relações interpessoais possibilitam uma maior fluidez nas respostas emocionais, um alívio nas situações estressoras, suporte em situações tensas e restabelecimento do equilíbrio físico e/ou emocional (MUSSUMECI; PONCIANO, 2017).

Tabela 15 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Suporte Social e afetivo”

Participantes	Relato
Mulher da F.D.	<i>“O apoio dos meus pais faz toda diferença aqui em casa. Eles me ajudam em tudo, apesar de serem idosos. Não tem como viver bem sem esse apoio, entende? Nós somos gratos por isso que eles fazem por nós. Os pais dele também...ajudam muito”.</i>
Mulher da F.H.	<i>“Nem sei o que seria de nós...a gente se vira muito bem, mas minha sogra me ajudou muito cuidada da bebê enquanto eu estava no home office. Meu, nem sei...muito mesmo. Tipo, isso é essencial, ter um suporte da família e dos amigos também. A gente tem amigos ‘f...’”.</i>
Mulher da F.K.	<i>“Meu irmão ajuda bastante a gente com os filhos e até financeiramente, se precisar. Ele tá sempre perguntando se estamos bem e precisando de alguma coisa. Esse monte de filho, né? Tem que te ajudar sim e fica tudo certo quando tem ajuda”.</i>

Na categoria presente na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, os entrevistados desatacam o quanto consideram relevante o apoio que recebem de sua família extensa, de seus amigos e de todos que consideram como rede de apoio. Percebemos que as pessoas valorizam mais os aspectos emocionais dos relacionamentos e as relações mais próximas e estáveis. Para que isso aconteça, criam estratégias para se aproximarem e, assim, amenizarem os conflitos, dando em certa medida uma resposta ao estresse.

Figura 11 – Linha do tempo do casal da F.K.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.K. durante as entrevistas.

Trouxemos na **Erro! Fonte de referência não encontrada.** a linha do tempo do casal da F.K para essa família passou por um processo de separação e logo em seguida uma reconciliação, mas que para eles o que mais ajuda em tempos difíceis é poder contar com o suporte da família extensa, de um modo especial o irmão dela que os ajuda no dia a dia.

3.6.2.3 Vida socioeconômica em equilíbrio

A condição social econômica assume diferentes significados para as pessoas e é fundamental em nossas vidas, uma vez que vivemos numa sociedade capitalista, sendo assim, é importante saber administrá-la. Ao colocarmos o tema condição socioeconômica e família juntos, dois aspectos emergem: primeiro a condição socioeconômica como sustento e bem-estar, e segundo as relações de afeto que podem ser proporcionadas pelo fator financeiro. A forma como as famílias lidam com as questões sociais e financeiras podem refletir na qualidade das relações, interferindo nos sentimentos, nos afetos, na saúde e no equilíbrio emocional de todos os membros envolvidos. Em situações de dificuldades financeiras, muitas vezes, ao invés de apoio e proteção, as pessoas passam a discutir, a brigar e a alimentar sentimentos dolorosos, que podem, inclusive, levar ao rompimento das relações; quando as condições socioeconômicas da família estão em equilíbrio, os sentimentos e as relações tendem a se fortalecer (ROY et al., 2019). No contexto familiar, além do pagamento de bens materiais e serviços, o dinheiro (ou sua retirada) acaba sendo utilizado em aspectos subjetivos, como tempo, afeição, agradecimento, culpa, vingança, poder, status, justiça, reconhecimento, premiação, punição, amor, exploração, ajuda, entre outros (ROY et al., 2019).

Tabela 16 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Vida socioeconômica em equilíbrio”

Participantes	Relato
Homem da F.J.	<i>“... eu era muito mão aberta, hoje em dia, eu sou um pouco mais controlado, ela conseguiu me controlar porque eu gastava à toa, hoje em dia, sou bem mais controlado. Então eu consigo ter um fundo de reserva, mesmo que eu não esteja trabalhando, mas o período que eu venho trabalhando, eu venho fazendo um fundo de reserva para que se aconteça algo desse gênero eu tenho no mínimo pelo menos uma condição de manter durante um período até ver se eu consigo um outro trabalho ou até receber os fins rescisórios, alguma coisa assim, para poder somar com que eu tenho. Então assim, eu aprendi muito com isso e hoje em dia eu sempre faço fundo de reserva por mais que queiram ‘ah pega 300, 400, 500 reais’ que não vai fazer falta eu guardo”.</i>
Mulher da F.G.	<i>“Tivemos apertos financeiros, né? Principalmente na pandemia. Só que foi a época que mais conseguimos economizar e guardar alguma coisa. Eu fui trabalhar com ele e as coisas melhorar bastante. Hoje estamos bem, financeiramente. Contas em dia e uma temos uma pequena reserva. Olha...organização financeira ajuda muito a ter um casamento feliz e manter a relação boa (Risos)”.</i>
Homem da F.I.	<i>“Também por uma questão financeira, antes a gente não saía para passear porque não tinha dinheiro, acho que... num, sei lá, em dois anos nós fomos o que, para Iguaba só, né? Melhoramos nossa situação financeira e conseguimos fazer mais coisas juntos. Fazemos mais coisas em família, levamos os filhos para passear. A relação muda quando a grana não tão apertada. A gente fica mais feliz e poder sair, viajar, comprar coisas...brigamos menos quando estamos passeando e nos divertindo”.</i>

A partir das falas da categoria representada na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, os entrevistados abordam como se sentem bem e com menos estresse quando percebem que sua vida econômica está em equilíbrio e quanto isso auxilia a aproximação dos membros da família e ajuda a promover a vida social. Percebemos que condição socioeconômica foi relatado pelos participantes como um fator que ameniza o estresse. Quando a família se sente bem socialmente e economicamente, descrevem que as relações são mais harmoniosas.

3.6.2.4 Diálogo na relação conjugal

O diálogo no casamento é uma forma de apoio mútuo e de lidar com o estresse. O momento da conversa significa uma forma de recurso positivo. Essa forma de resposta ao estresse está dirigida a um nível somático e/ou a um nível de sentimentos, buscando alterar o estado emocional e amenizar a sensação física desagradável de uma circunstância estressante (MUSSUMECI; PONCIANO, 2017).

Tabela 17 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Diálogo na relação conjugal”

Participantes	Relato
Homem da F.I.	<i>“Assim, se for, se for fazer em linha gerais, parece que os momentos estressantes ficaram para trás e os felizes, vamos dizer assim, são mais agora, né, de um ano, dois anos para cá... pô, a gente tenta conversar mais e organizar mais a distribuição das coisas”.</i>
Homem da F.J.	<i>“Pra conversar com os filhos o casal tem eu conversar antes...eu falo pouco, mas eu tô entendendo que que tem que conversar para não te telefone sem fio. Quando a gente tem paciência de conversar a gente briga menos também e isso ajuda na convivência”.</i>
Mulher da F.J.	<i>“Ihhh, conversa aqui em casa era difícil...tinha mais bate boca. Depois a gente entendeu que pra ficar casado tinha que melhor nossa forma de conversar. Estamos tentando conversar mais, né? Acho que tá funcionando...aprendendo a resolver as coisas na conversa e não o bate-boca”.</i>

Conforme podemos observar na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, os casais das famílias entrevistadas apontam o diálogo como um fator responsável por amenizar e responder ao estresse. Para os cônjuges, é necessário que haja conversa no dia a dia e que essa atitude possa contribuir para uma melhor relação entre eles e com os filhos. Na percepção deles, um relacionamento amoroso saudável é construído com diálogo e sinalizam que, quando não conversam as brigas e os desentendimentos, sobressaíam mais.

3.6.2.5 Viajar

As famílias que conseguem viajar juntas se sentem revigoradas física e emocionalmente. Os problemas e o estresse oriundos de uma rotina cansativa e os conflitos diários somem ou diminuem bastante quando a família viaja. Viajar significa conhecer novos lugares e culturas, conviver mais com a natureza, caminhar mais, brincar mais e criar um ambiente de maior aproximação. O convívio e o afeto no momento da viagem beneficiam as relações especialmente, aproximando os filhos adolescentes de seus padrastos e madrastas.

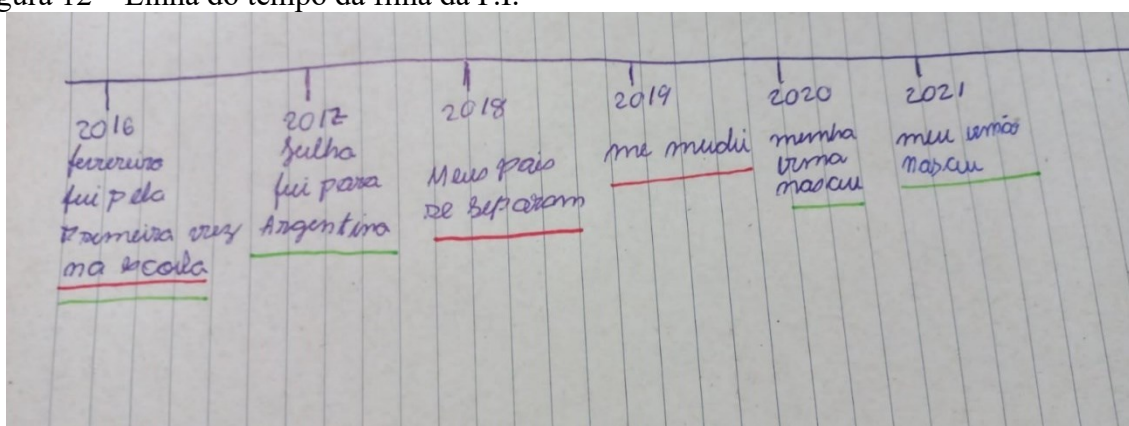
Tabela 18 – Eixo II – Resposta ao estresse: "Viajar"

Participantes	Relato
Mulher da F.A.	<i>“O segundo momento que a gente concorda foi uma viagem que fizemos para Disney em 2016. Foi muito bom, em família e eu circulei como sendo uma coisa muito boa na nossa vida...”</i>
Homem da F.A.	<i>“Pra conversar com os filhos o casal tem eu conversar antes...eu falo pouco, mas eu tô entendendo que que tem que conversar para não te telefone sem fio. Quando a gente tem paciência de conversar a gente briga menos também e isso ajuda na convivência”.</i>
Filha da F.A.	<i>“Essa viagem foi incrível, pois fizemos em família. Minha mãe, minha irmã. Minha filha...foi muito bom mesmo. Não pelo lugar, mas por ser em família...bom estar em família”</i>
Mulher da F.C.	<i>“Comecei pela viagem da Disney, foi em família e foi muito bom...por mim eu tinha ficado mais tempo lá... até circulei de verde, pois foi muito bom mesmo...Depois a viagem para Nova Iorque, eu gosto de viajar e foi em família. Sempre gosto de passeios em família”</i>
Mulher da F.D.	<i>“Então, uma viagem de aniversário com a família, uma coisa legal né?! No uniu bastante”</i>
	<i>“Era para ser uma viagem só nossa. Foi, foi, não era para ser, ia ser só nós dois, mas aí a mãe precisou que ela ficasse com a gente e aí nós fomos e foi ótimo porque ela adorou, ela adorou. Nós adoramos também”</i>

Participantes	Relato
	<i>“Ah, porque, assim, foi, foi legal e de ver assim, o que eu fico feliz é ver a felicidade da...., né, que ela fica bem, ela se sente à vontade, ela gosta e ela adora ir para hotel, essas coisas, e é muito, eu acho muito engraçado, sabe, ver ela feliz, acho que faz a gente feliz. Na viagem para Friburgo então, ela adorou por causa, ficou doida com meu primo tem um cachorro lá maluco, aí ela ficava doida, ela não parava com o bicho sabe ela se sente à vontade, se sentia à vontade com a gente (risos)”</i>
Filha da F.I.	<i>“Viajamos junto pela primeira vez, o lugar nem era tão legal assim, mas ter ido com eles foi muito legal. Tinham os amigos da minha mãe também e minha mãe deixou eu levar uma amiga minha (respira fundo)... foi muito bom”</i>
Homem da F.K.	<i>“Aqui é um monte de filhos (risos)... pra viajar é difícil, mas quando acontece é muito bom. Nos divertimos muito e ficamos mais unidos”</i>

Na categoria demonstrada na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, as famílias expressam como se sentem quando estão viajando, e a viagem aparece nas narrativas dessas famílias como sendo um fator que responde ao estresse e que cria uma aproximação. Eles exaltam o fato de, quando estão viajando, conseguem se aproximar mais e terem a sensação de estarem em família, o que nos remete a pertencimento e entrosamento.

Figura 12 – Linha do tempo da filha da F.I.



Fonte: Elaborado pela filha da F.I. durante as entrevistas.

Apresentamos na figura 12 a linha do tempo da Filha da F.I que sinaliza uma viagem como algo que aconteceu no início do casamento de sua mãe que foi prazerosa para todos

os familiares. Segundo a Filha da F.I, estava em família e tinham amigos, o que deixou o momento ainda mais satisfatório e prazeroso.

3.6.2.6 Mudar de casa/trabalho

Qualidade de vida e bem-estar são situações proporcionadas por diversos fatores ligados ao dia a dia, diretamente ligados à moradia e a um bom trabalho, principalmente por se tratar de locais onde se passa boa parte dos momentos. Uma casa pode proporcionar alegria, vontade de estar ali e cuidar daquele espaço. Ao mesmo tempo, gera sentimentos positivos, ligados ao bem-estar e, conseqüentemente, contribuindo para aumentar a qualidade de vida. O trabalho pode ser danoso na medida em que se sentem inseguros com o medo de perder o emprego e não ter como garantia as despesas pagas e bem-estar. No entanto, quando iniciam um novo trabalho e/ou conseguem um emprego as relações familiares ficam mais fortalecidas e tendem a ser mais felizes.

Tabela 19 – Eixo II – Resposta ao estresse: “Mudar de casa/trabalho”

Participantes	Relato
Mulher da F.H	<i>“Quando me separei saímos da casa que era nosso xodozinho e fomos morar no apartamento. Tivemos que nos adaptar. Conseguimos. Logo em seguida conheci o... e namoramos. Ele sempre me chamava para morar na casa dele que é enorme...tipo mansão. Cara, eu os pensava em como filha ia reagir a mais uma mudança...conversei com ela e ela pediu para irmos devagar...foi um processo. Nos mudamos e ela amou a casa nova”.</i> <i>“... mudar de trabalho, estando grávida fez muito bem para nós. A gente renovou depois disso... foi incrível”.</i>
Filha da F.H.	<i>“... minha mãe sempre falava que a casa do tio...era legal. Era legal mesmo, mas eu não queria muito ir pra lá. Fomos aos poucos e depois eu fui gostando. Eles fizeram um quarto pra mim, do jeito que eu quis e lá tem mais espaço. Eu gosto muito da casa agora e me sinto bem morando lá”.</i>
Mulher da F.I.	<i>“... quando a gente morava no prédio quando morava lá, ali só foi um praticamente, foi aquela vez pra Iguaba...quando saímos, com a tua mãe, com a tua prima, de lá pra, da última, da casa da piscina para cá, aí, os</i>

Participantes	Relato
	<i>momentos felizes, vamos dizer assim, eles se tornaram maiores e os conflituosos menores Quando nos mudamos para a casa com piscina as crianças ficaram mais felizes e nós também...a mudança foi boa para gente”.</i>
	<i>“Eu consegui um outro emprego e a renda familiar aumentou. Ele também começou a trabalhar e foi bom. Mudança de ares e conseguimos mudar de casa também”.</i>
Homem da F.I.	<i>“Ela gosta de mudar de casas e eu embaraço. Em três anos mudamos umas três vezes...tem o fato financeiro, né? Aluguem mais barato, mas isso acaba trazendo uma sensação gostosa. As crianças gostam”.</i>
Filha da F.I.	<i>“Cara, lembra a casa da piscina? Quando fomos para lá foi muito bom. Ter uma casa com piscina é legal. Agora mudamos para essa casa e gostamos também a gente ajudar a colocar as coisas no lugar”.</i>
Homem da F.L.	<i>“Quando resolvemos comprar essa casa era para dar mais conforto e espaço para os filhos. Só que eles vão crescendo e agora ficamos aqui só com a ...que é pequena ainda. Mas a gente ama essa casa e não tem coragem de se desfazer”.</i>

Nessa categoria, as famílias apresentam narrativas que apontam para o quanto se sentem bem fazendo mudanças, seja no trabalho ou mudando de casa. Nos recortes das falas que constam na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, podemos notar que, em determinados momentos, as mudanças causaram um certo desconforto, mas depois elas foram fazendo um certo sentindo, e os entrevistados conseguiram se sentir bem. Como se nota fala da filha da F.H, ela estava resistente a mudar de casa, mas, com o passar do tempo e a convivência, foi considerando que a mudança se tornou algo benéfico, trazendo bem-estar.

3.6.3 Eixo III – Bem-estar: como as famílias encontram bem-estar

O bem-estar apresenta-se como uma forma de buscar a felicidade e realização, alavancando o desenvolvimento humano, pois as pessoas tendem a buscar alcançar seus objetivos e serem felizes. A capacidade que a família tem de aprimorar e estabelecer o bem-estar está relacionado com as suas vivências que, mesmo passando por mudanças contínuas,

bem como tendo momento conflituosos e estressantes, tem potencial para lidar com esses fatores e, conseqüentemente, obter bem-estar (SHIMOGUIRI; SERRALVO, 2017).

3.6.3.1 Felicidade no casamento

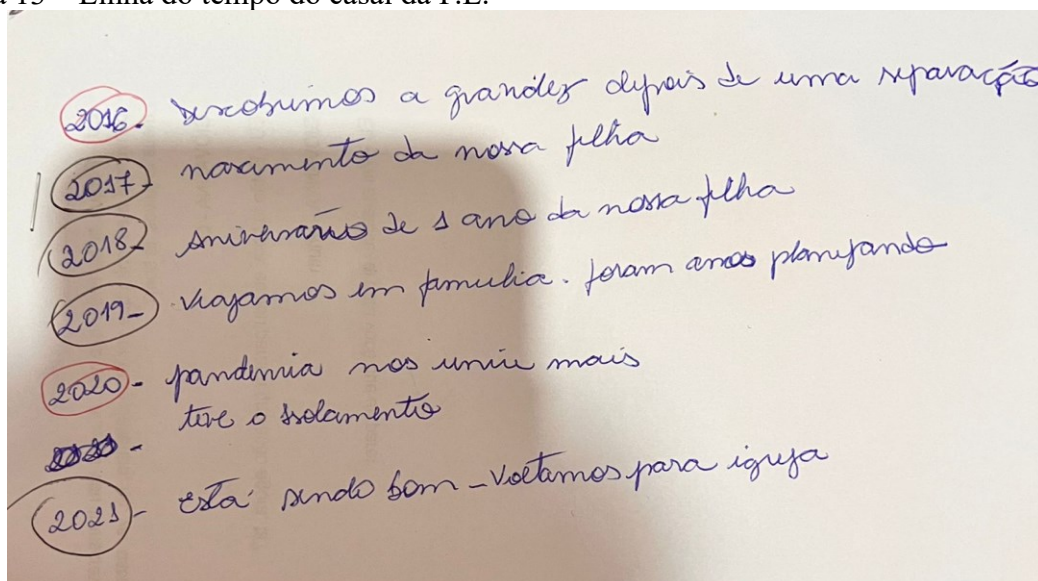
Para que haja bem-estar é necessário o equilíbrio entre as sensações positivas e as negativas, as positivas devem prevalecer, proporcionando sensação de satisfação, alegria e coesão. Ou seja, Casais em que têm alta frequência positivas e níveis elevados de satisfação apresentam bom níveis de bem-estar (CAVALHIERI et al., 2017; Da SILVA; PONCIANO, no prelo). O bem-estar é um indicador subjetivo de qualidade de vida e satisfação, uma vez que o casal irá indicar e avaliar o que pode ser bom para eles na vida ou em alguns seguimentos (casa, trabalho, família, relações pessoais). Assim, o bem-estar considera as experiências singulares da relação conjugal e favorece a percepção dos fatores positivos. No entanto, no bem-estar, não se descarta as experiências negativas, mas aproveita-se a forma como o casal lida com essas experiências (ARSEGO; MORALES, 2018).

Tabela 20 – Eixo III – Bem-estar: “Felicidade no casamento”

Participantes	Relato
Mulher da F.B.	<i>“Somos uma família, né? Isso nos faz felizes...pelo menos eu sou feliz Morar com ele me fez ter a sensação de família”</i>
Homem da F.F.	<i>“Olha, ver nossos filhos juntos. Ver ela indo para mesma igreja que eu e fazer os planos que fazemos é uma sensação boa. Ninguém é feliz o tempo todo, mas nós somos na maioria do tempo. Foi uma boa escolha para casar (risos)”</i>
Mulher da F.H.	<i>“Ah, eu quis fazer a festa de um ano da nossa filha. Energia lá no alto, amigos e família reunida. A gente tinha que comemorar, sabe! Somo felizes somos uma família e o casamento é ótimo... e isso tem que ser comemorada com todo mundo importante pra gente”.</i>
Homem da F.L.	<i>“Eu tenho quase quarenta anos e confesso que estou vivendo o melhor da minha vida agora. Acho que Jesus preparou o melhor para mim nesse momento, inclusive a ...voltou para igreja e eu estou voltando com ela. Família é tudo. Valorizo isso. Teve uma época que eu não valorizava, mas agora eu só que ficar com a minha família e cuidando da minha esposa”</i>

A partir da **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, podemos ver que, nessa categoria, os entrevistados conseguem expressar alegria, felicidade e bem-estar na relação conjugal e notamos a sensação de pertencimento em uma família como pode ser visto na narrativa da mulher da F.B. Para os casais que entrevistamos, o casamento traz muitas sensações boas que devem ser comemoradas. Na Linha do tempo ilustrada na figura 13, o homem da F.L declara que essa é a fase mais feliz de sua vida, pois está vivendo de modo a se dedicar à sua família, que a decisão de voltar para a igreja (religião) faz com que se sintam mais unidos.

Figura 13 – Linha do tempo do casal da F.L.



Fonte: Elaborado pelo casal da F.L. durante as entrevistas.

3.6.3.2 Convivência entre os membros da família

As habilidades que a família tem para lidar com fatores estressantes estão intimamente ligadas com suas experiências mais precoces que acontecem no seio da família. Essa capacidade é importante na construção de uma estrutura familiar mais saudável e na elaboração da saúde emocional dos seus membros. No entanto, a família como promotora de saúde emocional e facilitadora de boas relações não é aquela em que não há conflitos e, sim, que encontra recursos para enfrentar e administrá-los. Assim, a convivência entre os membros das famílias pode ser potencial para o bem-estar, encontrando possibilidades e alternativas para resolver de conflitos e para conseguir amenizar ou contar os efeitos destrutivos, gerando bem-estar (ARSEGO; MORALES, 2018). Se os conflitos e estresses, então, forem elaborados de forma a se construir

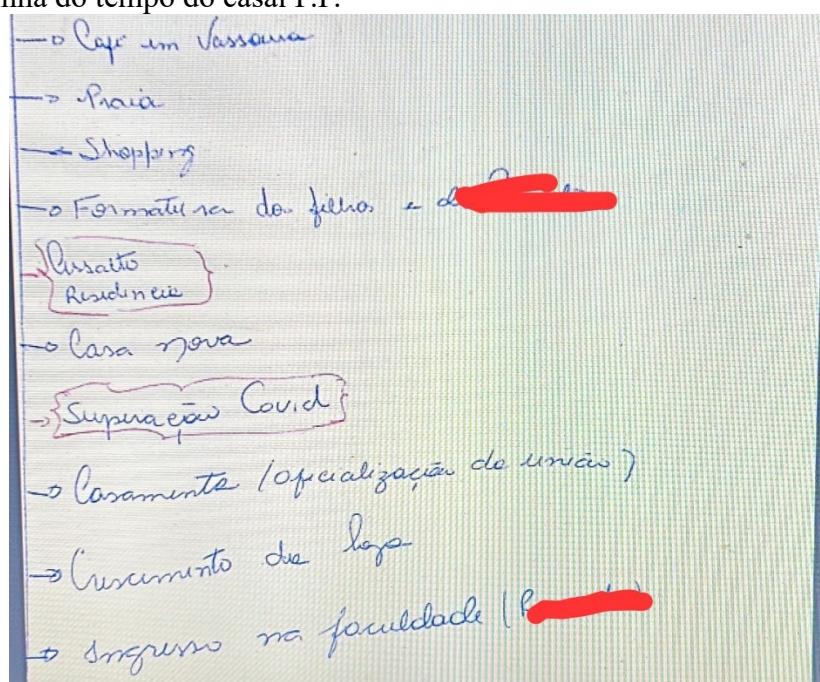
um ambiente familiar que favoreça as relações, isso pode facilitar o desenvolvimento de convivência mais solidária e harmoniosa.

Tabela 21 – Eixo III – Bem-estar: “Convivência entre os membros da família”

Participantes	Relato
Homem da F.E.	<i>“A convivência é boa, quase não...é boa. Qual família não briga?”.</i>
Homem da F.F.	<i>“Relação muito boa entre nós, convivência tranquila e a paz reina. Bom, tem umas briguinhas, mas na maioria das vezes é tudo na paz”.</i>
Homem da F.G.	<i>“Eu acho a relação boa, não tenho nada do que reclamar. Nossa convivência normal...é boa”.</i>
Mulher da F.J.	<i>“... convivência? Ih, tranquila. Depois que a gente aprendeu a conversar melhorou muito”.</i>
Mulher da F.L.	<i>“Eu amo nossa relação. Gosto de ver todo mundo junto e conviver junto...pena que nem sempre rola”.</i>

Na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, os entrevistados relatam que possuem uma boa convivência e que uma alternativa para que isso aconteça é a via do diálogo, conforme menciona a mulher da F.J. O homem da F.F relata que conviver bem nem sempre significa ausência de brigas e de conflitos.

Figura 14 – Linha do tempo do casal F.F.



Fonte: Elaborado pelo casal F.F. durante as entrevistas.

Apresentamos na figura 14 a linha do tempo elaborada pelo casal da F.F, mesmo o casal não indicando eventos de conflitos em seu desenho, eles apresentaram em suas narrativas que a convivência entre eles tem sido muito boa. Durante a entrevista, tiveram dificuldade de lembrar de momentos em que se desentenderam ou que estabeleceram relações ruins com os filhos.

3.6.3.3 Respeitar as individualidades

Nos relacionamentos familiares, percebemos que é importante se individuar e vivenciar experiências que sejam primordiais para o desenvolvimento, socialização e adequação. Nessa ótica, a família terá que resolver com sucesso as duas tarefas que são a criação de um sentimento de pertença ao grupo e à individualização/autonomização dos seus elementos.

Tabela 22 – Eixo III – Bem-estar: “Respeitar as individualidades”

Participantes	Relato
Mulher da F.B.	<i>“Eu faço umas coisas que são só minhas. Ele não gosta muita e eu também falo para ele fazer. Tem que ter um momento só nosso e isso também faz parte da vida do casal. Tem uma individualidade”.</i>
Mulher da F.E.	<i>“Eu saio com as minhas amigas e vou para igreja cuidas das coisas que gosto e ela faz as coisas dele também. Melhor assim, cada um fazendo suas coisas sem ficar cobrando”.</i>
Homem da F.K.	<i>“Eu saio, jogo minha boa...ela também faz umas coisas que nem sei bem o que é. Olha tem que ter espaço se não, não dá certo”.</i>
Homem da F.L.	<i>“Fazemos tudo juntos, mas se não der não tem estresse. Cada um vai cuidando daquilo que dá e a gente vai se entendendo. Eu sei que casamento tem que ter momento de ficar sozinho também”.</i>

Com base na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, nessa categoria, notamos que os casais consideram que é preciso vivenciar uma zona de interação comum, devem ter projetos em comum, mas que é fundamental experienciar uma busca pela individualidade para tornar o casamento mais saudável e feliz, proporcionado bem-estar. Percebemos que, para os casais entrevistados, a individualidade pressupõe realizar atividades sem a companhia do

cônjuge e sem que haja uma queixa ou reclamações em relação a essas escolhas que segundo os relatos são de interesse de apenas um dos parceiros.

3.6.3.4 Suporte emocional

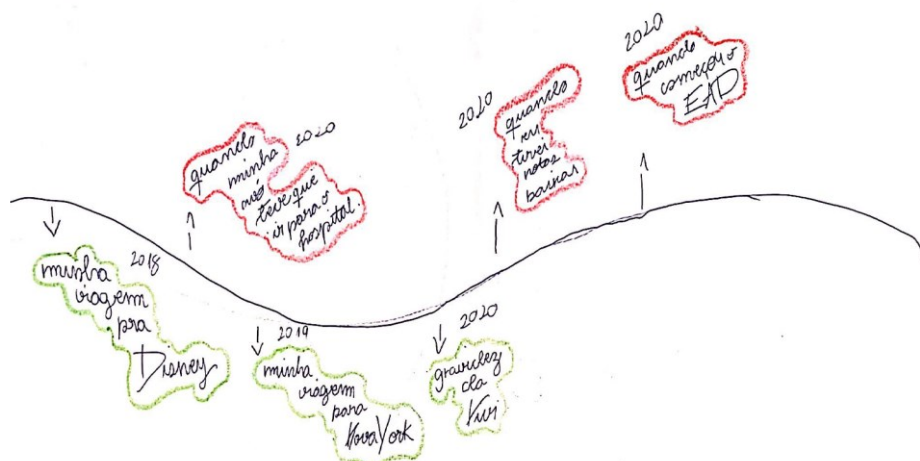
Os relacionamentos considerados mais saudáveis têm suas inter-relações estabelecidas pela ajuda na tomada de decisão e no apoio diário, principalmente para os casais, potencializando a realização e a felicidade.

Tabela 23 – Eixo III – Bem-estar: “Suporte emocional aos filhos”

Participantes	Relato
Filha da F.A.	<i>“Eu tirei notas baixas por causa do ensino remoto, mas meus pais me apoiaram e entenderam”.</i>
Filho da F.B.	<i>“Não posso contar muito com meu pai, mas a minha mãe está sempre ao meu lado me apoiando e cuidando de mim”</i>
Filho da F.E.	<i>“A relação é boa, tranquila, tomo mundo se apoia...eu estou fazendo exames para descobrir o que tenho e todo mundo está do meu lado”</i>
Filho da F.F.	<i>“Minha mãe me incentiva muito e apoia minhas decisões, mesmo que ela não concorde. Eu acho isso muito bom nela. Ela ficou comigo o tempo todo quando meu tio morreu...ele era muito chegado”.</i>
Filho da F.L.	<i>“Meu pai e a ...sempre poiam tudo. Eles são legais”.</i>

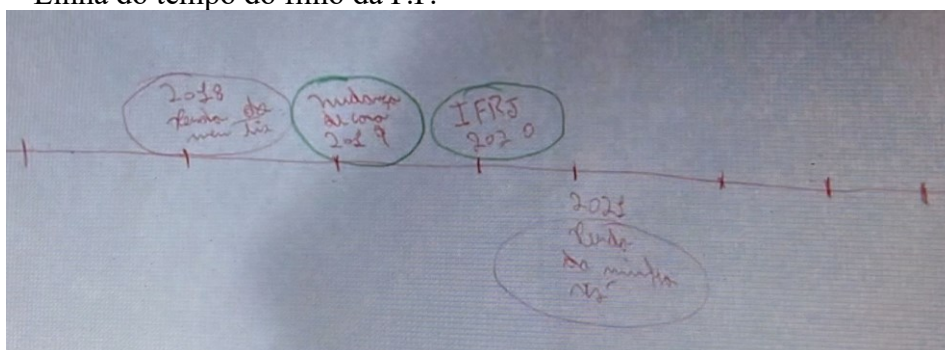
Nessa categoria, com base na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, percebemos como os filhos (as) se sentem em relação a sua família. Notamos que, quando percebem que são apoiados e incentivados, os filhos relatam experimentar uma sensação de bem-estar. A sensações de apoio que os filhos (as) sentem os fazem terem a percepção de estabelecerem boas relações com os pais-mães e padrados-madrastas.

Figura 15 – Linha do tempo da filha da F.A.



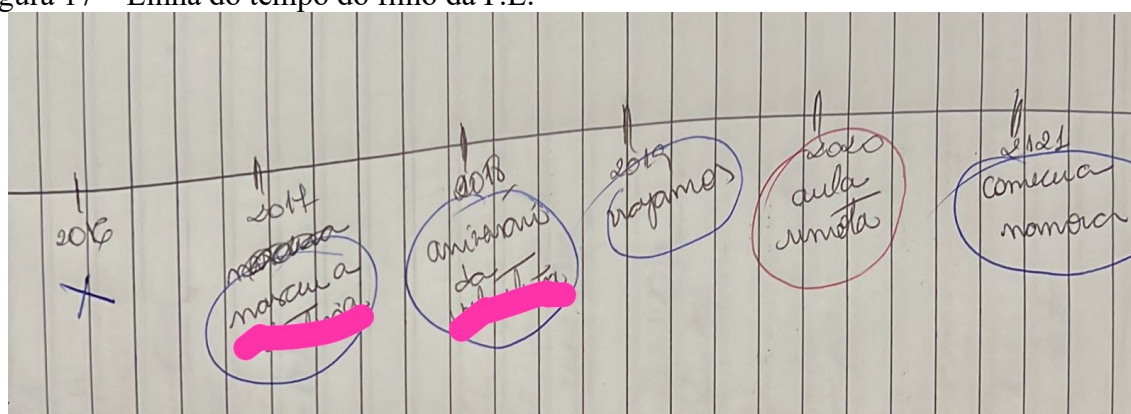
Fonte: Elaborado pela filha da F.A. durante as entrevistas.

Figura 16 – Linha do tempo do filho da F.F.



Fonte: Elaborado pelo filho da F.F. durante as entrevistas.

Figura 17 – Linha do tempo do filho da F.L.



Fonte: Elaborado pelo filho da F.L. durante as entrevistas.

Apresentamos, nas figuras 15, 16 e 17, a linha do tempo de alguns desses adolescentes. Apesar de não terem representado o apoio em seus desenhos, fica evidente em suas narrativas

que, para eles, é essencial se sentirem acolhidos e apoiados por seus pais e mães-padrastos e madrastas. A adolescente da F.A, por exemplo, coloca em sua linha do tempo o início do ensino EAD e, na entrevista, ela sinaliza que esse forma de estudar fez com seus rendimentos escolares fossem ruins, mas que seus pais souberam entender e não a criticar. Sentiu-se apoiada. Já o adolescente da F.F relata se sentir apoiado pela mãe em tudo, especialmente no momento de luto em que seu tio faleceu.

3.7 Discussão

A discussão tem início retornando ao objetivo geral da pesquisa: compreender, a partir de narrativas que retratam as experiências singulares, as variadas estratégias utilizadas para lidar com o estresse e o modo como as famílias recasadas criam bem-estar. Propomos, nesse estudo exploratório, junto a uma maior necessidade de compreensão da vivência dessas famílias, identificar como elas respondem aos eventos estressores e constroem bem-estar.

Esta discussão foi realizada com base nos eixos e nas categorias apresentadas junto às falas dos respondentes da entrevista, levando ainda em consideração a Linha do Tempo, as respostas dos membros das famílias ao questionário sociodemográfico. Salientamos que, apesar de termos recortado as falas dos membros individualmente e caracterizado os participantes com base nas respostas no instrumento, nossa discussão abarca toda a família e suas relações.

A literatura sobre recasamento enfatiza que as características desse modelo de família tornam-nas mais complexas e exigem de seus membros uma reorganização menos rígida e mais flexível. A família recasada deve se abrir para a chegada e acomodação dos novos membros; isso acarreta alterações na estrutura familiar (PASLEY; GARNEAU, 2016; PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2017; SCHOLZ; BOTTOLI, 2019; RALEY; SWEENEY, 2020).

Já a literatura sobre estresse e resposta ao estresse nos apresenta que, nas relações familiares, ele pode ser definido como desadaptativo que acontece quando seus membros não possuem recursos suficientes para lidar com as demandas advindas da convivência e por não saber administrar conflitos sem compromisso parental ou conjugal. Apesar de haver influência de variáveis sociais, ambientais, comportamentais e desenvolvimentais, o modo como os membros da família pensam e avaliam tanto os benefícios quanto os danos de seu papel parental é o que determinará o nível de estresse experimentado (REPETTI et al., 2013; BRITO; FARO, 2016; HAMMETT et al., 2018).

A partir da literatura, identificamos que a relação entre pais, padrastos-madrastas e filhos(as) adolescentes se apresenta, para alguns pais, como um grande desafio e, para outros,

como um processo natural (PONCIANO, 2016; PONCIANO; SEIDL-DE-MOURA, 2016). Nessa relação, emergem sensações de toda sorte que se expressam das mais variadas formas, as quais podem facilitar ou dificultar a relação diádica (FARIA; PONCIANO, 2018). Na família recasada, as relações entre pais e filhos(as) são uma possibilidade para o crescimento de ambas as partes. A relação dos enteados (as) com seus padrastos e madrastas nos pareceu como sendo mais distante, mas, em nossa pesquisa, isso não nos remete a uma relação negativa, mas sim a uma relação que se constrói com a convivência. Com base em nossas entrevistas, percebemos uma maior aproximação das adolescentes com suas madrastas; contudo, isso foi notado em um número pequeno de entrevistas. Nas F.A e F.D, fica evidente o quanto as madrastas tentam incluir as enteadas em muitas situações e nas tomadas de decisões, mas elas sempre frisam que não pretendem ocupar o lugar de mãe, mas sim proporcionar uma relação familiar que todos se sintam acolhidos. Conforme ressalta Dantas et al. (2019), nas famílias recasadas, podem existir dificuldades na definição dos papéis e em como cada adulto vai desempenhar suas funções; porém, é necessário que as madrastas encontrem uma maneira de exercerem suas funções de modo que sejam diferenciadas da função da mãe (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). No entanto, encontrar esse lugar não é tarefa fácil; devemos alertar que a expressão de angústia e de dificuldade no exercício desses papéis podem trazer prejuízos significativos na relação, desdobrando em conflitos e comprometimentos no desenvolvimento do bem-estar da família.

A análise deste estudo baseia-se na amostra de 12 famílias recasadas com filhos adolescentes, que se apresentaram voluntariamente para participação nesta pesquisa. Nas famílias entrevistadas, 2 mulheres estavam em seu primeiro casamento, e 10 mulheres estavam recasadas. A idade dessas mulheres variou entre 30 anos e 56 anos. Desse número de mulheres, 12 trabalham fora e julgam ter dupla jornada (família e trabalho). Apenas uma mulher participante da pesquisa indicou que sua renda financeira é a que provê a família. Todas as outras, de alguma forma, dizem trabalhar para ajudar nas despesas de casa e para ter suas próprias coisas.

Esses dados da pesquisa corroboram com uma pesquisa realizada pelo IBGE que apontam 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integravam a força de trabalho no país em 2019. Entre os homens, esse percentual foi 73,7%. A força de trabalho, segundo o IBGE, é composta por todas as pessoas que estão empregadas ou procurando emprego. As mulheres com filhos pequenos têm maior dificuldade em ingressar no mercado de trabalho. Ainda de acordo com o instituto, na faixa etária entre 25 e 49 anos, a presença de filhos, principalmente crianças, vivendo no domicílio se mostra como fator relevante. O nível de ocupação entre as mulheres que têm filhos pequenos é de 54,6%, abaixo dos 67,2% daquelas que não têm. A

situação é exatamente oposta entre os homens. Aqueles que vivem com crianças registraram nível de ocupação de 89,2%, superior aos 83,4% dos que não têm filhos nessa idade.

Quanto aos homens participantes desta pesquisa, 4 estavam em seu primeiro casamento e, 8 estavam recasados. Todos os homens entrevistados trabalham formalmente ou informalmente. Percebemos que na fala dos homens entrevistados não apareceu o relato de se sentirem numa dupla jornada.

Em nossa pesquisa, averiguamos que, das 12 famílias participantes, 10 eram mães com filhos do primeiro casamento, 7 homens eram pais com filhos do primeiro casamento e 5 casais ambos tinham filhos do primeiro casamento. Informamos também que 4 casais têm filhos juntos. Cabe ressaltar que um dos homens entrevistados que era padrasto de um adolescente se recusou a participar da entrevista em que toda a família ficaria reunida.

No que diz respeito à situação socioeconômica, devemos salientar que 3 famílias se declararam acima da média, 7 famílias se declararam na média e 2 famílias se declararam na média. Nas famílias que disseram ter renda acima da média, pelo um dos conjugues possuem nível superior.

Nas entrevistas com os filhos adolescentes, percebemos uma dificuldade de estabelecer uma relação de confiança, pois pareceu que, por ter sido de forma remota, causou um distanciamento. Dos 12 adolescentes entrevistados, quase todos se demonstram muito tímidos e envergonhados; apenas 3 foram mais receptivos e desenvoltos. Informamos aqui que uma adolescente se recusou a participar da entrevista sozinha e só aceitou realizar a entrevista com a família toda reunida.

Quanto às atividades dos filhos na pandemia, percebemos que todos os filhos estavam inseridos na escola. Das famílias entrevistadas, 9 filhos fazem outra atividade que não seja apenas frequentar as escolas; 3 filhos frequentam a escola e não fazem mais nenhuma atividade além dessa. Segundo as famílias, as atividades dos filhos foram suspensas do presencial quando o país informou sobre a pandemia e decretou isolamento social. As maiores das atividades foram mantidas de forma remota.

Já em relação ao prejuízo na renda com a chegada da pandemia da COVID-19, em resposta ao questionário sociodemográfico, 5 famílias informaram que tiveram sua renda reduzida, e 6 famílias não tiveram redução no orçamento família. Corroborando com os dados da nossa pesquisa, um estudo realizado por pesquisadores da FIOCRUZ sinalizou que a renda familiar foi comprometida com a crise sanitária ao comparar com o período anterior à chegada da pandemia; como podemos observar a partir das estatísticas, 55,1% das famílias tiveram diminuição na renda, e 7,0% ficaram totalmente sem rendimentos. A pesquisa ainda discute que

a famílias que mais tiveram prejuízos financeiros eram aquela que recebiam até quatro salários-mínimos. Famílias que recebiam mais de quatro salários-mínimos quase não tiveram sua renda afetada, segundo dados da pesquisa (ALMEIDA et al., 2020). Segundo informações trazidas por nossos entrevistados, suas rendas foram afetadas, mas não a ponto de terem mudado de *status* socioeconômico, por exemplo, saindo de acima da média para a média ou saindo de média para abaixo da média.

A partir de agora, iremos discutir os eixos temáticos e as categorias.

Em relação ao eixo temático I: “Estresse”, encontrado nas entrevistas, buscamos contemplar aspectos trazidos pelas famílias entrevistadas que elucidassem suas experiências e vivências em relação ao estresse. Procuramos identificar na fala dos participantes narrativas que apontassem para sensações e percepções de situações que são ou foram conflituosas que geraram algum nível de estresse nas relações. As categorias: “o que me estressa no casamento”; “divórcio e recasamento”; “o que mês estressa na relação com filhos adolescentes”; “falta de autonomia no cuidado com o (a) enteado (a)”; “isolamento na pandemia do COVID-19 e medo de perder o emprego”; “gravidez e nascimento dos filhos”, evidenciam os modos como as participantes percebem-se em relação ao seus conflitos, no momento da entrevista, e apresentam seus próprios critérios para falarem sobre suas experiências emocionais e relacionais com seus(suas) filhos(as) adolescentes e com seus parceiros, em interações sobre situações e vivências que geram fronteiras mais rígidas (FONSECA; JORDÃO, 2014; RIVERS; SANFORD, 2018; MCEWEN; AKIL, 2020).

Na categoria “o que me estressa no casamento”, os cônjuges ponderaram sobre a dificuldade em ter uma vida a dois, mais ainda em se tratando de famílias em que, pelo menos um dos membros do casal, já tenham tido um casamento anterior. O casamento representa uma vivência de significados muitos intensos e com grandes expectativas; assim, na medida em que os casais vão aumentando sua intimidade e afetividade, os conflitos começam a surgir, o que pode provocar um comprometimento na qualidade vida conjugal. Nesse sentido, os casais conseguiram verbalizar sobre como se percebem no casamento, evidenciando seus sentimentos e emoções, atravessados pelos papéis assumidos, tais como como madrasta e/ou padrasto. Se observarmos a resposta do homem da F.A, notaremos que, para ele, a noção de estresse é bem diferente de sua parceira, pois alguns elementos que ele considera fáceis, para ela podem ser estressantes, o que nos remete à discussão estabelecida no capítulo 2 de que o estresse é uma relação privada entre o indivíduo e o ambiente que nem sempre será equivalente para todos (GRAHAM; BARNOW, 2013).

Para a mulher da F.B, a ênfase do estresse ocorre quando se trata de mediar a relação de seu filho com o padrasto, pois faz a leitura de que o companheiro não consegue interagir de forma a auxiliá-la, e sim para criticá-la no que se refere aos cuidados com o filho. Cabe um alerta aqui, visto que, na família recasada, não é interessante idealizar o padrasto no lugar do pai, tentando repetir um modelo de família nuclear, há as implicações subjetivas quanto ao contorno que o termo padrasto traz em si como um potencial intensificador de conflitos, pois, tradicionalmente, vê-se a figura do padrasto como um substituto para o pai (PASLEY; GARNEAU, 2016). Nesse exemplo, para o casal, tecer críticas ao outro gera estresse; percebemos, com isso, que a forma como cada membro do casal percebe o estresse nem sempre é compatível.

Já segundo a fala da mulher da F.C, o momento estressante passa por oficializar a relação e no período de pandemia em que o trabalho do seu companheiro ficou incerto e instável. Dessa forma, nos recortes de falas dessa categoria, enfatizam pontos que consideram conflituosos e frágeis na relação conjugal ao passo que necessitam lidar com a construção parental (VIEIRA et al., 2019).

Na categoria “divorcio e recasamento”, os casais descreveram mais sobre seus incômodos em relação ao divórcio do parceiro (a). O processo de divórcio causou muito sofrimento para todos os entrevistados que tiveram um casamento anterior. Nas mulheres, o período de divórcio foi um tempo de se sentirem sozinhas e com muita mágoa por não terem a sensação de solidão nos homens, apesar de relatarem sofrimento também descreveram uma certa frustração por não terem conseguido fazer o casamento “dar certo”. O processo do divórcio envolve a elaboração de um luto, o que é considerado como a morte do ex-cônjuge dentro de cada membro do ex-casal (NAIFF; SILVA, 2016).

Nas falas que apresentamos, a mulher da F.B menciona que fez uma aposta na relação mesmo sabendo que ele ainda estava se relacionando com a ex-esposa, enquanto ele faz questão de reforçar que já não havia mais envolvimento amoroso com ela, mas que residiam na mesma casa. Para esse casal, esse início de relacionamento foi o que mais incomodou no processo de construir um novo casamento, pois necessitaram estabelecer uma confiança. A mulher da F.D também apresenta um relato de insatisfação com o início da relação, pois ela se via como amante, e esse fator a deixava insatisfeita para manter o relacionamento sem garantias de que poderiam ficar juntos de modo definitivo. A mulher da F.D relatou que, durante o início do relacionamento, quando seu companheiro ainda era casado com a esposa do casamento anterior, acreditava que ele iria se separar. Quando isso não aconteceu, ela optou por se afastar dele. A partir do momento que ele decidiu se separar, a ex-esposa proibiu que ela tivesse contato com a enteada até que

saísse o divórcio. Para ela, o divórcio era de suma importância, pois isso faria com ela se aproximasse da enteada e que passasse a considerar que a sua relação é válida, assim poderia exercer sua função de madrastra relacionado a conjugalidade e parentalidade (SCHOLZ; BOTTOLI, 2019; RALEY; SWEENEY, 2020).

Apontamos que fatores relacionais na origem da infidelidade são variados e não temos a intenção de nos aprofundarmos, pois não é tema de nossa pesquisa. No entanto, devemos salientar que, para essas duas mulheres entrevistadas, foram momentos de muito estresse na relação com seus parceiros, pois, para elas, ter um casamento saudável passava por eles tomarem a decisão de se separarem (ALVES-SILVA et al., 2016; BERNARDI et al., 2016., Goulart et al., 2016; KOPROWSKI et al., 2020).

Nas narrativas do homem da F.D e da mulher da F.H, foi explicitado que o desejo se separar já existia, mas havia também uma preocupação com as filhas. Para o homem da F.D, o receio era de se distanciar da filha, entendendo que a guarda ficaria com mãe; enquanto para a mulher da F.H, a preocupação seria como a filha iria reagir com sua tomada de decisão e se ela aceitaria seu novo relacionamento. Devemos ressaltar, aqui, que o processo de inserção do padrasto na vida de seus enteados e a história de formação desse vínculo talvez precisem ser entendidos por outra ótica. Afinal, pai e padrasto ocupam lugares diferentes no tempo e no espaço da família. A construção de um relacionamento afetivo com os enteados não é uma tarefa fácil. O novo relacionamento amoroso da mãe indica para os filhos, por exemplo, que a separação dos pais tende a ser definitiva, o que pode resultar em conflitos entre padrasto e enteados (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Para a família F. C, especificamente o processo de divórcio aparece pouco em seus relatos, mas no recasamento discorrem sobre entraves na relação com os filhos. A mulher da F.C nos conta que sua relação com ex-marido foi bem difícil e ainda é, mas que nem sempre ela expõe isso para muitas pessoas, conforme a literatura nos apresenta esse é um momento que grande complexidade na vida dos casais e que pode ser um grande causador de estresse (ALVES; ARPINI, 2017; PIOVANOTTI; DUQUE, 2018).

Corroborando com a literatura, em nossas entrevistas, notamos que a família recasada não deve ser uma tentativa de reprodução da família nuclear tradicional, mas, sim, uma estrutura complexa formada por laços antigos e recém-formados. Assim, ela difere da família nuclear tradicional não apenas em sua estrutura, mas também nos papéis e funções exercidos pelos seus membros, além de em como se constrói a conjugalidade que, por vezes, como nos exemplos citados acima, ainda existe em um primeiro casamento (ROLIN; WENDLING, 2013; RAMÍREZ et al., 2020; RALEY; SWEENEY, 2020).

Ao falarem sobre seus sentimentos e emoções na categoria “divórcio e recasamento”, percebemos dificuldades em expressarem o que estavam sentindo e como foi vivido esse processo. Em alguns momentos, consegui intervir, propondo que os casais pudessem conversar sobre esse período. O diálogo foi apresentado como possibilidade de desfazer os “nós” que a separação e o recasamento podem trazer de estresse ao casal. Para Vieira et al. (2019), o divórcio para todas as famílias é um processo complexo. Pode ocorrer em qualquer família, independentemente do nível socioeconômico e cultura, em qualquer fase do ciclo vital individual, do casal e familiar, com cônjuges que tenham filhos ou não, sendo assim considerado uma crise vital.

Na categoria “O que me estressa na relação com filhos adolescentes”, identificamos que o recasamento ocasiona diversas mudanças no relacionamento familiar, fazendo com que os envolvidos precisem se habituar a um novo sistema, a uma nova rotina de vida e saber lidar os novos papéis (PEREIRA, 2015, ROCHA, 2015). No relato das famílias entrevistadas, percebemos que os desafios notados na relação com os filhos adolescentes partem mais dos pais-mães, padrastos-madrastas do que propriamente dos filhos(as) e/ou enteado(a). O Homem da F.C demonstra ter uma dificuldade em se aproximar do enteado, pois considera que o adolescente não sabe lidar com as regras e os limites que ele impõe e alega que isso acontece pelo fato do adolescente viver sob a tutela do pai. Já a mulher da F.C relata não ter boa relação com ex-marido, que brigam para saber quem vai ficar com filho e que, para ela, é difícil mediar a distância do filho com todos os conflitos que isso acarreta. Debates aqui que construção de um relacionamento afetivo com os enteados não é uma tarefa fácil de se conseguir, pois o novo relacionamento amoroso da mãe pode sinalizar para os filhos que a separação dos pais tende a ser definitiva (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; GREENE et al., 2016).

Os padrastos mantêm relações mais distantes com seus enteados(as), e as madrastas se esforçam mais para se aproximar de seus enteados(as). Na F.I, ambos os membros do casal têm filhos da relação anterior, e, especialmente nessa família, a madrasta já teve sérios conflitos com o enteado, por isso decidiu manter uma certa distância dele; cabe ressaltar que todos residem na mesma casa. No relato dos casais da F.E e F.H, bem como dos filhos da F.E e F.H, percebemos que, para eles, a relação é harmoniosa e acontece de forma tranquila. Inclusive, destacamos que, na fala do filho da F.E, a convivência com o padrasto é maior do que a convivência com o pai, algo que ele não considera necessariamente um fator negativo, mas que se desvincular do pai e se vincular ao padrasto constitui uma construção de identidade a que todos os membros da família devem estar atentos (THORSEN; KING, 2016). Devemos ponderar aqui que na família recasada com filhos adolescentes faz-se necessário uma adaptação

do envolvidos, pois é importante considerar as modificações na estrutura da família (DANTAS et al, 2019).

Para os filhos, eles perceberam que precisavam compreender e se ajustar na sua nova configuração familiar, mas isso exigiu um investimento emocional por parte deles (JUNQUEIRA, 2016). Dentre os desafios vivenciados pelos adolescentes na relação familiar, o que nos chamou atenção foi uma adolescente de 12 anos da F.H que tomou a iniciativa de chamar a mãe para conversar quando percebeu que a mãe estava tentando forçar uma boa relação entre ela seu padrasto. Para essa adolescente, a relação se constrói com o tempo e não de forma forçada ou simplesmente por desejo da mãe. Quanto a isso, Junqueira (2016) evidencia a dificuldade em definir quem faz parte da sua família, e ressalta que o pouco tempo de convivência familiar, decorrente da necessidade de conciliar as jornadas de trabalho da mãe e do padrasto com as atividades extracurriculares do mesmo pode colaborar para uma demora na criação de vínculos.

Na categoria “falta de autonomia no cuidado com o enteado(a)”, devemos destacar que, quando o adolescente é residente, os padrastos ou as madrastas relataram mais dificuldade em perceber que têm autonomia na tomada de decisão frente aos seus enteados(as). Na F.A e na F.D, percebemos que madrastas buscam estabelecer uma relação de proximidade com as enteadas, e elas relatam ter mais autonomia na decisão quando a relação é mais saudável. Em outra entrevista, na F.E, por exemplo, o padrasto relata não ter conflitos com o enteado, mas que também não participa de nenhuma decisão e deixa isso à cargo da mãe. Na F.C, o padrasto se queixa que a mãe não deixa que ele tome decisões em relação ao enteado, e isso dificulta a convivências. Na F.I, ambos os cônjuges dizem não interferir na tomada de decisão em relação ao enteado e enteada, pois percebem que não há abertura para isso.

Tanto no relato do homem da F.H quando no da mulher da F.H, notamos que há uma aproximação nas narrativas e podemos considerar, a partir do que eles disseram, que os casais que se apoiam, se ajudam conseguem estabelecer melhores relações com os filhos (AMATO et al., 2016). Conforme recorte das falas apresentadas nesta categoria, notamos que a madrasta opta por se distanciar do enteado após uma briga e que o pai do adolescente não faz nenhuma mediação para que esse distanciamento diminua. Já a adolescente da F.I é próxima do padrasto e do seu filho.

Em enfoque a um dos objetivos específicos de nossa pesquisa que é compreender como as famílias recasadas com filhos adolescentes buscam o bem-estar, consideramos que esses resultados apontam a necessidade de atenção para a singularidade de cada família recasada, que tanto pode se organizar de maneira funcional e saudável, promovendo o desenvolvimento de

todos os seus membros, como pode experimentar estresse e conflitos que, quando não resolvidos, adoecem com o passar do tempo. Para que as famílias consigam ter bem-estar em suas relações, os cônjuges não podem almejar que seus filhos aceitem repentinamente o novo parceiro(a) e nem forçar uma construção de vínculo, mas devem criar possibilidades para que essa aproximação aconteça, ou seja, os pais devem mediar a relação para que surja um entrosamento. Segundo Vieira et al. (2019), no início do recasamento, o papel parental deve ser adiantado pela figura parental biológica, e o padrasto ou a madrasta precisam estar preparados para ser um auxiliar e para, com o passar do tempo e com o amadurecimento das relações esse papel, poder se tornar mais ativo, permitindo mais autonomia (COSTA; DIAS, 2012, PEREIRA, 2015).

Para manter um relacionamento coparental positivo e saudável que forneça bem-estar, as fronteiras entre os sistemas precisam ser permeáveis o suficiente para permitir o envolvimento dos novos membros em função parental, e nem sempre isso acontece sem a presença do pai ou da mãe mediando os conflitos. Além disso, as fronteiras precisam ser rígidas o suficiente para que pais e mães biológicos não sejam afastados de suas funções parentais. Encontrar esse equilíbrio tem sido o desafio das famílias que entrevistamos, mas vislumbramos que elas estejam avançando nesse sentido (ZARTLER; HEIRZER, 2015; VIEIRA et al., 2019).

Na categoria “isolamento na pandemia do COVID-10 e medo de perder o emprego”, as famílias relataram a vivência de muito estresse: alguns tiveram medo de morrer ou de perder familiares (F.D, F.I) e pessoas próximas; já outros tiveram que lidar com o desemprego ou o medo de ficar sem uma renda financeira (F.G, F.H). Destacaram ainda que ficar em isolamento social causou muitos danos individual e familiarmente, além de que sentiam que, em determinado momento, não suportariam ficar mais isolados e sem contato com outras pessoas (F.C). Nesse momento da entrevista, percebemos que tanto as famílias que se declararam com renda média ou acima da média tiveram receio no que se refere ao dinheiro; mas, nas famílias que se declaram com renda abaixo da média, esse fator foi um elemento de muita aflição e estresse. No entanto, devemos salientar que nenhuma família mudou seu *status* socioeconômico com a chegada da pandemia. Batista et al. (2020) apontam que os impactos da COVID-19 se diferenciam de acordo com a raça/cor, a etnicidade e os níveis de escolaridade.

Em pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2020) com 44.062 brasileiros de diferentes regiões do país, no período entre abril e maio de 2020, 55,0% dos participantes relataram redução na renda familiar. 11,1 milhões de brasileiros (16,0%) perderam o emprego, sendo que essa perda se mostrou mais acentuada para mulheres e pessoas com escolaridade inferior ao Ensino Médio (HECKSHER, 2020). Estima-se que o impacto

econômico da COVID-19 será duas vezes maior para pessoas com baixa escolaridade e renda (MOREIRA, 2020).

Apesar dos dados apresentados representarem que a pandemia causou mais impacto em famílias de baixa renda, em nossa pesquisa, podemos averiguar que as famílias respondem ao estresse de variadas formas, mas que as diferenças socioeconômicas não são um fator predominante para que essas respostas se alterem ou não. Em nossa pesquisa, houve uma preocupação com o adoecimento pelo contágio do vírus, medo de morte e medo de perder o emprego; no entanto, não consideramos que tenha sido diferente de acordo com o *status* socioeconômico, mas sim bem semelhantes, resguardando as particularidades de cada família (ENUMO et al., 2020; LIANG, 2020; PIZZINATO et al., 2020)

Na última categoria do eixo I “gravidez e nascimento dos filhos”, notamos que, quando ambos os cônjuges, possuem filhos do primeiro casamento e o desejo de terem filhos juntos é menor; mas, quando apenas um dos parceiros possuem filhos, a pessoa que não tem acaba desenvolvendo um maior interesse em ter. Os parceiros que já têm filhos aceitam ter mais filhos para atender um desejo daquele que não tem (mulher da F.H). Alguns relataram que se sentiram motivados a ter filhos por um pedido dos filhos mais velhos e que a tomada de decisão serviu como fator para aproximar todos os membros da família (homem da F.D. A maioria das famílias que decidiram ter filhos, seja por qual motivo, relataram vivenciar muito estresse nessa época, pois tinham que não só lidar com a gestação, mas também criar proximidade entre os filhos mais velhos com o bebê e com padrasto-madrasta. Todos foram unânimes em dizer que os filhos mais velhos têm uma função no cuidado com a criança recém-chegada (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; FONSECA; JORDÃO, 2014; MACARINI et al., 2016).

A chegada do primeiro filho para um casal é um grande marco na fase de aquisição, indicando a mudança de papéis no sistema familiar, conforme já apresentamos anteriormente. Na família recasada, a chegada de um filho muda o sistema familiar e requer novas adaptações para acomodar a criança que está chegando (GREENE et al., 2016). Assim, há que considerar as condições que o casal e os filhos se encontram para a chegada do bebê, pois o desenvolvimento da criança e da família poderão ser afetados na gravidez até o nascimento da criança (MACARINI et al., 2016).

No Eixo Temático II das entrevistas: “Resposta ao Estresse”, buscamos compreender os aspectos relativos à forma como as famílias respondem ao estresse, sendo permeada pelas estratégias que as famílias lançam mão para lidar com situações conflituosas e estressoras de forma dinâmica, procurando tais recursos nas próprias vivências de experiências. Consideramos que, ao identificarmos as categorias que abarcam a resposta ao estresse, estas nos permitem

compreender a forma cada membro lida com situações estressantes seja individualmente ou seja coletivamente. Como dissemos anteriormente, a mudança na família fatalmente gera estresse, mas a dinâmica familiar em constante mudança também pode favorecer a forma como os cônjuges e os filhos lidam com as tensões do cotidiano (OGOLSKY et al., 2019; BUCK; NEFF, 2012).

Na categoria “diálogo na relação parental”, as famílias entrevistadas destacam a importância de conversarem sobre as situações que são ruins, delicadas e difíceis e alegam que essa conversa ajuda a amenizar o estresse. Para as famílias, o diálogo pode ser associado a sentimentos e emoções diversos, permeados por sensação de confiança, responsabilidade, segurança e flexibilidade. O entendimento do diálogo na relação conjugal, na relação pais e filhos e na relação padrasto-madrastas permite-nos compreender o quanto essa relação influencia as subjetividades dos envolvidos e auxilia o melhor entrosamento entre os membros (FARIA; PONCIANO, 2016).

As famílias disseram que estabelecer diálogo pode solucionar muitos problemas, mas que é importante saber diferenciar o “ouvir” ou somente “esperar sua vez de falar”. A F.H disse que escutar deve ser algo solidário, colocar-se na posição de entender o outro e seu ponto de vista, não somente esperar para responder de forma rápida ou tecer críticas. A crítica, inclusive, é outro ponto que apareceu na F.B e que foi ponderado como algo ruim e que causa desconforto, pois isso causa o distanciamento, bem como cria um campo desconhecido sobre a vontade e os pensamentos dos membros da família.

Em retomada a nossa discussão no capítulo 1, o diálogo é um facilitador na relação conjugal que, conseqüentemente, favorecerá a relação parental (FÉRES-CARNEIRO et al., 2019). Em se tratando do diálogo na relação parental, o homem da F.J aponta que tinha dificuldade estabelecer diálogo com sua enteada por medo de não ser ouvido ou desqualificado por não ser o pai, mas que, com o tempo, conseguiu ir administrando isso e que atualmente a conversa flui de forma satisfatória. O Diálogo na família com filhos adolescentes favorece a transição para vida adulta e ajuda a enfrentar os desafios de se tornar adulto, criando uma emancipação da família com o suporte dela (KOPROWSKI et al., 2020; SCARBINI; RANIERI, 2011).

Na categoria “Suporte Social e Afetivo”, notamos que, cada vez mais, considera-se a importância dos laços construídos em ambiente familiar e no fortalecimento das potencialidades desses grupos familiares. Ao considerar os processos familiares e as suas vulnerabilidades, é importante também pensar no conceito de rede de suporte social e afetivo recebido por essas famílias. As famílias sinalizaram que, quando possuem a família nuclear, as famílias extensas,

os amigos e pessoas próximas como pilares de suporte socioafetivo, sentem-se mais acolhidas e conseguem fazer uso desse recurso para amenizar situações que causam desconforto e mal-estar.

Nas entrevistas que realizamos, as famílias descreviam o suporte social e afetivo como sendo relacionado a pessoas significativas que compõem a rede de relacionamentos. Podemos dizer que essas redes são entendidas como determinantes para o desenvolvimento, uma vez que a qualidade das relações melhora a capacidade de adaptação das pessoas ao seu ambiente, além de aumentar o senso de pertencimento, notamos isso na fala da mulher da F.D. Essas redes são compostas por relações sociais significativas que são constantes em um determinado período de tempo, e, considerando que a primeira rede de apoio do indivíduo tende a ser a família, percebemos que as famílias entrevistadas fazem uso disso para amenizarem ao estresse (SEIBEL et al., 2017).

As mulheres da F.H e da F.K apontam que o suporte recebido pela sogra e pelo irmão são essenciais para que consigam lidar com as adversidades e com o cotidiano, pois esse suporte faz com que se sintam mais seguras e mais amparadas para realizar outras tarefas, tais como trabalhar ou sair para o lazer. Para essas famílias, poder contar com uma rede extensa de familiares e amigos é uma forma de lidar com situações estressoras e de fortalecer a relação, pois conseguem ter momentos para a conjugalidade, ao mesmo tempo que podem confiar seus filhos a pessoas com as quais possuem uma boa vinculação afetiva (COELHO, 2017). Tal recurso nos remete a um dos objetivos de nossa pesquisa, que é de analisar como as famílias recasadas lidam com o estresse, considerando a conjugalidade e a parentalidade.

Na categoria “Vida financeira em equilíbrio”, foi possível identificar que a condição socioeconômica e a falta de acesso a determinados bens, tais como escola, saúde, lazer, traz uma fonte de estresse para as famílias. Quando estas famílias conseguem identificar que sua vida financeira está equilibrada e que seus membros têm conseguido acessar aquilo que consideram importante e necessário, alegram-se com algo que ameniza o estresse.

O homem da F.J narra que tinha um descontrole com sua vida financeira e que, com a chegada da pandemia, isso o fez repensar em como tem investido seus recursos financeiros. A Mulher da F.H também relata que, com a pandemia, a família passou por aquilo que ela chamou de “apertos financeiros”, mas reconhece que, por medo de não ter como arcar com as despesas, foi um momento em conseguiram economizar mais, e discorre sinalizando que uma organização financeira ajuda a ter um casamento feliz. Já no relato do homem da F.I, notamos que a família passou a socializar e a se divertir mais quando conseguiram melhorar a situação financeira. Esses relatos nos remetem que o bem-estar dessas famílias passa por considerarmos uma vida

socioeconômica equilibrada. Podemos afirmar aqui que, em nossa pesquisa, fica evidente o quanto as famílias recasadas lidam e respondem ao estresse com base no fato de como se sente fortalecidos ou não economicamente (FARO, 2015; PONCIANO, 2021).

Nesse tema, conseguimos perceber uma sutil diferença no relato das famílias que se declaram acima da média com aquela que se declarou abaixo da média. As famílias que se declaram acima da média não enfatizaram tanto o equilíbrio socioeconômico como sendo algo que promove bem-estar e evita estresse. Tais famílias disseram que ter a vida econômica equilibrada ajuda a não se preocupar com certas adversidades que possam surgir, como foi o caso da F.L. Já nas famílias que se declaram abaixo da média, o tema financeiro teve uma maior ênfase, pois foi atrelada a desigualdade social. Devemos ponderar aqui que a desigualdade social é um processo existente dentro das relações da sociedade, presente em muitas famílias brasileiras. Ele faz parte das relações sociais, pois determina um lugar aos desiguais, seja por questões econômicas, de gênero, de cor, de crença, de círculo ou grupo social (DRAPEAU et al., 2012; BEATTY; LAMBERT, 2013).

Essa desigualdade prejudica e limita o status social de pessoas por determinados motivos, além de seu acesso a direitos básicos, como educação e saúde de qualidade, trabalho, moradia, boas condições de transporte e locomoção, entre outros. Lembramos da F. C que relatou ter que mudar para um bairro bem distante para conseguir pagar o aluguel, e, com isso, a mãe se distanciou do filho que reside com pai. Para essa família, especialmente, o equilíbrio financeiro seria uma saída muito saudável na manutenção da relação e da convivência entre os membros (BAI et al., 2021).

Reforçamos aqui que embora o *status* social e econômico não seja uma variável significativa no aumento do estresse, é significativa na forma como as famílias ativam recursos para lidar com o estresse (LAREAU, 2007; FARO, 2015).

Na categoria “Diálogo na relação conjugal”, notamos que os casais consideram o relacionamento íntimo e amoroso como sendo importantes para a vida; por isso, optaram pelo casamento. No entanto, enfatizaram a relevância da qualidade dessa relação tanto para que o casamento seja saudável quanto para fortalecer a relação com os filhos e/ou enteados. No recasamento, sinalizaram que a forma de compreender e vivenciar a relação precisa ser conversada (homem da F.I, homem da F.J, mulher da F.J); além disso, apontaram o diálogo como um recurso para manutenção da relação conjugal. Para os casais entrevistados, o diálogo se refere à qualidade do relacionamento e impacta no bem-estar individual e familiar (WAGNER et al., 2019).

Para os casais entrevistados e com base nos recortes de falas que fizemos nessas categorias, as estratégias de resolução de conflitos a partir do diálogo são construtivas. Isso diz respeito a uma dinâmica conjugal em que os parceiros conseguem resolver os conflitos dialogando para que consigam chegar num acordo tanto em relação ao casamento, quanto em relação aos filhos(as)-enteados(as). Assim, os cônjuges se abrem para ouvir e falar na medida que se sentem ouvidos também (FREITAS, 2017).

A forma como os casais dialogam em momentos de enfrentamento de conflitos e tomada de decisão permeou quase todas as entrevistas. De maneira geral, os cônjuges se dividem entre aqueles que, na maioria das vezes, ignoram o assunto de conflito ou o guardam para si tentando dissuadir e aqueles que tendem a agir de maneira mais reativa, falando o que sentem e conversando. Contudo, todos foram unânimes em dizer que a melhor saída é o diálogo. Mesmo aqueles que não têm muita habilidade para conversar relataram que uma boa conversa pode auxiliar na resolução dos conflitos e amenizar as situações estressantes (COSTA; MOSMANN, 2015; HELCKER; MOSMANN, 2016). É importante ressaltar aqui que os casais acreditam que, quando há diálogo no casamento, fica mais fácil estabelecer diálogo com os filhos e/ou enteados. Algumas famílias também salientaram a importância de manter o diálogo com o ex-cônjuge para cuidar da criação dos filhos, mas foram relatos bem superficiais e não teve recorrência para que pudemos nos aprofundar.

Quanto aos nossos objetivos de compreender como as famílias recasadas com filhos adolescentes buscam o bem-estar, pontuamos que Silva e Ponciano (no prelo) mencionam que, nas relações em que o diálogo é escasso, existe uma probabilidade de um maior nível de estresse, e, nas relações em quem o diálogo é fluido, o estresse tende a ser reduzido e melhorar a convivência entre os membros da família. A formulação das autoras corrobora com a nossa pesquisa, pois as famílias entrevistadas (homem da F.I, homem da F.J, mulher da F.J) alegam que, com o diálogo, o estresse tende a diminuir e o bem-estar tende a aparecer.

Na categoria descritiva “Viajar”, as famílias apresentam em seus relatos algo que nos chamou bastante atenção: o quanto sair da rotina viajando era uma forma de não se sentirem estressados com isso e que mudar de casa ou de trabalho trazia uma sensação de novidade que lhes parecia muito agradável. Mais da metade das famílias entrevistadas disseram que nas viagens se aproximaram mais e conseguiram ter um momento de maior interação. Somente uma adolescente da F.C relatou não ter gostado de viajar com seu padrasto e preferia ter isso apenas com a mãe. A mãe desse adolescente quando foi entrevista com seu companheiro mencionou somente pontos positivos da viagem, mas na entrevista com toda a família o adolescente trouxe um discurso bem diferente do que foi apresentado pela mãe. Cabe ressaltar que, especialmente

nessa família, o padrasto se recusou a participar da entrevista em que todos os membros da família estariam presentes. Supomos aqui que essa família tem dificuldade em criar estratégias de enfrentamento aos conflitos o que a torna possível produtora de relações disfuncionais que tem repercussão na interação entre padrasto e enteado, impossibilitando trocas ou afetando as afetivas e gerando novos conflitos (WAZLAWICK, 2017). Sendo esse um caso isolado em nossa pesquisa, as demais famílias trouxeram em seu relato aspectos positivos em viajar e enfatizaram que a viagem faz bem para o processo interacional da família (homem da F.A, mulher da F.A, filha da F.A), além de que sentiram mais felizes e unidos em todas as vezes que realizaram alguma viagem juntos, podemos supor que, estando mais felizes, os níveis de estresse eram menores.

Para algumas famílias (mulher da F.C, mulher da F.D, homem da F.K), viajar traz bem-estar na medida que os membros da família estão felizes, mesmo que o local da viagem não seja tão interessante (filha da F.I), pois é um momento em que conseguem estar juntos, partilhando sentimento e emoções interagindo. Ao considerar a teoria da aloaste que preconiza que os organismos podem funcionar em diferentes condições, ajustes e pensamento, afirmamos que, em nossa pesquisa, o “viajar” faz com que as famílias mudem a forma de funcionar; com isso, melhoram sua adaptação, visto que o meio alterado promove uma busca por recursos internos e externos para se adaptarem e conseguirem, desse modo, responder ao estresse (MCEWEN, 1998).

Quanto a mudar de casa e/ou trabalho, os membros da família que passaram por essa mudança relatam que vivenciaram um certo estresse, mas que isso não era necessariamente ruim e, sim, uma perspectiva de algo novo e de recomeço. A mulher da F.D. relatou que perdeu o emprego quando a pandemia começou e que isso trouxe muito incomodo, medo e aflição. No entanto, quando conseguiu um novo trabalho se deu conta que nem gostava tanto do emprego anterior; a mudança foi significativa para que se sentisse mais produtora no atual emprego. Já a mulher da F.H. disse que experimentaram uma fase boa na mudança de casa, mas antes da mudança acontecer ela tinha receio em relação a sua filha que era muito apegada à casa antiga. Quando foram para a nova casa, tiveram uma excelente experiência, pois foram para uma casa maior, o que fez muito bem para todos. Além disso, na mesma época foi convidada para trabalhar numa outra empresa, e isso trouxe uma renda financeira que maior que proporcionou mais qualidade de vida para toda a família, corroborando com a literatura que sinaliza que famílias que conseguem uma vida socioeconômica estável tende a ter menos estresse quando se trata de poder aquisitivo (BAI et al., 2021).

A filha da F.I sinaliza que gostou muito de mudar de casa, mas que foi adaptando aos poucos e que, atualmente, adora a nova casa. Já casal da F.I relata que se mudou várias vezes, buscando uma casa em que o aluguel fosse mais acessível, e que tais mudanças foram boas para os filhos, pois eles gostam de vivenciar a experiência de fazer a transição de uma para outra o que nos remete as respostas adaptativas (SOUSA et al, 2015).

Sobre repostas adaptativas, Selye postulou que, quando o organismo entra em desequilíbrio, passamos por um processo avaliativo. Para as famílias, as mudanças de casa ou de trabalho geraram uma mexida no sistema, mas, conforme foram se adaptando, foi possível amenizar o responder ao estresse da mudança e criar bem-estar (GRAHAM; BARNOW, 2013). Os sujeitos passam por momento de difíceis adaptações, e esses momentos exigem respostas para que consigam enfrentar tal demanda. Essas respostas ajudam os sujeitos a se adaptarem ao novo ambiente e ao novo local, colaborando para que vivam bem (SOUSA et al., 2015).

No terceiro eixo que abordamos o bem-estar, propomos debater como as famílias encontram bem-estar a partir de suas formas de responder ao estresse. Ressaltamos aqui que família intacta era considerada fundamental para a manutenção de daquilo que muitas pesquisas chamam de “isso que é família” e que esse modelo era promotor de bem-estar para seus membros, principalmente para o desenvolvimento dos filhos (HUANG, 2012; YEUNG; PARK, 2016).

Muitas pesquisas discorriam que filhos que se desenvolvem em família recasadas e monoparentais poderiam ser disfuncionais e com mais probabilidades de desenvolverem alteração no comportamento e serem estigmatizadas. Tais estigmas sobre a família recasadas dissuadiram os pais de se divorciarem e se casarem novamente para proteger o bem-estar de seus filhos (HU; TO, 2018; AMATO, 2016). Nas últimas décadas, no entanto, a prevalência e, em certa medida, a normalização do divórcio e do novo casamento, combinada com a destradicionalização dos valores familiares e das crenças na família nuclear intacta (AMATO, 2016) criaram um novo contexto que garante uma avaliação sistemática e atualizada das implicações não só da ruptura conjugal, mas também do novo casamento para o bem-estar dos filhos e da família como um todo.

Percebemos nas entrevistas que, em um ambiente familiar estável, recursos econômicos garantidos e um novo casamento podem beneficiar o desenvolvimento dos filhos e do bem-estar familiar. As categorias que vamos discutir a seguir traz apontamentos para que possamos considerar a família recasada com potencialidades de enfrentar os conflitos e estresse, bem como de produzir bem-estar.

Na categoria “felicidade no casamento”, os casais relataram sobre a felicidade estar ligada ao modo de se relacionar; a qualidade conjugal e o bem-estar, nesse sentido, estavam positivamente relacionados a qualidade parental. Postulamos aqui que isso estava associado a um maior bem-estar individual, pois podemos relacionar com a categoria “respeitar as individualidades”. Os cônjuges que se consideram o casamento como algo feliz relataram que isso está associado ao fato de terem privacidade e serem respeitados na sua individualidade.

O homem da F.B, a mulher da F.B e a mulher da F.H enfatizam em suas narrativas que o fato de serem família os fazem felizes. Por isso, traz uma sensação de bem-estar. Podemos supor que essa sensação de pertencimento está diretamente ligada à satisfação conjugal, pois, quando ocorre a dissolução da conjugalidade, os cônjuges podem perder a crença naquilo que o sujeito acredita ser família (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010).

Já o homem da F.L narra que está vivendo a melhor fase de sua vida e relaciona isso com o fato de poder se dedicar a família, inclusive voltando a ter uma prática religiosa. Percebemos aqui que a noção de vinculação afetiva se apresenta como um sentimento de crença, seja por estar na melhor fase da vida, seja por ter se voltado para uma profissão de fé (SILVA et al., 2015; DRIVER et al., 2016).

Essa percepção de nossa pesquisa postula que os casais com se consideram mais estressados na relação possuem maior dificuldade em perceber o bem-estar, mas os casais que conseguem lidar com o estresse conseguem perceber maior momento de felicidade. Ponderamos aqui que se faz necessário que os parceiros invistam nas relações conjugais para que ela seja satisfatória e se mantenha ao longo dos anos. Tais investimentos passam por saberem lidar com adversidades que causam estresse e buscar a sensação de bem-estar (ROLIN; WENDLING, 2013; MOSMANN et al., 2017).

O bem-estar tem sido considerado como o estudo científico da felicidade; trata-se de uma experiência interna de cada indivíduo, que emite um julgamento de como ele se sente e seu grau de satisfação com a vida (TIMBANE; FERREIRA, 2019). por isso, consideramos aqui o que cada do entrevistado disse e tentando relacionar com seu parceiro e/ou parceira para identificarmos a felicidade na relação conjugal.

Na categoria “convivência entre os membros da família”, notamos na fala dos entrevistados, mais dos casais que dos filhos, que a família percebe uma sensação de felicidade quando relatam sobre uma boa convivência. Tivemos a percepção em algumas famílias que os padrastos tentam se envolver com seus enteados para agradar as parceiras. No caso das madrastas, elas tentam criar relações com seus enteados entendendo que isso será benéfico para a família como um todo. Apresentamos aqui a nossa percepção, pois, na pesquisa qualitativa,

devemos levar em consideração a forma de interpretar os cenários, buscando entender os fenômenos e seus significados, como também os sujeitos envolvidos, que passa pela pesquisadora (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Os casais entrevistados relataram sobre suas convivências, e, de modo unânime, todos disseram se relacionar bem, apesar de um ou outro conflito. Consideram que ter desentendimentos na família faz parte da convivência (homem da F.E, homem da F.F), mas que isso não é impeditivo para se ter boas relações. Sobre isso, Alves e Arpini (2017) nos advertem que os conflitos numa família recasada não está ligado ao fato de ser disfuncional, mas aponta para uma família que necessita flexibilizar mais suas fronteiras para que ocorra bem-estar.

Afirmamos aqui que nossos achados, nesta categoria, corroboram para um debate que apresentamos nos capítulos anteriores, pois a família recasada saudável não é aquela que não têm embates, mas sim aquela que é capaz de criar estratégias para lidar e se sentirem satisfeitos com isso (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; GANONG et al., 2019; SILVA; PONCIANO, no prelo).

Nas categorias “respeitar as individualidades” e “suporte emocional aos filhos”, os cônjuges abordaram mais a temática sobre a individualidade, e os filhos, mais sobre apoio. Os casais indicaram que, quando se sentem respeitados em suas individualidades, conseguem uma sensação de bem-estar e de felicidade na relação (mulher da F.B. mulher da F.E). A busca por autonomia e individualidade faz parte do cotidiano dos casais que entrevistamos; para eles, tais escolhas tornam a relação conjugal e familiar mais prazerosa. Percebemos nos relatos, quando o cônjuge se sente respeitado em sua individualidade, consegue estabelecer melhores relações no casamento e na família. É relevante ressaltar que esses motivos parecem ser, segundo os relatos, não somente um benefício no casamento, mas também uma causa de manutenção do bem-estar. (SHIMOGUIRI; SERRALVO, 2017).

Para os casais, sentir-se livre é uma condição necessária para se manterem casados e que, quando estão fazendo coisas sozinhos, sentem seguros (homem da F.K, home da F.L), pois o parceiro(a) não tem excesso de ciúmes e de controle, de modo que não só reduz as reações negativas, como também ajuda a manter a autoestima e segurança. Por isso, é fundamental ter liberdade criar oportunidades para reverter os efeitos do estresse sem perder a confiança na relação (JULIANO; YUNES, 2014).

Já os filhos relataram mais sensação de felicidade e bem-estar quando são apoiados por seus pais e por seus padrastos-madrastas. A adolescente da F.A relatou que, no início das aulas remotas, teve muita dificuldade de aprendizado, e seu rendimento caiu bastante, mas, com o apoio da família, sentiu-se segura para não desanimar e conseguir recuperar suas notas na

escola (ROLHAS, 2016; ARSEGO; MORALES, 2018). Podemos supor que, para a narrativa dessa jovem em especial, uma relação considerada saudável com o pai, mãe, madrasta e padrasto é aquela que possui aspectos negativos, como o desempenho ruim na escola, e positivos, como o apoio familiar (PONCIANO, 2016).

Nas famílias que se declaram abaixo da média, foi perceptível que as redes de apoio eram consideradas importantes e necessárias, conseguimos visualizar isso no debate que fizemos em relação a categoria “suporte social e afetivo”. Na configuração de recasamento, é crucial o apoio uma vez que essa configuração pode se apresentar como uma dificuldade que tende a sobrecarregar, na grande maioria dos casos, a figura feminina e de baixa renda. Na Pandemia, as redes de suporte ficaram mais fragilizadas, mas elas foram consideradas de suma importância para as famílias entrevistadas (SILVA et al., 2020).

O Suporte Emocional, em nossa pesquisa, tem a ver com as relações que uma pessoa estabelece na vida e que podem influenciar de forma significativa a definição da sua personalidade e desenvolvimento. Notamos, por exemplo, que os filhos(as) se sentem apoiados por seus pais em situações adversas, seja em se tratando do âmbito escolar (filha da F.A), seja em casa de adoecimento (filho da F.E). Os filhos (as) também se sentem apoiados no dia a dia e podem contar com o suporte de seus pais e padrastos-madrastas (filho da F.F, filho da F.L). Nesse cenário, os laços sociais e familiares duradouros são importantes, porque fornecem ajuda em momento de conflitos, permitindo enfrentamento e superação de momentos de estresse e proporcionando bem-estar (JULIANO; YUNES, 2014).

Dessa forma, passamos por todos os eixos e categorias buscando responder os objetivos levantados na pesquisa, tendo como referência as famílias entrevistadas. Nos propomos a compreender, a partir de narrativas que retratam as experiências singulares, as variadas estratégias utilizadas para lidar com o estresse e o modo como as famílias recasadas criam bem-estar, identificamos que as famílias recasadas apresentam especificidades quanto a sua organização, dinâmica e interação, amplamente já discutido na literatura (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; COSTA; DIAS, 2012., FALCETO; WALDEMAR, 2013., BERNARDI et al., 2016; FÉRES-CARNEIRO et al., 2018; DANTAS et al., 2019; GANONG et al., 2019; GARCÍA, 2019). Identificamos também que a resposta que as famílias dão ao estresse as mantém em equilíbrio (SOUSA et al., 2015), alargando seus sentimentos, sensações e percepções a respeito de situações estressoras. O bem-estar alcançado proporciona às famílias aproximação que fazem todos se sentirem pertencentes, mas não sem ausência de conflitos (SOUSA et al, 2015; BRITO; HADDAD JR., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estresse da transição para o recasamento, somado ao estresse da presença de filhos, principalmente de adolescentes, a análise das experiências dessas famílias, que não se limita a uma leitura negativa, é fundamental para considerar o que há de positivo na construção desse projeto de família. Nesse sentido, é preciso validar igualmente as diferenças econômicas e sociais, identificando e analisando famílias de estratos distintos. A partir dessa questão – A dinâmica conjugal e a parental são diferenciadas no recasamento, sendo comumente associadas a dificuldades na convivência, principalmente devido às histórias anteriores de relações conjugais e parentais – que norteou a nossa pesquisa, vamos, aqui, fazer uma retomada a fim de apontar que considerações propomos.

A partir das entrevistas, é plausível concluir que sem estresse não é possível viver, mas um alto nível de estresse, sem gerenciamento adequado, não facilita o alcance do bem-estar. Desse modo, casais, pais e filhos(as) que gerenciam positivamente o estresse parecem mais funcionais e mais satisfeitos com a relação, seja qual for a situação socioeconômica da família. Destacamos a ideia de que é de suma importância reconhecer que as frustrações e as tensões do cotidiano são fatores de estresse inevitáveis na vida e que o reconhecimento disso é uma medida de gerenciamento de estresse (MUSSUMECI; PONCIANO, 2017; 2018; 2019).

Considerando que as famílias em suas relações apresentam sofrimento e alguns desajustes, devemos compreendê-las a partir de seus laços culturais e organizadores sociais que influenciam a dinâmica familiar, bem como a sua constituição que não acontece de forma unidimensional, mas, sim, a partir de suas características internas e histórias. Percebemos, ao estudar famílias, que se faz necessário observar seus múltiplos contextos, facetas e modos de organização.

Com isso, é possível notar que cada sujeito da família tem uma forma de se organizar, cada subsistema e o sistema como um todo podem ser capazes de enfrentar e responder a dilemas e ao estresse. Assim, afirmamos, com base em nossa pesquisa, que inovações nas interações cotidianas das famílias são possíveis, ao buscar apoio em sua rede social, afetiva e entre seus membros de modo se sentirem realizados e felizes.

Em nossos achados, podemos verificar que a complexidade do divórcio está em reconhecer que é um momento instável com impactos nos sujeitos envolvidos; mas, ao mesmo tempo, notamos que a sua ocorrência por si só não é determinante de adoecimento mental, emocional, funcionalidade ou disfuncionalidade na vida dos envolvidos. O modo como as relações acontecem, sejam elas cônjuges, ex-cônjuges entre pais e filhos (as), entre mães e

filhos (as), membros da família nuclear, da família ampliada, bem como a qualidade dessas relações, é que serão fundamentais para a determinação dos impactos do divórcio a curto, médio e longo prazo (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2017).

As repercussões do divórcio, pelo que conseguimos averiguar em nossa pesquisa, são atravessadas por inúmeros fatores e envolvem o modo como o divórcio acontece, se é litigioso, consensual e, também, a fase do ciclo vital dos filhos envolvidos no momento da separação conjugal (THORSEN; SAWYER, 2021). Há que se considerar também a rede de apoio recebida e o suporte familiar e social, entre outros. Por saber que o divórcio tem uma amplitude social, devemos lembrar que cada família vivenciará esse processo a sua maneira, sendo fundamental que nós, pesquisadores e profissionais que atuamos com famílias, estejamos atentos a essas especificidades.

No que se refere ao recasamento, vimos que a nova união traz possibilidades de uma nova vivência e, para os casais, soa como uma nova oportunidade para a felicidade e de se sentirem numa família. Para os filhos, inicialmente, pode ser um momento de muita desconfiança e insegurança, mas que, com o passar do tempo e com a convivência, torna-se uma oportunidade de criar novos laços e desenvolver afetos genuínos. Não estamos, com isso, subestimando o sofrimento que o recasamento dos pais pode causar aos filhos, pois a adaptação à nova casa, aos novos parceiros e as mudanças na dinâmica da família pode levar tempo, gerando conflitos danosos aos sujeitos envolvidos (PASLEY; GARNEAU, 2016).

Nas famílias que entrevistamos, os adolescentes apresentaram por vezes uma atitude de resignação e, em outros momentos, atitudes de contentamento em terem padrastos ou madrastas. Apenas um adolescente foi enfático em dizer que não gosta do padrasto. Com isso, consideramos que, na nossa pesquisa, o recasamento dos pais não foi necessariamente um causador de sofrimento para os(as) filhos(as), pois tiveram a capacidade de ressignificarem o processo do divórcio e viverem de modo a obter bem-estar em suas novas famílias.

Sobre o estresse discutido em nossa pesquisa, sinalizamos que ao pensar “família” tendemos a enxergar um território conflituoso e estressante mesmo sendo o lugar em que experimentamos nossas primeiras relações. É na família que o sujeito busca não só referências para sua formação humana e profissional, mas também padrões interacionais que irão afetar seus relacionamentos (MUSSUMECI; PONCIANO, 2016). Notamos que, nas entrevistas que realizamos, não foi possível desassociar os conflitos e o estresse das interações familiares, mas que uma carga de estresse não está necessariamente definindo uma família como disfuncional.

O estresse vivenciado nas famílias que entrevistamos advieram das mudanças ocorridas no ciclo de vida pela via do divórcio que já é um evento previsível, mas que ainda causa tensão, conforme já sinalizamos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Em nossa pesquisa, ponderamos que o estresse é gerado nas famílias recasadas mais na horizontalidade que na verticalidade, pois interfere na transição que família se submeteu no decorrer do ciclo de vida. No entanto, não estamos dizendo que na família recasada não há o estresse verticalizado, e, sim, que o estresse horizontalizado ocorre nas mudanças entre divórcio e recasamento; quando este faz interseção com o verticalizado, os níveis de tensão tendem a ser maiores (MUSSUMECI; PONCIANO, 2016).

No que se refere à parentalidade, em nossa pesquisa, as famílias não apresentam grandes dificuldades em vivenciar boas sensações nas relações; cada família, ao seu modo, encontrou e encontra uma maneira para enfrentar os conflitos e o estresse. Uma maneira que as famílias encontraram para responder aos momentos de estresse é o apoio afetivo da família extensa e dos amigos, o que corrobora com os achados de Silva e Ponciano (no prelo) que sinalizam o quando isso pode auxiliar no enfrentamento das angústias e do estresse.

Já mencionamos anteriormente que, para algumas famílias recasadas, a relação parental surge antes da conjugal, e o maior desafio é manejar essas funções. Conforme notamos em nossa pesquisa, esse é um processo que deve ser constantemente negociado entre os membros da família para que haja uma maior fluidez. Nas famílias que entrevistamos, tivemos uma clara percepção de que todos os envolvidos conseguem, de certo modo, dedicar-se aos filhos e ao casamento (SOARES, 2015), mas que também precisam buscar estratégias de enfrentamento ao estresse para ter relações parentais saudáveis e constituir uma conjugalidade. Para que isso seja possível, as famílias se deparam com inúmeros fatores que são estressantes, mas conseguem lidar, contribuindo para um modo de se relacionar que promova bem-estar (BERNARDI et al., 2016).

Um outro aspecto investigado em nosso estudo foi que os adolescentes entrevistados relatam ter boas relações familiares com seus pais, mães, padrastos e madrastas. Notamos que, após a separação dos pais, os adolescentes ficam sob o cuidado das mães, em sua maioria. Apenas um homem possui guarda compartilhada da filha. Consideramos de suma importância salientar que encontramos, em nossas entrevistas, uma naturalização desses filhos que ficam com as mães, resultando no distanciamento dos pais e, com isso, em uma maior aproximação do padrasto. Um adolescente chegou a mencionar que hoje convive mais com o padrasto de que o pai. Para os filhos, o distanciamento dos pais não foi narrado como um grande fator de estresse, mas a convivência com madrastas e padrastos foi relatada como sendo boa na medida do

possível. A família recasada aparece com sendo responsável pelos cuidados básicos dos filhos, bem como pelos cuidados afetivos.

Voltando ao objetivo desta pesquisa de compreender, a partir de narrativas que retratam as experiências singulares, as variadas estratégias utilizadas para lidar com o estresse e o modo como as famílias recasadas criam bem-estar, podemos indicar que tivemos êxito no que propomos, ou seja conseguimos apresentar as narrativas das famílias que indicam respostas ao estresse e à construção de bem-estar, ao longo do processo de construção e de convivência de uma família recasada. Com base nisso e nas análises, consideramos que esse estudo exploratório indicou, apesar de alguns conflitos e estresse, que as famílias recasadas podem e conseguem ser felizes e produzir bem-estar.

Em nossa pesquisa, algumas categorias trouxeram informações que merecem destaque e que podem ser desdobradas em futuras pesquisas. A categorias “viajar”, por exemplo, nos trouxe apontamentos que destacam o quanto as famílias se sentem mais fortalecidas e arraigadas, quando estão em viagem. A convivência dos membros da família, nesse momento, gera aproximação entre madrastas, padrastos, pais e mães que merecem ser mais investigados em futuras pesquisas.

Um outro fator para abordar em estudos futuros é o socioeconômico, principalmente considerando o contexto da pandemia. Apesar da satisfação conjugal e da parental serem subjetivas, notamos, durante este estudo, que as famílias entrevistadas consideram o fator socioeconômico como promotor de bem-estar e que um equilíbrio nessa área da vida pode sim ser uma base para uma boa resposta ao estresse, evitando conflitos maiores (FARO, 2015).

No contexto da pandemia, as famílias que entrevistamos, unanimemente, disseram ter sido afetadas, seja em renda financeira, seja em adoecimento por conta vírus, seja adoecimento mental por conta do isolamento social, seja nos modos de relacionamento entre seus membros e com as atividades cotidianas (trabalho, escola, cursos entre outras atividades). Esses efeitos da situação sanitária do mundo merecem mais e maiores investigações, pois notamos que a dinâmica familiar foi alterada, modificando de maneira significativa a rotina e os modos de relação, principalmente na família recasada em os pais tiveram que se reorganizar para verem e visitarem os filhos e, ao mesmo tempo, mantiveram-se em isolamento.

Além disso, é preciso olhar em futuras pesquisas para a chegada dos filhos como mediador e fator de aproximação entre madrastas e enteadas, ficou evidente que as mulheres que não eram mães e decidiram ter filhos conseguiram estabelecer uma relação de aproximação com as enteadas de maneira saudável; com isso, melhorando a relação. Notamos que as estratégias para envolver as enteadas nas escolhas e nos cuidados que eram referentes ao bebê

deram resultado satisfatórios; tal achado pode ser investigado com uma amostra maior de mulheres e enteadas.

Outro destaque se refere a respeitar as individualidades, em que os casais defendem a ideia de que, para a convivência conjugal, faz-se necessário ter momentos que consideram individuais. Os casais buscam por autonomia e individualidade no cotidiano e consideramos que essa busca pode ser mais bem investigada em futuras pesquisas, colaborando para que as famílias consigam ter um equilíbrio saudável entre beneficiar o casamento, gerando não só bem-estar conjugal, como também benefícios individuais.

No que diz respeito às limitações, é importante destacar que a pesquisa foi de natureza transversal e os participantes foram ouvidos em uma fase específica do ciclo vital, os cônjuges e os adolescentes. Sobre cônjuges, podemos dizer que estão em um novo casamento, o que leva os membros do casal a repensarem em como se deve construir um ambiente familiar que favoreça a interação entre os membros da nova família. Uma nova união convida a repensar a dinâmica familiar (MCGOLDRICK; SHIBUSAWA, 2016; MATA et al., 2020). No que diz respeito à adolescência, essa fase se caracteriza por uma série de mudanças, de transformações e de conflitos na relação parental (MOSMANN, 2017; FARIA; PONCIANO, 2018). Para ter um retrato do processo de construção dessa família, uma pesquisa longitudinal traria dados relevantes para a compreensão da dinâmica familiar ao longo do tempo.

Ademais, o número reduzido de famílias pode destacar a experiência singular que remete à experiência de várias famílias, mas não, necessariamente, apresenta a realidade abrangente das famílias recasadas. As verbalizações dos participantes corroboraram os achados da literatura que indicam fronteiras mais flexíveis no recasamento, por exemplo. Entretanto, um número maior de participantes permitiria verificar a existência de outras percepções, além das relatadas, acerca do divórcio, do recasamento dos pais, das repostas ao estresse e do bem-estar. Assim, pesquisas futuras podem incorporar mais famílias, ao realizar estudos quantitativos, para enriquecer o entendimento das relações das famílias recasadas frente ao estresse e ao bem-estar. Acreditamos que os resultados desta pesquisa podem auxiliar à prática clínica, sobretudo na relação familiar com filhos adolescentes, bem como contribuir para expansão das estratégias com famílias recasadas em diversos contextos de políticas públicas da educação, de saúde e de assistência social. Por fim, acreditamos que valorizar as estratégias que as famílias recasadas possuem para lidar com o estresse e promover bem-estar pode auxiliar na redução de um olhar estigmatizado em relação à dinâmica nesse modelo de família.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, M.; RELVAS, A. P. *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto, 2002.

ALMEIDA W. da S. de et al. Mudanças nas condições socioeconômicas e de saúde dos brasileiros durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, 2020, p. 1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200105>

ALVES, A. P.; ARPINI, D. M. A conjugalidade e os conflitos vivenciados a partir do recasamento. *Pensando famílias*, v. 21, n. 1, 2017, p. 3-19. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100002&lng=pt&tlng=pt

ALVES, A. P.; ARPINI, D. M.; CÚNICO, S. D. O exercício dos papéis parentais na guarda compartilhada. *Psicologia Argumento*, v. 32, n. 79, 2017, p. 61-70. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.S01.AO06>

ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, v. 9, n. 1, 2016, p. 32-50. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.91.03>

AMARAL, A. I. D.; VARGAS, F. P.; FRITSCH, C. A. P. Reflexões acerca do impacto socioeconômico da pandemia COVID-19: os desdobramentos em famílias de crianças em situação de vulnerabilidade social no Brasil. In BELLINI, M. I. B. et al. *Seminário Regional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família: inflexões da pandemia covid 19 na vida, nas políticas públicas e no trabalho*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2020.

AMATO, P. R. The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and Family*, v. 62, n. 4, 2016, p. 1269–1287.

AMATO, P. R.; KING, V.; THORSEN, M. L. Parent–child relationships in stepfather families and adolescent adjustment: A latent class analysis. *Journal of Marriage and Family*, v. 78, n. 2, 2016, p. 482–497.

ANTONIAZZI, A.; DELL’AGLIO, D.; BANDEIRA, D. O conceito de Coping: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, n. 3, 1998, p. 273-294.

ARAÚJO M. F. Paradoxos da família contemporânea. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 2, 2011, p. 436-437.

ARSEGO, J. T.; MORALES, B. S. V. Gerenciamento do estresse no casamento, através de um programa de intervenção para casais heterossexuais com técnicas de manejo do estresse e estratégias de coping (enfrentamento). *Temas em Educação e Saúde*, v. 14, n. 1, 2018, p. 82-97. Disponível em: <https://doi.org/10.26673/rtes.v14.n1.2018.10994>

BAI, X. et al. Subjective Family Socioeconomic Status and Peer Relationships: Mediating Roles of Self-Esteem and Perceived Stress. *Frontiers in Psychiatry*, n. 12, 2021, p. 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.634976>

BAKER, J. K.; SELTZER, M. M.; GREENBERG, J. S. Longitudinal effects of adaptability on behavior problems and maternal depression in families of adolescents with autism. *Journal of Family Psychology*, v. 25, n. 4, 2011, p. 601-609. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0024409>

BARBIEIRO, E. B; BAUMKARTEN, S. T. Somos pais, e agora? A história de nós dois depois dos filhos. *Pensando famílias*, v. 19, n. 1, 2015, p. 32-45.

BARCELLOS, M. R.; DANTAS, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T. Fim da Conjugalidade na Transição para a Parentalidade: Adaptação Feminina ao Novo Arranjo Familiar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, n. 42, 2022, p. 1-13. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233736>

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições Setenta, 2008.

Batista, A., et al. *Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil* (Nota técnica). Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2020. Disponível em <https://sites.google.com/view/nois-pucrio/publica%C3%A7%C3%B5es>

BAUER, M. W.; & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BEATTY, L.; LAMBERT, S. A systematic review of internet-based self-help therapeutic interventions to improve distress and disease-control among adults with chronic health conditions. *Clinical Psychology Review*, n. 33, 2013, p. 609-622. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.03.004>

BERNARDI, D., et al. Definindo fronteiras no recasamento: Relato de uma experiência clínica. *Pensando Famílias*, v. 20, n. 2, 2016, p. 43-55.

BEZERRA, A. C. V., et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 25, 2020, p. 2411-2421. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>

BIENERTOVA-VASKU, J.; LENART, P.; SCHERINGER, M. (2020). Eustress and Distress: Neither Good Nor Bad, but Rather the Same? *Bioessays*, v. 42, n. 7, 1-5. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/bies.201900238>

BILAC, E. Classes sociais e família: nota para a pesquisa empírica. *Perspectivas*, n. 4, 1981, p. 37-42.

BODENMANN, G. Dyadic coping and its significance for marital functioning. In: REVERSON, T. A.; KAYSER, K.; BODENMANN, G. (Eds.). *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping*. Washington, DC: American Psychological Association, 2005. p. 33-50.

BODENMANN, G., MEUWLY, N.; KAYSER, K. Two Conceptualizations of Dyadic Coping and Their Potential for Predicting Relationship Quality and Individual Well-Being. *European Psychologist*, v. 16, n. 4, 2011, p. 255-266.

BOLZE, S. D. A. et al. Conflitos Conjugais e Parentais em Famílias com Crianças: Características e Estratégias de Resolução. *Paidéia*, n. 27, 2017, p. 457-465. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201711>

BONG, E.; CREPALDI, M. A.; MOREÍ, C. L. O. Pesquisa com famílias: Aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, n. 18, 2008, p. 251-266.

BOWEN, M. *Family therapy in clinical practice*. New York: Aronson, 1978.

Brasil. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília, DF, 2009.

BRITO, A.; FARO, A. Estresse parental: Revisão sistemática de estudos empíricos. *Psicologia em Pesquisa*, v. 10, n. 1, 2016, p. 64-67. Disponível em: <https://doi.org/10.24879/201600100010048>

BRITO, E. J. E.; PONCIANO, E. L. T. Corpo, mente e self: uma articulação teórica com foco na regulação emocional. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 15, n. 3, 2021, p. 1-24. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.31043>

BRITO, I.; HADDAD JR., H. A formulação do conceito de homeostase por Walter Cannon. *Filosofia e História da Biologia*, n. 12, 2017, p. 99-113. Disponível em: <http://www.abfhib.org/FHB/FHB-12-1/FHB-12-01.pdf>

BUCK, A. A.; NEFF, L. A. Stress spillover in early marriage: The role of self-regulatory depletion. *Journal of Family Psychology*, v. 26, n. 5, 2012, p. 698-708. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0029260>

BUENO, R. K., et al. Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. *Psico*, v. 44, n. 1, 2013, p. 16-25.

CAMPBELL, C. G.; WINN, E. J. Father-daughter bonds: a comparison of adolescent daughters' relationships with resident biological fathers and stepfathers. *Family Relations*, v. 67, n. 5, 2018, p. 675-686. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/fare.12342>

CAMPOS, M. T. de A.; TÍLIO, R. de; CREMA, I. L. Socialização, gênero e família: uma revisão integrativa da literatura científica. *Pensando famílias*, v. 21, n. 1, 2017, p. 146-161. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100012&lng=pt&tlng=ptC

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

CASU, G., et al. (2019). A dyadic mediation study on social support, coping, and stress among couples starting fertility treatment. *Journal of Family Psychology*, v. 33, n. 3, 2019, p. 315-326. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000502>

CAVALHIERI, K., et al. Influência do segredo na dinâmica familiar: contribuições da teoria sistêmica. *Pensando Famílias*, v. 21, n. 2, 2017, p. 134-148. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-94X2017000200011&lng=pt&nrm=iso

COELHO, R. M. *O Papel do Coping Diádico na Satisfação Conjugal: Estudo Comparativo entre Casais com e sem Acidente de Trabalho*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Núcleo de Psicologia Clínica e Sistêmica, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2017.

CONCEIÇÃO, L. S. L. D. Estilos educativos parentais (EMBU-A), sintomatologia depressiva/ansiosa, stress e autoestima, numa amostra de adolescentes. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal, 2012.

CORREIA, S.; LUCK, S., & VERNER, E. Pandemics Depress the Economy. Public Health Interventions Do Not: Evidence from the 1918 Flu, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3561560>

COSTA, C. B.; MOSMANN, C. Relacionamentos conjugais na atualidade: Percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, v. 16, n. 2, 2015, p. 16-31.

COSTA, J. M.; DIAS, C. M. S. B. Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: teoria e prática*, v. 14, n. 3, 2012, p. 72-87.

COWAN, P.; COWAN, P. Transições familiares normativas, qualidade da relação do casal e desenvolvimento sadio dos filhos. In: WALSH, F. (Ed.), *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016. p. 428-451.

DANTAS, C. R. T., et al. Repercussões da Parentalidade na Conjugalidade do Casal Recasado: Revelações das Madrastas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, n. 35, 2019, p. 1-9. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3545>

DELATORRE, M. Z; SCHEEREN, P.; WAGNER, A. Conflito conjugal: evidências de validade de uma escala de resolução de conflitos em casais do sul do Brasil. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 35, n. 1, 2017, p. 79-94. Disponível em: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3742>

DE MATOS, M. B. D., et al. Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 7, 2015, p. 2157-2163. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015207.17452014>

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

DIENER, E. Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, n. 95, 1984, p. 542-575.

DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. *Social Indicators Research*, v. 57, n. 2, 2002, p. 119-169.

DRAPEAU, A.; MARCHLAND, A.; BEAULIEU-PRÉVOST, D. Epidemiology of psychological distress. In: LABATE, L. (Ed.) *Mental illnesses: Understanding, prediction and control*. London: InTech, 2012. p. 105-134.

DUARTE, E. de L.; ZORDAN, E. P. Nascimento do primeiro filho: transição para a parentalidade e satisfação conjugal. *Perspectiva*, v. 40, n. 152, 2016, p. 65-76. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/152_595.pdf

ENUMO, S. R. F., et al. Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma Cartilha. *Estudos de Psicologia*, n. 37, 2020, p. 1-10. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200065>

ERIKSON E. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

_____. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

FALCETO, O. G.; WALDEMAR, J. O. C. O ciclo vital da família. In: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (Orgs.). *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica*. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013. p. 95-110.

FARIA, A. P. S.; PONCIANO, E. L. T. Conquistas e fracassos: os pais como base segura para a experiência emocional na adolescência. *Pensando Famílias*, n. 22, 2018, p. 87-103.

_____. Relação pais e filho(as): identidade e apego na adolescência. In: PONCIANO, E. L. T.; SEILD-DE-MOURA, M. L. S. (Orgs.). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 85-110

FARO, A. Estresse e distresse: estudo com a escala de faces em Aracaju (SE). *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 2, 2015, p. 341-354. Disponível em <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.2-08>

FEINBERG, M. E., et al. Effects of family foundations on parents and children: 3.5 years after baseline. *Journal of Family Psychology*, v. 24, n. 5, 2010, p. 532-542. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0020837>

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 11, n. 2, 2003a, p. 379-394.

_____. Diferentes abordagens em terapia de casal: uma articulação possível? *Temas psicol.*, v. 2, n. 2, 1994, p. 53-63. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200006&lng=pt

_____. Separação: O doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Psicologia em Estudo*, n. 8, 2003b, p. 367-374.

FÉRES-CARNEIRO, T., et al. Tríade madrasta-enteado-mãe: reflexões acerca da maternidade. *Psico*, v. 49, n. 1, 2018, p. 62-72. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.1.26932>

FÉRES-CARNEIRO, T.; DINIZ NETO, O. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*, v. 20, n. 46, 2010, p. 269-278.

FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas. In: MOREIRA, L.; V. de C.; RABINOVICH, E. P. (Orgs.). *Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História*. Curitiba, PR: Editora Juruá, 2011. p. 117-134.

FERRANTE, L.; FEARNSIDE, P. M. Protect Brazil's indigenous peoples from COVID-19 (Letter). *Science*, v. 368, n. 6488, 2020, p. 251-251. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.abc0073>

FIORINI, M. C.; MÜLLER, F. G.; BOLZE, S. D. A. Diferenciação do self: revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. *Pensando famílias*, v. 22, n. 1, 2018, p. 146-162. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100012&lng=pt&tlng=pt

FISCHER, A.; LAFRANCE, M. What Drives the Smile and the Tear: Why Women Are More Emotionally Expressive than Men. *Emotion Review*, v. 7, 2015, p. 22-29.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, v. 21, 1980, p. 219-239.

FONSECA, S.; JORDÃO, F. Adaptation and validation study of the Eustress Scale for Portuguese teachers. *Psychologica*, v. 1, n. 57, 2014, p. 93-112. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_57_1_6

FONTANELLA, B. J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Caderno de Saúde Pública*, v. 27, n. 2, 2011, p. 389-394.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno de Saúde Pública*, v. 24, n. 1, 2008, p. 17-27.

FREITAS, N. B. C. Estratégias de resolução de conflitos conjugais: uma explicação a partir da personalidade e dos valores humanos. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil, 2017.

FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. *ConVid pesquisa de comportamentos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=principal>

GANONG, L. H.; COLEMAN, M.; SANNER, C. Divorced and remarried parenting. In: BOENSTEIN, M. H. (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (pp. 311–344). Londres: Routledge/Taylor & Francis Group, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429433214-9>

GARCÍA, L. R. *Efectos de la formación de una familia reconstituida sobre el adolescente*. Monografía (Graduação em Psicología) – Facultad de Ciencias Humanas y Sociales. Comilla Universidad Pontificia, Madrid, España, 2019.

GAYLORD-HARDEN, N. K.; ELMORE, C. A.; MONTES DE OCA, J. Maternal parenting behaviors and child coping in African American families. *Journal of Family Psychology*, v. 27, n. 4, 2013, p. 607-617. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0033414>

Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. Barueri, SP: Atlas, 2008.

GOLDBERG, L. G.; BEZERRA, L. R. Linha do tempo: narrativas e vida e experiências formativas em arte. In Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil. XXII CONFAEB Arte/Educação: *Corpos em trânsito*, 2012.

GORIN, M. C., et al. O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Rev. SPAGESP*, v. 16, n. 2, 2015, p. 3-15. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002&lng

GOUGH. B.; MADILL. A. Subjectivity in psychological science: from problem to prospect. *Psychological Methods*, v. 17, n. 3, 2012, p. 374–384.

GOURLART, S. A., et al. Fatores relacionados aos casamentos de longa duração: panorama a partir de uma revisão integrativa. *Psico*, 50 (2), 2019, p. 1-13. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.30370>

GOULART, V. R. et al. Repercussões do conflito conjugal para o ajustamento de crianças e adolescentes: Um estudo teórico. *Interação em Psicologia*, v. 19, n. 1, 2015, p. 147-159. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v19i1.35713>

GRAHAM, J. M.; BARNOW, Z. B. Stress and social support in gay, lesbian, and heterosexual couples: Direct effects and buffering models. *Journal of Family Psychology*, v. 27, n. 4, 2013, p. 569-578. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0033420>

GROISMAN, M. *A arte de perdoar: terapia sistêmica breve no casamento e na infidelidade*. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas, 2013.

GREENE, S. et al. Risco e resiliência após o divórcio. In: WALSH, F. (Ed.). *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. 4 ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016.

GRIZÓLIO, T. C; SCORSOLINI-COMIN, F; SANTOS, M. A. A percepção da parentalidade de cônjuges engajados em casamentos de longa duração. *Rev. Psicologia em estudo*, v. 20, n. 4, 2015, p. 663-674.

HAMEISTER, B. D. R.; BARBOSA, P. V.; WAGNER, A. Conjugalidade e parentalidade: Uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 67 (2), 2015, p. 140-155.

HAMMETT, J. F.; KARNEY, B. R.; BRADBURY, T. N. Longitudinal effects of increases and decreases in intimate partner aggression. *Journal of Family Psychology*, v. 32, n. 3, 2018, p. 343-354. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000351>

HECKLER, V. I.; MOSMANN, C. P. A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, v. 28, n. 1, 2016, p. 161-182.

HECKSHER, M. Mercado de trabalho: A queda da segunda quinzena de março, aprofundada em abril. *IPEA - Carta de Conjuntura*, v. 47, 2020, p. 1-6. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200619_cc47_nt.pdf

HJALMARSSON, S. Poor kids? economic resources and adverse peer relations in a nationally representative sample of Swedish adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 47, 2018, p. 88–104. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0747-8>

HOSSAIN, M. M.; SULTANA, A.; PUROHIT, N. Mental health outcomes of quarantine and isolation for infection prevention: a systematic umbrella review of the global evidence. *Epidemiology and health*, Goyang, South Korea, v. 42, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4178/epih.e2020038>

HU, Y.; TO, S. Family relations and remarriage post-divorce and post-widowhood in China. *Journal of Family Issues*, 39 (8), 2018, p. 2286–2310.

HUANG, Y. (2012). Remarriage, gender and life course in contemporary inland rural China. *Journal of Comparative Family Studies*, v. 43, n. 2, 2012, p. 313–330.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo*. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>

JACOB-ALBY, V.; VIVES, J-M. Parentalité et paternité: les nouvelles modalités contemporaines du ‘faire famille’. *Dialogues: Famille & Couples*, n. 207, 2015, p. 19-30.

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, v. 17, n. 3, 2014, p. 135-154. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>

JUNQUEIRA, I. T. *Família recasada: O lugar do padrasto na perspectiva dos adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

KILLEWALD, A. Money, work, and marital stability: Assessing change in the gendered determinants of divorce. *American Sociological Review*, v. 81, n. 4, 2016, p. 696-719. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0003122416655340>

KANUDSON-MARTIN, C. Mudanças nas normas de gênero na família e na sociedade. In: WALSH, F. (Ed.). *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016. p. 324-346.

KOPROWSKI, A. H.; GALINDO, G. S. de P.; GOMES, L. B. Conflito conjugal e sistema parental: uma revisão integrativa da literatura nacional. *Pensando famílias*, v. 24, n. 2, 2020, p. 15-31. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200003&lng=pt&tlng=pt

KUHN, R. et al. Zooming in: A microanalysis of couples' dyadic coping conversations after experimentally induced stress. *Journal of Family Psychology*, v. 31, n. 8, 2017, p. 1063–1073. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000354>

LAREAU, A. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educação em Revista*, n. 46, 2007, p. 13-82. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200002>

LAZARUS, R.S. Stress and emotion: a new synthesis. In: MONAT, A.; LAZARUS, R.S.; REEVY, G. (Orgs.), *The Praeger Handbook on Stress and Coping*. Westport: Praeger, 2007. p. 33-52.

LIANG, T. Zhejiang University School of Medicine. In: LIANG, T. (Ed.), *Handbook of COVID-19: prevention and treatment*. Unesco, 2020. Disponível em: <http://www.zju.edu.cn/english/2020/0323/c19573a1987520/page.htm>

LEBOW, J. L. Family in the age of COVID-19. *Family Process*, v. 59, n. 2, 2020a, p. 309-312. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/famp.12543>

_____. The challenges of COVID-19 for divorcing and post-divorce families. *Family Process*, v. 59, n. 3, 2020b, p. 967-973. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/famp.12574>

LEDERMANN, T., et al. Psychometrics of the dyadic coping inventory in three language groups. *Swiss Journal of Psychology*, n. 69, 2010, p. 201-212.

LEITE, M. L. M. M. da R. *A experiência psicológica da transição para a parentalidade: estudo de casos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Secção de Psicologia Clínica e da Saúde. Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2018.

LIPP, M. E. N. *O stress está em você*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. O stress no Brasil de hoje. In: LIPP, M. N. (Org.). *O stress no Brasil: pesquisas avançadas*. Campinas, SP: Papirus, 2004. p. 215-222.

MARCARINI, S.M.; CREPALDI, M. A.; VIEIRA, M. L. A questão da parentalidade: contribuições para o trabalho do psicólogo na terapia de famílias com filhos pequenos. *Pensando famílias*, v. 20, n. 2, 2016, p. 27-42. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200003&lng=pt&tlng=pt

MAGALHÃES, A. S. et al. O lugar do padrasto na clínica com famílias recasadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Casal e família: Transmissão. Conflito e violência*. Belo Horizonte, MG: Casa do Psicólogo, 2013. p. 113-128

MARQUES, L.F.; MOURA, M.L.S. Autonomia adolescentes. In: PONCIANO, E. L. T.; SEILD-DE-MOURA, M. L. S. (Orgs.). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 46-84.

MARTINS, A. R. R. *Revisão Sistemática do ciclo vital da família*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal, 2018.

MATA, J. J. da; SANTOS, M. A. dos; SCORSOLINI-COMIN, F. Conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais: revisão integrativa da literatura. *Pensando famílias*, v. 24, n. 2, 2020, p. 32-45. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200004&lng=pt&tlng=pt

MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. S. Tornar-se pais: Sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando Famílias*, v. 18, n. 1, 2014, p. 78-91.

MCEWEN, B. S. Stress, adaptation and disease: Allostasis and allostatic load. *Annals of the New York Academy of Science*, n. 840, 1998, p. 33-44. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1998.tb09546.x>

MCEWEN, B. S.; AKIL, H. Revisiting the Stress Concept: Implications for Affective Disorders. *Journal of Neuroscience*, v. 40, n. 1, 2020, p. 12-21. Disponível em: <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.0733-19.2019>

MCGOLDRICK, M.; SHIBUSAWA, T. O ciclo de vida familiar. In: WALSH, F. (Ed.). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016. p. 375-398

MICHAELS, M. L. Factors that contribute to stepfamily success: A qualitative analysis. *Journal of Divorce & Remarriage*, v. 44, n. 3-4, 2006, p. 53-66.

MILLER, R. B. et al. Marital Problems and Marital Satisfaction Among Brazilian Couples. *The American Journal of Family Therapy*, v. 42, n. 2, 2014, p.153-166.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Minuchin, S. *Families and family therapy*. Massachusetts: Harvard University Press, 1974.

_____. *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1982.

MORATTO, N. S.; ZAPATA, J. J.; MESSEAGER, T. Conceptualização do ciclo de vida familiar: um olhar sobre a produção durante o período de 2002 a 2015. *CES – revista Psychology*, v. 8, n. 2, 2015, p. 103-121.

MOREIRA, A. Heterogeneidade do impacto econômico da pandemia. *IPEA – Carta de Conjuntura*, n. 47, 2020, p. 1-11. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200504_cc47_nt%20crise_fin al.pdf

MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (Trad. de J. H. Rodrigues). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996. p. 45-55.

MOSMANN, C. P. et al. Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia*, v. 34, n. 4, 2017, p. 487-498.

MOSMANN, C.; FALCKE, D. Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, v. 12, n. 2, 2011, p. 5-16.

MUNHOZ, D. P. *Parentalidade: fortalecimento das relações entre pais e filhos adolescentes*. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Brasil, 2017.

MURTA, S. G., et al. Avaliação de um programa psicoeducativo de transição para a parentalidade. *Paidéia*, v. 22, n. 53, 2012, p. 403-412.

MUSSUMECI, A. A.; PONCIANO, E. L. T. Ciclo de vida conjugal: momentos de estresse previsíveis e imprevisíveis ao longo do casamento. *Psicologia em Revista*, v. 25, n. 3, 2019, p. 1171-1193. Disponível em:

<http://seer.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/13042>

_____. Coping e coping diádico: uma análise qualitativa das estratégias de coping de casais. *Psicologia Clínica*, v. 30, n. 1, 2018, p. 165-190. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A09>

_____. Estresse, coping e experiências emocionais: uma análise das respostas de enfrentamento do casal. *Pensando Famílias*, v. 21, n. 1, 2017, p. 33-49. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100004

_____. Conjugalidade e relacionamentos pais e filhos (as): pesquisas e propostas de intervenção. In: PONCIANO, E. L. T.; SEILD-DE-MOURA M. L. S. (Orgs). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 153-177.

NAIFF, L.; SILVA, L. Recasamento: identificando representações sociais na conjugalidade e na parentalidade. *Ayyu: Revista de Psicologia*, v. 4, n. 1, 2017, p. 145-167.

NELSON, J. A., et al. Relations between mothers' daily work, home, and relationship stress with characteristics of mother-child conflict interactions. *Journal of Family Psychology*, v. 31, n. 4, 2017, p. 431-441. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000276>

OGOLSKY, B. G., et al. Personal well-being across the transition to marriage equality: A longitudinal analysis. *Journal of Family Psychology*, v. 33, n. 4, 2019, p. 422-432. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000504>

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. Pandemia da doença de coronavírus (COVID-19). Rio de Janeiro, 2022.

ORIGA, V. C. de M. A dimensão do estresse no processo de trabalho do enfermeiro. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 2, n. 3, 2019, p. 54-84.

PASLEY, K.; GARNEAU, C. Recasamento e família recasada. In: WALSH, F. (Ed.). *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016. p. 149-171

PASSARELI, P. M.; SILVA, J. A. Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, v. 24, n. 4, 2007, p. 513-517.

PATIAS, N.; HOHENDORFF, J. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*, n. 24, 2019, p. 1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.43536>

PELL, B. et al. Using Visual Timelines in Telephone Interviews: Reflections and Lessons Learned From the Star Family Study. *International Journal of Qualitative Methods*, n. 19, 2020, p. 1-11. Disponível em: <http://doi.org/10.1177/1609406920913675>

PEREIRA, I. da S. *O envolvimento do padrasto nos cuidados e educação de seu/sua enteado/a: estudo de casos múltiplos no contexto de classe média de Salvador/Ba*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, Brasil, 2015.

PIOVANOTTI, M. R. A.; DUQUE, D. Divórcio, recasamento e a relação entre padrastos e enteados: reflexões endereçadas aos terapeutas de família. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 27, n. 61, 2018, p. 49-65. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000200005&lng=pt

PIZZINATO, A. et al. SUAS na COVID-19: proteção social a grupos vulnerabilizados. In: NOAL, D. da S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. de (Org.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

PNE. Observatório do PNE. *Educação Superior*. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/12-ensinosuperior>

POLETTI, M. P., et al. Uso da técnica da linha de vida em terapia familiar sistêmica cognitivo-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 17 n. 1, 2015, p. 68-80. Disponível em: <http://doi.org/10.31505/rbtcc.v17i1.773>

PONCIANO, E. L. T. A construção identitária de jovens universitários: uma perspectiva sistêmico-intergeracional. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Casal e família. Clínica, conflitos e afetos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ Prospectiva, 2021.

_____. Regulação das emoções na família: estresse e intensidade emocional a partir do coming out. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.), *Família e casal: filiação, intergeracionalidade e violência*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ Prospectiva, 2019. p. 265-285.

_____. Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para vida adulta: foco na saúde emocional. In: PONCIANO, E. L. T.; SEILD-DE-MOURA M. L. S. (Orgs). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta*. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 13-46.

PONCIANO, E. L. T.; FÉRES-CARNEIRO, T. (2017). Conjugalidade, parentalidade e separação: repercussões no relacionamento pais e filhos. *Psicologia em Estudo*, v. 22, n. 2, 2017, p. 277-287.

PORRECA, W. Relação conjugal: desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, n. spe, 2019, p. 1-12. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>

PRYOR, J. *Stepfamilies: A global perspective on research, policy and practice*. New York: Routledge, 2014.

QUISSINI, C.; COELHO, L. R. M. A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando famílias*, v. 18, n. 2, 2014, p. 34-47.

RALEY, K.; SWEENEY, M. Divorce, Repartnering, and Stepfamilies: A Decade in Review. *Journal of Marriage and Family*, n. 82, 2020, p. 81-99. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jomf.12651>

RAMÍREZ, E. C.; CAMARGO, Y. R.; ARÉVALO, D. V. La experiencia de divorcio y la terapia familiar. Miradas diversas. *Poiésis*, n. 38, 2020, p. 63-83. Disponível em: <https://doi.org/10.21501/16920945.3555>

RELVAS, A. P., et al. Inventário da Diferenciação do Self-Revisto. Manuscrito submetido para publicação, 2017.

REPETTI, R.; SAXBE, D.; WANG, S. Stress. In: OCHS, E.; KREMER-SADLIK, T. (Eds.). *Fast-Forward Family: Home, Work, and Relationships in Middle-Class America*. California: University of California Press, 2013. p. 174-191. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt24hrzq.15>

REY, G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. Toronto: Thomson, 2005.

RIBEIRO, M. F. da R. Reflexões sobre a conjugabilidade e parentalidade. Um caleidoscópio de constituições familiares. *Jornal de Psicanálise*, v. 49, n. 91, 2016, p. 97-109.

RIVERS, A. S.; SANFORD, K. Negative relationship behavior is more important than positive: Correlates of outcomes during stressful life events. *Journal of Family Psychology*, v. 32, n. 3, 2018, p. 375-384. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000389>

ROCHA, A. P. R. *O padrasto na família recasada: Uma análise da produção acadêmica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil, 2015.

ROLIN, K. I.; WENDLING, M. I. A história de nós dois: Reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. *Revista Psicologia Clínica*, v. 25, n. 1, 2013, p. 165-180.

ROLHAS, R. A. C. *Satisfação Conjugal, coping diádico e funcionamento familiar – contributo para a geometria de famílias intactas e reconstruídas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Lisboa, Portugal, 2016.

ROY, A. L.; ISAIA, A.; LI-GRINING, C. P. Making meaning from money: Subjective social status and young children's behavior problems. *Journal of Family Psychology*, v. 33, n. 2, 2019, p. 240-245. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000487>

RUSU, P. P., et al. Dyadic coping mediates the association of sanctification with marital satisfaction and well-being. *Journal of Family Psychology*, v. 29, n. 6, 2015, p. 843-849. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/fam0000108>

SANNER, C.; GANONG, L.; COLEMAN, M. Families are socially constructed: Pragmatic implications for researchers. *Journal of Family Issues*, v. 42, n. 2, 2021, p. 422-444. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0192513X20905334>

SATIS, V. A mudança no casal. In M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu (Orgs.). *O casal em crise*. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

SCABINI, E.; RANIERI, S. Família com filhos adolescentes: a perspectiva relacional. In MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. (Org.), *Família e parentalidade: olhares da psicologia e da história*. Juruá, 2011. p. 169-186

SCHMIDT B., et al. A Quarentena na COVID-19: Orientações e Estratégias de Cuidado. In: NOAL, D. da S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. de (Org.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

SCHOLZ, A. L. T.; BOTTOLI, C. Filiação no contexto do recasamento. *Pensando famílias*, v. 23, n. 1, 2019, p. 167-182. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100013&lng=pt&tlng=pt

SCORSILINI-COMIN, F.; ALVES-SILVA, J. D.; SANTOS, M. A. Permanências e descontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, n. 34, 2018, p. 1-10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34423>

SCORSILINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da psicologia positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 4, 2011, p. 658-665. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722011000400005>

SCHWARTZ, C. R.; GONALONS-PONS-Pons, P. Trends in relative earnings and marital dissolution: Are wives who outearn their husbands still more likely to divorce? *The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences*, v. 2, n. 4, 2016, p. 218-236. Disponível em: <https://doi.org/10.7758/rsf.2016.2.4.08>

SEIBEL, B. L. et al. Rede de apoio social e funcionamento familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Pensando famílias*, v. 21, n. 1, 2017, p. 120-136. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100010&lng=pt&tlng=pt

SELIGMAN, M. E. P. *Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente*. São Paulo: Objetiva, 2004.

SELYE, H. *Stress, a tensão da vida*. São Paulo: Ibrasa, 2017.

SHIMOGUIRI, A.; SERRALVO, F. A importância da abordagem familiar na atenção psicossocial: um relato de experiência. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 26, n. 57, 2017, p. 69-84.

SILVA, E. C. et al. Heranças psíquicas geracionais e a conjugalidade contemporânea: uma revisão sistemática. *Pensando famílias*, v. 19, n. 1, 2015, p. 19-31.

SILVA, I. M. da et al. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*, v. 24, n. 1, 2020, p. 12-28. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&tlng=pt

SILVA, L. D. L. da; CHAPADEIRO, C. A.; SILVA, L. M. da. A construção da parentalidade após a dissolução conjugal e as oficinas de parentalidade. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 29, n. 66, 2020, p. 87-100. Disponível em: <https://doi.org/10.38034/nps.v29i66.519>

SILVA L. F., & PONCIANO, E. L. T. Estresse, Coping e Bem-Estar na Conjugalidade e na Parentalidade: uma Revisão Narrativa. *Pensando famílias*, no prelo.

SOARES, B.; COLOSSI, P. M. Transições no ciclo de vida familiar: a perspectiva paterna frente ao processo de transição para a parentalidade. *Barbarói*, n. 48, 2016, p. 253-276. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.6942>

SOARES, L. C. E. C. Recasamento, dinheiro e solidariedade: Possíveis demandas das famílias recasadas nos tribunais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, n. 53, 2015, p. 82-94.

SOUZA, F. H. O.; FONTELLA, C. Diga, Gérard, o que é a parentalidade? *Clínica & Cultura*, v. 5, n. 1, 2016, p. 107-120. Disponível em: <https://www.ojs.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/5375>

SOUSA, M. B. C. de; SILVA, H. P. A.; GALVÃO-COELHO, N. L. Resposta ao estresse: I. Homeostase e teoria da alostase. *Estudos de Psicologia*, v. 20, n. 1, 2015, p. 2-11. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150002>

THOFERN, M.; LEOPARDI, M.; AMESTOY, S. Construtivismo: experiência metodológica em pesquisa na enfermagem. *Acta Paul Enferm.*, n. 2, 2018, p. 312-316.

THORSEN, M. L.; KING, V. My mother's husband: Factors associated with how adolescents label their stepfathers. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 33, n. 6, 2016, p. 835-851.

- THORSEN, M. L.; SAWYER, E. Divorce and Remarriage. In: HUPP, S.; JEWELL, J. (Eds.). *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development*. New Jersey: Wiley Online Library, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad413>
- TIMBANE, A.; FERREIRA, L. Relações conjugais: conflitos e influências sobre os filhos. *Revista Fragmentos de Cultura/ Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 29, n. 2, 2019, p. 276-292. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18224/frag.v29i2.7299>
- TONETTO, L. M.; BRUST-RENCK, P. G.; STEIN, L. M. Perspectivas metodológicas na pesquisa sobre o comportamento do consumidor. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 34, n. 1, 2014, p. 180-195.
- TURATO, E. R. *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- VASCONCELLOS, M. J. *Pensamento sistêmico, o novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- VIEIRA, L.; NEUMANN, A. P.; ZORDAN, E. P. O divórcio e o recasamento dos pais na percepção dos filhos adolescentes. *Pensando famílias*, v. 23, n. 1, 2019, p. 121-136. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100010&lng=pt&tlng=pt
- WAGNER, A. et al. Conflict, conflict resolution and marital quality. *Paidéia*, n. 29, 2019, p. 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2919>
- WALSH, F. Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. In: WALSH, F. (Ed.). *Processos Normativos da Família: Diversidade e Complexidade*. 4ª ed. Porto Alegre, Rs: Artmed, 2016. p.3-27.
- WANG, Y.; DIX, T. Patterns of depressive parenting: Why they occur and their role in early developmental risk. *Journal of Family Psychology*, v. 27, n. 6, 2013, p. 884-895. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0034829>
- WARNER, D.; KELLEY-MOORE, J. The Social Context of Disablement among Older Adults: Does Marital Quality Matter for Loneliness? *Journal of Health and Social Behavior*, v. 53, n. 1, 2012, p. 50-66. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23113202>
- WAZLAWICK, A. *As diferentes configurações familiares: desafios para a convivência e a educação*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Campus Ijuí e Santa Rosa, Educação nas Ciências, Rio Grande do Sul, Brasil, 2017.
- WILLI, J. A construção didática da realidade. In: ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. (Eds.). *O casal em crise*. São Paulo: Summus Editorial, 1995. p. 15-27
- YIN, R.K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim* (Trad. de Daniela Bueno; Rev. de Dirceu da Silva). Porto Alegre, RS: Penso, 2016.

YEUNG, W. J.; PARK, H. Growing up in one-parent families in Asia. *Marriage and Family Review*, v. 52, n. 1–2, 2016, p. 1–14.

ZARTLER, U; HIERZER, J. Efforts to cut the Gordian knot.: A sociological analysis regarding legal aspects of post-divorce parental responsibility. In: ZARTLER, U.; HEINTZ-MARTIN, V.; BECKER, O. A. (Eds.). *Family Dynamics after Separation: A Life Course Perspective on Post-Divorce Families*. Leverkusen: Verlag Barbara Budrich, 2015. p. 219–237. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctvddzmht.15>

ZELL, E.; STRICKHOUSER, J. E.; KRIZAN, Z. Subjective social status and health: a meta-analysis of community and society ladders. *Health Psychol*, n. 37, 2018, p. 979–87. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/hea0000667>

ZORDAN, P. E. A. *Separação conjugal na contemporaneidade: Motivos, circunstâncias e contextos*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de psicologia, Rio Grande do Sul, Brasil, 2010.

ZORDAN, E. P. A.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, v. 15, n. 2, 2009, p. 56-76.

ANEXO A – TCLE do Casal**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) **AS POTENCIALIDADES DO BEM-ESTAR NA CONJUGALIDADE E NA PARENTALIDADE DE FAMÍLIAS RECASADAS** conduzida por Ludmilla Furtado da Silva. Este estudo tem por objetivo identificar e analisar as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com o estresse e a experiência de bem-estar nas famílias recasadas de diferentes classes sociais, considerando a constituição da parentalidade (estabelecimento de relações com os filhos do companheiro ou da companheira) e da conjugalidade (relação entre os cônjuges).

Você foi selecionado(a) por indicação de outros participantes. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Sua participação não oferece riscos a sua dignidade e a de sua família. Você pode, no entanto, sentir um leve sentimento de timidez, no momento de responder os questionários. Você tem o direito de negar a participação em qualquer etapa deste estudo sem qualquer prejuízo para você ou para a sua família. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário e a entrevista apresentarão caráter confidencial e deverão ser respondidos em família. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento e nem os nomes de outros membros de sua família.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista e um questionário. Será aplicado um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada aos casais e seus filhos. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para compreensão do estudo do fenômeno das relações conjugais e parentais no recasamento. Pretendemos realizar as entrevistas em locais de maior comodidade para os participantes, preservando sua privacidade. No entanto, estamos considerando realizar toda a pesquisa por meio remoto (online), caso as medidas de isolamento social permaneçam por tempo indeterminado. Iremos propor a utilização da plataforma Skype, pois não há custo para os participantes. Nossa estimativa é que as entrevistas durem em torno de duas horas e serão agendas mediante a disponibilidade de horários dos participantes.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário e a entrevista apresentarão caráter confidencial e deverão ser respondidos em família. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento e nem os nomes de outros membros de sua família. Os dados serão guardados por cinco anos em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos. Todas as informações fornecidas são estritamente confidenciais. Desta maneira, apenas os pesquisadores terão conhecimento dos dados, que não são considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre se certificando do anonimato dos participantes.

A entrevista será gravada para posterior transcrição. Na divulgação dos resultados não será necessário utilizar sua imagem em foto e/ou vídeo e/ou a gravação feita em áudio. Você precisa concordar com esse procedimento.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Rubrica do participante Rubrica do pesquisador

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Ludmilla Furtado da Silva, e-mail: ludmillafurtado@yahoo.com.br. e telefone (21)964575493

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____

Assinatura: _____

ANEXO B – TCLE dos filhos menores de 18 anos**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA O RESPONSÁVEL LEGAL DE PARTICIPANTE MENOR DE 18 ANOS)**

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) AS POTENCIALIDADES DO BEM-ESTAR NA CONJUGALIDADE E NA PARENTALIDADE DE FAMÍLIAS RECASADAS conduzida por Ludmilla Furtado da Silva Este estudo tem por objetivo identificar e analisar as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com o estresse e a experiência de bem-estar nas famílias recasadas de diferentes classes sociais, considerando a constituição da parentalidade (estabelecimento de relações com os filhos do companheiro ou da companheira) e da conjugalidade (relação entre os cônjuges).

Ele/Ela foi selecionado(a) por indicação de outros participantes. A participação não é obrigatória. A qualquer momento, ele/ela poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Sua participação não oferece riscos a sua dignidade e a de sua família. Você pode, no entanto, sentir um leve sentimento de timidez, no momento de responder os questionários. Você tem o direito de negar a participação em qualquer etapa deste estudo sem qualquer prejuízo para você ou para a sua família. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário e a entrevista apresentarão caráter confidencial e deverão ser respondidos em família. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento e nem os nomes de outros membros de sua família.

A participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

A participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista e um questionário. Será aplicado um questionário sociodemográfico aos seus pais ou responsáveis. Também será realizada uma entrevista semiestruturada para os seus pais ou responsáveis e para os filhos de até 17 anos. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para compreensão do estudo do fenômeno das relações conjugais e parentais no recasamento. Pretendemos realizar as entrevistas em locais de maior comodidade para os participantes, preservando sua privacidade. No entanto, estamos considerando realizar toda a pesquisa por meio remoto (online), caso as medidas de isolamento social permaneçam por tempo indeterminado. Iremos propor a utilização da plataforma Skype, pois não há custo para os participantes. Nossa estimativa é que as entrevistas durem em torno de duas horas e serão agendas mediante a disponibilidade de horários dos participantes

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de participação. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário e a entrevista apresentarão caráter confidencial e deverão ser respondidos em família. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento e nem os nomes de outros membros de sua família. Os dados serão guardados por cinco anos em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos. Todas as informações fornecidas são estritamente confidenciais. Desta maneira, apenas os pesquisadores terão conhecimento dos dados, que não são considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre se certificando do anonimato dos participantes

A entrevista será gravada para posterior transcrição. Na divulgação dos resultados não será necessário utilizar sua imagem em foto e/ou vídeo e/ou a gravação feita em áudio. Você precisa concordar com esse procedimento.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Rubrica do participante Rubrica do pesquisador

Caso você autorize o menor sob sua responsabilidade a participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Ludmilla Furtado da Silva, e-mail: ludmillafurtado@yahoo.com.br. e telefone (21)964575493

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona as segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa e autorizo sua participação.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Nome do participante menor: _____

Nome do(a) Responsável: _____

Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____

Assinatura: _____

ANEXO C – Termo de Assentimento**TERMO DE ASSENTIMENTO PARA MENOR
(Obrigatório para menores de 12 a 18 anos)**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) AS POTENCIALIDADES DO BEM-ESTAR NA CONJUGALIDADE E NA PARENTALIDADE DE FAMÍLIAS RECASADAS conduzida por Ludmilla Furtado da Silva. Este estudo tem por objetivo identificar e analisar as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com o estresse e a experiência de bem-estar nas famílias recasadas de diferentes classes sociais, considerando a constituição da parentalidade (estabelecimento de relações com os filhos do companheiro ou da companheira) e da conjugalidade (relação entre os cônjuges)

Você foi selecionado(a) por indicação de outros participantes. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Sua participação não oferece riscos a sua dignidade e a de sua família. Você pode, no entanto, sentir um leve sentimento de timidez, no momento de responder os questionários. Você tem o direito de negar a participação em qualquer etapa deste estudo sem qualquer prejuízo para você ou para a sua família. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário e a entrevista apresentarão caráter confidencial e deverão ser respondidos em família. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento e nem os nomes de outros membros de sua família.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista e um questionário. Será aplicado um questionário sociodemográfico aos seus pais ou responsáveis. Também será realizada uma entrevista semiestruturada para os seus pais ou responsáveis e para os filhos de até 17 anos. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para compreensão do estudo do fenômeno das relações conjugais e parentais no recasamento. Pretendemos realizar as entrevistas em locais de maior comodidade para os participantes, preservando sua privacidade. No entanto, estamos considerando realizar toda a pesquisa por meio remoto (online), caso as medidas de isolamento social permaneçam por tempo indeterminado. Iremos propor a utilização da plataforma Skype, pois não há custo para os participantes. Nossa estimativa é que as entrevistas durem em torno de duas horas e serão agendas mediante a disponibilidade de horários dos participantes.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário e a entrevista apresentarão caráter confidencial e deverão ser respondidos em família. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento e nem os nomes de outros membros de sua família. Os dados serão guardados por cinco anos em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos. Todas as informações fornecidas são estritamente confidenciais. Desta maneira, apenas os pesquisadores terão conhecimento dos dados, que não são considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre se certificando do anonimato dos participantes

A entrevista será gravada para posterior transcrição. Na divulgação dos resultados não será necessário utilizar sua imagem em foto e/ou vídeo e/ou a gravação feita em áudio. Você precisa concordar com esse procedimento.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável: Ludmilla Furtado da Silva, e-mail: ludmillafurtado@yahoo.com.br. e telefone (21)964575493

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Nome do(a) participante menor: _____

Assinatura: _____